

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

O PASTOR PEREGRINO

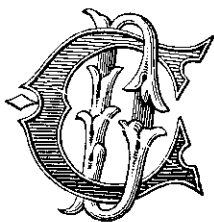
POR

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

VOLUME I

6.^a SERIE — NUMERO 23



LISBOA 72

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

40, Rua da Atalaya, 52

FILIAES

Porto: 127, Praça de D. Pedro, 1.^o andar

Brazil, 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1888



NOTICIA BIOGRAPHICA

Francisco Rodrigues Lobo é um dos mais perfeitos, amenos, conceituosos e elevados lyricos portuguezes. Hombricia com os nossos maiores poetas n'esse genero, com os maiores do seu tempo, e de todos os tempos, em Italia e Hespanha. Não lhe levam a palma, nem o Tasso no genero pastoril, nem Jorge de Montemór, nem Camões, nem Bernardim Ribeiro, nem Sá de Miranda e, portanto, nenhum outro dos menores que estes.

Viveu, como homem, vida obscura, e d'ella se sabem apenas pouquissimos factos. Nasceu na segunda metade do seculo XVI e é assim contado na pleiade lyrica do seculo immediato. Foram seus paes André Lazaro Lobo e Joanna de Brito Gavião, pessoas ricas e nobres, que viviam em Leiria, onde o poeta viu a luz e onde passou retirado a maior parte da sua vida, em condição dependente na casa dos duques de Caminha.

N'uma das digressões que costumava fazer até Lisboa, ao descer o Tejo, vindo de Santarem embarcado, pereceu desastrosamente afogado no rio, naufragando por effeito de tempestade. O seu cadaver, arrojado á praia, foi conduzido ao antigo convento de S. Francisco da Cidade (a que se incendiou depois em 30 de novembro de 1741) e ahi sepultado n'uma capella, que chamavam das Queimadas. A fórma da sua morte é referida pelo padre Manuel da Esperança e pelo bispo do Grão Pará e celebrada por um poeta portuguez, pouco menos que desconhecido, Antonio Lopes da Vega e por D. Thomaz de Noronha, em um soneto da *Phenix*.

Tão indifferente foi para os contemporaneos a biographia d'este, aliás grandissimo engenho poetico, que nem a data da sua morte, embora tão assignalada pelas circumstancias desastrosas que a revestiram, nos foi por elles conservada. A este respeito diz Innocencio, no seu *Diccionario Bibliographico*:

«Posto que os biographos não assignem a data precisa d'este lamentavel successo, é certissimo que elle só podia ter logar depois do anno de 1623, em que Rodrigues Lobo ainda vivia, pois n'esse anno imprimiu uma das obras que adeante mencionarei.

«Estava, porém, reservada para o auctor do *Diccionario historico politico e*

litterario de Portugal (P. Perestrello da Camara) impresso no Rio de Janeiro em 1830, tomo II, pag. 254, a insigne descoberta de que o desastrado fim de Lobo occorrêra em 1558, isto é, provavelmente hons dez annos antes d'elle vir ao mundo!

A primeira obra de Rodrigues Lobo, que foi impressa, data de 1596 e intitula-se assim:

Romances. Primeira e segunda parte. Coimbra, por Antonio Barreira, 1596, 16.^o Foram reimpressos em Lisboa, por Manuel da Silva, em 1654, 8.^o Com excepção de dous, escriptos em portuguez, todos os mais o são em hespanhol.

Em 1601 publicou a sua admiravel e formosa *Primavera*. Sahiu em 4.^o, na impressão de Jorge Rodrigues. Esta obra foi reeditada mais duas vezes em vida do auctor. Não sabemos a data da segunda edição; a terceira, *emendada pelo auctor*, como se avverte no proprio frontispicio, é de 1649, em 4.^o, impressão de Antonio Alvares. Depois foi reimpressa em 1633, 1635, 1650, 1670, 1723, 1774. Todas as edições, incluindo esta ultima, se acham completamente esgotadas. Muitas d'ellas, cita-as Innocencio, sob a fê de Barbosa; não porque as visse.

«A *Primavera*, diz um biographo, é um livro no genero da *Diana* de Jorge de Montemor, mas ainda mais pastoril do que esta. Para nós não deixa de ser enfadonho o tecido do enredo. Mas tudo resgatam os deliciosos versos que esmaltam esta *Primavera*, e que ainda hoje merecem applauso e deleitam quem lhes sabe apreciar a pla. idez verdadeiramente campestre e a inexcedivel harmonia.»

E o sr. Theophilo Braga diz :

«Na pleiade do seculo xvii, Rodrigues Lobo é o lyrico mais completo e apaixonado. Nos seus versos, que se resentem já da exuberancia de imagens e abuso de epithetos, resultantes da admiração não discutida da poesia castelhana, ha ainda a disciplina quincentista de quem estudou bastante o texto de Camões e ao mesmo tempo soube conhecer o que ha de bello na tradição popular. Rodrigues Lobo teve o alto senso artistico de exprimir os seus sentimentos na forma das *Serranilhas* «aquelle outro canto, que ao som do rabil... cantam os serranos.» (*Desenganado*, pag. 323). N'este genero é realmente inimitavel; a tradição communica-lhe o seu vigor, e o poeta eleva-se á belleza fixada por Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro nas suas *Eclogas*. Elle usa a redondilha quinaria, a que chama, segundo a designação antiga, *Endechas*. No *Pastor Peregrino*, diz elle o nome da mulher que o inspirava: «Chamava-se ella Luiza...» Nas *Memorias* do Bispo do Gran Pará lê-se que Rodrigues Lobo «tinha cantado nas ribeiras do Liz e Lena, nos loucos amores da aia ou dama do palacio do duque de Caminha, em Leiria...»

«Rodrigues Lobo obedece á imitação italiana nas prosas insulsas das Pastoraes; porém, nas *Eclogas*, publicadas em 1606, allia a simplicidade popular com a graça do endecasyllabo camoniano. A posição de inferioridade em que viveu no palacio do duque de Caminha, em Leiria, não lhe deixou imprimir nos seus versos a gafante audacia com que Camões allucinava as damas da corte de D. João III.»

Damos em seguida a enumeração das mais obras impressas de Rodrigues Lobo, tanto portuguezas como hespanholas, segundo a ordem chronologica da respectiva publicação :

As *Eclogas*. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1603, 4.^o

O *Pastor peregrino*; *segunda parte da Primavera*. Lisboa, por Antonio Alvares, 1608, 4.^o Esta obra foi reeditada em 1618, 1651, 1721, 1723, e 1744. Todas as edições estão completamente esgotadas. Basta citar este facto, para ajuizar do

merecimento e utilidade que tem a que a *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna* hoje offerece aos seus leitores.

O *Condestabre de Portugal D. Nuno Alvares Pereira*. Offerecido ao duque D. Theodosio, segundo d'este nome, Duque de Bragança e Barcellos, Marquez de Villa Viçosa, etc. Lisboa, por Pedro Craesbeek, 1610, 4.º. Consta de vinte cantos em oitava rima. Teve quatro edições.

Este grande poema (grande pela extensão) do *Condestabre* tem por assumpto a vida de Nuno Alvares Pereira. Apesar das verdadeiras bellezas que encerra, não pôde deixar de se considerar como um poema frouxo e insipido. D'elle diz o sr. Theophilo Braga no seu *Curso de historia da litteratura portugueza*:

Quando estava mais obliterado o sentimento nacional, na primeira metade do seculo xvii, é quando na litteratura portugueza apparecem mais Epopêas, em diffusissimas oitavas, e sem o minimo protesto em favor da autonomia da patria. A fonte historica, que esses poetas epicos mais consultavam, era a *Monarchia lusitana* de Frei Bernardo de Brito, onde achavam as fabulas de Ulysses entretecidas com as origens ethnologicas de Portugal, as aventuras de Viriato, e as lendas heracleanas, em um syncretismo poetico com elementos colhidos nos falsos documentos de Anio de Viterbo e Martin Polonus.

Francisco Rodrigues Lobo abre esta época do culteranismo com o poema do *Condestabre*, que estava destinado a ser na tradição portugueza o Cid nacional; o povo chegou a idealisar-o nas suas cantigas.

O *Condestavel D. Nuno Alvares Pereira* derahiu como heroe poetico, elle que imitava o typo da virgindade heroica de Galaaz, ficando apenas um personagem historico em uma *Chronica* em prosa. Rodrigues Lobó seguiu esta fonte, construindo uma extensissima relação metrica em oitavas. Como podia idealisar o heroe da independencia de Portugal sob o Mestre de Aviz, quem dedicava os seus versos á bajulação de Filipe III?

O *Desenganado: Terceira parte da Primavera*. Lisboa, por Antonio Alvares, em 1614. Esta Pastoral, no genero das duas primeiras, que ella por assim dizer continua, não foi recebida do publico com o mesmo enthusiasmo. Foi reimpressa apenas duas vezes, nenhuma em vida do auctor. A segunda edição é de 1723 e a terceira de 1774.

Canto elegiaco ao lamentavel successo do Santissimo Sacramento, que fallou na Sé do Porto. Lisboa, por Antonio Alvares, 1614, 8.º

Côrte na Aldeia, e noutes de inverno Offerecido ao sr. D. Duarte marquez de Franchavilla, etc. Lisboa, por Pedro Craesbeek, 1619.

Tanto a *Côrte na Aldeia* como *A Primavera* foram traduzidas em hespanhol por João Baptista Morales e impressas em Montilla, esta em 1629 e aquella em 1632.

La jornada que la magestad catholica d'El-Rey Filipe III hizo al reyno de Portugal, y el triunfo y pompa con que le recibio la insigne ciudad de Lisboa, compuesto en varios romances. Lisboa, por Pedro Craesbeek, 1623. Foi a ultima obra de Rodrigues Lobo, publicada em sua vida. Melhor fóra para a memoria do grande poeta portuguez ter elle morrido uns annos mais cedo.

Comtudo, apesar d'esta subserviencia de cortezaõ, e Deus sabe ainda assim sob que pressões ella seria produzida, não devemos olvidar, perante esta mácula no caracter do portuguez, que Rodrigues Lobo foi um dos escriptores a quem a lingua portugueza mais deve. Não devemos esquecer, que tendo passado a maior parte da sua vida, no periodo da dominação hespanhola, ao serviço de uma casa fidalga transigente com o regimen dominador, n'uma época em que o uso da linguagem castelhana era familiar a todos os portuguezes illustrados como a sua lingua propria, Rodrigues Lobo ergueu nas suas *Pastoraes* e nas suas *Eclologas* monumentos perduraveis á prosa e á poesia portugueza, e que a Hespanha, que pode contar entre os seus grandes poetas e prosadores os portuguezes Sá de Miranda, Francisco Manuel de Mello, Faria e Sousa, e outros,

não tem razão para inserir na mesma lista o nome de Rodrigues Lobo. Este foi um serviço relevante e incontestável prestado á autonomia e á independência moral da patria.

Auto del nacimiento de Christo, y edicto del Emperador Augusto Cesar, Lisboa, por Domingos Carneiro, 1676, 4.º Sahu posthumo.

Historia da Arvoret riste. Pequeno poema em oitava rima, que só se imprimia na *Phenix Renascida*, tomo IV, de pag. 1 a 34.

Obras politicas, moraes e metricas de Francisco Rodrigues Lobo. Lisboa, na officina Ferreiriana, 1723. Esta colleção comprehende o *Condestabre*, *Côrte na Aldeia*, *Primavera*, *Peregrino*, *Desenganado*, *Romances* e *Jornada*.

Esta edição é estimada e algum exemplar que apparece vende-se caro. Innocencio cita um exemplar vendido por 4,800 reis.

Obras politicas e pastoris de Francisco Rodrigues Lobo, n'esta presente edição correctas e escrupulosamente emendadas. Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, 1774, 8.º gr. 4 tomos. Comprehende: *A Côrte na Aldeia*, *A Primavera*, *O Pastor peregrino*, *O Desenganado* e as *Eclogas*. Está esgotada.

Canção em louvor de Fr. Bernardo de Brito. Foi copiada por Fr. Fortunato de S. Boaventura de um dos volumes ineditos da *Monarchia Lusitana*, e inserta na *Historia Chronologica e Critica de Alcobaca*, e tambem nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*.

No *Sermão* que prégou Fr. Antonio dos Innocentes, nas exequias de Philippe II, vem um soneto de Rodrigues Lobo em applauso do auctor.

No *Museu Britannico* existe um codice no formato de 4.º, mencionado no *Catálogo dos manuscritos*, por Fignière, com o título: «*Cartas dos grandes do mundo, de papas, imperadores, reis, republicos, potentados e homens insignes; tiradas de diversos logares de auctores graves; colhidas de varios archivos; traduzidas de differentes linguas; por Francisco Rodrigues Lobo*. Dividem-se em tres ordens ou series, e occupam ao todo 124 paginas.

J. M. da Costa e Silva consagrou ao exame especial das obras de Rodrigues Lobo todo o livro oitavo do *Ensaio biographico critico*, expressando-se sobre o merecimento do poeta, nos seguintes termos:

«Se exceptuarmos Camões, Sá de Miranda e Ferreira, é talvez Rodrigues Lobo o escriptor que mais importantes e valiosos serviços prestou á lingua e á litteratura portugueza. A prosa principalmente lhe deveu um grau de elegancia, de harmonia e de pureza de que até então havia carecido.

«Soube ser eloquente sem precipitar-se na declamação; judicioso sem conceitos pueris, claro sem degenerar na vulgaridade; os seus periodos sempre redondos e sonoros, nem demasiado longos nem demasiadamente cortados, lisonjeiam o ouvido e não cançam a respiração; descreve os objectos com tanta perspicacia que parece que os vêmos e os tocamos; rico de gosto e boa critica censura sem melindre, mas sem azedume, o estylo vicioso de alguns escriptores do seu tempo; nos seus reparos sempre asizados não ha malignidade, ha zelo puro e ardente da gloria da lingua patria e das boas letras.

«A sua *Côrte na aldeia*, prescindindo de todos os outros meritos, é uma das leituras mais amenas e recreadoras que eu conheço. As suas poesias são ainda muito superiores ás suas composições prosaicas. Alumno da escola italiana, e o poeta que mais honra lhe faz entre nós, nos tempos em que o bom gosto ia já degenerando, adoptou o colorido romantico dos poetas d'aquella nação, sem, como o doutor Antonio Ferreira, lhe misturar as imitações gregas e latinas.

«O mesmo *Condestabre*, apesar dos seus muitos defeitos e imperfeições, recommenda-se como todas as composições do seu auctor pela pureza e propriedade da linguagem, versificação quasi sempre fluida e harmoniosa, clareza de estylo, colorido livre de algumas pinturas e por algumas invenções poeticas, que de longe em longe interrompem a languida monotonia de sua narração.

«Sobretudo, porém, as tres novellas: *A Primavera*, *O Pastor peregrino* e *O*

Desenganado devem considerar-se como os melhores e mais solidos fundamentos de reputação do seu auctor, tanto pela belleza, inimitavel harmonia e elegancia da sua prosa, e pela amavel philosophia que n'ellas reinam, como pelas poesias que n'ellas se accoam disseminadas e que são as mais bellas composições sahidas da penna fecunda de Lobo. »

E o *Diccionario Popular* conclue n'estes termos a biographia de Rodrigues Lobo :

«Francisco Rodrigues Lobo é considerado como um dos nossos mais primorosos classicos. As suas citações fazem lei. Junte-se a isso a amenidade do seu estylo, a harmonia da sua versificação, a delicadeza das suas idéas, e vê-se-ha que foi legitimamente conquistada a reputação de escriptor eminente que Rodrigues Lobo adquiriu.

Nas paizagens suavissimas que rodeiam Leiria se creou o engenho peregrino do immortal poeta. Bastava recordar-se para traçar admiraveis quadros. O cantor da *Primavera* não podia deixar de nascer n'uma d'essas paizagens lindissimas em que são prodigas as margens do Liz e do Lena. A *Côrte na aldeia* denuncia um espirito fino e um observador. »

O PASTOR PEREGRINO

LIVRO PRIMEIRO

Jornada primeira

Trocado o habito de pastor, que sempre vestira, saudoso do vallés e montes onde nascera, queixoso dos campos do Mondego, que habitara, despedido das praias do Tejo, triste, só, saudoso, e determinado começou o Peregrino seu caminho, pondo o principio d'elle logo nas mãos da ventura. fiando da mais certa inimiga que tinha, uma peregrinação tão duvidosa: descendo junto ao Tejo a um logar, em que se encontravam todos os caminhos d'aquellas aldeias, se foi pelo mais estreito d'elles, sem saber o logar aonde guiava: que como era só seu intento o apartar-se, não quiz fundar em sua escolha o castigo que Amor lhe deu em penitencia das culpas, que outrem em sua desgraça commettera. Andou a maior parte d'aquelle dia, perdendo já no fim d'elle a vista do Tejo; e ao outro, depois de passar a noite entre umas arvores juntas, que o agasalharam, foi subindo um monte acima, até entrar por um arvoredado tão cerrado, que só aquelle estreito carreiro o dividia: e era esse tão pouco pisado de pastores, que não recebia offensa a miuda areia, mais que de algumas pisadas dos animaes ferozes da montanha, que a atravessavam. Porém como é cousa certa em quem aborrece a vida, cuidar que a não aventura em nenhum logar arriscado, nem por isso lhe pareceu tornar atraz, antes andando grande espaço, como emboscado lhe veio a faltar o dia junto á raiz de um rochedo mui fragoso, povoado de arvores tão

antigas, que davam testemunho da pouca comunicação que o lugar tinha com gente humana. Aqui se assentou Lereno sobre um penedo; e lembrando-lhe a companhia dos pastores, que deixára, o rebanho que perdera, o habito que trazia, não achando para os queixumes de seu desterro o amoroso instrumento, que sempre lhe offerecia allivio em seus cuidados, acudiu aos olhos, que com lagrimas começaram a ajudar seu sentimento; e para pedir socorro em tanta pena, a quem deu lugar á culpa, que o castigava, ao som que os ramos das arvores faziam com o brando vento, que á despedida do sol se levantára, cantou o seguinte :

Altivos pensamentos, que tomastes
 Logar n' esta alma, a males tão sujeita,
 Já vou dar á ventura conta estreita,
 D'aquelles grandes bens, que imaginastes.

Vós como d' ella isentos vo, livrastes,
 E eu a quem a razão nada aproveita,
 Até deixar sua ira satisfeita,
 A pena irei sentir do que alcançastes.

Mas pois a causa fostes de perder-me,
 Não me desampareis só n' este estado,
 Entre tão vario modo de tormentos :

Que na pena maior de meu cuidado,
 Bem sei que outrem ninguém póde valer-me,
 Senão meus animosos pensamentos.

Os ultimos accentos d'este soneto repetiu o écho saudosamente, que do vão d'aquelles penedos se encerrára : e porque era já escura a noite, e nem estrellas que ouvissem seus suspiros appareciam, se reclinou entre uns ramos silvestres, que alli cortára, onde cansado do caminho, e dos cuidados que trazia adormeceu : e no mais alto da noite se lhe representou em sonhos, que via deante de si a pastora do valle desconhecido, com tão alegre rosto, que parecia estar esquecida da ira com que o desterrára, e justificada da innocencia, com que o pastor padecia aquella pena. Com o alvoroço d'este sobresalto acordou muito contente, até que achando-se no vão enleio em que o metterá a phantasia, começou a suspirar d'esta maneira : Deixae-me já enganosas alegrias; que eu não busco na ventura, senão o que a meu desterro sem esperança, e á minha

vida desesperada convém. E o écho, que com o silencio da noite representava alli melhor a voz humana, lhe respondia: *Vem*. Elle sem cuidar então no que seria, embaraçado ainda com o sonho que passara, foi continuando a pratica com as respostas imperfeitas que lhe dava. Que ouço? (disse elle) quem me chama? Ha porventura alguem n'este desvio, que responda a meus ais, e que com fingidas alegrias me queira tirar d'este repouso, que a tristeza me dá? Echo: *Ha*. E quem póde haver no mundo tão cruel, que tire a um descontente este descanso, senão é que me responde aquella cruel inimiga sorte minha, que para tantas desgraças começou? Echo: *Sou*. Pois se és essa, porque te não contentas de meu damno? Deixa-me, cruel, no estado, a que me chegaste, pois até a morte n'elle me enjeita: olha que o pastor, que em outro tempo perseguias, não é este desterrado peregrino, que agora vês? Echo: *És*. Dizes bem, que nenhum outro podera ser tão perseguido: mas se ainda esse te pareci, que me queres, que até pelos desertos me andas buscando? Echo: *Ando*. Venturoso é logo mil vezes o que de ti se esconde? Echo: *Onde*. Nas entranhas da terra; se ainda não segues a um corpo que já não leva alma comsigo? Echo: *Sigo*. Que fazia eu logo quando cuidei que te escapava n'este desterro? Echo: *Erro*. Agora o conheci com teu desengano: porém dize inimiga, se para todos foste sempre mudavel, em que venceu a minha mofina a tua natureza? este é o costume que sempre com os tristes tiveste? Echo: *Este*. Ai como vendes logo a preço desigual as falsas esperanças, em que com teus enganos ia vivendo? Echo: *Vendo*. Que me fica logo que dar atraz da que por ellas me levaste, se ainda com essa confissão ficam meus males dobrados? Echo: *Brados*. E que aproveitam? Pois quando em outra parte puderam valer-me, teve a culpa de meu damno quem m'os deteve? Echo: *Teve*. Ha de ter termo algum dia tua crueldade? e em amor ha de haver razão para me dar o que em tua mão está como tyrannisado? E tenho ainda que esperar de ti alguma mudança na gloria que me detens? Echo: *Tens*. E cuja ha de ser a satisfação, que ainda a tão bom estado me restitua? Echo: *Tua*. E em quanto tarda que remedio terei para buscar-a? Echo: *Cala*. Já ha muito que meus males me tornaram mudo, mas que fiador me dás de tuas palavras onde nos não ouvem mais que as arvores, e penedos d'este monte sêcco? Echo: *Echo*. Ou-

vindo o Peregrino este nome, e cahindo sobre si, achou o engano com que até então estivera falando : e depois que por um espaço emmudeceu, como homem alcançado, reprehendendo o descuido em que cahira, dizia : Já é fraqueza, meus cuidados, a força que usaes commigo ; descredito é do vencedor avexar ao vencido, porém aqui me tendes tanto de vossa parte, que contra mim as proprias armas vos offereço : até agora com o Echo da minha voz estive em queixumes ; e antes sobresaltado d'outro maior engano de meus olhos acordei. Que vos falta para perseguir-me, ou a mim para ajudar com meu consentimento vossa crueldade ? Deixae-me tornar ao somno de que me tirastes, não para esperar repouso com que descance, mas pelo costume que os males teem de darem estas treguas, a quem ha de susten'ar com elles guerra tão comprida. E tornando a cahir sobre os ramos adormeceu, até que a manhã veiu rompendo as nuvens, que assombravam a terra, e com claridade que lhe abriu os olhos, se levantou, e foi seguindo o caminho, que era fragoso entre aquell's penedos : mas ao nascer do sol cahiu na descida de um valle, que um gracioso ribeiro atravessava, e ao longo d'eile viu dois pastores mancebos, que em companhia de um velho caminhavam, cantando em perguntas e respostas o seguinte :

*Entre os enganos de amor,
Mentiro cego e tyranno,
Quem procura desengano,
Escolhe d'elle o peor.*

Quero vêr de meu cuidado
No começo o fim presente;
Já ninguém vive contente,
Senão quem vive enganado.

E se os enganos de amor
Forem todos em meu damno?
E onde esperas desengano,
Que não seja outro peor ?

Quero perder o sentido
Onde não vir esperança ;
Em amor não ha mudança ;
Senão depois de perdido.

Apercebe-se melhor
Quem vê de antemão seu damno :
Grande cousa é desengano,
Mas não de enganos de amor.

Muito importa uma cautela,
Porque segure a vontade :
E a quem ficou liberdade
Para poder usar d' ella ?

Cada um pôde ser senhor
De se livrar de um engano :
Pouco sabes de teu damno,
Mas menos sabes de amor.

Do mal, que antes conhecer,
Me posso depois livrar,
Sim, mas querer-se mudar
Quem ama, é muito poder.

Qualquer engano é melhor
Cobrir-se com um engano :
D'essa côr é o meu panno,
Se elle tomára essa côr.

Ao tempo que acabaram a cantiga, chegou a elles o Peregrino, saudou-os, e elles o receberam entre si com boa cortezia : e o velho com o rosto alegre lhe perguntou para onde caminhava, dizendo :— E' este caminho tão desviado das aldeias, e tão poucas horas passadas do dia, que imagino que tornas para traz d'onde partiste, ou vás desencaaminhado por falta de guia : pareces-me estrangeiro ; e eu os que o são estou-lhe obrigado, e costumo a lhes offerecer a pobreza de minha cabana, porque já em as alheias achei saboroso gasalhado andando em desterro. — Não é essa má nova, respondeu elle, para quem determina gastar em outro a vida, porém no que me perguntas te digo, que vou por este valle, e que sei d'elle tão pouco, que te não darei razão do para onde me guia, porém folgarei de te acompanhar enquanto durar a jornada, e d'ahi irei para onde quizeres.— Não me pareces homem sisudo, lhe tornou o velho, porque vás para onde não sabes, e deixas na vontade de quem não conheces, o que a ti releva.— Por mais seguro tenho eu, disse Lereno, deixar isso na tua vontade, que na minha escolha : porque por melhor que a faça, tudo para mim é um caminho, e um perigo ; e assim pôde ser que tu me levasses por outro, em que me arriscasse menos.— Não entendo o que queres dizer, replicou elle, porque ainda que as palavras são boas, as razões são de homem sem juizo, ou quando menos embaraçam o de quem as escuta.— Que muito é, disse o Peregrino, se eu que as digo estou mais enleado.— Agora vejo, disse o velho, que ha

muitos nescios que falam bem; e muitos doidos que o não parecem: quem de ti o havia de cuidar? Mas dize, se te parecer, pois não sabes para onde vás, de que parte vens? — Ainda n'isso, respondeu o Pastor, me terás por menos sisudo; porque venho d'onde pudera em algum tempo viver a meu gôsto, por ir onde me quer dar a morte um inimigo que eu sustento á minha custa.— Certo, disse elle, que bom hospede agasalhas: e não era melhor, pois o levas contigo, fazer-lhe o que elle a ti determina, e acabar juntamente sua determinação, e a tua jornada?— Não me atrevo, tornou o Peregrino, a offender a quem quero grangear, porque quanto elle mais procura meu damno, tanto mais desejo de lhe fazer a vontade.

A isto deu o velho grande risada, dizendo para os companheiros: Já vós outros ficaeis menos culpados com o desatino d'este pastor.— Isto não quero eu confessar, replicou o Peregrino, até não saber o seu pelas razões, que tenho da minha parte.— Saberás, lhe contou o velho, que a estes meus companheiros tambem hoje foi o primeiro dia em que os encontrei ao sahir da minha cabana; e querendo saber elles o seu caminho, me disseram que pela fama de uma fonte, que está ao pé d'aquella serra branca, que apparece, vão a experimentar a verdade de um juramento que lhes tem feito uma pastora, a quem ambos amavam; porque sabendo um do outro, que estava igualmente d'ella favorecido, ou, para melhor dizer, enganado, se concertaram em que o costume d'esta fonte desenganasse ao que com menos fundamento esperasse galardão. Eu que os vi amigos e companheiros sem differença, virem buscar odio e contenda á custa do seu trabalho, havendo por força de ir um desesperado do em que ambos mostram igual confiança, me estava rindo de seu pouco siso: porém depois que te ouvi, me não parece o caso tão feio.— Tens razão, lhe respondeu Lerenó, que se elles buscam o desengano tão longe d'onde poderam saber a verdade d'elle, eu ando pelo mundo atraz do que em qualquer parte d'elle se póde achar sem nenhum trabalho; e offereço a vida a muitos por me ausentar do remedio, com que me podera curar.— Deve ser o teu mal, tornou o outro, como o de uns enfermos, que têm o juizo leve, e a cura pesada; e póde ser que por isso temas a tua d'essa maneira.— Antes te affirmo, replicou o Peregrino, que não durará mais o mal, que emquanto não vir o remedio; porém estou eu tão incapaz d'elle por parte da ventura, que

me ausento até das esperanças. Ora temperae este concerto, disse o velho rindo, e tomae-vos com amor que é o mestre d'este jogo, e tão grande cigano, que ensina estas linguagens e girigonças diferentes, para cada um significar, e encarecer seus cuidados, sendo todos os seus tão parecidos, que com um mesmo nome podiam correr. — Por *ei* agora não tornar por elle, disse o Peregrino, te rogo que me contes o segredo d'essa fonte, que elles buscam; ja pôde ser que a mim aproveite. — Sabe, disse o velho, que ha poucos annos, que é conhecida n'esta aldeia a verdade de suas aguas; e têm ellas tal qualidade, que não soffrem enganos; e quem deseja saber a verdade de algum, n'ellas o experimenta facilmente: contar-te-hei de que maneira pelas muitas vezes que já me achei presente a ver esta experiencia. Escrevem a pergunta com a promessa ou juramento de que duvidam, em uma táboa, ou em uma pedra, e ao nascer do sol, quando os seus raios começam a revolver as aguas, a lançam n'ellas, e succede assim, que a falsidade e mentira se vae ao fundo, de maneira que nunca mais apparece; e a verdade tornando logo ao de cima, ainda que seja sobre uma pedra, nem das proprias aguas recebe offensa. — Extranha cou-a é essa, que me contas, disse o Peregrino, e já por vér uma tal novidade, me é proveitosa a companhia, ainda que o caminho fôra desviado: e por que havemos de passar esta jornada, te peço para ser mais facil o trabalho d'ella, que com estes dois companheiros tornes á cantiga. — Agora, disse o velho, quero eu sem elles dizer a minha.

E tomando logo a sanfona cantou o que se segue :

O que esteve arriscado na lorrenta,
 Não se fia do mar quando ha bonança :
 O que aos outros apraz me descontenta,
 Porque tenho os perigos na lembrança.
 Melhor sabe do mal o que o experimenta,
 Que o que vae traz do bem, que não alcança :
 Ai quanto á custa minha em tantos annos
 Soube de amor o que eram desenganos !

Receio o que passei, como acontece
 Ao peixe, que do anzol ficou ferido,
 Que a isca, que no fundo lhe apparece,
 Cuida que vae tambem n'ella escondido :
 Como o cordeiro o verde monte desce
 Já do faminto lobo perseguido,
 Que no seu pasto os batios repetindo
 Do rafeiro, que o guarda, vae fugindo.

A cerva, que das ramas encoberto
 O sagaz caçador deixou ferida,
 Das folhas a que move o vento incerto,
 Foge medrosa e desapercibida.
 Eu que vi desenganos de tão perto,
 E sei o que custaram a esta vida,
 Ainda que têt-a alogre me importára,
 Contra mil desenganos me enganára.

Quiçá que tenha amor outro segredo,
 Contra o qual meu conselho pouco monte,
 Mas das aguas dos olhos tenho medo,
 Quem buscar as verdades n' esta fonte:
 Enganado vivi, contento e lêdo,
 Desenganei-me, e vi meu mal defronte,
 Oxalá como agora o conhecera,
 Que a verdade bradára, e não na crêra.

Se tivera logar na branca idade,
 Que agora vivo, o gôsto já passado,
 Não quizera de amor mais liberdade,
 Que deixar-me viver sempre enganado:
 Que mór mal pôde haver, que uma verdade
 A quem tem na mentira o bem dobrado?
 Ó que engano tão doce! ó que mentira!
 Quem nunca vos sonbera, e vos não vira.

Os bens de amor são todos fingimento,
 E sombra que nos cega e nos enleia;
 Quem procura buscar-lhe o fundamento,
 Offende o cego amor, não no grangeia.
 Quem vende ouro enganoso com mais tento
 De Batto a pedra, em vão teme e receia,
 Não quer assegurar cautela humana,
 O que vencer costuma quando engana.

Cantou o velho com tanta graça e brandura, posto que a voz a espaços lhe enfr. quecia, que Lereno e os dois pastores o celebraram com muitos louvores. E porque a este tempo chegaram a uma estrada, que partia pelo meio o carreiro por onde vinham, e esta era a que o velho havia de tomar para um logar que apparecia entre dois outeiros, lhes disse: — Amigos, d'aqui á fonte é um grande caminho, o meu é desviado e vós não tendes que errar, nem podeis chegar hoje: a serra é deserta e desabrigada: se n' esta para onde eu vou quizerdes gastar o que fica do dia, achareis n' ella bom gasalhado: eu me offereço para partir com-vosco de madrugada, só por vér o successo de vossos cuidados.

Os dois, olhando um para o outro, com quanto o desejo os apressava, determinaram não enjeitar a compa_

nhia; e o Peregrino, em quem havia menos duvida, aceitou o partido, que a nenhum se nega quem anda baralhado nas mãos da ventura.

Jornada segunda

Alpino (que este era o nome do velho, que guiava aos tres pastores) era em todos aquelles casaes tão conhecido, e tão aprazivel aos moradores, que gastaram d'alli ao logar mais tempo que a distancia requeria, com offerecimentos e emboras dos que encontravam pelas semeadas: e antes de ser de todo passada a sesta, os levou á morada de um vaqueiro de sua idade, que tinha com elle de mistura muito honrada presença; e depois do primeiro abraço e das perguntas costumadas dos amigos, que nunca com a vista se contentam, lhe disse Alpino: — Como já me sabes a condição, não debes extranhar a companhia. Eu encontrei no caminho a estes estrangeiros, vieram commigo, e são dignos de toda a boa cortezia; e eu tenho tanta confiança na tua vontade que não receei o trabalho que te podiam dar por esta noite; tendo-me em conta satisfazer á tua a inclinação que tenho da natureza.—Da desculpa me houvera eu de queixar, tornou o vaqueiro, se não fôra por os agasalhar mal a elles: bem sabes que a casa é tua em quanto fôr minha, e que no em que tu tens vontade, está o meu gôsto; e d'este serás a melhor testemunha. E falando com os pastores, lhes offereceu alegremente a pousada: e porque a casa era pequena, os levou a um cerrado que tinha junto d'ella, onde entre muitas arvores de sombra havia uma fonte cercada de duas pedras, que a defendiam do sol, e em cada uma d'ellas estava pendurado um pequeno tarro de cortiça por que bebiam: alli sentados lhes offereceu o saboroso mantimento que n'aquella serra usavam; e sobre mesa mandou vir duas filhas suas, que n'um valle junto áquelle logar guardavam o gado, serranas de muito boa arte e gentil parecer, e afillhadas de Alpino de quem ellas logo vieram tomar a benção. O velho com o rosto cheio de alegria as recebeu, e sentados ao pé de um freixo um pouco apartadas da fonte, mandou o Serrano ás filhas que cantassem; e tocando-lhes elle proprio uma sanfona, começaram:

*Já não mais, amor,
Que me maguaes :
Não zombemos mais,
Que sois já maior.*

*Soffre-se em menino
Que amor se desmande ;
Mas amor tão grande
É já desatino.
Se com minha dôr
Vos desenfadaes,
Não zombemos mais,
Que sois já maior.*

*Pude-vos soffrer
Por graça e por riso ;
E agora de siso
Fazeis-m'o perder.
Se com tal rigor
Commigo trataes,
Não zombemos mais,
Que sois já maior.*

*Maguaes zombando,
Bradar-me não val,
Rides de meu mal,
E eu fico chorando.
Fazeis-vos senhor,
Por amigo entraes ;
Não zombemos mais,
Que sois já maior.*

*As settas ervadas,
E o arco que eu via,
Essas não temia,
Porque eram douradas.
Eganou-me a côr,
Com que as disfarçaes :
Não zombemos mais,
Que sois já maior.*

Festejaram todos os pastores muito a cantiga; e os dois companheiros desejavam que durasse mais, por quão afeiçoados estavam á graça das Serranas: e deixando os louvores com que agradeceram a iguaria, disse Alpino para Lereno, que ficára com os olhos no chão:— Tambem será justo que tu agora nos mostres o para quanto presta a tua habilidade, e que não pagues tão mal o gasalhado, mostrando o rosto triste, a quem é tanto para contentar os de todos: e tomando a sanfona da mão do vaqueiro, a deu ao Peregrino, que sem lhe responder, temperando-a ao seu modo, e pondo os olhos nas Serranas, cantou o seguinte:

Serranas venturosas,
 Que inda antes de offendidas,
 Já vos mostraes queixosas,
 Espinhadas de amor, não já feridas,
 Conhecendo (primeiro
 Que saibaes que é cruel) ser lisonjeiro.

Agora que extranhaes
 A leve zombaria,
 E' bem que conheçaes
 Amor, a quem trazeis na companhia,
 Porque com vosso engano
 Não dilateis o imperio de um tyranno.

Este brando inimigo,
 Que offendendo contenta,
 Este doce perigo,
 Que inda então satisfaz quando atormenta,
 Ah não vos satisfaça,
 Que para custar caro, vem de graça.

E' um mal disfarçado,
 Envolto em leve riso,
 Que depois no cuidado
 Se dá a conhecer como é de siso;
 E' rede que se estende,
 Onde a isca contenta, o laço prende.

Este cego, e menino,
 Este amargo e suave,
 Este iroso e benino,
 Se de vossa prisão alcança a chave,
 Já n'outro transformado
 E' Lince, velho, indomito e pesado.

Nasce nos olhos, logo
 No coração se cria;
 Vive de agua e de fogo,
 Mas d'ella nem se farta, nem se esfria;
 Só das entranhas pasce,
 E por esta razão mata onde nasce.

Nunca eguala vontades,
 Nunca admite razão,
 Captiva liberdades,
 E a tudo o que captiva dá de mão;
 Ao mais formoso corre,
 E como leve abelha fere e morre.

Escondei-vos, Serranas,
 D'este inimigo duro
 Nas humildes cabanas,
 Se n'ellas póde haver logar seguro,
 De um cego, que na vista
 Humanos corações rende e conquista.

Armae vossa belleza
 Não de aço duro e fino,
 Mas de isenta dureza,
 E velae-vos dos olhos de contino,
 Que alli arma as ciladas,
 Onde sem pelear, sereis tomadas.

Armas, armas na serra
 Contra amor vingativas,
 Guerra, Serranas, guerra,
 Sêde cruéis, isentas, sêde esquivas;
 Não vos fleis de amor,
 Que de tudo o que é bello é roubador.

Pareceu tão bem o modo, e a cantiga de Lerenó que os dois velhos o tiveram em mais conta, e os companheiros o olhavam com maior inveja, desejando melhorar-se deante as duas Serranas, que o ouviram com boa attenção, ás quaes elles estavam affeiçãoados por sua boa arte e singelleza: mas porque se vinha chegando a noite, deixaram o logar e se recolheram a casa do Serrano; e com o desejo de madrugarem, deram o serão a Alpino, para tratar do negocio a que alli viera. E antes que as estrellas dêssem logar á aurora desejada, despedindo-se do hospede tomaram o caminho da fonte: e chegaram a muito boas horas á vista d'ella, e alli disse Alpino a Nizarco e a Ardenio (que estes eram os nomes dos dois competidores) cada um de vós pôde ensaiar o soffrimento, para o que de seus intentos ordenar a ventura; perto tendes o desengano que buscaes, e mais perto um conselho que vos estava melhor, e é que vos arrependaes antes de chegar a uma experiencia que pôde custar muito: lembro-vos que da verdade a deante, não ha haver mais terra em amor.— Vou tão empenhado com este desejo, respondeu Nizarco, que ainda depois de desengano me não haverei por arrependido: e assim estas poucas passadas, que d'aqui á fonte me detem, são de mais pena para mim, que tudo o que até agora tenho caminhado.— Não fio eu tanto de mim, disse o outro, que mais pôde agora o receio para me entristecer, que o desejo para me alvoroçar: se imagino o bem, temo-o; e se creio o peor, fogem-me os pés atraz, e perco o passo.— Parece-me, disse o Peregrino, que melhor armado vás para um mau successo que teu companheiro; pois o que a elle lhe faz facil a confiança, te mostra a ti o temor difficultoso; e assim quando menos tens sentido a metade do mal de que Deus te guarde; que, se lhe a elle acontecer será dobrado:—An-

tes, tornou o pastor, quem adivinha o mal, duas vezes o sente; e o bom coração contra tudo prevalece.— Quem se fia de si, ás vezes se engana, tornou o Peregrino, sabe que a quem espera o bem, qualquer mau successo o faz ajoelhar, e lhe leva as mãos a terra; e a um apercebido, tommam-o os golpes da fortuna armado de paciencia.—Essa tenho eu para tudo, replicou elle, que o que espera grandes bens, tambem sabe ter rosto a grandes males.

N'estas razões chegaram à fonte que nascia entre uma penedia branca sem em toda a vizinhança d'ella haver uma arvore, nem uma herva verde: fazia um seio da altura de um cajado, mas era a agua tão clara que se podiam contar no fundo os brancos seixinhos que entre a quieta areia appareciam. Os penedos à roda estavam lavrados de moites, nomes e tenções dos que alli vinham, deixando estes despojos ao desengano. Porém os dois da demanda, sem attentarem mais que no que para fim d'ella lhe importava, tiraram dos surrões cada um uma carta da pastora Marcia e em ellas com a mesma lettra e debaixo do mesmo signal, estavam escriptos estes juramentos:

Eu Marcia a Nizarco juro
Que é sua minha affeição,
E que no meu coração
Tem sempre o logar seguro.

*

Eu Marcia nas mãos de amor
Juro a Ardenio de vontade
Que ella, e minha liberdade
Nunca tenha outro senhor.

E escrevendo os mesmos juramentos em as táboas que para isso traziam, lançaram sortes sobre qual seria o primeiro que experimentasse a sua. Esta aconteceu a Ardenio, que enfiado e sem coração deitou a táboa na fonte, como era costume, e em continente a agua se revolveu, e entornou; e o juramento ficou no fundo sem mais apparecer. Elle que conheceu seu damno, deu um grande suspiro; e concedendo a victoria ao companheiro, tomando o surrão começava a caminhar sem dizer palavra, mas falavam os olhos claramente seu sentimento: Alpino e Lereno o detiveram á força, á qual elle resistia com estes queixumes:— Se vos parece que usaes commigo humanidade em

me não deixar n'esta desesperação sem companhia, para que me detendes na de meu inimigo, onde o vejo triumphar da fé que a ingrata Marcia me devia? Deixae-me ir para onde chore minha desgraça, sem que a faça maior a ventura alheia.

A estas palavras juntava elle muitas lagrimas nascidas de sua dôr, e emquanto os dois o detinham e consolavam, Nizarco alegre e confiado no que já vira, lançou a sua táboa sobre a fonte, que já estava tão clara como de primeiro, e aconteceu-lhe o mesmo que á de seu competidor; elle desmaiado se encostou ao penedo, e tornando em si, fitou os olhos na agua, crendo que ainda tornaria acima o seu juramento, de que havia muitos annos que se fiava. Ardenio com o espanto d'este successo, esqueceu muito de sua paixão, e o Peregrino falando com ambos lhes dizia:— Já que o tempo vos desengana, quando ainda o tendes para mudar o cuidado, não sejaes ingratos á ventura; que só a póde ter boa quem d'antemão conhece suas mudanças; estaes avisados d'ella; e eu folgarei que vades d'aqui tão amigos e contentes, como Alpino e eu ficamos espantados: mudae a opinião que já agora seguir outra empresa seria doudice: graças a quem tanto poder deu ás aguas d'esta fonte, que no seu centro esconde tantas falsidades alheias, não a usando com nenhum dos que a buscam.— Porcerto, disse Alpino, que de muitas maravilhas que n'este logar vi, esta me pareceu a mais extranha; e é que palavras tão leves, como as que vós outros aqui lançastes escriptas por uma mulher, que a dois mentia, se fôsem ao fundo, podendo servir de boia a quantas mentiras mais pesadas outros aqui deixaram; levanta o rosto, Nizarco, que tu, como mais enganado, debes estar mais agradecido a quem te ensinou o melhor caminho: considera que mulher que a do's promettia, a tres quer a enganar; e que já agora o não poderá fazer a ti. E tomando-os pelos braços se tornava. Elles convencidos lhe obedeciam: mas o Peregrino, que determinava ir adiante, se despediu dizendo:— A minha peregrinação não me dá licença que gose por mais tempo a vossa companhia; que a que amor me deu em penitencia é meu cuidado; com elle hei de ficar só n'este deserto, guie-vos a boa estrella; e a ti, Alpino, pague o céu por mim tão boa ventade.

O velho o abraçou, pedindo-lhe perdão da conta em que o tivera: e os dois se foram com elle imaginando em o

seu successo, que ainda lhe parecia sonho; porque a quem interessa gôsto em um engano, no proprio rosto deseja de desmentir a verdade.

Deixemol-os agora na sua estrada, que tornarão a gosar a conversação das duas Serranas, ficando d'ellas pendorados com mais fundamento: e sigamos ao Peregrino que desejava vêr mais miudamente os segredos d'aquelle logar. Depois que se viu n'elle sem companhia, notava com curiosidade todas as cousas da fonte, a pureza da agua tão clara para verdades, e tão desenganada para mentiras; tão amarga ao gôsto quando se bebia, quão proveitosa á vida que a tratava; a serra tão calva de verdura, em signal dos desenganos que tinha; o caminho tão desviado, e o logar tão escondido, como que servia pouco ao costume da gente e ao estado do mundo. Sobre isto fazia o pastor mil discursos, e sempre achava no fim com que o reprehendesse. Vindo assim a lembrar-se de seus cuidados proprios, teve em pensamento de perguntar áquella fonte a verdade das esperanças com que o entretinha a ventura, até o fim de sua peregrinação; e emquanto o desejo o aconselhava, e o receio o reprehendia, foi attentando por muitas letras, nomes e signaes, que por aquelles penedos estavam esculpídos, de alguns estrangeiros que foram d'aquella fonte com victoria de suas confianças, ou com verdadeiro desengano d'ellas: e foi dar com um mote, que estava entalhado na ponta de um penedo, e ao pé d'elle uma sepultura, e dizia:

Ninguem saiba mais da sorte,
Que o que imagina de si;
Que emquanto o esperei vivi,
E aqui vim buscar a morte.

Ficou Lereno enleado com esta escriptura; e lembrando-lhe o que n'aquelle sentido ouvira cantar ao velho seu companheiro, e o que aos dois pastores aconteceu, se persuadiu que era mais sã o conselho de viver enganado, esperando o fim, que experimentar um successo tão anticipado: e estando já n'esta determinação, ouviu grande alvoroço, e festa das Serranas, que vinham a buscar agua á fonte, e traziam no meio um vaqueiro ancião com uma rabeça, a cujo som ellas em gracioso baile cantavam o seguinte:

*Olhos graciosos
De tão boa estreia
Não nos ha na villa
Como n'esta aldeia.*

Val mais o desdem
Da humilde Serrana,
Que a vista, que engana
Olhos, que não vêm.
Não cuide ninguém
Que ha por esta serra
Coração sem guerra,
Nem serrana feia ;
Não nas ha na vil a
Como n'esta aldeia.

Se os cabellos soita
Leonor ao vento,
Com seu movimento
A tua revolta ;
Faz a sol dar volta,
Com desejo, e gosto,
Inda que do rosto
Seus raios receia ;
Não nos ha na villa
Como n'esta aldeia.

A seda custosa
Fará mais touçã,
Mas não faz a lã
Ser menos formosa ;
Como a bella rosa,
Tem preço dobrado
Quando no cerrado
De espinhos se arreja.
Taes são as serranas
D'esta nossa aldeia.

Chegaram ao pé da fonte com esta alegria, e saudaram ao Peregrino, que com inveja d'aquella liberdade, as estava olhando. E enquanto (lavando os cantaros) com graciosas perguntas importunavam a fonte, o velho pegureiro se veio assentar junto d'elle: e perguntando-lhe d'onde era, e o que alli buscava, vieram a travar pratica, da qual Lereno entendeu que o Serrano era homem singello, e tão de vidro, que se lhe via pelo rosto o coração; e pelo amor com que elle tratava a gente d'aquella condição, lhe foi de um lança em outro, perguntando da vida, e do cuidado que tinha na serra, pois n'aquella companhia o via tão contente. Ao que o velho respondeu d'esta maneira: — Ha mais de sessenta annos que nasci detraz d'aquelle penedo

que d'aqui apparece no alto da serra : e de então até agora, nem vi mais terra que a que d'elle se descobre, nem desejei outra, de quantas ouvi gabar a meus naturaes : nunca tive de meu outro bem maior, que não desejar os alheios ; nem outro mal que me dêsse mais cuidado, que as occasiões que o tempo me offereceu de poder possuir o que os homens estimam, e sentem tanto perder, como são enganos : sou tão pobre do que a Fortuna reparte, que cada hora que quizer tomar conta de tantos annos, lhe não ficarei devendo, nem um desejo : vivo de guardar gado de outros donos ; sou fiel em o tratar, diligente no pasto, e remedio d'elle ; rico com a parte que me cabe da sua lã, e do seu leite, porque d'ella me visto, e d'elle me sustento : nem quando os fructos são poucos me lastimo, nem quando as novidades são maiores me alvorôço : contenta-me o bem, não me sossobra o mal ; tenho uma cabana em que vivo, feita por minha propria mão das arvores d'estas brenhas ; não acharás dentro cousa que deva direitos á vaidade, tudo são instrumentos necessarios ao meu officio de guardador, e se alguma cousa sobeja, será das que ainda são mais importantes para a vida : d'aqui me levanto contente, e aqui me recolho descansado, porque nem acordo com os pensamentos na ventura, nem adormeço com elles repartidos em bens que enganam, e em males que os homens escolhem de seu agrado : de noite qualquer estrella que vejo, é a minha, porque todas favorecem o meu estado, de dia sempre o Sol me apparece de uma côr ; porque o vejo com os olhos livres. Tenho este instrumento, a cujo som canto ; quando é bem me alegre, porque canto para me alegrar ; e quando pelo contrario, me não pesa muito, porque o não faço por alegrar a outrem ; quando ha frio, e neve na serra, tambem ha lenha n'esses montes, e fogo n'estas pedras com que me defendo : quando a calma é grande, com o abrigo d'estas arvores, e a vizinhança das fontes me recreio : assim são os meus manjares, como é a minha vida ; nem ella me pede os que lhe façam damno, nem eu os tenho : o meu vestido é sempre d'esta côr, porque em qualquer cousa (ainda de menos quantia) é a mudança perigosa. O maior trabalho, que tenho, é os pastores com que trato, porque cada um tem uma vontade, e um entendimento, e eu me hei de servir só do meu para com todos ; porém de tal maneira uso d'elle, que me não dá do successo que pôde acontecer. Ao

avarento não lhe peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o não dar nada a ninguém; e assim nem lhe minto, nem o molesto. Ao soberbo nem me faço grande por não ficar com elle em contenda; nem aos outros pequenos, porque com elles se não alevante mais. Ao ingrato, ou o não sirvo, porque me não magoe; ou quando o sirvo lembro-me que a sua má natureza não pôde tirar o preço á obra que de si é boa. Ao falador calo-me; ao calado descubro-me com tento; ao doído não lhe atalho a furia; ao nescio não trabalho por lhe dar razão; ao pobre não lhe devo; ao rico não lhe peço; ao vão nem o gabo, nem o reprehendo; ao lisonjeiro não no creio: e d'este modo com todos estou bem, e nenhum me faz mal. Não digo verdades que amarguem, nem tenho amizades que me profanem: não adquireo fazendas que outros me invejem; porque n'este tempo das melhores tres cousas d'elle nascem as mais damnosas que ha no mundo: da verdade, odio: da conversação, desprêzo: da prosperidade, inveja. Sou qual me vês, e qual te eu digo, não quero parecer outro, nem ser mais do que pareço: venho muitas vezes a esta fonte, que me pegou a sua condição; fala verdade a todos, e com nenhum tem differença: custumei-me a estas suas aguas, que ainda que são amargosas, são saudáveis, apagam peçonha, desfazem feitiços, e valem contra mordeduras de Bicha. Se n'isto, que me ouviste, achas alguma cousa que te contente, e queres ir commigo, eu te hospedarei na minha cabana, na qual pôdes entrar sem temor, dormir sem perigo, e sahir sem saudade; comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quizeres.

Emquanto o velho pegureiro isto dizia, estava o pastor lançando contas á sua vida, com grande inveja do que aquelle lhe contava da sua; e no cabo lhe respondeu com um suspiro:— Ah ditoso Serrano, as estrellas te conservem n'este estado, para que nunca conheças a differença d'elle: tu só vives, tu só deves ao céo estar isento das leis da ventura; mais é para invejar tua pobreza, que a maior vaidade do mundo; mais para se estimar a tua cabana, que os mais lustrosos edificios d'elle; mais para se desejar a tua liberdade, que os mandos, e senhorios, com que os homens se captivam, e engrandecem; e mais para se buscar a tua companhia, que o maior thesouro; eu não quero mais d'ella por agora, que partir-me chorando pelo que te ouvi.

A este tempo se partiam já as Serranas, que o chamáram, elle se despediu do Peregrino, dando-lhe um pequeno vaso de cortiça, que levasse d'aquella agua: e tocando a sua rabeça se apartou, e o pastor ficou em batalha com males proprios, que á vista dos bens alheios tomáram força contra um sujeito, que elles já tinham de todo desbaratado.

Jornada terceira

Não pareceu a Lereno o logar accomodado para passar n'esse a noite: e quasi arrependido de não acceitar o offerecimento do Serrano, tomou outro caminho que ia mais pela falda da serra, imaginando que perto haveria alguma aldeia em que se recolhesse: e andando por elle o que ficava do dia, lhe veio a faltar na entrada de um valle, que por uma parte estava cheio de arvores altas, e espessas, que apartadas de dois outeiros, que as assombravam, e com a claridade das estrellas que por entre os ramos as feria, se moviam vagarosamente sobre uma lagôa, feita de um ribeiro que descia do monte, na qual a sombra, e movimento dos ramos, a luz que por entre elles lhe vinha mostrando o escuro das aguas, e alguns arrebatados saltos das roucas rans, fazendo um temeroso écho nos ouvidos, e na vista um medroso pavor, com tristeza e receio constrangiam o coração do desterrado pastor. E vendo que d'alli para deante lhe ficava outra vez o caminho da serra, se abrigou a um tronco que tinha as costas no ribeiro, que com o murmurio da agua lhe podia ajudar a grangear o somno, e alli lançado entre as hervas e os ramos, não podendo adormecer, cantava d'esta maneira:

Entre estas arvores tristes,
Que a sombra da noite cobre,
E com manso movimento
Tristes pensamentos movem:

Ao longo d'este ribeiro,
Que, por entre as pedras corre,
Fazendo um doce rugido,
Que o mudo silencio rompe.

Debaixo d'este arvoredor,
Que dos carregados montes
Tomando a côr, vae perdendo
Vista, graça, sombra, e côres:

Perguntar quero a meus males
 (Pois sei que os males respondem)
 Se experimentei quanto custam,
 Que me digam quanto podem.

Se podem matar, que esperam?
 Se dar vida, qual escolhem?
 Pois a que entre elles padeço,
 E' vida, que sempre morre.

Mil annos ha que a sustento:
 E ainda que mil annos conto,
 E' porque em pesares crescem,
 Como para os gostos fogem.

Conjurar-se contra ella
 Dois cegos, que estão conformes,
 Contra a razão, e o desejo,
 Que é um amor, outro a sorte.

Mandaram-me desterrado;
 E eu vou sem saber aonde:
 Só sei que ambos vão commigo,
 E que, se eu ando, elles correm.

Males, se haveis de acabar-me,
 Para que são tantos golpes?
 Que o menor d'elles pedia
 Um soffrimento de bronze.

Contra mim vós, e a ventura:
 E eu sem outros valedores,
 Mais, que só meus pensamentos,
 Para que me faço forte?

Se quereis viver commigo,
 Porque temeis vossa morte?
 Que os males não duram mais,
 Que emquanto um triste os esconde.

Descobri me algum remédio
 De esperanças; que essas podem
 Sustentar-me, e sustentar-vos
 N'este valle, e n'outros montes.

Porque, inda que são veneno,
 Que vae matando de longe,
 Criou-se com elle a vida,
 Que lhe tem posto outro nome.

Que é isto! não respondeis?
 Mas outrem por vós responde:
 Que aos males pedir razão
 E' pedir firmeza á sorte.

Cessou o Peregrino com a cantiga, porque no fim d'estes versos ouviu os brados de um pastor, que descendo aminhado viera ter a aquella parte do monte, e á descida da ladeira, que vinha demandar aquelle ribeiro; porém com o escuro não atinava: o Peregrino o encaminhou por o carreiro que alli descia; e assim veiu o outro facilmente ter com elle: e saudando-se, lhe contou como era estrangeiro, e ia para a fonte do Desengano; e que, por falta de quem o guiasse, o tomára a noite no descampado d'aquelles montes; e que ao som d'aquella voz, que ouvira, vinha caminhando havia bom pedaço.—A ambos, disse o Peregrino, foi bom este acerto, porque eu tambem sou peregrino, e venho do lugar para onde tu caminhas, e não é este tão bem assombrado, que pareça saudavel sem companhia.—Agora estimo mais a tua, tornou o estrangeiro sentando-se junto d'elle, porque além de me valer contra o escuro, e medo d'este desvio, me poderás dar novas do que eu vou buscar com tanto desejo: e assim te rogo que me digas se são verdades as que contam d'esta fonte?—Eu te digo, lhe respondeu Lereno, que deante de meus olhos vi uma extranha maravilha, ouvi contar d'outras muitas que tive por verdadeiras: mas, como não fiz a experiencia em meus cuidados, não te posso dizer mais que o que sei dos alheios.—E como tiveste, disse elle, tão grande soffrimento, que te tornas sem perguntar nada do que te convinha?—Porque, tornou o Peregrino, o trago bem costumado; e antes quero viver na tristeza de minha vida com pouca confiança da ventura, que cobrar esperanças que m'a inquietem, ou desenganos que de todo m'a tirem.—Folgo, disse o Pastor, de encontrar homem tão senhor do appetite e desejo, que a todos obriga; e já o tenho muito grande de saber qual seja o teu cuidado: porque, além de haver muito tempo que busco a companhia de um triste que me ajude a queixar, já pôde ser que, tendo os nossos males alguma semelhança, use do teu conselho, e não vá por deante a buscar o que enjeitaste.—A noite é grande, respondeu o Peregrino, para quem a ha de passar n'este descampado. Tu, estrangeiro, que não podes fazer prejuizo a meu segredo, e eu um desterrado sem patria, de quem não podes ter outro conhecimento: quero que ouças a minha desgraça, porque tenhas por mais soffrivel qualquer semrazão de tua sorte, vendo a que por terras extranhas me faz andar queixoso.

A isto se mostrou o outro agradecido, promettendo ser fiel

secretario do que ouvisse; e Lereno lhe começou a dizer d'esta maneira :

Fui já pastor, e agora peregrino;
Com o cuidado, e traje differente
Vou traz de minha morte, ou meu destino.

Fui livre em outro estado, e fui contente;
Amor me fez captivo de um cuidado,
E eu me entreguei captivo livremente.

Tive amigos, cabana, e tive gado,
Tive descanso, e foi de pouca dura,
Que nunca dura muito um doce estado!

Entregou-me o Amor logo á ventura,
Em vindo ás suas mãos fiei-me d'ella,
Cuidei por ser de Amor, que era segura.

Vi no primeiro dia a minha estrella,
Mas quando em meu favor apparecia,
Cerrou-se a noite, e eu houve de perdê-la:

No berço feneceu minha alegria,
E d'ella ouve, pastor, a triste historia,
Que foi contente emquanto o céu queria.

Era (se me ficou livre a memoria
Que em contar minhas penas occupada,
Nem pelo nome já conhece a gloria)

Uma clara manhã, bella, e dourada,
Quando o sol mais formoso se mostrou,
E a terra de mais flôres semeada.

Uma tristeza extranha me assombrou,
Que em meu esquivo, e livre pensamento
Até então logar não alcançou.

Senti n'alma, inda isenta, um sentimento,
Sem me obrigar nenhuma occasião,
Um desejo, um cuidado, um rendimento :

Um faltar-me no peito o coração,
Uns suspiros sem causa, que quebravam
Em lagrimas sem tempo, e sem razão :

Umás idéas, que representavam
Imagens vãs de gostos vencedores,
Que os sentidos por sombras encantavam.

Apartei-me do gado, e dos pastores ;
Fui-me encostar no centro de um penedo.
Onde o somno venceu meus vãos temores.

Como direi de Amor este segredo,
Se sou para o contar tão receoso,
Que até da noite, e sombras tenho medo ?

Ah ditoso pastor, livre, e diloso,
Se no mal, que padece, não se apura,
Obrigado a segredo perigoso.

Despertou-me, suspeito que a ventura ;
Levantei-me sonhando; e sem mais tino
Entrei por uma cova em noite escura.

Eu, que tornar ao pasto determino,
N'outro valle me achei tão diferente,
Qual é de sombra o puro crystallino.

Fiquei confuso alli, porém contente,
Porque tudo o que via era tão bello,
Que outro valle não vi que o represente.

Gastei em espantar-me só, e em vê-lo,
D'aquelle dia espaço não pequeno,
E ainda agora cuidando-a me desvello.

Entrei; fui descobrindo valle ameno
Té chegar a uma fonte; e levei d'ella
Um ministro do mal que agora peno.

Sem cuidado, receio, e sem cantela,
Por um caminho estreito da montanha,
Para buscar-lhe o fim, metti-me n'ella.

Quando (ó nova visão, ao mundo extranha!)
Vi vestida de monte a Cytheréa
Sem o cego menino, que a acompanha.

Mas ai, que se com esta Semidéa
Venus ante o Pastor de Phrygia fôra,
Ficára descontente, e fôra feia.

Não era Cytheréa, era senhora
Do Amor, da formosura, e d'esse monte,
Aonde andava tão livre, e caçadora.

Dormia a seu sabor, e o sol defronte
Contando estava as graças do seu rosto;
Que outro não ha, que as veja, nem que as conta.

O arco no braço esquerdo vinha posto,
A cabeça na aljava, que trazia.
Ah! custosa lembrança, ah! caro gosto!

Cheguei de perto, e vendo que dormia
Atrevi-me; e temendo que acordasse,
Ora chegava a vê-la, ora fugia.

Mas como a alma allí presa ficasse
Para penar aquelle atrevimento,
Não consentia Amor que me apartasse.

Dôce hora para mim, dôce momento;
Que o bem, quando é maior, não dura mais,
Que emquanto dá logar ao sentimento.

Uma setta roubei; e estes signaes
Foram indícios já do que padeco,
Quando logo escolhi penhores taes.

E em logar d'ella a presa lhe offereço
Com umas lettras escritas n'um cajado,
Que, pelo que já tinha, era de preço.

Apartei-me d'alli para o meu gado,
Aonde depois não pude durar tanto,
Que não buscasse o fim do meu cuidado.

Tornei a vêr aquelle novo espanto,
Cujo retrato agora na alma vejo,
Por quem contra a Fortuna me levanto.

E quanto eu mais temia o meu sobejo
Atrevimento, e vão, mais á vontade
Enganava a ventura meu desejo.

Quão bem Amor nos vence, e persuade,
Quanto offerece, e quanto facilita
Para tirar de uma alma a liberdade.

A um humilde pastor que o monte habita,
Que só no seu rebanho, quando cresce,
Se alegra, se engrandece, e se exercita;

Uma deusa dos bosques lhe offerece,
E donrando o veneno que lhe dá,
Já quando não tem cura, o mal conhece.

Enganei-me; porém conheço-o já
Se me valera; e não me val já agora,
Que lançou o veneno, e na alma está.

Mas ah! dôce venenco, quando o fôra,
Fui, falei, atrevi-me; e a ventura
Por atrevido levantou-me uma hora.

E aquella mais que humana formosura
Me deu nas suas mãos uma esperança
Emquanto a minha fé fôsse segura.

Porém, ou já de inveja, ou por usança,
A mesma, que esta gloria me grangeia,
Fez em meu damno logo outra mudança.

Uma pastora alli da mesma aldeia,
Por meu mal me quiz bem; que este instrumento
Costuma a destruir a sorte alheia.

Viver me não deixava um só momento
Com perseguir-me; e eu fugindo d'ella
Ia seguindo em vão meu pensamento.

Guiou-a o cego amor, ou minha estrella,
A aquelle bosque a todos escondido,
Aonde o céu me mostrou visão tão bella.

Errou o caminho, e eu fiquei perdido:
Descobriu-se o segredo d'esta gloria
N'aquellas mãos, que a deram, promettido:

A maneira não sei; que d'esta historia
Não tenho mais que a dôr, e esta tamanha
Como a faz por momentos a memoria.

Cerrou-se para mim logo a montanha;
Desterrei-me da patria tão querida,
E vim buscar a morte a terra extranha.

Aonde aborrecendo a triste vida
Guardei n'outras ribeiras manso gado,
E alli foi minha voz do novo ouvida.

Cobrei um fiel amigo desejado,
A quem fiz secretario de meu peito,
Posto que nunca o foi d'este cuidado.

Amava, era este amor mal satisfeito,
A uma linda pastora, e descontente,
De quem foi, por mais triste, o mais acceito.

Tivera ella um cuidado differente
De que já se apartára o pensamento,
Como de cousa em fim que estava ausente.

Contou-me elle este amor, e sentimento;
E eu, só por melhorar sua esperança,
Lhe dava a ella algum consentimento.

Metteu-se em mim a vil desconfiança,
E com um falso signal mal entendido
Perdeu de minha te toda a lembrança.

Logo me houve por falso, e fementido;
Fugiu, por me não vêr n' aquella aldeia,
Ou ao menos ficou n' eila escondido.

Eu, que habitava já na terra alheia,
Vendo n' ella a Fortuna conhecer-me,
Mais longe fui pisar extranha areia.

Não pude alli tambem d' ella esconder-me;
Mudei o trajo, e vou peregrinando
A perdel-a de vista, ou a perder-me.

Não escolho o caminho por onde ando,
Sigo o mais arriscado, e encoberto;
Do desejo, e de mim vou-me alongando.

Por permissão do fado, ou por acerto,
A esta fonte cheguei sem companhia
Com uns pastores, que Amor tinha em concerto.]

Voltei, n' este logar faltou-me o dia;
Da noite me abriguei n' esta aspereza:
Se a um triste buscas para companhia,
Achaste o proprio centro da tristeza.

—Muito descança o sentimento de um queixoso, disse o pastor, ouvindo males alheios: agora sei que o maior, que tem a tristeza, é não consentir companhia; pois este pequeno espaço, que tive da tua, parece que já me ia esquecendo de minha pena. Não me tenhas por tão ingrato, que a troco d' este allivio folgue de te vêr com ella: mas é extranho o conto de teus amores, e tão boas as palavras com que o representaste, que não é muito que me descuidasse de mim emquanto te ouvia. No fim te digo, que em parte se assemelha contigo a minha ventura; que sempre amigos a quem amei, e inimigas que me quizeram, foram o principal estôrvo de meu descanço. O céu te dé o que tu desejas; que já agora (ainda que te não conheço) amarei a tua boa sorte, e me pesará dos males igualmente.—Não te posso eu pagar essa vontade, respondeu elle, mais que com a mesma afeição, e desejo; e pois já ouviste o que

sei de minha vida, folgaria que me contasses alguma coisa da tua, e de teus pensamentos.—Isto farei eu de boa vontade, tornou o pastor, se o somno, e trabalho do caminho te não divertirem, porém enquanto elle tarda, escuta agora: «Em uma aldeia, aonde de tenros annos me levou minha estrella, tirando-me da patria onde nasci, guardei um rebanho de ovelhas, bem invejado dos guardadores naturaes d'aquella ribeira: fui pouco tempo livre, e já n'este o não estava de meu cuidado uma formosa pastora digna de outro de maiores merecimentos, e melhor ventura: teve ella commigo tão pouca, como eu logo com outrem experimentei, dando-lhe eu propria vingança de minha sem razão. Offereci a fé, e o cuidado a outra pastora d'aquella mesma aldeia, que a juizo de meus olhos era a que só os podia senhorear, e desenganar a todas as mais formosas de sua idade: tive eu meio para lhe communicar minha affeição, que o amor tem azas com que encobre e vence todos os receios, e achei em logar de remedio desengano; tinha ella de mais longe feito outro emprego, e guardava firmeza a um pastor que alongado d'aquella aldeia habitava em reino extranho, e quicá já esquecido do que devia a seus amores. Valeram pouco com elle meus extremos, e quanto mais em vão os fazia me obrigava com maior força o desejo a procural-a. Passaram tempos, sem nenhum trazer para mim uma esperança; e quando já de todo ia perdendo atraz d'ella o soffrimento, foi ter áquelles campos um estrangeiro, dotado de muitas graças da natureza, a quem eu escolhi por verdadeiro amigo d'alma, por fiel secretario de meus pensamentos: ponde tanto com suas razões, que eram boas, que deu novo alento para os sustentar; e procurando elle o meio de minha cura, veio a adoecer de outro mal a pastora que eu amava, e offereceu-lhe a elle sua affeição, que accitou para si o que até então para outrem desejava (não ponho culpa á pouca fé que mostrou; queixo-me da minha desgraça, que o favoreceu). O amigo esqueceu-se de mim pelo que tinha presente, ella escolheu quem me ajudava por fugir ao que me devia, elle fez o officio de amigo, ella mudou-lhe a tenção, que para encontrar meu remedio se igualaram pensamentos tão desconcertados. Soube eu logo o que a pastora: e elle, ou arrependido do que fizera, ou envergonhado de vér que eu o sabia, se ausentou d'aquella aldeia; e eu como desesperado a deixei tambem: e depois de andar alguns dias escondido, sabendo que pelos montes

me buscava a que eu injustamente desprezei, tornando ao meu rebanho comecei de a tratar melhor, e a dar algum logar a seus pensamentos, o que como ella conheceu, estimou logo menos, que coisa é natural em mulheres, que o que negado desejaram com grandes extremos, alcançado se possuiu com maiores desprez. s. A pastora, por quem eu andei tantos annos sem descanço, e perdi um amigo em que o tinha, soube que o seu pastor ausente a tinha esquecido, e estava casado com uma estrangeira d'aquellas partes, onde habitava; queixosa e vingativa de quem tão mal galardeara sua fé, começou a favorecer-me: e como eu até então não tinha perdido o Amor com que a procurei, não lhe pude negar consentimento. Porém lembrado de uma promessa que o meu amigo estrangeiro lhe fizera de seu amor (posto que ella me quiz persuadir que fôra cautelosa) por elle não fazer offensa em pretender em sua ausencia o que elle já tinha alcançado, e não tomar vingança de uma culpa, a que elle proprio buscou o castigo: determinei pelo que ouvi d'esta fonte, a saber se a sua promessa, e juramento era verdadeiro, e elle a fazia de vontade, porque nem eu a tenho de o offender, nem d'ella a e-ta conta quero ter confiança, possuindo com perigo de ambos, o que nenhum de nós tinha seguro em sua firmeza, nem vêr-me alguma hora ante seus olhos senhor do bem, que elle antes de mim podera ter gosado.»

Ficou o Peregrino tão confuso, e enleado com o que o estrangeiro lhe contara, que cuidando elle que adormecera, o despertou dizendo:— Ah! companheiro que ao melhor tempo me desamparaste, porque no fim de meus males, quando eu esperava d'elles consolação, me deixas só com o sentimento.— Porcerto, tornou Lereño, que o tive bem grande de te ouvir, e fiquei mudo de vêr quantas mudanças fez a sorte em teus cuidados, não usando commigo nenhuma em tanto tempo. Se tu estiveres por o meu conselho, bem podias voltar de aqui sem outra resposta: porque ainda que n'esta diligencia mostras fidelidade a teu amigo, que te offendeu, fazes agravo conhecido a uma pastora que não amaste menos, antes por quem deixaste o mesmo amigo que agora desejas: e assim vens a fazer o que a primeira usou contigo; pois agora que podes possuir o que te custou tanto, pões essa pastora a risco de um desengano: e já pôde ser que esteja o amigo, com quem queres tomar satisfação, occupado em differentes pensamentos.— Confesso que tens

razão, replicou o pastor, mas não terei por gosto este que tanto desejei, sem saber o como meu amigo tomaria a nova d'elle. Se elle o é, tornou o Peregrino, deve-a estimar muito, pois em algum tempo te grangeou este bem, e se pelo contrario desculpado estás no que fizeres. Repousemos agora, que é já tarde, imagina no que te convém, se de noite acordares, que nos males e mudanças de afeição, o melhor remedio é concertar o desejo com o soffrimento.

Jornada quarta

Era já passada grande parte da noite n'esta pratica, aos dois pastores suave e s. borosa (que não ha cousa que mais o seja a um queixoso, do que é diverir-se dos males que sente com o que d'elles communica) quando vencidos do somno adormeceram, e ao tempo que o dia se começava já a espalhar pelos outeiros, fazendo aquelle valle tão formoso, quão medonha a sombra da noite o representava, acordou o Peregrino, e chamando ao companheiro, que inda estava virado para a outra parte, com o rosto entre os ramos, o despertou: e olhando-se ambos um para o outro, de espanto emmudeceram; de sorte, que perdida a côr do rosto, só as lagrimas no primeiro assalto lhe vieram aos olhos, que assim na grande dôr, como na desacostumada alegria, são as primeiras que acodem a acreditar o coração. Era este pastor, de que ouvistes, Floricio, o desejado amigo de Lereno, que nos campos do Mondego se apartou d'elle pela desconfiança dos amores da formosa Althéa; e de inimigos differentes, achando-se alli de novo companheiros afeiçãoados, descoberta a historia de seus segredos, desenganado Floricio de sua suspeita, vendo ás escuras tão clara a verdade d'elle, e sabendo que Lereno tinha outros cuidados, que lhe podiam assegurar a fé com que dos seus tratava. Lereno contente de cobrar um amigo tão verdadeiro, e de saber que Althéa o escolhera, quando vivia com menos esperanças de a alcançar, ficou cada um tão enleado, como se estivera sonhando: e depois de um pouco espaço, com mais lagrimas que palavras, se abraçaram muitas vezes estreitamente, dizendo mal ao engano que os fizera perder tal companhia; tornaram a renovar lembranças d'ella, contando os varios successos, um de seus amores, outro da peregrinação em que andava. E assim se esqueceram do tempo de maneira,

que começaram a caminhar quando o sol já mostrava seus poderes ameaçando a terra com grande calma. O Peregrino lhe pedia que tornasse a vêr as maravilhas d'aquella fonte tão nomeada, pois esse fôra o intento que alli o trazia. Ao que elle replicou:—Que, pois o lugar em que estavam, fôra para elle o do desengano, não queria vêr outro, nem buscar mais testemunhas de uma verdade tão certa.

Conformes n'esta alegria, foram caminhando com tanto descuido, que perderam a estrada, e foram dar em uma ribeira deshabitada, de onde um rustico cabreiro os encaminhou: e fazendo ambos chapéos de verdes fetos, e folhas de cannas, que os amparassem do rigor do sol, atravessaram a serra, e sobre a tarde cahiram num valle fundo, onde havia algumas cabanas rusticamente fabricadas, em rosto de um outeiro, para onde da parte da serra iam já recolhendo os gados alguns pastores, que para sentirem menos o trabalho do pedregoso caminho, tocando os instrumentos, uns cantavam alegremente graciosas endechas, outros acompanhando as vaccas, que com vagaroso passo se moviam, mostravam em ligeiros saltos sua destreza, imitando os sylvestres Faunos da espessura. Apressaram-se os dois pastores pelos alcançar, e chegaram a tempo que um pegureiro ao som de uma sanfona, que outro tangia, começava a cantar d'esta maneira:

*Riu-me de minha dôr,
E das queixas que derramo,
Já que não busco outro amo,
Pois trata tão mal Amor.*

*Sustento-me do que vejo,
E eu sirvo no que padeço:
Quando muito lhe mereço,
Paga-me com meu desejo.*

*Quando usa de seu rigor,
E eu d'elle me queixo, e clamo,
Então tenho peor amo,
E então tenho mais amor.*

*Na aspereza d'esta serra
O sirvo de noite, e dia,
Ora caia a neve fria,
Ora o sol abraze a terra.*

*E quanto o sirvo melhor,
Mais vãs lagrimas derramo:
Deus me depare outro amo,
Que não sirva mais a Amor.*

Cuidei eu que era a soldada
 Vêr a meus cuidados fruíto ;
 De amo, que promette muito,
 Não se pôde esperar nada.

Promette gôsto, e dá dôr,
 Nos males não quer ser amo,
 E tyranno quando o chamo,
 Quando me manda é senhor.

Quando tão menino o via,
 Brandamente o sustentava,
 E era corvo, que criava,
 E peçonha, que escondia.

Foi-se fazendo maior,
 E eu cobrando peor amo,
 Por costume *amor* lhe chamo,
 Mas não tem nada de amor.

Saudaram os dois pastores aos da companhia, em se acabando a cantiga, dando ao dono d'ella seus louvores ; e todos recebiam, e agasalhavam entre si aos estrangeiros, quando o da sanfona dando-a a outro, que a começou a tocar com muita destreza, disse esta cantiga :

*Muitos amos engeitei,
 Mas, depois que Amor servi,
 Vivo contente de mim,
 Porque tão bem me empreguei.*

Se ha quem de amor males conte,
 Não tem bem sem elle a terra,
 Nem no valle, nem na serra,
 Nem no prado, nem no monte.

O tempo, que esperditei,
 Foi o em que não servi :
 Inda bem que me perdi,
 Pois que tão bem me empreguei.

Quem por agravos o deixa,
 Mal sabe o que n'elle tem ;
 E peor conhece o bem
 Quem de seus males se queixa.

De quantos amos tratei,
 De quantos annos servi,
 Os males, que de amor vi,
 São os bens que experimentei.

Que amo se ha de desejar,
Se não fôr na terra Amor,
Que é grande no ser senhor,
E é menino no tratar ?

É pois eu d'elle alcancei
O bem, porque me perdi,
Inveja lenho de mim,
Porque tão bem me empreguei.

A brandura, com que offende,
Faz a offensa dôce, e branda ;
É a sujeição, com que manda,
Captiva a quem a comprehende.

Da vida, que aventurei,
Da alma, que lhe offereci,
Pago estou no que servi,
Pois que tão bem me empreguei.

Acabadas estas cantigas dos Serranos, que cada um fazia o que era possível por parecer melhor aos estrangeiros, lhes pediram todos a elles, que em quanto durava o caminho cantassem alguma cousa, e que com isto lhes pagariam a vontade que tiveram de os contentar, e a que todos teriam de os servir e agasalhar em suas cabanas o tempo que quizessem estar n'aquella aldeia. Elles por se não mostrarem ingratos ao que tinham ouvido, e a este novo offerecimento, começaram, (respondendo um ao outro) a cantar o que se segue :

Lereno. Cante Amor tens poderes,
Celébre teus enganos
Quem ainda vive d'elles pendurado ;
Festeje teus prazeres
Quem não provou teus damnos,
Que o mal é só depois de experimentado :
Porém o que os conhece,
Chore o que já cantou, e o que padece.

Floricio. Tema tua insolencia,
E tua tyraonia,
Amor, quem de teus bens não tem memoria:
Mas se por experiencia
Conheceu algum dia
Que o menor gôsto seu dá tanta gloria,
Compre com todo o damno,
(*Não digo um bem*), mas um suave engano.

Lereno. Em quanto da esperança
Vivia o soffrimento,

Tinham por leve a pena meus sentidos ;
 Porém hoje que alcança
 O livre entendimento
 Que são teus bens sómente bens fingidos,
 Desminto á minha custa
 Um mal, que tanto offende, e tanto custa.

Floricio. Os damnos, que até'gora
 Passei sem esperança
 Armando-me para outros o receio,
 Me tirou n'uma hora
 Da vida, e da lembrança,
 Só a sombra de um gôsto que me vein,
 Que n'um alegre estado
 Logo em bem se converte o mal passado.

Lereno. Quem de teus gôstos leve
 Mais que a sombra enganosa,
 Que deixou aos sentidos encantados ?
 É se um gôsto tão breve
 Com pena tão custosa
 Se ha de esperar em annos dilatados
 De gloria tão escassa,
 Que môr mal pode ser o bem que passa ?

Floricio. Se já no fim da vida
 Em te servir gastada
 Alcança um triste a gloria que deseja,
 Quando por ti perdida
 Então melhor achada,
 Porque não ha sem ti vida que o seja,
 Oxalá que só fôra
 A minha para Amor vida de um' hora !

Lereno. Nunca vi sem queixume
 Algum dos cubiçosos,
 Que a teu poder entrega a liberdade :
 Todos do teu costume
 Andam sempre queixosos,
 Invocando a razão contra a vontade,
 Triste que quando a sigo,
 Fugir não posso, e vejo meu perigo.

Floricio. Quem ha que não te entregue
 Contente a liberdade,
 A trôco de se vêr pôr ti captivo ?
 Quem ha que; Amor, te negue
 A vida, e a vontade
 Quando te chama ingrato, cego, esquivo?
 E olha que signal deixa
 Quem ama o mesmo mal, de que se queixa.

Lereno. Já agora me despido
 Dos enganos que a sorte
 A' tua conta em vão me fabricava,

Que atraz de um bem perdido,
 Buscando a propria morte,
 Segui fóra de mim quem me enganava ;
 E se inda te obedeco,
 Não é vontade, é força que padeço.

Floricio. Quem não sentiu o mal,
 O bem nunca estimou ;
 Que o que mais custa, é sempre mais amado:
 É tanto o gosto val,
 Quanto o pesar custou,
 Se pode um bem com males ser comprado:
 Venturoso o que alcança
 Traz da maior tormenta uma bonança.

Entre aquelles rusticos Serranos foi mais celebrada a musica dos pastores, do que costumava a ser ouvida nas aldeias populosas, alli recebida sem inveja, louvada sem malicia, festejada sem fingimento, e agradecida com a singelleza de corações desenganados : d'alli com rogos, e ofertas os levaram á pequena aldeia, e com os fructos de seus rebanhos, e os mais d'aquelle valle os hospedaram, ajuntando-se os do logar aquella noite para os festejarem. Passaram aquella dia, e o seguinte (que eram de festa) os dois amigos, entre aquelles, que o não pareciam menos no trato, e conversação : havia cada hora musicas, bailes, luctas, e jogos ; e Lereno, e Floricio em todos entravam, por se mostrarem agradecidos á boa vontade dos naturaes, fazendo-se d'elles cada hora mais desejados. Ao outro dia, em cuja madrugada se haviam de partir, tendo-se já despedido dos Serranos, de noite se levantou subitamente uma tempestade tão extranha, que parecia abrir-se o céu, e romperem-se os penedos da serra, que estava vizinha, em a qual ferindo os relampagos de continuo, faziam uma temerosa sombra nas cavernas d'ella, de onde os ventos parecia que se soltavam para combater as altas arvores do valle, e as rusticas cabanas, que escassamente com sua humildade resistiam á furia da tormenta. Durou ella toda a noite : e quando veiu a madrugada, saltaram os trovões, e quebrou o vento em uma agua grossa, e espessa, que cahia tão sonoramente sobre os ramos, que restituiu aos cançados pastores o somno que perderam. Pela manhã appareceu o sol cheio de nuvens escuras, prenhes de agua, correndo da parte do Oceano uma traz outra, com tanta pressa, que os da serra conheceram o carrancudo rosto do inverno, e sahiram a o receber com os vis trajos que para

elle tinham. Já recolhiam para as cabanas os séccos lenhos, e pesados cepos, que as ardentes calmas do Estio tinham vencido, rodeavam as cabanas de ramos das arvores, fechavam os curraes, semeavam os telhados de pedras, que sustentassem a aguda palha, e espadana que os cobria, espalhavam o estrume, e abrigavam os instrumentos da lavoura, e com estas occupações, não perderam o cuidado dos dois estrangeiros, antes atalhando a sua determinação, os detiveram alli todo o tempo que o casamenteiro de Amphitrite mostrou no Céu em estrellas, o numero das celebradas filhas da Memoria. E num dia, em que o desejado sol começou a alegrar a verdura, que as importunas aguas despertaram de entre séccas raizes, deixando aos d'aquella aldeia saudades, e levando outras bem merecidas, entre as justas obrigações do bom gasalhado, e melhor desejo dos guardadores, e serranos, seguiram seu caminho; deixando aquelle dia o da serra, e andando todo o outro, foram descençar ao longo de um ribeiro, onde se cruzavam duas estradas diferentes; e porque uma era a que Floricio havia de tomar para os campos do Mondego, sentando-se o Peregrino junto a elle sobre uma monta, com mostras de grande sentimento lhe dizia estas palavras:—Verdadeiro amigo, a quem eu sempre como tal mereci a fé, e lealdade com que me trataste, não quero maior satisfação dos males, que me fez padecer o teu engano, que vér agora que o tens conhecido; e que com o meu desterro chegaram a dar melhor fructo tuas esperanças; e a vã suspeita, que de mim tiveste, nasceu do desejo com que procurava teu remedio; porque a ventura, que me não consentiu o que eu tinha contra meus males em tua companhia, te guou a tempo que ouvisses as ultimas palavras de um concerto, com que Althéa me obrigava, pelos favores que te fizesse: assim que d'onde havias de sahir obrigado, ficaste queixoso: eu o não estou da sem razão com que me negaste ouvidos; como agora te assegure a minha verdade, que já mais fiz offensa ao que te devo, nem offereci a Althéa mais, que boa amizade, em quanto favorecesse tua affeição; e pois lhe eu vejo o fim que desejei, seguirei mais consolado o meu desterro. Tu vae gosar a boa sorte, que os fados te offerecem. O céo te dé os bens que a mim me faltaram, o tempo t'os assegure, e o teu proprio gosto t'os engrandeça, e nunca tenha a inveja alheia poder contra elles: quero seguir a minha peregrinação, pois não posso acompanhar a tua boa

ventura. Em penhor de minha lembrança te dou esta frauta de lavrado marfim, esmaltado de flôres de ouro, que nos campos, que banha o estrangeiro Ganges, deu o sagrado Apollo a um pastor Lusitano, que com elle venceu no canto a todos os de sua idade; e com ella este buzio marinho, que, além da formosa côr com que a natureza lhe deu estíma, tem no meio retratada Venus sahindo de entre as ondas; e está ella tão viva, e tão formosa, que ainda n'aquella figura merceia o pomo que Páris lhe julgou nos valles do monte Ida. Se der volta esta roda da ventura, e se trocar o rigor de quem contra mim favorece seus poderes, eu te verei nos campos do Mondego mais descançado.

Dizendo isto, com um apertado abraço se despedia; mas Floricio, a quem o coração não deu com tanta pressa consentimento para se apartar, lhe começou a dizer d'esta maneira:—Sempre imaginei, desejado Lereno, da occasião com que o céu te trouxe ante meus olhos, e do desengano que tive de minha suspeita, antes de conhecer com quem falava, que fôsse para gosar em tua companhia os gôstos, que sem ella não poderão para mim ter este nome: se agora me desamparas, e quando havia de voltar para o Mondego mais contente, com os males de tua vida me entristeces antes quero perder um bem que nunca esperei, que um amigo, que com tão custosa experiencia tenho grangeado. Se a ventura te força a peregrinar, a mim me obriga amor a te seguir: e se o mal, que padeces, se ha de resgatar com alguma vida, quero na mesma empresa aventurar a minha.—O mal, respondeu elle, não soffre tão grande bem, como fôra para mim viver contigo, quasi sempre o remedio dá maior dôr que o mal de que cura; e assim não pôde dar a meus males o que eu accettara com tanto gôsto. Tu entendes o que este apartamento me ha de custar; mas é forçado.

A estas palavras, misturadas com o sentimento da dôr d'onde nasciam, respondeu Floricio outras para obrigar ao amigo; que tiveram a propria resposta, e o mesmo effeito que as primeiras: e vendo quão pouco valiam para lhe impedir o caminho, disse:—Pois eu n'isto não posso conseguir o que desejei, permitta o céu que alguma hora alcance, e logre o bem de tua companhia mais contente, do que agora me aparto de ti n'este deserto: e pois n'elle não tenho mais que te oferecer, que um desejo, de que já sabes a verdade, leva em memoria d'elle esta medalha de luzido latão, que sobre o rosto de Althéa tem o meu tão subtilmente retratado, que

ambos mostram perfeitamente suas feições particulares; e da outra parte uma vagarosa tartaruga guiando para um penedo com uma lettra q' e diz: *Se tarda, tambem chega*; obra do engenhoso Paluzo, que eu nas praias do Tejo conheci: com ella te dou este tarro que me prende do cinto; que, além dos labores que n'elle vós, tem dentro em outro caixilho de obra mais curiosa um estojo de instrumentos pastoris, que n'este caminho comprei a um Serrano, por lhe tirar de deante dos olhos uma lembrança que o atormentava: e porque o penhor de mais preço, que te encomendo, é nossa amizade, te rogo, que em nenhum tempo te esqueças do cuidado d'ella.

E depois que abraçados estreitamente, misturaram as lagrimas, emmudecendo com a dôr da despedida, se desviou cada um por seu caminho com os olhos seguindo um a outro; que assim como estes davam testemunho d'onde cada um tinha o coração, tambem estas mostras se apercebiam para uma ausencia, que havia com suas lagrimas de ser sentida.

Jornada quinta

Seguiu o Peregrino sua ventura, e enlevado nos pensamentos com que se apartara de Florício, afigurando na phantasia esperanças de tornar cedo a cobrar tal companheiro, andou tanto, até que o assombrou a noite á vista de um temeroso rio, que, por não soffrer no inverno o soberbo jugo de uma espaçosa ponte que o atravessava, perto das ruinas d'ella se ia passar em uma barca, que já áquellas horas estava presa da outra banda. E por não ser o lugar para poder n'elle passar a noite, foi pela ribeira abaixo até umas cabanas de palha, e cannas, que alli tinham alguns pescadores para se ampararem das tempestades, e chuvas d'aquelle tempo: e vendo que ninguem então as habitava, sentado ao portal de uma d'ellas, ao rugido das aguas, que com o silencio d'aquelle logar faziam um tom mais profundo, can'ou esta glossa:

*Aquelle tempo que vi,
Que só posso chamar meu,
Como sonho se perdeu,
Como verdade o senti.*

Aquelle contentamento,
Tão vendido da ventura
A pêso do sofrimento,
Passou como encantamento,
Convertreu-se em sombra escura.

Fiquei cego na mudança,
A luz dos olhos perdi;
Mas sem nenhuma esperança,
Ainda vejo na lembrança
Aquelle tempo que vi.

Que mal para a phantasia!
Que pena para o desejo,
Que teve tanta ousadia!
Lembra-me o tempo que via
Quando nas trevas me vejo.

D'aquelle ditoso estado
Toda a gloria se perdeu;
Foi bem, mas era emprestado;
Ficou-me d'elle o cuidado,
Que só posso chamar meu.

D'este vivo tão contente,
Por descontente que seja,
Que, ainda que me atormente,
Quando o vira n'outra gente
Morrera de pura inveja.

Aquelle suave engano,
Que n'um momento me deu
Um gôsto tão sobre humano,
Como era sonho, em meu damno,
Como sonho se perdeu.

Que mais se ha de presumir
De vós, dura estrella minha?
Pois, para eu ter que sentir,
Inda os bens se hão de fingir
Em sombra aos males que tinha.

Pois o ordenaste assim,
Matai-me de saudade
De um engano que perdi;
Que, se não foi de verdade,
Como verdade o senti.

Quando o pastor acabou a cantiga era já noite escura, e ficou muito mais com umas nuvens de orvalho, que impediam a vista das estrellas, e com o som que faziam as gôttas rompendo o ar, e misturando-se com as aguas do rio (que tambem com seu murmurio concertava um sonoro movi-

mento) transportado com a imaginação em saudades, afigurava na lembrança glorias passadas; e como quem acorda do sonho, estava tão embebido, que não ouviu as vozes, e o tumulto dos pescadores, que da parte do mar vinham trazendo as leves barcas, buscando o saboroso amparo d'aquellas pobres moradas: e quando já estavam junto a elle, como quem despertava se levantou; e saudando-se, lhes disse como era estrangeiro, e a occasião que alli o trouxera. E elles o receberam com boa vontade; e Lereno lhes ajudou a amarrar as barcas, e a recolher as redes para uma casa maior das que alli havia. Alli se ajuntaram todos, feriram lume, estenderam as redes, e os molhados vestidos: uns começaram a fazer fogo com os cepos que traziam, outros a ordenar a ceia dos vivos peixes, que ainda na sêcca areia se revolviam, e dos saborosos mariscos, que envoltos em curiosas conchinhas n'aquella hora se arrancaram dos penedos. Fazia este estado inveja ao Peregrino, como que fôsse isento de amor, e da ventura, lembrando-lhe a do pescador Amicla, que desconhecia o nome de Cesar, a quem levava na sua barquinha, mais contente, e quieto, com o esquecido estado de sua pobreza, do que o outro o foi com o Imperio Romano a que aspirava: porém logo veio a conhecer, que não ha ninguem tão livre, nem vida tão desprezada, que não conheça o senhorio d'estes dois tyrannos. Ordenada a ceia, convidaram ao Peregrino: e entre graças, e contos de sua pescaria, comeram tão alegremente, como esquecidos do trabalho continuo em que grangeavam aquelle tão limitado repouso; que muito necessario é faltar á lembrança dos males de quando em quando, para os poder sustentar o soffrimento. Acabando de comer sentados ao fogo, tirou um d'elles um salterio feito de costas de balea, e tocando outro um busio marinho mui suavemente cantou o que se segue:

Ferido o Sol sobre as ondas,
Que umas com outras combatem,
Desconcertados os ventos,
E encapelados os mares:

Borrifados os rochedos,
Aonde não chegaram de antes,
Que, inda que altos, e seguros,
Estão das ondas cobardes:

Feito em mil serras o mar
 Aonde parece que pascem
 Ao longe brancas ovelhas
 Descendo em profundos valles.

Quebrando na surda praia
 As aguas, que de alto caem,
 E que quebrando ameaçam
 Aos ousados navegantes :

Em uma pequena barca,
 Que parece que não cabe
 Entre ellas, que de indignadas
 A lançam de parte a parte :

Remando á vista da terra
 Uma rigorosa tarde,
 Viaha o pescador Yotas
 Cantando entre tantos males :

Lembra-te de mim
 Cloris, nynpha ingrata;
 Que o mar não me mata,
 Mas amar-te sim.

N'este damno vão,
 De que te contentas,
 Tu só me atormentas ;
 Que a tormenta não.

Tu me dás o fim
 Com seres ingrata ;
 Que o mar não me mata,
 Mas amar-te sim.

Do mar não me vello,
 Entre ondas mettido ;
 Mas de amar perdido
 As de teu cabello.

D'elle prêso vim,
 Elle me maltrata ;
 Que o mar não me mata,
 Mas amar-te sim.

Elle feito em serras
 Não me offende mais,
 Que quando a meus aís
 Os ouvidos cerras.

O mar contra mim,
 Com quão mal me trata
 Tanto me não mata,
 Como amar-te sim.

Se agora vieras,
Cloris, bem verias
Quanto mais podias,
Que estas ondas feras.

Fôra para mim
A tormenta grata,
Que ella não me mata,
Mas amar-te sim.

O rosto levanta,
Bella Semidea;
Ouve esta Serêa,
Que entre as ondas canta.

Lembra-te de mim,
Se aqui morro ingrata;
Porque o mar me mata
Por te amar assim:

Em quanto os ventos desprezam
Estes accents suaves,
E os namorados Delphins
O seguem, cortando os mares;

De dois d'elles combatida
Deu volta a mísera nave;
E nadando o pescador
Se salvou da tempestade.

E depois da sêcca areia
Vendo a bateira afundar-se,
Sentado sobre um penedo
Torna a cantar, e a queixar-se

Ventura enganada,
Ter de teus bens fruito
Perde-se quem muito,
Salva-se quem nada.

Se o que é teu me pedes,
Entre as ondas fica:
Mas tu não mais rica
Com a barca, e redes.

Se m'a tinhas dada,
Colhe d'ella o fruito,
Que em ter de ti muito
E' melhor que nada.

Nas mãos te deixei
Tudo o que era teu:
Quem vida me deu
Nadando salvei.

Ficarás vingada,
E eu colhendo o fruto
De que no teu muito
Vive só quem nada.

Corre-te atrevida
Que um vil pescador
No mór teu rigor
Te deixou vencida.

E desenganada
Fica, que o teu fruto
A nescios é muito,
A sisudos nada.

—Não cuidei, disse o Peregrino, acabada a cantiga, que depois de ceia tão saborosa pudesse vir iguaria de tanto gôsto: certo que vi muitas terras, ouvi cantar muitos pastores, e nenhum me pareceu melhor que este nosso companheiro.—A' boa fé, respondeu Palemo, que era o que cantou, que também nós ás vezes com os pastores mais gabados da aldeia cantamos de porfia, que muitas vezes nos dias santeiros nos ajuntamos n'esta praia, e poucos levam d'eilla a melhor: e não te fies do que me ouvistes; que muitos pescadores ha que me ganham: e se aqui estivera Tugurino, que ficou lançando as redes entre uns penedos, poderas dizer com razão o que eu agora tomo por zombaria. Quicais, que cuidas que as arvores cheias de floridos ramos, feridas do amoroso vento que as maneia, offerecem melhor sombra ás musas silvestres, que os levantados penedos, cheios de graciosas conchinhas, e vivos mariscos, lavrados pela mão da natureza, polidos com a continuação das ondas, abertos por mil partes secretas, por onde, como por vidraças, furtam a luz ao sol, que no centro d'elles descobre as prateadas escamas, as rosadas vicirinhas, e torcidos bu-íos, fazendo um gracioso esmalte na branca areia. Cuidas que move mais o pensamento a saudades o correr das fontes, o murmurar dos ribeiros, o balar do gado, que o espraiar das ondas, o recolher das aguas, que a maré encerra pelas cavernosas lapas, o correr das areias com o manso vento, o bracejar dos remos no mar quieto, o saltar dos peixes pela madrugada? Pois te digo que, se o nosso officio de pescador dera tanto repouso para apprender, e exercitar as cantigas, como o dos guardadores, que ainda lhes levamos muita vantagem.—Confesso, disse Lereno, que estou vencido; e que do que te ouvi julgo parte do que me fica por conhecer.

—A isto disse Urialio (que tecia uma nassa de tenros vimes) não sejam tudo palavras, que nem só o nosso Palemo é o que canta; nem é bem que o estrangeiro fique por cantar; e se o elle fizer tão bem como sabe gabar as cantigas alheias, eu quero sahir com a minha a terreiro.

Todos então rogaram ao pastor o que Urialio pedia; e elle tomava o mesmo instrumento dos pescadores, quando os atalhou uma voz que ouviram; e da porta da cabana viram que em uma barca, que pelo rio acima vinha com os remos apartando as aguas, cantava ao som d'elles um pescador:

Bella Orizéa, gloria d'este rio,
Justa inveja do pégo, e da montanha,
Que merces ter d'ella o senhorio,
É de tudo o que o mar rodeia, e banha:
Tu, que tens a meu rogo o peito frio
N'essa dureza, e formosura extranha,
Vem ver-me agora, ó Nympha, e verás logo
Que a neve, que toquei, me abraza em fogo.

Vem-me ver deste incendio tão contente,
Quanto já me vi triste, e desprezado:
Verás a um atrevido juntamente,
Com o bem, que desejou, ser castigado:
Verás que me pagaste de innocente
O que eu só mereci quando culpado.
Ah venturoso mal, gostoso damno,
Bem fugitivo, e desejado engano!

Mal, porque me mostrou n'elle a ventura
O bem, que por ser tal não merecia:
Damno, pois quando o bem tão pouco dura,
O paga o sofrimento á mór valia:
Engano desejado, que em figura
Alheia me mostrou quanto eu pedia:
Sol entre nuvens, gosto com receio,
Mas mais suave em quanto mais alheio.

Jámais foi nos meus olhos tão formosa
Sahindo da agua a rede prateada,
Nem a tecida nassa, e enganosa
Dos mudos nadadores povoada:
Nem na manhã mais branda, e graciosa,
Com o manso vento a vela vir copada,
Do que foi este engano, doce, e breve,
Que tardou tanto, e nada se deteve:

Nem abrindo-se as ondas encolhidas,
Soltas em branca escuma nos penedos;
Nem as nuvens rosadas, e extendidas,
Que descobrem do Sol varios segredos;

Nem do mar leite as aguas esquecidas,
 Onde se vêem saltando os peixes lêdos,
 Tão bem me pareceram n' alguma hora
 Como esta, que oxatá que a vida tôra.

Nem depois da tormenta rigorosa
 O desejado Sol foi tão jucuado,
 A' maritima turba euidadosa,
 Que mil vezes se viu sorver no fundo;
 Nem a patria suave, e delectosa
 Ao que, arando o mar, deu vèla ao mundo
 Tão bella appareceu, qual me afigura
 O roubo que de amor fiz á ventura,

Porém, como acontece ao atrevido,
 E sagaz roubador da presa rica,
 Que com feio temor, fraco, encolhido,
 Jámais do que roubou seguro fica,
 Em qualquer termo crê que é conhecido,
 Já no rosto, e nos olhos se publica;
 Assim n'este alvorôço um fraco peço
 Toma armas contra a gloria do desejo.

Que toquei com meus braços vencedores
 O bem que me negou sempre a esperanza!
 Que mereci ventura em meus amores,
 Sem que elle em me offender faça mudança!
 Mas se o bem já passou, que vão temores
 Querem tirar-me o gôsto da lembrança?
 Ah receios, deixae-me este momento
 Gosar do meu, tão dôce atrevimento.

Nynpha, como não viste que tocavas
 Aquelle pescador de quem fugiste,
 Como os braços contentes entr' gavas,
 A quem nem ver-te os olhos permittiste?
 Como não viste alli que te enganavas?
 Mas todo o bem nasceu do que não viste;
 Ah Amor cego emfim, como te apuras,
 Dás claro o mal, o bem sempre ás escuras.

Que é possível, ah Nynpha, se me viras,
 Que ainda em logar dos braços, que me deste,
 Não sómente dos olhos me fugiras,
 Mas mataras-te a ti quando o fizeste?
 Que por ser Tugarino o bem me tiras?
 Que no nome á ventura me puzeste?
 Que nada me faltou quando só era
 Sombra de um pescador, que ser quizeras.

Ah quem por elle agora me trocara,
 Fazendo esta mentira verdadeira!
 Porém se, sendo assim, te desamara,
 Que eu deixe de ser este, o céu não queira;
 Antes me seja sempre a sorte avara:
 E esta hora, de meus bens a derradeira,
 Não te deixe de amar, bella Orizéa,
 Tu sejas minha, ou sejas Nynpha alheia.

Conheceraam os pescadores logo de longe o que cantava, e entre elles tinha vantagem conhecida; e bradando-lhe á praia, com grande alegria o fizeram apressar os remos; saltando em terra, se não mostrou menos contente do que os companheiros o receberam: e entre elles Lereno, que estava tão desejoso de o conhecer, como ficára satisfeito ao ouvir. Depois de preso o barco, o levaram comsigo, e ordenaram a ceia, na qual elle não mostrou muita vontade; e convidava de novo ao pastor, que da cantiga que ouvira, e do contentamento que em todas via, contando com sua secreta inveja d'aquelle estado, que o tornou tão suspenso, que o reprehenderam os pescadores aquella tristeza, lembrando-lhe que cantasse como antes seria fazer. Ao que elle respondeu com a obediencia, por cobrir a causa que o entristecia, e alludindo ao que Tugurino cantara, disse esta glossa:

*Por passos sem esperança
Me leva sempre o desejo.*

Levanta o meu pensamento
No desejo tanta altura,
Que não se acha na ventura
Aquella gloria que intento,
Senão em sombra, e figura.

Porém, como não descança
Em continuo imaginar,
Traz me o cuidado em balança,
E é forçado caminhar
Por passos sem esperança.

Entre cuidado, e cuidado
Me perco em qualquer extremo,
Sempre igualmente arriscado,
Desespero quando tomo,
E espero desconfiado.

Com temor, e amor peitejo
Neste duvidoso enleio;
E pela môr parte vejo
Que, d'onde nasce o receio,
Me leva sempre o desejo.

Não ficou o pescador menos afeiçoado a Lereno, do que o estava da sua cantiga: e assim o mostrou cada um nelle na pratica, e conversação d'aquelle noite, que durou onde espaço, até que, lembrando-se alguns que haviam madrugado, se dividiram, e cada um se foi para a estreita praia que alli tinha. Tugurino pediu a todos por hospede

a Lereno para o levar consigo; o que o pastor tambem escolhera de vontade, se o puzeram na sua; que quando as inclinações são tão semelhantes, a furto de seus donos se encontram muitas vezes os desejos. Foram-se ambos a repousar: e como o pescador se viu com o Peregrino, sem testemunhas que fôsem contra seu segredo, lhe começou a falar d'esta maneira:—Muito mais devo á ventura do que cuidava, e agora creio que o seu favor, e não minha diligencia, foi o principio do bem que tive: bem sabes que nenhum ha, que dê perfeito contento se se não communicar o em que elle ha de empregar todos os sentidos: e um gôsto, que eu agora alcancei em premio de tão grandes males, estes pescadores, e eu tão incapaz de o saber calar, que me veiu do céu o aportares agora n'esta terra; porque, além de seres de tão longe de aqui, me dêste claros signaes de bom amante, e sisudo, e de que se podem fiar cousas grandes de tua fé; esta me has de prometter, de que ninguem saiba de ti minha boa sorte; e perdoa-me, que te dou com tão pesada condição o que me não pediste.—Se eu n'isso te sou de proveito, respondeu o Pastor, para o que te convém, acceito em tudo o que disseres a condição, que com elle costume a ouvir os segredos alheios.

A este tempo estava já sentado o Peregrino, e Tugurino tão desejoso de lhe dizer o que sentia, que sentando-se junto a elle, se esqueceu de tudo o mais, e começou o seu conto. «—Em uma enseada, disse elle, que o mar faz no fim d'este rio, no meio de dois penedos, que como lua minguante vão mettendo as pontas por entre as ondas, deixando um formoso seio, em que ellas se espraíam, estão umas antigas moradas, que a natureza fabricou com particular perfeição, sahindo do centro das aguas até á altura de um aspero rochedo, em cujo cume as nuvens parece que descansam: d'alli costumavam muitas vezes as Nynphas, que as habitavam, a sahir por esta praia, e a ouvir os pescadores d'ella, que, ainda que rusticos, os fez já o costume tão namorados de sua formosura, e tão atrevidos que ha poucos, que em algum tempo não sentissem seus cuidados. Entre essas é uma a formosa Orizéa, que a meu parecer excede a todas as mais com tanta vantagem, como a tem o sol sobre as estrelas que pendem de sua luz: e ou por isto ser assim, ou porque a mim me pareceu que o era, empreguei n'ella o desejo, sem me lembrar da pouca esperanza com que o podia sustentar:

porque a desigualdade de meu estado, e a de sua formosura, me fazia impossível todo o remedio: e depois de gastar alguns annos significando-lhe em vão nos olhos, e nas palavras o meu querer, e importunando com queixumes, e cantigas todo este rio, vim a saber que outro tinha alcançado a ventura que eu buscava, e que era um moço pescador estrangeiro, que em companhia de outros viera a esta enseada no tempo das pescarias, que agora vive entre nós: e foi elle logo ser tão desconhecido a este bem, que, por outra affeição de menos valia, a teve em pouco, fugindo aos olhos, e favores da bella Orizéa minha inimiga, que só por furto podia gosar alguma hora do que tão de vontade se lhe devia offerecer: vindo pelas ardentes sestas do verão, e pelas compridas noites do inverno, onde elle as passava, que era uma lapa perto do rio, assaz escondida; e alli, quando elle dormindo sonhava em outros cuidados differentes, dava ella vida aos seus á vista da causa d'elles. Passou muito tempo ella com este engano, e eu com minha inveja, até que a desesperação me abriu caminho de mudar a sorte. Era eu amigo, e conhecido por esse de Droilas (que assim tinha nome o venturoso pescador) e hoje que lhe anoiteceu no pégo, furtando-lhe as horas, o modo, e o logar, me fui lançar na tapa, secretária dos furtos de Orizéa, atando a barca ao penedo, onde elle costumava a prender a sua; e deitando-me a dormir como descuidado, não tinha passado uma hora, quando veio muito mansamente a bella Nynpha; e fiando-se no fingido somno me desconheceu, dizendo-me algumas palavras, que, com o receio de me acordar, não ousavam a sabir de entre as perlas da sua bôcca. Eu com aquelle bem estava tão transportado, que muitas vezes me parecia não estar desperto de verdade; por me assegurar abria os olhos, e tornava a os cerrar cheios de alegria, dissimulando o somno. E posto que levemente se podera no respirar entender o alvoroço do coração, não estava ella tão livre, que o entendesse. Durou-me esta ventura um breve espaço, até que junto da praia se ouviu o ruido de um barco, que para ella remava, que era o de Droilas, que então vinha: a Nynpha despedindo-se de mim mais estreitamente, se foi praguejando a quem ella tanto queria dos braços do inimigo que desamava. Julga tu quanto eu mais sentiria o apartamento. Eu sahindo da lapa fui falar a Droilas, e lhe ajudei a colher o léto, fingindo que o esperára para concertar com elle uma pescaria; e depois guiando a minha barca, me vim

dando a este rio os parabens de tanta gloria, que agora maior, pois o céo me offereceu a tua companhia : alegre amigo, com este meu bem, e ajuda-me a o festejar, das graças a Amor, e ventura.

Lereno, que viu ao pescador tão contente, não quiz atar ao seu desatino, posto que considerava quão caro lhe foy de sahir aquelle gôsto : e assim ajudando-o a engrandecer, falaram até adormecerem de cansados. Mas Tugurino pertando, a cada passo repetia glórias de seu bem ; que de Amor, no breve espaço que duram, vencem a lembrança dos males que custaram, e do encargo com que a ventura os permite.

Jornada sexta

Levantou-se o Peregrino a tempo que as estrellas começavam a esconder, temendo a vinda do sol ; e a forçada aurora entre nuvens brancas, e apavonadas sahia a sahir os montes cheios de verdura : e acordando a Tugurino dormia, elle se levantou apressadamente, vendo que já era dia claro ; e culpou muito seu descuido, porque Doro havia de estar esperandol para irem juntos ao mar. Com muitos rogos ao pastor, que se não fôsse aquelle dentro os pescadores ; e mettendo-se na barca, foi seguindo para o mar a toda pressa dos remos : e n'outro dia saberemos da sua historia. Lereno tornando ás caçapas para falar aos mais companheiros, as achou desertas que todos eram partidos de madrugada ; foi então pe arriba até onde passava a barca, e atravessando um rio de brancos seixos, que o rio alli fazia (em quanto da banda vinha o barqueiro movendo os preguiçosos remos) encontrou com os olhos um papel meio sepultado n'a areia, que á primeira vista lhe pareceu que estava com o nome e levantando-o, viu que dizia d'esta maneira:

Com este mando o veneno,
Que teu remedio ha de ser ;
Pois começas a viver
Com esta morte, que ordeno.

Dal-o a Florela procura,
Pois de ti se não receia,
Não temas desgraça alheia,
Pois buscas propria ventura.

Porque com perder a vida,
Esta que a morte te ordena,
Podrás livrar de pena
A glória que tens perdida.

Guarda cautela e segredo;
E para o fim d'este intento,
Nem te engane atrevimento,
Nem te acobarde o medo.

Não temas um mal futuro
Por um bem tão desejado;
Que o não te mostrar culpado
Te fará ficar seguro.

Julga por caso ordinario
Esse transe perigoso;
Nem faltes por temeroso,
Nem erres por temerario.

Bem entendeu o pastor que a carta era de segredo, e o conselho de amigo mal intencionado: e começou a reprehender entre si a quem a escrevia, e a quem com tão grande descuido a perdera: porém vindo-lhe á lembrança quantos segredos sem culpa sua trouxera o tempo á noticia de outros, de quem elle os escondia com muita vigilancia, e o que havia tão pouco que com Floricio lhe acontecera; já tambem desculpava brandamente o desatento; e porque a este tempo chegou a barca, e tinha lançado a prancha na borda da areia, fei com o papel cerrado na mão para entrar n'ella; e logo dois Serranos, que saltaram na praia, pondo os olhos n'elle, no traje, e no tarro que trazia no cinto, que Floricio lhe déra, lançando mão d'elle com muita ira, o prenderam. — Agora, traidor, disse um d'elles, pagarás teu desatino, e a injusta morte de Florela; que logo aqui te havemos de tirar a vida, se nos não deres as mãos esse homicida cruel de Ferino teu companheiro.

O Peregrino confuso, e indeterminado, se começou a defender com força, e os dois liando-se com elle, e pedindo soccorro ao barqueiro contra um matador, todos tres com apertados laços, e com as mãos detraz o metteram na barca, fazendo que o arraes os tornasse a pôr da outra banda do rio: e querendo elle abrandar com razões a furia dos Serranos, vendo o enleio, e confusão do innocente pastor, elles lhe não deram logar, e muito menos quando abriram o papel (que das mãos lhe tinham tirado) e leram o que

n'elle dizia; pediu-lhe então o barqueiro, que emquanto seus companheiros remavam, lhe contasse os crimes d'aquelle Peregrino que prendiam: a este rogo respondeu um dos Serranos, que se chamava Hiberio: — Este (cujo damno e prisão te move o sentimento) é o mais cruel, perfido, e desleal inimigo que até hoje viveu, e habitou entre pastores; e além de outras culpas, porque deve de andar n'este traje fugindo ao castigo que merece, ha poucos dias que foi causa da mais mal empregada, e injusta morte que nunca choraram os moradores d'esta serra; e porque vives tão perto d'ella, já ouvirias nomear a Ferino, que habitou grande tempo no monte d'onde nasce esta ribeira. — Bem me lembra d'elle, disse o barqueiro, que já em outra idade fomos conhecidos. — Pois este Ferino, proseguiu o Serrano, por varios successos de sua ventura, quando foram as desavenças dos maioraes do gado, sobre o senhorio dos pastos d'esta montanha, deixando a propria terra foi viver em as alheias; e passados annos, escolheu a sua morada em as praias do Tejo (que já tambem ouvirias nomear) onde (como é fama) se namorou de uma linda pastora por nome Florela, que em formosura, e honestidade era um egual extremo: teve em seus olhos tanta ventura, que desposando-se com ella secretamente, a trouxe consigo para esta serra onde nascera; e gosando-a em amorosa companhia, veiu a desprezar o que sem merecimentos tinha alcançado; e perdendo a lembrança do muito que lhe devia, se affeicou a uma Serrana, tão desigual em tudo á sem ventura Florela, quão facil em consentir no adultero pensamento de Ferino: porque este não podia vir a ter effeito, sem grande escandalo da aldeia, que punha já n'elle os olhos, nem podia escapar aos de sua esposa, que já com provas suspeitas o vigiava, determinou de lhe tirar secretamente a vida; que estes são os desatinos de uma affeição desordenada: para o que se valeu d'este inimigo que temos preso, que tinha por hospede na sua cabana, o qual depois de ido, lhe mandou veneno que lhe desse em um vaso de leite, com que a desventurada pastora ficava expirando á nossa partida. Não foi isto feito com tantô segredo, que logo por signaes se não alcançasse, obrigando a Ferino a se pôr em fugida, e a este traidor, que não pôde já negar sua maldade: porque além d'este tetro que trazia, peça estimada de Florela, que o matador levou, pelo qual o conhecemos, tinha na mão este papel, que como

n'elle se lê, relata a sua culpa, que juntamente com o veneno o devia de ter enviado : por isto não te pese de quão mal o tratamos ; que toda a brandura, que se usa com um traidor, é tyrannia.

Isto ouviu o Peregrino com tanta admiração, e paciencia, que parecia culpado na humildade, e innocente no espanto ; e com os olhos no rio, mais cuidadoso em sua desgraça, que apercebendo desculpas para se salvar, começaram a lhe cahir as lagrimas, que aos outros pareceram de arrependimento : e voltando para elles, lhes disse : — Não extranho a vossa semrazão, nem me espanto de minha mofina ; porque sou costumado a soffrer tantas, que já não póde haver alguma que me ache novel o soffrimento : não vos quero pedir que me solteis d'esta prisão injusta, mas que me ouçaes, para que com vosso engano conhecido saibaes por quantos caminhos os males buscam a um perseguido. Eu (como este trajo vos mostra) sou Peregrino, e deixei de ser Pastor ha poucos annos, tomando por couto, e fugida de outros males diferentes dos que imaginais, e que na patria rigorosamente me perseguiram, andar pelas extranhas, até achar fim á minha desgraça, ou dar remate á vida, que agora com maior razão devia aborrecer. Antes de chegar a esta ribeira, a que ainda não sei o nome, houve de um pastor meu conhecido o tarro que me tomastes, e soube d'elle que o comprara perto do mesmo logar, onde o encontrei ; e passeando ao longo d'esta praia, quando a barca me tardava para passar á parte da serra, achei entre a areia quasi enterrado esse escripto, com que me accusaes : da historia, que vos ouvi contar, estou tão innocente, e tão magoado, que desejo ser ministro na vingança de tão rustica semrazão : sobre esta verdade levae-me aonde quizerdes : e se for conhecido por culpado, executae em mim a pena que a culpa merece : porém em quanto não tendes certeza de eu ser tal, vos peço que me não trateis com tanta crueldade. — Escusadas dissimulações são essas, disse Hiberio, em culpa tão clara, que mais nos incitam contra tua malicia, que nos movem a brandura. — Não quizera este mais, disse o companheiro, que ir de maneira que se podesse desatar d'esta prisão, que bem sabe elle o castigo que o espera em galardão de sua culpa ; assim tiveramos hora o outro.

A este tempo chegaram á outra parte do rio ; e sahindo em terra, se despediram do da barca, os dois o levaram

atando-o pelos braços entre si: caminharam até que se lhes acabou o dia entre uns altos sobereiros, a cuja sombra estava uma cabana muito antiga, morada de um pastor ancião, que os agasalhou: porém sabendo as culpas do prêso, e a morte da innocente Florela, não consentiu que lhe estivesse dentro da cabana, de sorte que atado a um tronco dos que alli havia, o deixaram chorando sua desgraça: e como o desamparo da noite, e a prisão em que estava lhe não consentia repouso, servindo-lhe de instrumento a musica dos gaillos, que das entranhas da terra o ajudavam, cantou entre suspiros magoados este Soneto:

Aqui só, n'esta selva triste, escura,
Labyriintho sem meio, e sem sabida,
Aonde me tens a morte apercebida,
Te vinga em me matar cega ventura.

Que queres? que te fiz, que estás tão dura?
Podes tirar-me agora mais que a vida?
Se essa te dou mil vezes tão perdida,
O teu rigor que intenta, ou que procura?

Se pretendes tirar da alma um desejo,
Que em ti fez por engano o fundamento,
E já agora enterrou minha esperança:

Em vão queres vencer no que eu peitejo;
Que quando me matares por vingança
Matar-me-has com meu proprio pensamento.

Posto que a ventura se vingava rigorosamente d'estes queixumes, não faltou quem desejasse de lhe valer contra ella, porque a tem no mundo tão desacreditada as sem razões que usa, que nem se pôde o perseguido haver por culpado, nem por merecedor de seus bens o favorecido: e assim aconteceu, que o velho, em cuja casa os dois Serranos se recolheram, tinha uma filha chamada Glaura, que por aquella serra era muito estimada, não só por sua gentileza (que não merecia ser desprezada) mas pelo juizo, e discreção, em que vencia a muitas pastoras da montanha, que n'ella tinham nome de entendidas. Esteve ella presente ao que os Serranos contáram de Florela, e das culpas do Peregrino: e ou porque lhe não pareceram bem fundadas, ou porque é de animos nobres favorecer a parte mais avexada, havia por mal empregado n'elle o castigo, que o ameaçava de tão perto. Com este pensamento se recolheu a dormir: e porque o seu aposento cahia sobre o logar

onde o Peregrino estava atado, ouviu a sua magoada cantiga, e escutou com muita attenção os versos d'ella, que a moveram a compaixão, e a lagrimas, tendo a Lereno mais por offendido, que por matador: crendo que era accusado falsamente: e merecia n'aquella affronta favor, e liberdade: esperou que se passasse a primeira parte da noite, e com o silencio d'ella, tomando um cutello que lhe podesse cortar as prizões, sahiu por outra porta que vinha a um serrado, e foi ter ao logar onde elle estava vencido do somno, e do trabalho, mas sem poder cobrar repouso; e chegando a elle, lhe começou a falar d'esta maneira: — Vencida do pesar que tenho de teus males, e pouco segura em tua innocencia, me aventurei a te procurar liberdade: esquecida de mim de um agravo, em que eu como mulher tenho tambem parte, te quero cortar estes laços. Se tens commettido o delicto, porque te prenderam n'elles, não pareças mais onde eu te veja, que nem quero que me pagues esta obra arriscando a vida que te dou, nem ver deante de mim homem tão desagradecido á natureza: porém se estás sem culpa, como imagino, te peço em satisfação, que tornes a este monte, para que, depois de conhecido o culpado, troques esta affronta em dobrada gloria, e a mim me pagues o risco em que estou por teu respeito. — Animosa Serrana, respondeu elle, a vida, que me daes, poderei estimar por vossa; porque a que até agora padeço, mil vezes a enjeitei ás estrellas: se me quereis mudar estes laços á alma, que já, agora vos estará sempre obrigada; cortae os d'estes braços, e crede que bem innocentes da culpa, porque os tenho atados: mas seria mais seguro pôr-me em condição de morrer sem ella, ou poder ver-vos, e servir-vos esta vontade livremente, que aventurar-me a perder mais, sustentando a vida, sem vol-a poder offerecer muitas vezes por esta obrigação. — Não me puz eu em tal perigo, tornou Glaura, para vos deixar n'este: acudir ao mal presente, e atalhar ao furioso rigor dos rusticos Serranos é necessario: e para se conhecer a verdade de vossa innocencia, dará logar o tempo, que tambem agora o não consente o desatino dos magoados.

E indo para lhe cortar os laços, ouviu com grande pressa abrir a porta da cabana; e tornando um pouco atraz com o cutello na mão, viu que era um dos Serranos, o qual com algumas suspeitas de Ferino vigiava o preso; e achando a Glaura d'aquelle modo, que com o sobresalto

lhe não poudes falar logo, lhe perguntou ao que alli viera a taes horas. — Vinha, respondeu ella tornando em si, pôr em execução o que não confio de vossa tardança, que é dar a morte a este traidor que a tem bem merecida: e determinava, pois a culpa foi contra uma pastora innocente, que a vingança lósse tomada por uma Serrana vingativa, que tem mortal odio a estes inimigos, e já eu dera fim ao meu desejo, se esse matador me não detivera com palavras, jurando-me que nunca tivera tal pensamento, dando-me taes razões em sua defensão, que não sei o que creia: pois a tal tempo chegaste te rogo que o leves a bom recato, e não lhe seja feita offensa, até eu não ir á aldeia, fazendo primeiro experiencia de um signal, que me tem dado, d'onde fique a verdade manifesta; e sendo contra elle, não soffrerei perder o gôsto de o ver atormentar.

Com este fingimento ficou o Serrano mais seguro, e prometeu fazer o que ella lhe pedia. Glaura se recolheu com grande mágoa do mau successo de sua determinação; e o Serrano vigiou ao preso com maior cuidado, que tambem sentia estes accidentes da ventura. Antes de amanhecer levantaram-se os Serranos, e leváram com a mesma cautela o Peregrino, despedindo-se com os olhos de Glaura, que nos seus os assegurava de o ir seguindo. Chegaram á aldeia a horas do meio dia, publicando com grande alvoroço a prisão do matador; e assim recebia mil affrontas, e injurias dos que o encontravam, e com ellas chegou a casa de Florela, que ainda estava viva, porém sem seu juizo, passado o accidente da peçonha, que não teve a força que Ferino buscava para sua tenção: e pondo logo o Peregrino os olhos n'ella (que tambem o olhava como esquecida do que os outros diziam) ficou confuso, representando-lhe nos signaes do rosto que em outro tempo a vira, e lembrado do seu nome, e patria, que muitas vezes ouvira, vindo com os Serranos, cabiu que aquella pastora era irmã de Ferino, e do pescador, que nas praias do Tejo lhe contára sua historia; e então ficou mais magoado do triste successo de Florela, que do engano, e dos aggravos de sua prisão: e querendo remediar o mal presente, que é o melhor remedio para quem se vê cercado do sentimento de muitos, se lembrou da agua que trazia da fonte do desengano escondida no pequeno vaso, que o Serrano lhe dera quando lhe contou os maravilhosos effeitos da sua virtude: pediu que

desatasse para poder restituir o juizo á pastora : os que estavam presentes o fizeram com muita cautela ; e tirando o vaso onde o trazia, lhe deu a beber a maior parte da taça, com que logo adormeceu, e d'ahi a pouco espaço acordou com inteiro juizo : e vendo ao Peregrino com aquellas razões, perguntou a causa, porque o tinham em tal estado : e sabendo toda a historia succedida, e a vontade com que todos por sua parte procuravam vingança, ficou estantada, e disse como aquelle não era o estrangeiro que Ferino agasalhára, nem tinha nenhuma culpa do seu desano, antes permittira o Céu que fôsse alli guiado por taes meios, para lhe dar remedio tão necessario ; e que era justo, se os seus irmãos fôra tanto á custa de sua innocencia, que com boas obras o restituíssem dos males passados ; e querendo com outras muitas razões cheias de brandura significar a obrigação em que lhe estava, respondeu o pastor : — Eu estou muito contente de te ver livre d'esse mal, depois que soube a razão que tinha para o sentir por ti, que todos, os que até agora tenho padecido, me esquecem ; e me offerecera soffrer outros de novo, se com elles te podera dár a vingança da ingratição, e desamor de Ferino, que tão mal soube entender o que te devia, como tu escolher a ventura que em tantas partes te buscava : porque se o teu nome, e os signaes que vejo são verdadeiros, tu és irmã de um grande amigo meu chamado Filenio, que tantos males tem padecido por te buscar, e de um pescador a quem eu não sei o nome, o qual me disse o teu, e a maneira como desappareceste das praias do Tejo, trocando-as por esta serra, indigna de tua formosura, buscando o castigo da errada escolha que fizeste, em um successo tão mal encaminhado ; que isto acontece a quem sem causa deixa a natureza por se fiar da fortuna.

A pastora ouvindo isto lançou os braços ao Peregrino, com o rosto cheio de alegria, e de vergonha, vendo que a conhecia, porque nenhum dos naturaes d'aquella montanha sabia d'ella mais que o seu nome, e o modo, porque o seu ingrato amante a alcançára : e depois que com o mesmo alvoroço lhe perguntou por seus irmãos, gastaram em outras saudosas praticas, e magoados queixumes, o que ficava do dia : á noite foi Lereno bem agasalhado ; e cobrando o que na passada perdera, adormeceu de maneira, que não sentiu nada de um grande reboiço que houve no logar ; e foi que Ferino arrependido da

crueldade que usara, e apartado do falso amigo que a ella o moveu, se tornou do caminho que fazia, onde Floricio o encontrára, e se embrenhou em uma matta mui espessa, que estava junto áquella serra onde vivia, e entre os ferros animaes, que alli havia, determinava de acabar a vida, dando primeiro a morte á Serrana que fora causa da de Florela, que elle tinha já por sepultada; e aquella mesma noite, em que Lereno chegou, se veiu Ferino lançar em um valle mui serrado junto da cab. na em que vivia, e entre temerosos ais, e magoados suspiros, cantou o seguinte:

Alma bella, e queixosa,
 Que de meu cego, e ingrato desatino,
 Agora pedireis ao céo vingança,
 Florela tão formosa
 Quão deshumano, e perfido Ferino,
 A quem castiga já vossa lembrança,
 Se esta desconfiança,
 Com que vos chamo agora,
 E este arrependimento tão perdido
 Pode ser alguma hora
 Galardado não, mas conhecido,
 Ouvi meu triste accento,
 Estareis já presente a meu tormento.

Não peço piedade:
 Que de mim proprio sei, que a não mereço,
 Nem tenho á minha culpa igual castigo:
 Sómente esta vontade
 Quero que conheçaes, com que padeço
 O que errou em meu damno um falso amigo.
 Fragil era o perigo,
 Em que eu vos offendia:
 Mas deu-lhe força um odio mais ousado,
 Fez o que não queria
 Por seguir um querer cego, enganado;
 E com favor alheio
 Venci a razão sob capa de receio.

Feras d'esta montanha,
 Que, empregando nos gados innocentos
 A famulenta furia, os degolaeis,
 Se maldade tamanha,
 Que offende a natureza, o céo, e as gentes
 Me obriga a vos buscar, que me esperaes?
 Como me não tiraes
 Este coração fero,
 Que veiu a consentir tão fero engano?
 Mas nem a morte espero,
 Que fôra já remedio de meu damno;
 Que a culpa conhecida
 E a mais cruel pena do homicida,

Sol piedoso, e claro,
 Que com a luz egual aos altos montes,
 E humildes valles sempre enverdeceis,
 Como não sois avaro
 Dos raios, que espalhaes aos horisontes,
 A quem por tão culpado conheceis?
 Se não é que quereis
 Que n'este triste estado
 Outro maior castigo me atormente,
 Que viva desterrado,
 É a minha pena propria me sustente,
 Que o meu tormento seja
 Que não possa esconder-me, o que vos veja.

Benigna, e grata terra,
 Que só no ser de mãe, piedosa e firme
 Não negaes a nenhum vossas entranhas,
 N'esta intestina guerra
 Como não vos abris para encobrir-me
 No mais profundo vão d'estas montanhas?
 E se, por tão extranhas,
 As culpas, que confesso,
 Tiram do natural vossa brandura;
 Ao céo invoco, e peço
 Me dê sobre esta serra a sepultura,
 E mande um raio ardente,
 Que me sepulte, e mate juntamente.

Acabe a vida triste
 Entre o rigor maior, que a crueldade
 Usou com um peito extremo de dureza:
 E se a morte resiste,
 Porque vê que matar-me é piedade,
 Ou porque teme a vida que me pesa,
 Extranho á natureza,
 Aborrecido á gente,
 A's aguas, animaes, aos arvoredos
 Viverei tristemente,
 Habitando o rigor d'estes penedos,
 Até que sem sentido,
 Fique n'elle, e entre elles convertido.

Offendida pastora,
 Feras, Pastores, Sol, Terra, Elementos,
 Pois não pago já agora
 Senão com largos annos de tormentos,
 A culpa commettida,
 Acabe-se com ella a minha vida.

Foi esta voz logo conhecida dos que a ouviram; e levantados muitos pastores, uns festejavam o arrependimento de Ferino, outros se armavam para tomar d'elle vingança: porém o escuro da noite, o medo que o logar representava, e o estado do homicida, atalhou ao alvoroço de uns, e ao

intento dos outros; porque mostra estimar pouco a vida quem a arrisca aos desatinos de um desesperado, que deseja perder a sua.

Jornada setima

A discreta serrana Glaura, que se offereceu com tanto perigo a livrar ao Peregrino dos em que estava, vendo atalhado o seu bom d'se o, sem haver meio algum com que o executasse, desconfiada de que a crueldade dos serranos d'esse logar á promessa que um d'elles lhe fizera, começou a lançar juizos, que um dos casos em que os mais seguros perdem o tino, é quando a vontade obriga a aquillo, em que faltam as esperanças. Emfim se determinou a ir no alcance do présó, e buscar na aldeia alguma côr á sua determinação: chegou a ella ao tempo que todos com grande alvorôço festejavam a saude de Florela: soube o que ao pastor acontecera, e a vontade que os moradores tinham de lhe dar satisfação dos agravos passados; e teve do successo tão grande contentamento, que se lhe viu no rosto o coração, com que buscava a liberdade do innocente estrangeiro: passou aquella noite em casa de uma parenta sua; ouviu a musica de Ferina, o alvorôço dos serranos; e no outro dia veio a vér a Florela, que pelo nome, e fama a conhecia. O Peregrino, que soube de sua chegada, tambem quiz mostrar que não era ingrato ao desejo com que se puzera em risco por seu respeito: e indo-se logo a casa de Florela, atalhando muitas palavras de comprimento em que estavam, entre outras lhe disse:—Nunca, formosa serrana, me achei pobre, senão agora que vejo o que vos devo, não tendo com que pagar mais que com a vida, que é pequeno preço para tão grandes obrigações, porque a estimo em pouco, e a desejo muitas vezes perder; mas se tal a quizerdes em vosso serviço, terei razão de a poupar d'aquí adeante: o remedio, que para ella me procurastes, nascia menos de minha innocencia, que dos bens de vossa natureza, não vos posso pagar com os da ventura, porque nunca fui dos seus favorecidos; este conhecimento, e a minha vontade tomae por paga, que o costuma a ser das cousas que valem muito.—Por certo, estrangeiro, tornou ella, que me deveis muito: mas que com empregar tudo tão bem, me dou por satisfeita, e a vós por desobrigado; tão mal vos estava o nome com que

vinheis prêso, que culpado agora que estaes livre, e nos tendes a todos captivos pela saude de Florela, folgarei que em outra cousa vos sirvaes de mim, pois na primeira, que intentei, não fui de proveito, e já me pesara de me ter succedido o que queria, por quanto fôra em damno d'esta pastora, a quem desejei sempre servir. — Eu sei, tornou o Peregrino, que por todas as vias hei de ficar vencido, assim de vossa gentileza, e entendimento, como de vossa cortezia: eu confesso que o estou, e rogo a Florela, pelo que lhe mereço, que tome á sua conta parte d'esta obrigação. — Tenho-as eu tão grandes a Glaura, disse a Pastora, que me não atreverei com outras de novo sem sua licença; e tambem a minha tenção não é desobrigar-vos, attentando a meu interesse, e quão grande é dever-lhe a ella muito: mas porque não sei o principio d'esta amizade, fôra para mim grande gôsto que o fiasseis da minha.

Então lhe contou Glaura o que com o Peregrino lhe acontecera. E estando em grande gôsto n'esta pratica, a atalharam muitas serranas, e guardadores d'aquella montanha, que vinham a ver a Florela, e tratar do arrependimento de Ferino; e pouco a pouco persuadiram á pastora a que lhe perdoasse a culpa commettida, e o tornasse a receber em sua graça com fazerem todos fiança sobre sua emenda. O Peregrino, e Glaura, que estavam d'esta opinião mais desviados, considerando todavia o credito que ella tinha por aqueles lugares, e o pouco com que tornaria a habitar nos do Tejo, vieram a consentir com os mais. Florela se defendia no principio; porque é mau de tornar ao perigo quem n'elle viu a morte tão apressada: porém os rogos de todos, e o amor, que a Ferino tinha vieram depois a acabar tudo; que ordinario é em quem ama esquecer-se dos aggravos, que recebeu, por facilitar o perdão a quem o aggravou, ou, para melhor dizer, esta é a ventura de quem é amado, e a sujeição em que vive o que ama de verdade. Conforme a pastora com o parecer de todos, faltava meio para certificarem a Ferino de como Florela tinha vida, e vontade de o perdoar; e entre muitos pareceres, que sobre isto houve, foi escolhido o da serrana Glaura, a qual persuadiu á pastora que lhe escrevesse a elle uma carta, em que mostrasse a vontade com que o esperava, e o successo da peçonha que lhe dera; porque além de que a carta se lhe podia dar mais facilmente, que elle trazido ao commercio dos outros, conheceria da letra propria que tinha vida quem a escre-

vera, pois a máguia, e vergonha da culpa, e o temor da pena, nasciam de lhe ter dado a morte que elle imaginava; e por não dilatarem mais tempo logo no outro dia escreveu a Ferino n'esta maneira:

Cruel, e ingrato Ferino
 Nome, e coração de fera,
 Se da mais bruta se espera
 Um tão fero desatino,
 A ti d'este amor indino
 Florla amante offendida,
 Ainda como agradecida,
 De vêr que em tão triste sorte
 Procuraste dar-lhe a morte,
 Te deseja larga vida.

Que extranhas ? de que te enleias?
 Tua culpa é teu perigo;
 Que esta não leva o castigo
 Que mereces o receias:
 Asseguro-te que leias
 Sem sobresalto, e cuidado;
 Que não basta ser culpado
 Para ser aborrecido,
 Pois te ama arrependido
 Quem to escolheu desterrado.

Não temas d'esta tenção,
 Com que ordenaste matar-me;
 Que para poder vingar-me
 Não tenho o teu coração:
 E inda que a dor, e a razão
 Tenham tão grande poder,
 Quem soube uma vez querer,
 Nunca saberá vingar-se,
 Se não se for em queixar-se,
 Que é vingança de mulher.

Que armas tem para offender-te
 Quem para o seu peito as vira!
 Bem sabes que a nossa ira
 Em lagrimas se converte:
 Busco-te para querer-te
 Qual natureza te fez;
 E inda que tão duro estês,
 Qua este termo te aborrea;
 Porque o desejo pareça,
 Torna a matar-me outra vez.

O veneno deshumano
 Não teve o fim que quizeste,
 Porque a mão, com que m'o deste,
 Foi triaga contra o damno.

Usaste como tyranno,
 E eu livre como innocente.
 Deixa de fugir da gente,
 Vem a acabar de matar-me;
 Que eu não quero contentar-me
 De que vivas descontente.

Faz-me perder de improviso
 Do juizo o doce fructo;
 Porém já não perdi muito,
 Que eu te amava sem juizo.
 Tenho vida e cobrei siso;
 E se a memoria perderá
 Algum tempo, me valera
 Para me esquecer de ti:
 Porém nunca te perdi,
 Senão quando não quizera.

Vem, cruel, fero, homicida,
 Ingrato, falso, e perjuro,
 Que bem podes vir seguro,
 Pois eu só fui a offendida:
 E se a culpa commettida
 Te accusa com mais rigor,
 Tens de tua parte Amor,
 Que sempre pôde o que quiz,
 Que é cego para juiz,
 E suspeito em teu favor.

De todo o mal, que tens feito,
 Só teu erro te condemna;
 Não tens de quem temer pena,
 Se a não temes de teu peito,
 Que é tão duro, que suspeito
 Que de ti podes velar-te,
 Porque para castigar-te
 Não produza a natureza
 De tua extranha dureza
 Peçonha para matar-te.

Deixa as brenhas d'esta serra,
 Que me mostram mais brandura,
 Inda que estará mais dura,
 Porque em seu peito te encerra;
 Que a culpa, que te desterra,
 A satisfação, que tem,
 E' tornarés-me um só bem,
 Por que suspiro continuo:
 Por isso, ingrato Ferino,
 (Inda que a matar-me) vem.

Não tardes, Serrano esquivo,
 Que para meu mal aguardas,
 Pois todo o tempo que tardas,
 Não posso dizer que vivo.

Se entre os matos fugitivo
 Buscas féras semelhantes,
 Torna a vêr-me : não te espantes
 Do gôsto, com que te espero ;
 Que qual és, inda te quero,
 Porque sou qual era d' antes.

Escripta a carta, fizeram logo os serranos diligencia por-
 que fôsse ter ás mãos do homisiado Ferino; e não houve
 n'isto pequena difficuldade, pela determinação com que de
 todos fugia: porém enfim o alcançou por arte um amigo
 seu, de quem antes se fiava, do qual sabendo tudo o que
 até alli era passado, ficou mais confuso, e perdido: mas o
 outro o assegurou com a letra, e os rogos de Florela, pe-
 dindo-lhe que se tornasse á sua cabana, e renovando com
 aquella obrigação o amor, que lhe devia, a servisse d'alli
 em deante com muita lealdade. Elle mais vencido já da
 vergonha do que commettera, que do receio dos castigos que
 merecia, recusava com muita instancia o que igualmente
 temia, e desejava. N'esta contenda se vieram ambos che-
 gando ao valle, onde ajuntando-se alguns serranos o trou-
 xeram á força (que elle então soffria de vontade) e o leva-
 ram a Florela, a cujos pés se lançou com muito sentimento,
 pedindo com humildade perdão da cega culpa que commet-
 tera, promettendo-lhe de até á morte lhe guardar inteira,
 fé em conhecimento do muito, que por elle soffrera. Florela
 respondeu com muitas lagrimas: e todos os da aldeia, es-
 quecido o sentimento passado, com festa, e alegrias cele-
 braram a desejada amizade; em que d'alli em deante os
 dois amantes viveram; porque não ha peito tão duro, a que
 não obrigue um amor mais perfeito quando offendido, e
 uma vontade mais constante, quando mais desprezada, nem
 ha bem mais estimado, que o que, depois de perdido, se
 torna a possuir seguramente. Elles conformes, Glaura se
 tornou á sua morada, fazendo mil offercimentos ao Pere-
 grino, a quem tinha boa vontade, pela que n'elle sentira de
 agradecido; que o que mais nos obriga a amarmos a boa
 obra, que desejamos fazer, é empregal-a em sujeito que a
 não desconhece. O Peregrino se deteve muitos dias n'aquel-
 la aldeia, que Ferino (que com elle tomou particular ami-
 zade) o não deixava apartar, tomando para desculpa o tem-
 po, que era rigoroso para a sua peregrinação; até que en-
 fim se houve de partir, levando mil penhores seus, e de
 Florela, quando já era consumido o rigor do inverno, e o

sol começava a dourar as neves, que tinham prateados os altos montes, quando já o ferro do curvo arado reluzia entre a verdura, abrindo (ao lento passo dos bois) a mimosa terra, na qual as arvores se vestiam de tenros gomos, prometendo aos olhos a verde librea da Primavera: e seguindo a sua jornada, foi pela falda d'aquella serra caminhando, contente de vér que os males, que injustamente parecera, se converteram no bem dos dois amantes que deixava: alongou-se aquelle dia pouco da aldeia; porque as saudosas despedidas lhe gastaram a maior parte d'elle; e ao outro caminhou até horas de vespera, sem haver cousa que o detivesse; e foi descancar ao longo de uma ribeira cheia de arvoredo: e sentado ao pé de um choupo, que começava a se vestir de novas folhas, queria repouzar, quando ouviu grande alegria, e vozes de pastores: e chegando então para aquella parte, elles o descobriram; e vendo que era extrangeiro, lhe fizeram gasalhado, e foram a deante com uma cantiga em que estavam, repetindo-a em folia de uma, e outra parte, e dizia:

*Verdes avelleiras,
A' lamos, e sauzes,
Alegrae meus olhos
Para que descancem.*

Arvores sombrias,
Que em tecidos laços
Amorosamente
Enredaes os ramos,
Que ferindo as folhas
O Zephyro manso,
Com flor, fructo e sombra
Alegraes aos campos:
Antes que cuidados
Tristes me acabem,
Alegrae meus olhos,
Para que descancem.

Aguas de crystal,
Que na loura areia
Fabricaes espelho,
Em que o Sol se veja,
Que cortando o prado
Is polindo as pedras,
E a tenra verdura
Esmaltaes de perlas,
Com vossa belleza
Suspendei meus males,
Alegrae meus olhos,
Para que descancem.

Doces passarinhos,
 Cujos cantos alegres
 Os corações tristes
 Faz ficar contentes,
 Cujas penas várias
 Quando o Sol as fere,
 Mostram, sendo penas,
 Que com gloria vestem,
 Nas que esta alma sente,
 Pois querem matar-me,
 Alegres meus olhos,
 Para que descancem.

Outeiros graciosos,
 Valles mais amenos,
 Fontes crystallinas,
 Asperos rochedos,
 Serras espalhadas,
 Vastos arvoredos,
 Bellas horisontes,
 Longes de tão perto,
 Pois vos estou vendo,
 Para sustentar-me,
 Alegres meus olhos,
 Para que descancem.

Depois que acabaram de cantar com muita alegria, sentados ao longo do rio, ordenaram um jôgo á vista de muitas pastoras, que os olhavam assentadas em ordem na verde relva; e pediram ao Peregrino, que tambem entrasse n'elle. O jôgo era, que cada um escrevia entalhado no tronco de uma faia o nome da sua pastora: e depois de todos escriptos, alongados de um certo posto, iam com olhos tapados apontar com o dedo no que escreveram; e o que acertava (além de o tomar em feliz agouro de seus amores) ficava rei do jôgo, e era obediendo nas penas que mandava executar nos que erravam. Tendo muitos já escriptos os nomes das pastoras que serviam, tocou a sorte a Lereno, a quem não deu pouco cuidado imaginar no que escreveria, por não fazer com o fingido offensa a seu pensamento. Porém considerando que jôgo era graça, e zombaria, e elle estrangeiro n'aquella montanha, e hospede de uma só hora, excreveu *Glaura*, lembrado da graciosa serrana, que lhe mostrara tão boa vontade: e chegando-se alguns a vêr o que escrevera, um dos pastores mudou a côr com tão grande sobresalto, que todos os mais conheceram, que lhe ia n'aquelle nome alguma cousa, e deu logo d'isto mais claro signal; porque voltando-se ao Peregrino, lhe pergun-

tu cujo era aquelle nome : ao que elle respondeu, que de uma serrana muito digna de ser amada, pelas partes que tinha. E continuando o outro com a pergunta, o Peregrino disse para os mais : — Se não é obrigação do jôgo dár cada um razão do que escreve, mal faz este pastor em m'a pedir a mim, e estorvar-nos a todos pelo em que lhe pôde ir tão pouco.

Elle convencido não foi por deante, e tambem do jôgo mostrou tão pouca alegria, que, dizendo que não tinha nome que escrever, se foi lançar ao pé de um amieiro desviado d'aquelle lugar; e n'outro da nossa historia se contará mais largamente o que lhe succedeu.

Foram os pastores adeante com o seu jôgo, e sahio melhor d'elle um, a que chamavam Orizio, que ficou tão alegre do seu bom successo, que como bem verdadeiro o festejava: os outros lhe teceram uma capella de louro, e de murta, e com ramos nas mãos, musicas, e dansas, o levaram até á mesma faia, onde estava escripto o nome da sua Cidalia (que assim se chamava a pastora) e allí se assentou sobre um túmulo alto de ramos, e tirando uma sanfona, que trazia, com os olhos em o nome que escrevera, cantou o seguinte :

Felice nome, em quem fiz claro emprêgo
Da vida, e liberdade: Amor consente,
Que inda cego vos veja claramente,
Pois sois a propria causa de eu ser cego.

O sceptro, que me destes, vos entrego:
Que inda que em outro nome represente
Este logar, não sou d'elle contente,
Se o que tendes em mim encubro, e nego.

Vós reínaes com poder que é mais altivo
N'este sujeito vosso, que já agora
Podeis n'elle mandar mais do que eu posso,

Por vós sou rei, mas rei por vós captivo;
E se mais rei, melhor captivo fôra:
Mas que posso eu ser mais que ser mais vosso?

Acabado este soneto, mandou aos pastores vencidos, que cada um dos que tinham presentes as pastoras, a quem serviam, cantasse uma lettra, tomando a causa do toucado, ou traje de cada uma d'ellas, porque allí lhe não servisse o

que em outra parte poderiam já ter cantado. E logo Fulgerio, vendo presente a zagaia Latonia, que, além do gentil parecer, e graça natural de que era dotada, a dava muito mais á sua formosara uma fita azul com que tinha entrançados os cabellos, que, como elles tivessem a côr de ouro, estava-lhe aquella tão bem, que parecia esmalte, que os realçava, tomando esta por empresa cantou :

Cabellos de ouro fino, que entrançados
N'essa inimiga côr me pareceis
Raios do sol, em sombra disfarçados,
Que a vida daes, e a morte prometteis :
Quem vos tivera livres, e apartados,
Aonde só vossa côr no sol mostreis ;
Que posto, que com essa estaes tão bellos,
Não sei se sois ciumes, se cabellos.

Raios que o louro sol despede, e lança
Por entre o Céu sereno, e socegado :
Thesouro, em que empreguei minha esperança ;
Que vejo entre receios enterrado,
Pois não pôde viver quem vos alcança,
Senão com sobresalto, e com cuidado ;
Desatae essa côr que a vista enleia,
Que uma me maia, e outra senhoreia.

Galacio, que não tinha menos afeição a Latonia, e desejava de lhe mostrar que a ninguém consentia vantagem em seus louvores, tomando a sua sanfona, e a mesma occasião, disse o seguinte :

Cabellos, que na côr formosa, e pura
Estaes ao mesmo sol fazendo inveja,
Que confiança em vós será segura,
Por quanto Amor, e a sorte vos deseja ?
Trazei sempre os ciumes de mistura,
Para que, quando algum livre vos veja,
Saiba que em possuir-vos, e alcançar-vos,
Tanto deve temer-vos, como amar-vos.

Quem vos tirou da mina mais formosa
Que amor tem, para gloria dos sentidos,
Com razão vos vestiu de côr ciosa
Por não serdes na vossa conhecidos :
Como a espinha defende a bella rosa
Da mão dos cubicosos atrevidos,
Assim quem defender-vos só presume,
Ou vos vista da morte, ou de ciume.

Aristeu, que junto da pastora Latonia viu estar assentada a que era causa de seus cuidados, e que sobre um coração de crystal que lhe elle dera, tinha posta uma morte de azeviche, que o encobria entre o toucado, parecendo-lhe que n'aquella occasião cabiam bem seus queixumes, cantou o seguinte :

*A um tão claro coração,
Que vos traz sempre commigo,
Daes-lhe a morte por castigo,
Em lugar de galardão.*

Dei-vos a coisa mais minha,
E mais vossa a meu respeito;
Minha emquanto de meu peito,
Vossa, porque em si vos tinha.

Vós com nova ingratidão
Usastes tão mal commigo,
Que, o que a todos é castigo,
Me mostraes por galardão.

Contento-me d'essa sorte,
Pois vossa dureza ordena
Que eu tenha o premio na pena,
E busque a vida na morte.

Temia o meu coração,
Por vos não levar commigo,
Que, a não ser este o perigo,
Gloria fôra o galardão.

Porém se vos contentaes
Da morte, que estou temendo,
Matae-me, que vou m'rrendo,
Porque já não me mataes.

Que esse mesmo coração,
Emquanto andava commigo,
Assim buscava o castigo,
Qual se fôra galardão.

Vós lhe pagaes como ingrata,
E elle como obediente,
Por vos vêr d'isso contente,
M'o faz ser de quem me mata.

Ponde embora o coração,
Pastora, no môr perigo,
Que emquanto vos tem commigo,
Até a morte é galardão.

Emquanto Aristeu cantava, um companheiro seu, a que chamavam Castalio, com os olhos em Tirza sua pastora, buscava materia para a cantiga; e vendo que trazia nas arrecadas uns cupidos de madreperola, em o pastor acabando começou :

*Pois que trazeis pendurado,
Tirza, amor n'este logar,
Tambem lhe haveis de escutar
Algum dia meu cuidado.*

Deve ser que vos mudastes
De vosso antigo rigor,
Pois daes orelhas a amor,
Que tanto tempo negastes.

E pois anda tão chegado
Hoje a vos poder falar,
Tambem lhe haveis de escutar
Minha pena, e meu cuidado.

Vê-lo a vossos pensamentos
Prêso, me dá já suspeita
Que amor comvosco aproveita
Mais, que outros merecimentos.

Deu meu mal por acabado,
Que amor o ha de acabar,
Quando chega a vos falar
A' orelha o meu cuidado.

N'elle esperanza fundada
Agora meus males tem,
Que arrecada por meu bem,
Pois vos serve de arrecada.

N'esse logar estimado,
Se a meus males dais logar,
Em gloria se ha de tornar
Meu receio, e meu cuidado.

Elpino, que não queria perder o logar que lhe cabia n'estas cantigas, vendo a Silvana sua pastora (que era uma das mais formosas d'aquella ribeira) a qual entre umas contas de coral, trazia atado no fio um mote que elle lhe mandára, tomando-o por empresa, cantou esta lettra :

*Dizei, Silvana, que monta
Que os meus cuidados ateis:
Entre as contas que trazeis,
Se d'elles não fazeis conta?*

*Se fizereis mais estreita
Conta dos males de alguém,
Entre estas ficava bem
Uma mal paga, e bem feita.*

*E pois vos não faz affronta
Pagar mal o que deveis,
Entre as contas não mostreis
Dividas que não tem conta.*

*Pelo que vos conhecemos,
E amor por mim quer mostrar
Ainda no mesmo logar
Poderão servir de extremos.*

*Mas sê o fazel-os não monta
Para que em conta os tomeis,
Os que nas contas trazeis,
Fazei já d'elles mais conta.*

*Inda esse logar pudera
Renovar minha esperança,
Que do que em conta se lança,
Algum desconto se espera.*

*Sommae pastora, o que monta,
O que eu pago e vós deveis;
E inda que me não pagueis,
Tereis sequer feita a conta.*

N'estas musicas se passou grande espaço da tarde: e ia acabando o reinado d'aquelle amante; que todas as monarchias de Amor, ainda que sejam por graça, custam sempre mais do que duram. Despedindo-se o Peregrino, pediu licença para continuar sua jornada, porque tinha medido o caminho até uma aldeia que ainda lhe ficava longe: os pastores o quizeram deter; mas vendo a sua determinação continuaram o jôgo, e elle o seu caminho. Porém como acontece aos apressados, que ás vezes a sobeja diligencia os embarça, não achando quem o guiasse, errou a estrada, e foi ter á noite a um logar cheio de grande arvoredos, no meio do qual, de um seio de branca areia, nascia uma fonte, que levantando em empolas de crystal a saborosa agua, com o escuro dos ramos altos, e a claridade da lua, que as feria, estava fazendo uma saudade, assaz conveniente para

queixumes namorados; o Peregrino, que tinha tantos de Amor, e da ventura, lançando-se ao longo da fonte, escomeçou a fazer n'esta sextina :

Contra a razão porfia o meu desejo,
Porque uma hora por si teve a ventura,
Que n'essa logo usou de seu costume,
Já tem perdida a côr minha esperança,
Em quanto ouço me fala o desengano,
Mas não vai contra Amor entendimento.

Se a vontade seguira o entendimento,
Como fora attentado o meu desejo !
Vendo ante mão da sorte o desengano,
Temera-se do tempo, e da ventura,
Medira só por ella a esperança,
Tivera os seus successos por costume.

Queixo-me eu da ventura por costume,
E a mim condemna o meu entendimento,
Que deixou ter raizes a esperança
Amor, que culpa tem no seu desejo,
Se elle o alevantou mais que a ventura,
E inda o sustenta contra o desengano.

Devo a Amor, á ventura, ao desengano,
Cada um commigo usou de seu costume;
E mais devo, que aos outros, á ventura;
Que, se tivera livre entendimento,
Temera atrevimentos do desejo,
E desprezára enganos da esperança.

Mas vós, ditoso fim, d'esta esperança,
Que tanto cresce sobre o desengano,
Se já vos não offende o meu desejo,
As lagrimas, que choro por costumé
Sobre uma culpa sem entendimento,
Permitti que me mudem já a ventura.

Vós, senhora de Amor, e da ventura,
Raiz, flor, ramo, e fructo da esperança,
Gloria, luz, e valor do entendimento,
Não queiraes que triumpho o desengano,
Usando o grão poder de seu costume,
De quem nas vossas mãos poz seu desejo.

Viva o desejo, e perca-se a ventura,
Use de seu costume a esperança,
Que o desengano está no entendimento.

Jornada oitava

Como a variedade dos logares, que Lereno peregrinava, o faziam cada hora vêr, e ouvir casos extranhos, ou porque seus cuidados á vista dos males alheios pesavam menos, ou porque é allivio de quem os sente achar muitos queixosos a que communique; não perdia occasião de conversar a um triste, e enfeitava muitos dos passatemplos alegres dos pastores. Assim lhe aconteceu com os que julgavam, que se por os deixar em suas alegrias errou o caminho, então houve que o acertara melhor para seu intento, quando se viu perdido, e encontrou sem caminho o que buscava. Levantou-se ao outro dia a horas que o sol começava a destruir uma nevoa grossa, com que estava encoberta a formosura dos montes; e foi atravessando um pedaço de serra branca, que com alguns remendos de floridas moitas não parecia pouco engraçada: e por um carreiro, que nas lagens havia feito da continuação dos caminhantes, desceu a um valle fundo para o qual corria um ribeiro, por entre duas fragas que o apressavam; e na estreiteza do caminho, que trazia, ficava á sombra de muitos castanheiros, que de uma, e de outra parte se penduravam sobre elle; até que empeçando a corrente em um penedo alto fachado de musgo, fazia um meio arco, onde as aguas se detinham. Debaixo de umas arvores juntas enredadas de hera, e ao pé de um carvalho, que servia de ponte ao ribeiro com um cotovello que sobre elle extendia, viu lançado um pastor, que com os olhos cerrados suspirava: e parecendo ao Peregrino que dormia, e que algum sonho pesado era causa d'aquelles suspiros, o acordou com occasião de lhe perguntar se era aquelle o caminho. O outro, que abriu os olhos, e achou deante de si ao estrangeiro, lhe disse:—Tu deves de vir errado, onde tambem me acharás perdido.—Facil é o remedio d'ambos, respondeu Lereno, que tornando um pouco atraz acharemos a estrada; por isso levanta-te, e segue-me.—Não tem este bem o meu mal, disse o pastor, que, se tornar com os olhos atraz, vêr-me-hei mais perdido, e não posso deixar de seguir a estrella, com que comecei a errar. Vae-te embora, que só um desencaminhado, como tu vens, se off-recera a me ensinar o caminho.—Não o fizera eu tão mal, replicou elle, como tu o agradeces; porque a expe-

riencia, que a ti te deve faltar, me ensinou muito.—E quem és, lhe perguntou o pastor, para te dever a boa vontade? —Eu, respondeu Lereno, fui já pastor de manso gado, senhor de minha liberdade, contente de minha sorte, invejado da ventura, e favorecido de Amor; e sou agora um Peregrino em terras alheias, desesperado de um bem em que tinha a vida, que anda porfiando com a morte, por me vêr livre de pensamentos, que nem tem de que se sustentem, nem ha remedio para que se acabem.—Se tu és esse, disse o pastor, senta-te um pouco sobre esta relva, e poremos em disputa nossa vida, que folgarei que vás tão consolado, que estimes a tua d'aquí adeante.—Antes o hei de fazer, tomou elle, por te deixar vencido, e porque sou tão afeiçoado a padecer, que até nos males alheios desejo parte.

Sentaram-se ambos á sombra de um carvalho, onde o pastor começou o seguinte:

Quero-te contar, Pastor,
 Pois o fostes n'outro estado,
 Este em que me poz Amor:
 Julgarás qual é maior,
 Se a causa, se o meu cuidado.

Não tenhas por desatino
 Obrigar-me assim de vêr-te:
 Que é meu mal tão peregrino,
 Que pelo traço imagino
 Que has com elle de entender-te.

D'este monte natural
 Sou, e assaz bem conhecido
 Entre muitos principal,
 Que, em que nasci para o mal,
 Não fui n'elle mal nascido.

Criou-me esta patria minha
 Com abastança, e fartura,
 E tudo o mais que convinha,
 Para me mostrar que tinha,
 No que era menos ventura.

Em tudo o que o mundo préza
 Me fiz grande, e me fiz forte;
 Que, se graça, e gentileza
 Me dotara a natureza,
 Não me desherdara a sorte.

Logo que usei da razão,
 Fiz razão minha vontade,
 E lei minha opinião;

Amava por condição,
Zombava por liberdade.

Mil desejos desprezava,
Mil vontades accendia,
Mil enganos fabricava,
A mil mentiras guardava,
E mil verdades mentia.

Entre esta vida, e despejo
Me mostrou seus bens Amor;
E eu como livre, e sobejo
Puz n'elles logo o desejo,
Cuidando que era o melhor.

Logo á ventura enjeitei
Tudo o que me tinha dado;
N'isto quiçais a aggravei,
Que des que a Amor me entreguei
Sempre fui d'ella encontrado.

Na mesma idade nasceu
N'esta aldeia uma Pastora,
Que, para dotal-a o céo,
Parece que empobreceu
Todas quantas vejo agora.

Meus males são os signacs
Das graças, que n'ella havia,
Que, com serem deseguaes,
E' tudo o seu tanto mais,
Que é menos o que eu sentia.

Tive-lhe logo afeição,
Mostrei-lh'a como atrevido,
Como acautelado não,
Que quem mostra sujeição
Já d'antemão vae perdido.

Começaram meus amores
Com perigosa bonança,
Não tive competidores,
Crescia-mé em vãos favores
Todo o viço da esperança :

Que, ou me amasse de verdade,
Ou fingisse astutamente,
Era com tanta igualdade
A de ambos uma vontade,
Que jámais foi diferente.

Cada um de nós pretendia
O alegre, e doce estado,
Que o principio prometia,

Que era em leda companhia
Lograrmos este cuidado.

Foi ventura dilatando
(Como costuma) este bem,
Mil prazos accrescentando ;
Quanto um gôsto vae chegando,
Tanto as horas se detem,

Ah que é grande desvario
Fiar muito da razão,
Aonde Amor tem senhorio
Que mais atalha um desvio,
Do que pôde uma afeiçãõ.

Eis que n'esta alegre vida,
Sem sobresalto, ou reueio,
Antes da fructa colhida,
A mão da sorte atrevida
Me tira os ramos do meio.

Era o anno dos perdões,
Quando os pastores andavam
Entre estrangeiras nações,
E por ferrados bordões
Os seus cajados trocavam.

Foram muitos dos pastores
D'este monte em romaria,
Maioraes, e guardadores ;
Em graça de meus amores,
Fui tambem em companhia.

Não sabia inda a razão,
Porque Amor não dá logar,
Mais que a sua devoção :
Já por cego o tinha então,
Porém não já de re ar.

Alonguei-me eu caminhando,
Com os outros na terra extranha,
Fui sabendo, fui notando
Muitas cousas, senão quando
Lembrou-me a nossa montanha.

Fizeram as saudades
Logo seu primeiro officio :
Depois vi mil novidades
Nas aldeias, nas cidades ;
Mudei tambem o exercicio.

Com o muito, que os olhos vêem,
Descuida-se o pensamento,
Não me ha de negar ninguém,
Se de longe se quer bem,
Que é com menos sentimento.

Na vista se accende Amor,
E n'ella sustenta a vida,
N'elle se renova a dor;
Que deante o matador
Nunca se cerra a ferida.

Ou por caso, ou por descuido
Foi assim que eu lá tardei,
Mais que alguém, que foi sisudo,
Cuidei que era bem ver tudo;
Que má desculpa é — cuidei.

De um dia para outro dia,
Fui gastando mais de um anno,
Que inda me não parecia:
Quanto olhava, e quanto via,
Me cegou para meu damno.

Ia de menos em mais,
Fazendo o tempo sua obra,
Que costuma em casos taes
Ir passando como cobra,
E assim não se cobra mais.

Emquanto ausente tardava
Ao bem que por mim faltou,
(Pois eu era o que faltava)
Por despertar quem sonhava,
Honve alguém que madrugou.

Um zagal d'esta campina,
Dos bens naturaes dotado,
Ao qual fez minha molina,
Iuda em vida peregrina,
De meus thesouros morgado:

Tratou tambem de obrigar-a,
Tentou-a por varios modos:
A porfia tudo abala,
Eis que lhe foge, eis lhe fala,
Té que lhe fala ante todos.

Elle de a ter obrigada
Já satisfeito, e contente,
Ella mais que apaixonada,
Ou esquecida, ou lembrada,
Não vem a conto um ausente.

Ceguei en, que nunca fôra,
N'esta sezão ao logar;
Este me abraça, este chora,
Não teve a semana uma hora
Para tanto perguntar.

Um quer saber n'um momento
 Quanto eu vi em todo um mez;
 Outro me conta de assento,
 Sem termo, e sem fundamento
 Quanta cosa cá se fez.

Este, que me acha crescido,
 E o rosto já de outra côr,
 Est'outro que está perdido
 Pelo que eu teria ouvido
 Lá de cantigas de Amor.

Todavia por respeito
 Por razão, por cortezia
 Do mal que me tinha feito
 Dinarda encobriu no peito
 O que nos olhos trazia.

Alegrou-se de cobrar-me,
 Enojou-se da lardança,
 Não me deixou desculpar-me
 Signaes para embaraçar-me,
 Com a antiga confiança.

Assim pelo tempo avante
 Vivia eu favorecido;
 Mas com suspeitas deante,
 Porque um verdadeiro amante
 Logo conhece o fingido.

Um não sei que lhe faltava
 Ao gosto que d'antes tinha,
 Que eu nos olhos lhe enxergava
 Que não era a que mostrava,
 Mostrando bem que era minha.

Não scube eu do novo amante,
 Que o meu logar pretendia;
 E elle em modo semelhante,
 Com seus cuidados deante,
 Des' meus parte não sabia.

Antes de conformidade
 De um dia em ambos bailámos,
 Tomámos logo amizade;
 E assim n'esta igual vontade
 A nos tratar começámos.

Veiu a succeder assim,
 Que elle era o meu mais acceito,
 E a melhor parte de mim;
 Eramos ambos em fim
 Dous corações n'um só peito.

Elle sem mim não cantava,
Eu sem elle não vivia,
Tudo Amor nos egualava;
E o que em secreto ordenava,
Nenhum de nós o entendia.

Sempre entre ambos defendeu,
Por sustentar este enleio,
Descóbrir-me este amor seu,
Nem eu de contar-lhe o meu
Sem cautela e sem receio.

Eu seguia o meu cuidado,
Que era o mesmo que elle tinha,
Tão secreto e tão calado,
Olha o termo desusado
D'onde meu mal se encaminha.

Iamos do gado uma hora
Por passar a sesta ardente,
Lá na ribeira aonde mora;
Com os surrões lançados fóra
Nos sentámos juntamente.

Disso-me allí: Caro amigo,
De quem só fiar-me espero,
Ouve agora o que te digo;
Porque, se não for contigo,
Nem dita nem gosto quero.

Des que n'este valle estou
De assento com meu rebanho,
Logo Amor me cativou:
D'elle vivo, e d'elle sou,
Posto que pareça extranho.

Este espirito que em mim mora,
Esta vida e liberdade,
São presa de uma pastora,
A quem elle deu n'uma hora
Tudo por miuha vontade.

Ha já tempos que grangoio
Dar-lhe a mão de esposo seu;
E entre desejo, e receio
Buscava para isto um meio,
Que a sorte agora me deu.

Quer que com grande segredo
Nossos desposorios sejam,
Porque tem ella inda medo
Que ou seu pae não seja lèdo,
Ou parentes que me invejam.

Que ella além da formosura,
E das graças naturaes
Tem riquezas de mistura ;
E eu fóra d' esta ventura,
Como vês, não tenho mais.

Quero-te levar commigo
Por valedor n' esta empresa,
Que soe a ser tal amigo
Escudo para o perigo,
Nos secretos fortaleza.

Darás tambem parecer
De quão bem soube empregar-me:
E se o pae depois quizer
Negar-me, a todo o poder
Terás já visto casar-me.

Foi-me assim tudo contando,
E eu como tremendo ouvia
Nada ainda adivinhando,
E o sangue de quando em quando
Ao coração me fugia.

Fui a responder-lhe, e não
Tinha nas razões concerto,
Verdade diz o rifão,
Que adivinha o coração.
E no mal ainda é mais certo.

Dei-lhe os parabens em fim
(Deus sabe como eu podia)
Com elle ao gado me vim:
Foi passando o tempo assim
Té chegar aquelle dia.

Esperei que anoitecesse,
Fiz-me vestir mui loução ;
Que era bem que assim fizesse:
Sem que ainda nada entendesse,
Fomos ambos mão por mão.

Entrámos por um cerrado,
D'ahi a casa de um parente
De Elio, que era o desposado :
Tudo estava concertado,
E entra a noiva assaz contente.

Olhei-a, vi-me ; em chegando
Conheceu-me ella melhor ;
Que eu cri que estava sonhando :
Um para o outro enfiando,
Mudámos do rosto a côr.

Ia para lhe dizer
 Que se lograsse annos largos,
 E o mais que era meu dever:
 Nada então pude fazer;
 Que o pesar me punha embargos.

Mal, ou bem, disse, e falei,
 Por vergonha dos que estavam:
 O que me tornou não sei;
 Mas todos (tal eu fiquei)
 Pelo meu rosto attentavam.

De crer ó que ella sentia
 Pejo de me vêr presente,
 Pelo que passado havia;
 Mostrou menos alegria
 Para eu ser mais descontente.

Eu tambem com o mesmo intento,
 Ouvindo que alli faltava
 Livro para o juramento,
 Fui por trazer o instrumento
 Da morte, que me aguardava.

Inda ao sahir me deteve,
 Voltando os olhos a vêl-a;
 Que inda n'este espaço breve,
 Peló que esta alma lhe deve,
 Tentei despedir-me d'ella.

Nunca mais appareci;
 Que n'este matto escondido
 Ando, e n'elle tudo ouvi
 Do que commigo, e sem mim
 Cá lhe tinha acontecido.

Por vêr se a sorte se farta,
 Me parto a terras alheias:
 Perde da dôr quem se aparta.
 A Elio mando esta carta;
 Peço, amigo, que m'a leias.

Quando o Pastor acabou a sua historia, que com os olhos,
 e sentimento das palavras representava, tinha já tirada do
 seio a carta, que deu ao Peregrino, o qual, antes de a ler,
 o começou a consolar brandamente de sua desgraça; mas
 vendo que elle o atalhava, deixando as razões, abriu o pa-
 pel, que dizia d'esta maneira:

«Por não entristecer o teu contentamento com a dôr que

n'elle tive, fugi na melhor hora de teus gostos para o novo sentimento de meus males; e porque d'elles te não seja a occasião tão encoberta, como a mim foi penosa, sabe, invejado amigo, que, antes de te conhecer por tal, tive sempre o querer aonde tu (por meu damno) achaste a ventura: vim a saber d'ella em estado, que nem tinha perdidas as esperanças, nem costumado o soffrimento a sobresaltos; e foi tão grande o que senti n'este desengano, que menos fôra perder a vida, que dissimular a pena. Bem sei que em nada me offendeste, pois eu sempre calei o que a Dinarda queria (que em todos foi louvado o segredo, e só em minha mofina perigoso). Conheço que tive culpa em deixar em tal tempo tuas alegrias, por me vir a chorar minhas tristezas; mas não tinha o animo tão seguro, que esperasse este golpe da fortuna sem cerrar os olhos; elles pagarão em continuas lagrimas o bem que perdi, que o céu te deixe lograr contentes annos, e a mim faça esquecer este sentimento.»

Sobejára-te razão de estar descontente, disse o Peregrino, acabando de ler a carta, e bem se enxérga n'esta derradeira cortezia, que usas com teu amigo, que o eras de verdade: já pôde ser que, se elle a soubera de teus amores, nem te offendera em os procurar, nem tu chegáras a tão perigoso estado; mas, pois esse já não tem remedio, ou o que podera ter te não convém, consola-te com os alheios, antes que o meu venha a competencia; que muitos, sem se afastarem da presença das pastoras a quem serviam andando grangeando com serviços continuos sua vontade, vieram a perder em um instante merecimentos de toda a vida; e ao tempo de colher o fructo de suas esperanças acharam desenganos. Não te agastes; que com uma semelhante ausencia farás outra mudança com que te esqueças de Dinarda; que a peçonha, que mata, ás vezes cura: ausente foste offendido; quiçá que estará n'esse mesmo estado o teu remedio; tornarás livre, viverás contente: maiores males ha que o teu, e o tempo os remedea; não fujas de ninguem mais que de imaginar que perdeste muito: se amavas a Dinarda por amor de ti, e de teu desejo, ama-te agora a ti, e esquecerás a ella: considera que te errou sem causa; e assim a terás de aborrecer; e quando isto não puderes, ao menos te não parecerá tão amavel como d'antes. Não te dou conselho de são, porque o não estou da tua doença, antes pôde ser que em maior

perigo; porém falo verdade, e mereço que m'a creias. — Muito folgo de te ouvir, disse o Pastor, porque, ainda que me accrescentas a culpa, sem diminuir a pena, aconselhas como sisudo; e não estou tão sem juizo, que desconheça a tua razão: e posto que nas cousas de Amor tem ella pouca valia, me hei de aproveitar de seus poderes. Por isso me quero alongar d'estes montes, e buscar outros, que tenham virtude de esquecimento. — Tambem estes a tiveram contra ti, disse Loreno, porém outros te convém onde melhores. — Não me falta agora mais, tornou elle, que quem me dera esta carta a Elio, para que soubesse de raiz a causa de minha partida, que o deve ter em grande cuidado. — Se isso é o que desejas, disse elle, eu hei de repousar hoje na aldeia, perguntarei por elle, e finalmente eu a darei na sua mão. — N'isso me dás a vida, tornou o Pastor, e cerrando a carta lhe encommendou o segredo d'ella, e disse: «Para que possas dar inteiro testemunho do que liz para esta partida, anda commigo até ás costas d'este penedo.» E levando-o pela mão lhe mostrou um monte de cartas, e outros penhores que tinha da sua ingrata Pastora, com um papel, que sobre ellas pendia dos ramos de um ulmeiro, no qual estava escripto este soneto:

Penhores, que já fostes algum dia
Linguas de Amor, e extremos da vontade,
Fiadores do tempo sem verdade,
Que por vós me falava e me mentia:

Fogo amoroso, em que meu peito ardia
Consumindo inquieta a liberdade:
Amor, que póde, e quiz, me persuade
Pagar tão mal tão dóce companhia.

Ardei agora, ó falsas mensageiras
Do bem, que poz por terra uma mudança;
N'esta conjuração de amor tyranno.

Do morto Rei arrastram-se as bandeiras;
Reinou, porém morreu minha esperança:
Ardei; que vive, e reina o desengano.

Emquanto o Peregrino lia o soneto, o Pastor tirou do surrão isca, e fuzil que n'elle trazia; e ferindo fogo, o poz a aquelles despojos de seus amores passados, que ardendo pagaram a culpa de quem os deu em fiança de uma fé tão mal guardada. — Agora, disse o Pastor, não me fica mais que esperar, senão que a cinza d'estes enganos se espalhe

com o vento por estes outeiros, porque juntas não possam gerar de novo algum monstro de Amor, que ainda me persiga: vae-te com Deus, e lembra-te de mim.» O Peregrino foi pelo caminho adiante até tomar outro que elle lhe ensinou; e por elle andou grande espaço, sem descobrir a aldeia, nem encontrar quem lhe dissesse se acertava, quando ao transpor de um outeiro encontrou um pastor como que vinha da aldeia bem apressado, e saudando-o lhe perguntou, se acaso topara no caminho um pastor, que levava um surrão de pelle de lobo, e um cajado de hera torcido em voltas; e com estes signaes lhe deu tambem os do rosto, e do vestido, pelos quaes elle entendeu ser o de que então se apartara.—Para te eu poder dar razão d'elle, disse Lereno, primeiro hei de saber de ti o para que o buscas, porque sei d'elle que não lhe convém saberem todos onde fica.

Com esta nova se alegrou grandemente o que buscava.—Rogo-te, disse elle, porque venho cansado da pressa com que parti, que nos sentemos junto a este castanheiro, contar-te-hei de vagar o para que o quero, e saberás que o podes fiar de mim como do maior amigo que elle tem; e se tu és seu como parece, ouve-me agora: E encostando-se ambos ao tronco foi por deante: «A esse pastor chamam Cismonte, e o meu nome é Elio; depois que apascentou n'esta ribeira, que ha poucos annos (porque eu tambem tenho poucos de idade) só d'elle fiei meus pensamentos, porque era o de ambos um mesmo coração, e sua a minha vontade; succedeu depois de algum tempo, em o qual com esta fé nos tratamos, que eu me queria desposar escondidamente com uma pastora d'este monte onde ambos viviamos, e como eu não tinha outrem a quem communicasse minha tristeza, nem de quem fiasse meus bens, e meu segredo, depois que lhe dei conta do que determinava, o levei commigo uma noite, mostrando elle para isto o gôsto que devia a tão equal amizade. Estando tudo concertado para o fim que a meus desejos já tardava muito, sahio e le fóra a buscar um livro que alli então faltou para o juramento costumado: e de então atégora nunca mais appareceu. Em quanto elle no principio tardou, offereci eu meu dote, como é uso n'estas aldeias, ante os padrinhos; e porque dos bens da fortuna tinha assaz poucos, offereci dos da natureza o meu maior thesouro, que era a amizade de Cismonte, em a qual tinha tudo o que os outros podiam com menos.

confiança offerecer, que elle era a primeira, e principal peça de meu dote, e seria o fiador de todas as mais: a noiva se houve por satisfeita, dizendo que um bom amigo era joia sem preço; e que, posto que os do tempo valiam pouco, ella tinha a Cismonte por mui verdadeiro, porém que o aceitava com condição, que elle fôsse contente do casamento, e confirmasse em sua presença o que eu dizia. Esperando sua vinda gastámos um espaço da noite, até que, temendo-lhe algum perigo, o sahi a buscar; e não appareceu ha dois dias, nem eu tive outras novas d'elle, salvo as que tu, negando-o, me tens dado; e dizer-me um cabreiro que para esta parte do monte o vira andar só: por tua vida, se sabes d'elle, me encaminhes.—Muito estimo, disse Lereno, estar em terra onde as boas amizades são dote dos casamentos, porque não ha riqueza para a vida mais segura que um bom amigo, pois com elle se sustenta a prosperidade, se encobre a miseria, se remedeia a falta, se estima a bonança, se chora a dôr, e se festeja o contentamento: por gente pobre tenho a que vive sem amizade, e a ti por avisado em saberes escolher a de Cismonte; porque conheço d'elle que te ama muito; e quer menos a seu gôsto, que ao teu interesse; e por cumprir esta obrigação, te desamparou no estado, em que me contaste, como o verás d'esta carta sua que para ti trazia.

E tirando-a do seio, a deu a Elio; o qual, em acabando de a lér, se encostou esmorecido ao castanheiro: o Peregrino tomando-o pelo braço o despertou; e com boas palavras lhe reprehendeu a tristeza d'aquelle sobresalto.—Ai triste, começou elle a dizer, que extranha maneira de desgraça é esta minha! E que remedio terei eu para me haver n'ella com soffrimento? pois perdi em uma hora o maior amigo que tinha, e uma só ventura que desejei; se deixar a Dinarda, nem com isso cobro a Cismonte, que já terá aborrecido a quem lhe mereceu tão pouco; e se a escolher a ella, já não parecerá a meus olhos tão formosa, havendo sem causa offendido a um amigo tão verdadeiro: que farei n'este enteio para atinar o caminho, pois por todos os que vejo, está certo perder-me? Ah! fortuna invejosa, como te arrependeste do bem que me tinhas dado, se o teu intento já não era tirar-me por esse meio o maior, que eu gosava livre de teu senhorio? Eu me irei tambem d'este monte como desesperado, que nem quero vida sem tal amigo, nem bem com tal encargo; que este é o

confiança offerecer, que elle era a primeira, e principal peça de meu dote, e seria o fiador de todas as mais: a noiva se houve por satisfeita, dizendo que um bom amigo era joia sem preço; e que, posto que os do tempo valiam pouco, ella tinha a Cismonte por mui verdadeiro, porém que o aceitava com condição, que elle fôsse contente do casamento, e confirmasse em sua presença o que eu dizia. Esperando sua vinda gastámos um espaço da noite, até que, temendo-lhe algum perigo, o sahi a buscar; e não appareceu ha dois dias, nem eu tive outras novas d'elle, salvo as que tu, negando-o, me tens dado; e dizer-me um cabreiro que para esta parte do monte o vira andar só: por tua vida, se sabes d'elle, me encaminhes.—Muito estimo, disse Lereno, estar em terra onde as boas amizades são dote dos casamentos, porque não ha riqueza para a vida mais segura que um bom amigo, pois com elle se sustenta a prosperidade, se encobre a miseria, se remedeia a falta, se estima a bonança, se chora a dôr, e se festeja o contentamento: por gente pobre tenho a que vive sem amizade, e a ti por avisado em saberes escolher a de Cismonte; porque conheço d'elle que te ama muito; e quer menos a seu gôsto, que ao teu interesse; e por cumprir esta obrigação, te desamparou no estado, em que me contaste, como o verás d'esta carta sua que para ti trazia.

E tirando-a do seio, a deu a Elio; o qual, em acabando de a lér, se encostou esmorecido ao castanheiro: o Peregrino tomando-o pelo braço o despertou; e com boas palavras lhe reprehendeu a tristeza d'aquelle sobresalto.—Ai triste, começou elle a dizer, que extranha maneira de desgraça é esta minha! E que remedio terei eu para me haver n'ella com soffrimento? pois perdi em uma hora o maior amigo que tinha, e uma só ventura que desejei; se deixar a Dinarda, nem com isso cobro a Cismonte, que já terá aborrecido a quem lhe mereceu tão pouco; e se a escolher a ella, já não parecerá a meus olhos tão formosa, havendo sem causa offendido a um amigo tão verdadeiro: que farei n'este enleio para atinar o caminho, pois por todos os que vejo, está certo perder-me? Ah! fortuna invejosa, como te arrependeste do bem que me tinhas dado, se o teu intento já não era tirar-me por esse meio o maior, que eu gosava livre de teu senhorio? Eu me irei tambem d'este monte como desesperado, que nem quero vida sem tal amigo, nem bem com tal encargo; que este é o

fim mais conveniente que se busca a males sem remedio. —Muitos ha, disse o Peregrino, sem tantos extremos; vae-te por este caminho, e toma o primeiro que achares, que desce á mão esquerda, até chegar a um ribeiro que vem da serra; e junto de um penedo alto, que está á borda d'elle, verás a teu amigo, que acaba agora de queimar as cartas que tinha de Dinarda; e não te deteñas muito, porque se ha de partir logo: no seu coração salvarás o teu perigo; que o mal de amor, que amigos entre si não remedeiam, poucos medicos o curam.

O pastor sem lhe ouvir mais, nem responder, foi pelo caminho adiante; que nem um desejo obrigado respeita cortezia, nem quer perder tempo com palavras alheias quem leva deante o fim de seu interesse proprio.

Jornada nona

Chegou o Peregrino ao lugar sem procurar mais pelo que aos dois amigos acontecera, posto que se lhe não tirava da lembrança a lealdade de cada um, e a desgraça de ambos, tomando materia para cuidar nas suas, que, como a todos acontece, lhe pareciam sempre maiores. Partiu d'alli a horas de vespera; e caminhando toda a tarde, já ao tempo que o sol ia dourando as ondas do Oceano com os raios que entre ellas escondia, se achou entre uma grande espessura de freixos, e salgueiros, cujas ramas estavam tão cerradas por cima, que nem á claridade do sol dariam entrada, quanto mais logar á menor vista: e assim caminhando o pastor como ás escuras por um estreito carreiro que alli servia de estrada, desceu a uma cova, onde elles mais porfiosamente misturavam os ramos: parou alli com o escuro, e parecendo-lhe a estancia propria para chorar saudades tristes, dando licença a alguns suspiros, começava, quando ouviu outros, que para aquella parte soavam, tão magoados, que subitamente o coração se deu por vencido d'elles, e batendo-lhe no peito, fez ameaçar aos olhos umas lagrimas enternecidas; que tambem os animos descontentes respondem a consonancias de sentimentos, como instrumentos de musica temperados num mesmo ponto. Deixou o caminho, e movendo o passo para onde a voz ouvira, escondido entre os troncos das arvores por não ser sentido, viu que no mais escuro do bosque jazia lançada por terra uma pastora com

os cabellos soltos, e empedados entre o matto, e as mãos atadas, e entre muitos suspiros, e lágrimas que derramava, revolvendo-se entre as hervas dizia estas palavras:

Inimiga, cruel, despiadosa,
Injusta, cega, vã, nescia, atrevida,
Falsa, vil, lisonjeira e fementida,
Intratavel, soberba e rigorosa:

Prodiga, avara, pobre, cubiçosa,
Rica, inconstante, firme e repartida,
Arrogante, cobarde e destemida,
Acanhada, insolente e invejosa:

Ventura, ou sem-razão, que á natureza
Tiras o ser, o preço, a honra e gloria,
Que queres a esta vida, se inda dura?

Ou me mata, ou me deixa, ou me despreza;
Perde-me já da vista, ou da memoria;
Mas ai, que o que te eu peço era ventura!

O pastor, a quem maguaram na alma estas palavras, cujo effeito nos olhos se conhecia, com enleados passos se foi chegando para ella; e misturando as palavras, e o receio ia para a consolar, quando a pastora, imaginando que fôsse o proprio inimigo que n'aquelle miseravel estado a deixára, lhe disse: Que esperas cruel? vem já, e acaba de matar-me, que só em o fazer depressa serás para mim piedoso; porque me deixas vida, com que possa manifestar ao mundo tua sem-razão, e chorar com tuas culpas minha desventura? para que deixas quem te póde offender, pois já não tens outro lugar de me perseguir? acaba-me ingrato: já que estas lagrimas com o titulo de tua crueldade não bastam a me tirar a vida, para com ella me alongarem mais a pena, faze de mim sacrificio ao céo que offendeste, ás estrellas por que enganosamente juraste, a amor, que tomará de tua crueldade justa vingança; darás com minha morte fim á tua ira, e eu com ella satisfarei a culpa de quebrar a fé que a outrem devia por teu respeito: que fructos esperas d'esta desesperação, em que me deixas, senão o castigo que já tarda? ai offendido ausente; com quanta razão te podes alegrar de minha morte, se é certo que tens vida? sabendo que busquei esta por fugir ao grande amor que te devia, folgára que n'esta derradeira hora me escutáras, para que confessando o que errei contra ti, arrependida merecera o perdão que eu sei me não podia

negar tua boa natureza: mas pois não tenho outra testemunha, senão o maior culpado em tua offensa, e rigoroso algoz da vingança d'ella, morro com este desejo, que, por ser teu, n'esta desamparada hora me não faltou: acaba já cruel de me tirar esta aborrecida, e mal empregada vida, em que estou penando.—Maguada pastora, disse o Peregrino, não sou eu quem tu imaginas, nem tenho alguma culpa em tua desgraça, grande parte sim pelo sentimento de ouvir teus queixumes; que uma tão grande sem-razão até aos estranhos offende: sou um Peregrino, não menos offendido da ventura, do que tu agora o estás; passava meu caminho, d'onde os teus suspiros me trouxeram a este logar; se te posso n'elle valer em alguma cousa, todas farei por alliviar tua pena.

Com estas, e outras palavras lhe desatou as mãos, que ella levantou ao céu, dando-lhe as graças de sua liberdade, e começou a dizer ao Peregrino suspirando: O céu, que te guiou a me livrar da morte (posto que dilatar vida tão triste parece crueldade) não o fez sem algum mysterio; porque, perecendo eu n'este desvio, ficava com minha morte encoberta a maior crueldade, que atégora usaram corações humanos, e arriscadas muitas pastoras innocentes ao cruel castigo, que eu só como culpada merecia; e se meus maguados suspiros te enterneceram, não menos te moverá a ira a desusada ingratição, com que me pagou um tyranno, a quem nesciamente fiz senhor de minha liberdade. E para encurtar a triste historia de minha desventura de que te podera cançar com o principio, que já então se urdia para tantos damnos; saberás, piedoso estrangeiro, que eu o sou tambem n'esta terra aonde me vês; e nasci na que com prateadas ondas lava o celebrado Tejo: e se viste já algum dia as suas ribeiras, entenderás que todas as do mundo lhe estão devendo invejas: tinha eu bem poucas de qualquer estado contente, que pôde dar a ventura, com os bens que para a meninice me dera a natureza. Amei nos meus primeiros annos a um pastor, a que, além do que merecia por partes, e perfeições dignas de uma afeição de todos os extremos, fazia elle tantos para me assegurar, que nunca me poz em risco de eu ter da sua vontade desconfiança, nem me offereceu occasião para que alguma hora por culpas suas o offendesse: foi forçado a este pastor ausentar-se alguns tempos de minha presença, deixando como seguro em mim um amor tão merecido; e

assim encommendando a um amigo, qual para este cuidado podia ser menos suspeito, porque tinha posto o seu em uma minha irmã mais moça, a qual em partes, e gentileza me fazia conhecida vantagem: chorei algum tempo suas saudades, e guardei-as tão mal, como agora estou bem castigada, porque faltou de deante dos meus olhos, e ficou o pastor, a quem elles não pareciam mal assombrados, e que mostrava nos seus o desejo que na alma tinha de me contentar: e inda que a razão, e o receio muitas vezes o atalhasse, dei-lhe eu tal consentimento, que veiu a ter esperanças claras de sua pretensão; mas como era injusta, teve tudo o que podia contra si, que foi descobrir-se a sua tenção, e a minha leviandade; até que por um caso extranho, elle perdeu o juizo, e eu a patria, da qual me ausentei tomando o habito de pastor; e andando com este desconhecendo o meu nome, por me esconder ao castigo que me ameaçava, vim a cahir n'este que vés, do qual foi o principio, que vindo uma manhã, bem descuidada de meu damno, caminhando por uma serra que fica além d'este valle para a parte do sul, encontrei um pastor, que não tinha menos partes para me obrigar, que malicias para sustentar o fingimento com que me enganou: caminhámos em companhia, e eu já como afeiçoada a mudanças (que sempre é perigoso na mesma culpa quem uma vez foi comprehendido n'ella) descobrindo-lhe o segredo de meu habito, lhe mostrei nos olhos quão bem me parecia, e elle a mim nas palavras quanto melhor sabia enganar; ainda que a uma mulher, que ama, é facil cousa, e a todos os amantes mui possível, porque nenhum ha que não creia levemente o que deseja: tinha eu maior razão, que todos, de ser enganada; porque Hircanio (que este era o seu nome) mais sabia ainda de cautelas, que eu de mudanças. Continuando n'este cuidado com quem só o tinha de se entregar em mim de culpas alheias, cheguei a pôr em determinação o fim de nossos amores, e casar-me com elle, perdendo a lembrança de todas as razões que m'o defendiam; que a tal estado chega quem se afeiçoá: e além de ser assim que quem vive de sem razões não trata de desculpas, não tinha eu então quem m'as pedisse, e me accusasse do que commettia. Em fim Hircanio mostrando que queria satisfazer a meu desejo, e a sua vontade, me levava já n'este trajo para uma aldeia poucas legoas d'aqui, d'onde me disse que era natural; e esperando a noite n'este logar, onde me achaste, me atou as mãos

para me tirar a vida, contando-me primeiro a sua cheia de mil crueldades : e ao tempo que os teus suspiros aqui chegaram, temendo a pena, como acontece a quem tem deante dos olhos a culpa, me deixou; e pôde ser que não estará muito longe, esperando que tu me desampares, para executar sua ira, e seu costume. E porque já sabes a minha triste historia, primeiro que te conte as que lhe ouvi, me leva contigo d'este logar, onde fique livre, para que o não seja tanto este cruel; que eu manifestarei ao mundo suas culpas de tal maneira, que elle a não tenha para fugir da pena que merece. — Espantado estou de te ouvir, disse Lereño, cousas tão extranhas, e ingratição tão desacostumada; e porque me não fique por saber d'ella alguma coisa te peço que contes tudo o que soubeste de seu nascimento, emquanto te acompanho até onde fiques segura de todos os receios, em que o perigo passado te tem posta.

A este tempo era já noite escura, posto que algumas estrellas a allumiavam; e guiando-o a pastora para um casal onde trocara os vestidos que trazia, lhe veio pelo caminho dizendo d'esta maneira:—Ainda que nenhuma perseguição dos males, que atégora me ouviste, bastará para castigo de meus erros, todavia o merecer eu o damno não é desculpa ao ingrato, que foi causa d'elle: e pois de mim te não neguei cousa alguma, julga a razão que me fica de accusar a inimigo, que, sem saber que eu era culpada, me matava como a innocente. Era este Hircanio (se elle me contou n'isso verdade) natural de uma ilha, que está no meio do mar Oceano; e a patria, como adivinha de suas maldades, o deitou logo de si na meninice, temendo que em outra idade se levantasse contra ella; cresceu na terra alheia assim nos annos, como em bens de Fortuna (que muitas vezes os costuma empregar nos mais indignos sujeitos); com esta valia, esquecido das montanhas bravas de que nascera, e onde foi creado como pastor, se metten em os tratos das cidades, nas quaes com prosperos successos veio a montar tanto, que de rustico, e desconhecido pastor, era já invejado cortezão, e privado de um Principe a quem servia; tinha elle para isto muitas cousas da sua parte, pelas muitas que lhe dera a natureza, que parece que, arrependida do que fizera, determinou com um rosto amavel, um termo, e parecer benigno emmascarar o mais fero coração que tinha creado. Era suave na pratica, aprazivel na vista, humilde no trato, amigo nas apparencias, liberal nas obras, e tinha

emfim tudo o que convida a amar a qualquer animo, por agreste que seja. Teve elle amor (se é de crer tal estranheza) a uma dama d'aquella côrte, que n'ella era um espanto de formosura, e um extremo de aviso, e cortezia, e sobre tudo bem nascida; foi d'esta muitos annos favorecido e no fim se casaram, tanto a pesar dos parentes que ella tinha, e de outros cortezãos que a pretendiam, que estava Hircanio arriscado a perder com a vida o interesse de todos os bens que com ventura, e amor tinha grangeado. Livre emfim d'estes perigos, ella o começou a aborrecer de tal maneira, que a maior pena, que tinha, era vel-o ante seus olhos; e assim cerrando-os a toda a razão, tratou com um creado seu, de quem se fiava, a maneira que teria para a matar, promettendo-lhe que o faria senhor de tudo o que o marido possuia e d'ella, que soube para isto fingir que já lhe tinha amor de muitos tempos.

Assentaram emfim de lhe dar uma tão cruel morte, que, considerando o creado depois n'ella, na incerteza do remedio, e na temeridade da culpa, arrependido do consentimento, que tinha dado, communicou tudo ao aborrecido Hircanio, o qual logo se ausentou para o creado poder cólar seu engano, e elle poder tratar com mais segredo a satisfação; e fingiu que lhe dera a morte, afogando-o em uma cisterna que estava em uma parte secreta da mesma casa: mostrando ella d'isto grande alvoroço, foi com elle, para se alegrar sobre a fingida sepultura do que em mortal odio desamava: e fazendo chegar o creado, com grande dissimulação, aos degraus que desciam abaixo, o deitou d'elles com grande impeto, e accrescentando outras forças, o afogou, cuidando que com a morte d'este assegurava o segredo da de Hircanio; e como elle estava ao lado, e acautelado, vendo faltar o que com tanta lealdade vivrara da morte, adivinhou a sua: e tratando de vincente a ambos, se descobriu. Ella, que tambem soube juntamente o que passava, e a tenção que o marido trazia, animado com a sua malicia, o accusou da morte do creado, e outras fingidas culpas, a que deu tão apparentes indícios, que Hircanio foi preso; e assim esteve sem achar um meio para defender sua innocencia. até que, tealgado ser condemnado injustamente, perdido o favor do mecepe que o amparava, fugiu da prisão por industria de seu amigo, que lhe defendeu a vida para ser algoz de tantos. Como se viu livre, tornando outra vez ao traço de pastas.

tor que desprezara, tomou por empresa andar pelo mundo, vingando sua desgraça em todas as pastoras que eram amadas, ás quaes por cautelosos meios ou fazia perder a vida, ou o socego. Entre outras me contou que o dia, em que me encontrara, tivera por venturoso, porque n'esse ordenara a morte a uma Florela, e cobrara esperança de me dar esta, de que tu me livraste; obra, de que podes ter maior gloria conhecendo sua maldade, e eu o interesse de a publicar a quem me ajude a te agradecer tão bom desejo.— Certo, disse o Pastor, que, além de ser tão novo o caso que te ouvi, muito para embaraçar o entendimento de qualquer pastor, que devo eu com mais razão, que os outros, de estar enleado, porque me segue tanto a sombra d'este cruel, que me alcançou já de muito perto em outro lugar, onde estava tão innocente, como tu o serias, de seu mau intento: e para que saibas o modo, sabe que eu estive preso até agora pela morte d'essa Florela, á qual com um extraordinario remedio dei a vida, tendo primeiro a minha bem arriscada por seu respeito; porque não só era condemnado á pena de tal crime, mas ao nome d'esse Hircanio, que diziam trazer o mesmo habito, de que me verás vestido; e posto que estimo sobre tudo o mais deixar-te livre dos receios que tinhas de sua deshumanidade, não sei que imagine da fortuna que me traz sem caminho a tantos sobresaltos.— Grande bem é, tornou a Pastora, que te fizesse a nossa ventura contra veneno de uma peste mortal que contra nós se achou na natureza, e remedeie a tua piedade o que injustamente padecia a nossa innocencia.— Se assim é, respondeu elle, que á conta de bens alheios se ordenaram meus cuidados proprios, façam os fados o que quiserem; que não nasceu debalde quem aos outros aproveita.

N'esta pratica chegaram ao casal, que já estava cerrado; porém como na fala conheciam a pastora, logo abriram, e fizeram a ambos bom gasalhado, extranhando depois não ser aquelle Hircanio, do qual ella contou a damnada tenção com que a levava, e o modo com que o Peregrino lhe valera; e assim lhe ficaram os do casal por este respeito obrigados, e desejosos de tomar vingança do cruel Hircanio. Passaram alli a noite; e já quando queria amanhecer, ouviram n'um valle, que ficava abaixo das casas, uma voz mui suave, a que todos com igual silencio deram ouvidos; e o que ella dizia com muito sentimento era esta glosa:

*Horas tão más de chegar
Com gostos para viver
A de vós, e m que morrer,
Das outras me ha de vingar.*

Quantos tempos de mudança,
Sem a haver nunca em meus damnos;
Passam horas, dias e annos,
E vive minha esperança
Só por milagre, de enganos.
Promettem-me horas de um bem,
Que Amor poz n'outro logar,
São horas que nunca vêm,
E a mim sómente convêm
Horas tão más de chegar.

Só n'isto exp'rimento quanto
São em tudo diferentes
Horas tristes e contentes,
Que as tristes não tardam tanto,
Nem passam tão diligentes :
Dão largo tempo a sentir,
Dão grande espaço a soffrer ;
As do bem não pode ser
Tão cedo, porque hão de vir
Com gostos para viver.

Horas, tanto ha desejadas,
Quanto ha que vos nega a sorte !
Já sereis mal empregadas ;
Não chegueis, que, em vós chegadas,
Virá juntamente a morte :
E inda que ella só convinha
Para o fim de meu querer,
Nem essa hora quero ter,
Porque sei que ha de ser minha
A de vós, em que morrer.

Mettido em tantos tormentos
Sei que em vão a vou buscando,
Porque esta hora, traz que ando,
Vae fugindo por momentos,
Quanto mais lhe vou chegando.
Mas por vir, ou por tardar,
Ou de pena, ou de prazer,
Horas, uma ha de chegar ;
E a primeira que vier,
Das outras me ha de vingar.

Alguns do casal com desejo de conhecer o que cantava, se levantaram apressadamente pela ribeira abaixo de um pequeno rio, que alli havia; e no logar onde assentado cantou, acharam escriptos em um tronco uns versos que os rusticos pegureiros não souberam ler. Depois que o sol

sahiu, tomando a pastora outra vez o habito que alli trocara, encommendando o segredo do passado, e a vingança de Hircanio a aquelles guardadores, veiu acompanhando ao Peregrino pelo valle abaixo, e chegaram ambos a vér o tronco onde o que cantara deixou escriptas estas palavras :

Ingrata e bella Montéa,
Aonde estás que não respondes?
Porque a Menandro te escondes,
Que te busca em terra alheia ?

Traz tuas pisadas ando;
Da ventura em vão me queixo,
E estes duros troncos deixo,
Que por ti ficam chamando.

O Peregrino, que as leu, conhecendo o nome d'aquelle pastor, que o acompanhára até os campos do Mondego, como já ouvistes, ficou sobresaltado; e mudada a côr do rosto poz os olhos nos da pastora, e viu que tinha os seus cheios de lagrimas, e que esmorecia se inclinara sobre o cajado.— A ambos, disse Lereno, parece que entrou a magua d'este bom pastor, que tambem te vejo triste como eu o fiquei lendo isto, que aqui deixou escripto.— Ah! companheiro, respondeu ella com um grande suspiro, que a ti chegou como a maguado, e a mim alcançou, como a causa principal d'estes queixumes. Sabe que eu sou esta Montéa, ainda mais ingrata do que elle imagina, e aquelle é o meu offendido Menandro. que me busca; aconselha-me tu agora o que farei: e pois ha tão pouco que me dêste a vida, descobre-me algum meio com que a sustente, porque de uma parte está contra ella o receio, nascido de meus erros, a vergonha de minhas mudanças, a satisfação devida a tão grande amor; de outra esse mesmo me anima a que me offereça em premio d'elle: mas como o farei agora, quando tudo é contra mim? que confiança terei para o obrigar? se convencida lhe confessar quanto errei, não facilmente trocará em aborrecimento o que me queria? se tambem acautelada lhe cobrir minhas leviandades, quando por outrem vier a saber d'ellas, que caso fará de mim? se o deixo ir a deante com sua empresa, parece-me que uso maior ingratidão que a primeira: se o busco, estou em maior perigo do em que já me vi. O céo, que te guiou para me tirares do poder de um tyranno, te dê força para me

tornares ao do meu verdadeiro Menandro, injustamente offendido.— Formosa Montéa, respondeu o Peregrino, alegre o pensamento, desassombra de receios o coração, renova tua esperança, estima tua vida, que quem quer muito, sabe dar melhor côr aos erros de quem ama, do que nós podemos fingir em tua desculpa: não erraste de todo, pois te arrependeste; nem se pode dizer que fugiste, pois buscada te offerces: Amor, que é juiz de tua causa, não tira devassa do que passou no principio, prova, absolve, executa, e condemna. Menandro não te busca para te deixar, porque nunca te amou para te esquecer: e porque não imagines que é isto sómente dar animo a tua confiança, sabe que eu o encontrei bem longe d'esta ribeira, caminhando já em teu seguimento, e fomos mais de uma jornada companheiros, e n'ella soube o que te elle queria, e o desejo com que te buscava. O meu parecer é que o vamos seguindo; e não tão depressa, que o alcances, e te descubras antes de passar estes logares, onde és por parte de Hircanio conhecida; que bom será encobrir-lhe este mau successo, por lhe não dar contentamento com tantos encargos.

A pastora ouvindo estas palavras lhe lançou os braços ao pescoço; e renovando as lagrimas, lhe deu as graças de tão boa obra; porque só sabe estimar o preço d'ellas quem chegou a vêr em tal extremo as da ventura.

Jornada decima

Pelas pisadas do descontente Menandro, que sem cuidar que lhe ficava atraz a ventura, a já seguindo por aquella terra extranha, caminhavam os dois companheiros ao longo d'aquella ribeira com bem encontrados pensamentos: porque o de Montéa levava á vista as esperanças do bem que nunca conhecera até áquelle tempo; e, quando mais desesperada, se lhe offerecia: e Lereno alongando-se cada hora mais do que tinha perdido, achava remedio para males alheios, sem ainda esperar allivio nos seus cuidados. Com esta lembrança, que sempre é despertador de males propios imaginar contentamentos de outrem, os olhos baixos, e mudo ia caminhando. A pastora, que tambem tinha em que occupar o sentido, posto que já com menor occasião de sentimento, da mesma maneira o seguia; que tão

proprio é o silencio de um triste, como de um enleado. Foram assim caminhando um grande espaço, sem se ouvir d'entre elles mais que algum suspiro desattentado, que a cada um fazia voltar os olhos para o outro; até que, ao passar de uma ponte, disse a pastora:—Não sei, companheiro, por que vás tão triste: se por ventura te pesa de minha companhia, em tua mão está o deixal-a, posto que n'isso me farás grande damno: se tambem tens outros cuidados, que te entristeçam, razão é, já que te descobri os que tenho tanto contra mim, que me communiques os teus, ou me não mostres o rosto descontente.—Montéa, respondeu elle, os olhos são pulso do coração; n'elles se entendem os males, e as alegrias; estas não tiveram logar nos meus que sempre os pejáram lagrimas: não te pareça novidade o que em mim é costume antigo, que sempre sou o que agora te pareci: ainda que te quizera alegrar, não o sei fazer, nem de meus males dar outra conta; porque, além de te não querer obrigar ao sentimento d'elles, sou pouco liberal da pena que padeço, e não quero dar parte a outrem: perdoa-me o ser pesado; que o que não é em minha mão, não se me pode dar em culpa.—Sinto teu mal, disse a pastora, como se o conhecera; e se o remedio d'elle se podera resgatar com minha vida, a dera por ti: porém já que não podes fazer por mim uma cousa que te merecia, contentar-me-hei com te vêr alegre.—A tua vida, tornou elle, desejo eu melhor empregada, que uma cura que tem meus cuidados: podera eu achal-a bem facilmente, que a morte, que a pouca gente se nega; e ainda que ella fôra mais suave, estimo tanto o mal, que o não trocarei por nenhum remedio.—Que damno pode ser, perguntou Montéa, o que tem remedio no maior mal de todos os da vida, pois no mundo não ha mais, que perder, que esta, nem mais que temer que a morte?—Como sempre a amei, replicou o Peregrino, nunca me pareceu feia; nem pode ser tão cruel como dizem a que acaba os males tão depressa; nem atormentar muito pena, que dura tão pouco. O que eu suspeito é que o receio dos que temem a morte a desacredita; porque nenhum dos que a passaram nos tornou a dar novas d'ella.—De mim, disse a pastora, as podia a alguem ouvir por quão perto a tive; mas pois o imaginar n'ella é o maior mal que tem, mudemos o proposito, e ouvirás umas endechas que agora fazem ao meu; e assim sentiremos menos o caminho.—Isso farei eu de boa vontade, respondeu o Pe-

regrino, porque nada me conenta mais, que ouvir cantar
tão bem como tu o deves fazer.

Ella, sem esperar outro rôgo, ao som do correr das
aguas, que com o mover dos ramos faziam uma harmonia
saudosa, cantou assim :

Mudei o querer,
Trocou-se a ventura:
Quem terá segura
Ventura e mulher ?

Busco o que deixei,
Sigo o que fugia;
Pago o que devia,
Choro o que paguei.

Mas, como enganado,
Já me vae fugindo
Quem me andou seguindo
Com tanto cuidado.

Vae-se-me alongando
Com o desejo tudo;
E o gosto, que eu mudo,
Tudo vae mudando.

Quem traz mim bradava
Meos brados não ouve,
Depois que me aprouve
O que me cançava.

Em virando o rosto
Desapparecen;
Que o bem se perden,
Em nascendo o gosto.

Oh bens enganados,
Rede dos sentidos,
Nunca conhecidos,
Sempre cubiçados !

Quantas flores daes,
E quão pouco fruito ?
Sempre mostraes muito,
Nunca fostes mais.

Mataes a desejos
Com elles abraços,
Em gostos escaços,
E em males sobejos.

A sorte mostrou-me
Muito claro que, quem
Disse que eras bem,
Não vos soube o nome.

Já sei de meus danos
Em vossa conquista,
Que sois bens na vista,
E no toque enganoso.

Menandro, onde estás?
Espera e descança;
Que a minha mudança
Já deu volta atrás.

Torna, caro amigo;
Que aqui me tens firme;
Mas dás em fugir-me,
Porque eu já te sigo?

E se estás alheio
De quem te procura,
Leva-te a ventura,
Que comigo veio.

Ella te desvia
Para atormentar-me,
Que veio a buscar-me,
Aonde te eu fugia.

Escuta meus brados,
Não fujas de mim,
Porque vou traz-te
Com males dobrados.

—Muito podem contra os males da sorte os bens da natureza, disse o Peregrino, porque o modo da tua cantiga, a graça da tua voz, a suavidade dos teus accents, ajudados de uma formosura natural, que a tudo dá maior perfeição, poderam tanto comigo, que me esqueci de mim enquanto te ouvi. D'esta mudança te dou as graças, e melhores novas de minha tristeza, que em parte está vencida de teus poderes.—Quizera eu ter muitos, respondeu Montéa, para a destruir de todo; que fôra para mim o maior gosto da vida, pois por obrigação te devo a que tenho, e por amor desejo muitas que te offereça: e já que estás desassombrado da melancholia que mostravas, por tua vida que cantes, e deixar-me-has de todo contente.—Em tudo, disse elle, te desejo obedecer, e n'isto o faço contra meu costume; mas também o teu canto me tirou de ouro, de que eu me não

sabia desviar: ouve-me agora; que, se com isto te não pago, mostro que o desejo.

E parando ambos ao pé de uma faia, que cahia sobre o ribeiro, disse este soneto:

Se alguma hora o desejo, de atrevido,
Lisonjeando ao gosto, me assegura
Uma esperança vã pouco segura,
Que como sombra enleva o meu sentido:

Qual piloto das ondas perseguido,
Quer dar com a náu á costa se aventura:
Assim me vou traz d'elle e da ventura;
Que pouco arrisca já quem vae perdido.

Porém cahindo em mãos do desengano,
Como pedra, que ao centro se avizinha,
Me offende com mór força o sentimento:

Se me apparece o bem para mór damno,
Não quero melhor sorte da que é minha:
Dos males vivo, e d'elles me contento.

— Não sei, disse Montéa, porque offendes ao céo, que te deu tanto com que viver contente? De que males te queixas, ou que buscas na ventura? se não é que como ingrato te desobrigas do que estás devendo ás estrellas: e se a minha fôra tão boa como agora a desejei, a ninguem, senão a ti, fizera senhor d'ella; porque com o trato captivas, com as palavras deleitas, com a musica encantas, e com queixumes suspendes os sentidos de quem te sabe ouvir.— Não me pagues tão mal esta confiança, lhe tornou Lereno, que nem mereço louvores, nem desejo enganar: caminhemos por deante; que já se me faz tarde de achar ao teu Menandro, pois já deixamos atraz esta serra inimiga de teu descanso; e espero que ámanhã ao sahir do sol sejamos com elle, que nos não deve levar muita vantagem. — Não te apresses, respondeu ella, que quanto mais tempo gosar de tua companhia, e mais terra passar d'esta que pisamos, será melhor para o que eu pretendo; e emfim nem nós o podemos errar n'este caminho, nem, quando n'elle o perdesse, ficava enganada, porque mais interesse em te ir servindo em qualquer habito que seja, que senhorear pensamentos alheios.

O Peregrino não ouvia isto de boa vontade, porque a da pastora era mudavel, e temia de novo alguma mudança que destruísse o intento, que levava, de a re-

stituir ao seu Menandro: e assim mudando o proposito, para lhe não dar tempo em que descobrisse o seu, caminharam o resto d'aquelle dia, e passaram a noite n'aquella pequena aldeia, sem acharem novas do pastor a quem seguiam; o que Lereno sentia em extremo, e muito mais quando via que a pastora fazia tão poucos pelo alcançarem, antes ora se mostrava cansada por caminhar menos, ora desvelada por não madrugar mais. Elle com este encargo, e ella com mil enleios caminharam aquella manhã uma legua; e não faltaram n'aquelle caminho algumas palavras de dois sentidos, que elle não queria entender; e Montéa trabalhava por declarar alguns descuidos no olhar, de que ella queria fazer cuidados; e Lereno desattentos alguns suspiros, que cada um encaminhava por via diferente; e outros termos assim, tão naturaes de quem quer descobrir affeição, como pouco acceitos a quem foge de se obrigar d'ella; e quanto mais a pastora queria mostrar sua tenção, tanto elle com abaixar os olhos, trocar as palavras, e tratar de Menandro se escusava; de sorte, que venceu o receio ao desejo, e muito mais depois que, chegando a uma fonte, acharam no tronco de um freixo, que a cobria, estes versos, que o mesmo pastor n'elle escrevera, porque com estes signaes publicava a causa de seu desterro:

Falsa Montéa, mais que os montes dura,
 Mas menos firme que elles; que fugindo
 Levas nos olhos teus minha ventura,
Que eu triste, e sem ventura vou seguindo:
 Antes que a dôr me faça a sepultura,
 Que me vae pouco a pouco consumindo,
 Detem o passo vão, espera, espera;
 Que inda Menandro é teu como antes era.

Renovaram-se as lembranças á pastora, e ao Peregrino o sentimento; apressáram mais o caminho: e já sobre a tarde (que até áquellas horas caminharam sem encontrar cousa que os detivesse) viram que deante d'elles ia um pastor; e cuidando Lereno que poderia ser o que buscavam, lhe bradou; e elle se deteve, até que de mais perto o saudáram, e viram que era um ovelheiro mancebo, vestido de verde, e rôxo escuro, com um surrão de pelle de ginetá, guarnecido das mesmas côres, um bastão de loureiro, uma monteira de cordeiro quarteada de trança rôxa; e, além de ir galante, ia alegre, e não lhe estava mal ao rosto

o contentamento, porque era branco, e córado, e o engravavam uns olhos azues, picados de pardo, de entre umas sobranceiras negras, e espessas, e um risonho movimento da bôcca. Os dois, que viram de perto seu engano, lhe pediram perdão: mas o pastor não ficou descontente da companhia; e foi com elles de boa vontade, e no caminho lhes contou que ia a umas festas de pastores, que havia em um logar d'alli meia legua, e não levava pequena esperança de trazer o preço d'ellas; porque havia de haver musicas de competencias: e dizia elle que pouco receava os do valle, mas temia a um estrangeiro que por alli passara, e que era possível achar-se nos folgares, a quem elle sem contenda confessava vantagem; mas que devia ser já partido para uma cidade que d'alli era uma jornada, para onde fazia a sua. Montéa lhe perguntou os signaes do estrangeiro; e por elles conheceram que era Menandro, o qual um dia antes estivera na sua cabana: houveram por conselho chegarem até áquelle logar, por se acaso se deteria com os pastores, porque se desviava pouco do caminho da cidade. O mancebo, que soube o seu intento, com rogos, e razões obrigou o melhor que poude; e pelo caminho, que era muito aprazivel, e ao longo de um ribeiro bem acompanhado de salgueiros, lhes foi contando a vida, e os cuidados que tinha. — Pois a ventura nos juntou n'este valle, disse elle, já pôde ser que seja para colher algum fructo de vossa companhia; que ia eu sem ella tão desejoso de communicar meus cuidados, que a estas arvores sem sentido os publicava; e a causa desculpara o meu desassocego, mórmente se algum de vós já teve amores, porque hoje é o primeiro dia, em que hei de apparecer deante dos meus, offerecendo-me em sacrificio aos olhos de Nivéa, que é uma pastora d'esta ribeira, que a mim me parece a mais formosa d'ella; e porque ainda lhe não descobri meu pensamento, o determino fazer n'esta occasião, não perdendo nenhuma de lhe manifestar meus cuidados. Mas porque sou pouco experimentado nas cousas de Amor, e desejo de acertar pelo muito, que me n'isso vae, folgarei que cada um de vós (se já entrou n'esta empresa) me dê o seu parecer. — Tu achaste, disse Montéa, tudo o que podias desejar para ir bem encaminhado; porque assim eu, como meu companheiro, ambos fomos entrados d'esse mal que tu agora buscas: porém a mim principalmente pelos que já tenho padecido, e por outras razões, que agora não tem

logar, me toca aconselhar-te; o que eu farei tão desengadadamente como merece a tua boa presença, e a mim me ensinou uma assaz custosa experiência. E assim te rogo que me digas se esta formosa pastora, em que empregaste o cuidado, o tem posto em outrem, ou vive sem afeição, porque assim deves seguir mui differente caminho. — Tem ella tão poucos annos, respondeu o pastor, e tão pouco conhecimento do que é querer bem, que isso só temo; porque eu, obrigado do que lhe quero, fui sempre vigia de seus pensamentos, e não achei signal de que algum tivesse occupado. — Certo é logo, disse Montéa, que está livre; porque nem ha amor que nos olhos não se descubra, nem movimento que escape aos de quem ama. O meu parecer era que, se queres ter a Nivéa por esposa, lhe não descobrisses o amor que lhe tens (ainda que o dissimular seja difficultoso) porque é tão natural em uma mulher, conhecendo a sujeição de um amante, o tel-o em pouco, que não está mais o ser ditoso com ellas, que em parecer livre: e como Nivéa souber que é senhora da tua vontade, tratar-te-ha á sua, e estimará em menos os teus serviços; porque é fazel-os obrigado, e obrigar com elles estando livre: e porque me dirás que sem este não tens outro meio de lhe descobrir tua afeição, te darei outro melhor, e mais acertado. Mostra a Nivéa que te parece bem, e faze da tua parte o possivel, porque assim lhe pareças: obriga-a com tudo o que pudeses, para que a contentes; e faze todos os lances para que a sirvas; mas tudo com uma isenção de afeição, e não com sujeição de captivo: põe os olhos n'ella, e não os desvies das outras pastoras; fala-lhe amores, mas não te esquives dos que outras te disserem: nem a trates com desprezo, nem com excessivos extremos; porque, se a tiveres em pouco, te cobrará odio; e se a fizeres idolo, subir-se-te-ha ao céu. E já pôde ser que, se seguires este caminho, primeiro ella venha a descobrir que te ama, que tu a confessar que padeces. — Enleado estou de te ouvir, disse o pastor, porque me desvias de tudo o que eu determinava; e parece-me que acertas como mestre, e eu que errava como novél; e se fôr em minha mão seguir aos teus preceitos, bem creio que tirarei d'elles grande interesse.

Muito folgava Lereno de ouvir as razões de Montéa, vendo as cautelas que aconselhava ao pastor, accommodava-se á natureza das que conhecia, e considerava quão mal sou-

bera usar das que lhe convinham, e quão bem sabia dizer as que aconselhava: e por se metter na pratica, disse para o pastor: — Posto que meu companheiro tomou a mão em te dár conselho, e o seu é tão bom, que ainda tenho d'elle que apprender para meus amores, não me hei de lançar de lóra, nem quizera dilatar a Nivéa a gloria de saber que a amas, e tens por senhora; que é a que as pastoras mais estimam; e mais a deve obrigar este conhecimento que todas as partes, e graças que te deu a natureza; porque a respeito de amor, não ha merecimento que o seja, nem sem elle serviço que tenha valia; e assim em vão me parece dilatar o que (como meu companheiro confessa) se não pôde esconder. — Daes ambos tão boas razões, tornou o do rôxo, que não sei a qual me incline: o melhor será que vos concerteis na escolha, pois tendes a experiencia; que eu farei o que vós determinardes; e acertareis assim mais facilmente, que de outro modo.

N'isto se voltou o Peregrino a Montéa: — Bem sei, companheiro, disse elle, que em tudo acertas; e que ha condições, que se devem grangear com as que ensinaste a este nosso companheiro, que em fim todos corremos a traz do que com maior força nos negam; que esta nossa vontade é tão rebelde á razão, e desagradecida ás estrellas, que enjeita o bem, que pôde possuir, por ir na conquista do que não espera de alcançar; e põe preço a cousas, que o não tem, por tirar a valia a outras, que lhe facilita a ventura. Sei que hoje obriga menos a algumas o que mais devia valer com todas; e que seria acertado fingir-se livre quem está preso, espreitar tempos quem quer grangear esperanças, encobrir pensamentos quem os tem affeçoados, armar ciladas quem cahiu n'ellas, trocar cuidados quem se não teme de descuidos; e outras diligencias, que se consideram de fóra do jôgo, e não as sabe cada um usar estando n'elle, com que se atalha a este desprézo natural das cousas que se alcançam sem conquista. Mas como hão de assentar estes conselhos (imaginados de quem não soube aproveitar-se de outros) na inquietação de um amante de pouca idade, mais esportado do seu appetite, que enfreado de nenhuma razão? mais levado de seu desejo, que reprehendido de nenhum receio? e que, se agora te ouve, é em quanto não vê deante a causa de seus cuidados? Finalmente o seu parecer é que descubras tua pena, declares teus cuidados,

procures de Nivéa o remedio, ou desengano d'elles, pondo a ventura no atrevimento que sempre o favorece; e não sejas de uns namorados, que, por não saberem uma, nem outra maneira de obrigar, amam entre si, fazem seus extremos ás escuras, e as contas sem sua dama; apparecem como espiritos, desfiguram-se como assombrados, morrem como nescios, porque nem tem cura, nem a merecem. — Mais facil cousa, disse o pastor, me será seguir esse caminho, que acertar o outro; porque não tenho tanto soffrimento como affeição. — Pois eu, disse a pastora, n'elle fundava o meu conselho; e melhor te será usar do em que mais te favorece a natureza, que do que está tão encontrado com ella: eu me dou por vencido da opinião de meu companheiro. E pois fizemos os dois da nossa parte o que pedias, eu da minha te rogo que nos digas a letra que levas para cantar na competencia; que a debes trazer bem estudada. — Antes, respondeu elle, folgarei em extremo que a ouças da maneira que eu a hei de offerecer á minha pastora.

E, sem esperar mais, tirou do surrão uma lavrada lyra, a cujo som cantou o seguinte:

Louro pastor de Adméto,
 Que já de Anfrizo a crystallina veia
 Detivestes cantando docemente,
 A quem manso, e quieto
 Zephyro ouviu o nome da Penéa,
 De entre os ramos medrosos da corrente,
 Inspirae novamente
 Em meu rustico canto
 Graça, e favor celeste,
 Com que a Nivéa mova a meus cuidados.
 Fazei que possa tanto
 A minha frauta agreste,
 Que eguale, e vença os plectros celebrados
 Dos que na idade de ouro
 Gosaram tal thesouro.

Já n'outro tempo Orphen,
 De só vosso querer favorecido,
 As almas suspendeu do reino escuro;
 Obedecer-lhe veio
 O Cérbero cruel, fero, atrevido,
 Que abrandou com seu canto o peito duro;
 Tirou livre e seguro
 A desejada esposa
 Eurydice, cantando,
 D'aquelle eterno e cego labyrintho.
 Nivéa tão formosa,

De um parecer tão brando,
 Inda que duro o coração lho pinto,
 Basta para vencel-a,
 Vós só com minha estrella.

Abrandava os penedos,
 Os tigres e as pantheras amansava;
 Detinha o turvo rio arrebatado,
 Levava os arvoredos,
 E as montanhas traz si quando cantava,
 Amphion, que de vós era ajudado:
 Rarei que em meu cuidado
 Vença aquolla belleza,
 Que entre asperas montanhas
 As boninas e estrellas representa,
 Vença sua dureza,
 Mova suas entranhas,
 E pare em gloria o mal que me atormenta,
 Que por vo. sa se conte
 No campo, valle e monte.

E a vós, linda pastora,
 Em cujo bello rosto, e olhos vejo,
 Como em doce prisão, minha vontade,
 Offereço de agora
 A vida, o cuidado e o desejo,
 O poder, o querer e a liberdade:
 Se vossa humildade
 Em meu favor se inclina,
 É minha gloria ordena,
 Não quero mór ventura das estrellas:
 Ó' sorte peregrina,
 Ó' venturosa pena,
 Digna de estar como planeta entre ellas,
 Que imaginar sómente
 N'ella me faz contente.

Não seja o bello poito,
 Pastora, como o nome, que é de neve:
 Basta sê-lo na côr e formosura,
 E n'este meu sujeito,
 A quem por vossa causa guarda e deve
 Tanto respeito Amor, como a ventura.
 Sempre estará segura
 A bella imagem vossa,
 Que aqui de neve e ouro
 Por mão de Amor a tenho retratada:
 Por mais que o damno possa,
 Ha de ser meu thesouro;
 E contra o seu poder ser á guardada
 De mudança importuna,
 Do tempo e da fortuna.

Canção, vence ao receio;
 Pois tens presente o bem de minha vida,
 Fala como atrevida.

Tinha o pastor a voz suave, e uma graça natural, que o fazia parecer bem, posto que no cantar era pouco destro: os dois companheiros o louvaram muito, e a cantiga; de que elle não ficou pouco vão, e satisfeito. N'esta conversação chegaram ao valle onde havia de ser a festa: alli em pouco espaço se juntaram todos os serranos, pastores, e guardadores d'aquellas aldeias, que todos em musicas, bailes, e folias se occupavam com extranho contentamento: alli, entre outras pastoras, mostrou o de rôxo a sua linda Nivéa aos companheiros, da qual nunca tirava os olhos; mas ella, que os entendia, postos os seus em Montéa, a quem o traço alheio estava melhor que o natural, dava a entender quão bem lhe parecia. A pastora disfarçada entendeu logo isto; e ainda que lhe pesava de fazer aquelle damno ao pastor, não lhe podia valer, por não aventurar o risco de seu segredo. Lereno, depois que correu todo o valle, e soube novas de Menandro, e d'ellas alcançou que seria na cidade, sem querer esperar a musica das competencias, persuadindo o mesmo a Montéa, se despediu do pastor, que alli os guiara, que de cioso, e enlevado nem responder-lhe sabia. Elle ficou com a sua empresa; e Nivéa tão affeiçãoada ao forasteiro, como depois mostrou. Porém, deixando-os em suas alegrias, em que cada um se haveria conforme ao que tinha no coração, acompanhemos ao Peregrino, que tomou o caminho da cidade; e vendo que a pastora ia sempre triste, e com os olhos baixos, lhe disse:—Levanta, Montéa, o rosto, e não emmudeças a este tempo; que não te merece essa tristeza quem com tanto cuidado procura tuas alegrias: se estás descontente, porque deixamos as que havia n'aquelle valle, bem sabes que o meu intento foi tratar de teu interesse: considera o pouco que perdeste, e o muito que aventuravas: alli não havia mais que rusticos guardadores, indignos de tua vista, agrestes pegureiros, e simplices pastoras, que nem para te invejar te conheciam. Se queres ouvir cantar, aqui me tens a mim, que o farei melhor que elles quando me mandares: e se a presença d'ellas te alegrava, põe os olhos n'estas fontes que encontramos a cada passo, e n'ellas te verás tal com este traje, que não só ficarás contente, mas namorada de tua própria formosura. Não me pagues mal o cuidado com que te sirvo; pois em tudo, o que posso, mostro hem o muito que te quero: lembra-te que me esqueço de meus cuidados para buscar remedio aos teus, e que perdi o ca-

minho, que trazia, por dar algum a teus enleados pensamentos; e andando pelos desertos sem companhia, busco por teu respeito a das cidades, de que sempre fugi: mostra o rosto com alegria, que a tua desterrará, como já aconteceu, a profunda tristeza de meu peito.

Montéa virando para elle os olhos com um suspiro, lhe disse estas palavras:—De que serve, discreto Peregrino, que me obrigues cada hora a te dever mais amor, se, quando com elle quero pagar divida tão justa, o estimas em pouco? Essas palavras tão boas, essas obrigações tão grandes, qué me representam o teu proceder tão verdadeiro, o teu amor tão leal, a tua fé tão sem engano, a tua tristeza tão acautelada, são ministros que me tiram o coração do peito para o entregarem a teus olhos, onde lhe nega logar a tua vontade: bem sei que a minha é contra Menandro, e te offende a ti por muitas vias; mas uma só, porque acerto, me desculpa, e é querer-te bem a ti, a que sómente conheço por digno de ser amado; e mal posso eu só resistir á força que me fazem tuas partes, e a que me obriga minha natureza.—E' amor cousa de si tão boa, respondeu elle, que nem eu o posso reprehender em ninguem, nem, sem grande falta, ser ingrato ao que me mostras; só culparei os desatinos que d'elle nascem, que são ás vezes causa de grandes danos: e cré de mim, formosa pastora, que te não pago mal, posto que o meu termo te não pareça bem; antes te amo tanto, que não quero de ti mais que querer-te: e se tu com tão desinteressado amor me tratares, nem o hajas por mal empregado, nem a mim por desconhecido.—Não recebe amor tantas condições, tornou ella; mas com todas as que quizeres, hei por bem escolhida minha afeição: e por não pôr em disputa o merecimento, ou culpa d'ella, se me queres vêr alegre, canta; que é o que agora me promettias.—Isso farei eu, e tudo o mais que me mandares, respondeu elle, e ouvirás uma glosa a uma cantiga velha, que já ouviste, e agora faz ao meu caso:

*Tenho um bem que mal me trata;
Não me entendo com ninguem;
Fugo de quem me quer bem;
Quero bem a quem me mata.*

*Em grande apêto me vejo;
Com um bem, que Amor me procura,
Para mim leve e sobejo;
E o que tinha no desejo,*

Foi pôr nas mãos da ventura.
 D'esta que nunca a ninguém
 Deixou de mostrar-se ingrata,
 Não tenho, nem me convém
 Um bem, que me trate bem ;
 Tenho um bem, que mal me trata.

Houve este bem de ser tal,
 Como havia de ser meu,
 Tão fóra do natural,
 Que logo o deu para mal,
 A ventura, que m'o deu.
 Traz-me em continuo perigo
 Pelas condições que tem ;
 Nem me deixa, nem o sigo,
 Nem com elle, nem commigo,
 Não me entendo com ninguém.

O outro, que eu vou seguindo,
 O remedio de o alcançar
 E' andar d'elle fugindo ;
 Eu chorando e Amor rindo
 Dá como moço em zombar :
 Não de ingrato nem tyranno
 Dou desigual paga a quem
 Me deve amar por engano ;
 Antes, por fugir seu damno,
 Fujo de quem me quer bem.

Quando fóra em minha mão
 Amor, vontade ou mudança,
 Valêra muito a razão,
 E alheara o coração
 Ou por preço, ou por vingança.
 Mas tenho a amor tão rendida
 A vida que elle maltrata,
 Que em culpa tão conhecida,
 Muito mais que a mesma vida,
 Quero bem a quem me mata.

Era já tarde, virava o sol sobre o mar, encerravam-se os gados, recolhiam-se as aves, escureciam-se as nuvens ; o Peregrino, e Montéa descansaram a noite em um pequeno casal que alli havia : elle desejando a manhã para acabar seu caminho, ella temendo-a, porque lhe representava mais males o receio, que bens e esperança ; que costume é de Amor trazer um mal com grandes sobresaltos.

Jornada undecima

Com razão se pode extranhar ao Peregrino a segurança, com que caminhava em companhia tão perigosa, buscando

o remedio de Montéa, e o socego de Menandro, como se no de ambos estivera o de seu desterro : porém é cousa tão natural em um animo desenganado, e verdadeiro, não se acautelar de perigos, com desejo de dar fim a um bom começo, que bem lhe basta a tenção para desculpa. Foi despertar a pastora antes que amanhecesse; tomaram o caminho da cidade, que ainda se divisava mal com uma nevoa, que embaraçava a vista : andaram até que o sol começou com seus raios a desfazel-a, deixando os ares, e a graciosa verdura borrifada de crystallino orvalho. A cidade juntamente com o sol appareceu, descobrindo-se pouco e pouco as soberbas torres, e os ameitados muros que a cingiam ; até que de um logar alto, que ficava sobre ella, viram uma machina extranha, e populosa, que os espantou : e sentados os pastores sobre um penedo com os olhos n'ella disse Lerenó :—Que julgas, Montéa, d'esta formosura, que d'aqui apparece, tão alegre aos olhos, tão cubicosa ao desejo, tão differente das aldeias, e logares onde nos creámos ? quanta differença ha entre nós os pastores, e os cidadãos ? nós nascidos entre os mattos, creados com as ovelhas, companheiros das arvores silvestres, moradores nos bosques, e montanhas, rusticos no trato, e mantimento, agrestes no traje, desprezados na vida, escravos do trabalho : elles grandes da fortuna, mimosos da vaidade, creados em delicias, discretos no falar, polidos no vestir, ociosos no trabalhar, e moradores n'estes edificios, e aposentos tão custosos.—Nenhuma inveja, disse a pastora, me fazem seus bens ; porque com as mudanças de minha vida experimentei já muito de seus males ; conheço as cidades, tratei as gentes d'ellas ; licença, e ousadia me deram para fugir, e murmurar de suas grandezas.—Mais que tudo estimo, tornou o Pastor, saber que te não podem enganar estas apparencias, e estares tão ensinada a conhecer o que a mim me podia embaraçar que eu só seja o perigoso. Todas estas cousas, que d'aqui divisamos, e outras que ainda obrigam a mais a vontade, são um labyrintho de enleios, uma comedia de enganos, uma eschola de opiniões, um jôgo de falsarios, uma ordem confusa, um carcere aprazivel, laços cobertos, redes escondidas, anzoos enganosos, canto de se-reia ; emfim cidade, obra que a malicia inventou para tirar aos homens a idade de ouro ; alli entre aquelles muros cingidos andam os vicios mais libertados, que nas nossas campinas, e montanhas ; triumphá a vaidade, reina a cubi-

ça, priva a mentira, mata a inveja; não se ouve a razão, não se conhece a verdade, não se vê a pobreza, não se trata a justiça, nem se estima a humildade. De melhor condição estamos os pastores; e melhor estava o mundo quando só a elles tinha: para a vida, que é curta, bastam casas mais pequenas, que estas de marmore: e as nossas de colmo, primeiro as deixamos, que o tempo as arruine. Quão bem falou o que dizia que a formosura do mundo era o esquecimento da morte; porque, se esta nos lembrára, mediramos com a vida os edificios, e não trabalharam os homens tanto por cousa que lhes ha de servir tão pouco. —Pois eu te affirmo, disse ella, que com todos os extremos da arte, e fabrica da riqueza dos homens, me parecem melhor as obras da natureza; e que mais me levam traz si os olhos as cousas nascidas da graça, que as mais custosas da vaidade; as penedias sem arte, as arvores sem ordem, as flôres sem numero, as ervas sem conto, os montes cheios de verdura, as serras prateadas de neve, os valles cerrados de sombrios ramos, os rios bordados de louras areias, e brancos seixos, as fontes emboscadas em alegres arvoredos, e tudo o mais, que nas nossas aldeias gosamos sem pagar tantas pensões á fortuna. —Pois estás tão acautelada, disse o Pastor, do que eu te podia avisar, entre-mos n'este labyrintho com confiança, deixando um fio, que nos torne a tirar d'elle, que é o conhecimento de seus enganos.

Com esta determinação foram ambos até entrarem pelas portas da cidade com a extranheza, que o descostume costuma causar; que ainda lhes fazia pejo na vista o que com animo desprezavam. Era aquelle dia de festa, e havia muitas em toda a cidade; estavam as paredes vestidas de ricos pannos, as ruas de verdes ramos, e espadanhas, as janellas toldadas de sedas ricas, e acompanhadas de formosos rostos, que egualmente mostravam os poderes da arte, e natureza. Alli entre a confusão da inquieta gente, atravessava com desassocegados olhos o namorado mancebo, por outra parte o acautelado empregava em furtos a vista, e em mudos suspiros mostrava a seus amores o que sentia. O confiado com o cavallo desempedrava as ruas, o galante favorecido do traje, e dos poderes de quem a tudo o mais tira a valia, como o soberbo pavão, mostrava a roda; o gentilhomem accrescentando ás graças naturaes a postura, e movimento concertado, fazia seu em-

prego. Do alto os acenos, os desdens, o mudar de vistas, o alterar de côres, faziam uma amorosa guerra, de que um sem causa sahia aggravado, outro soberbo: uns dando occasião a muitas de se enganarem com elles; e a outras de os deenganarem consigo. N'esta confusão, e machina tão grande andavam os singellos pastores com os olhos em tudo, sem que ninguem os pozesse e n'elles, effeito certo da humildade, que é ficar tanto abaixo da soberba, que nem de vista se alcança: foram assim notando mil differenças de rostos, e de enganos, até chegarem a uma espaçosa praça, em a qual amor, e vaidade faziam custosa mostra de suas riquezas; alli perdia a razão o poder, e reinava o desejo; alli se dava a vida por qualquer preço, e se empenhava a liberdade em qualquer trôco; alli se acanhavam as esperanças dos menores, e se cevavam os pensamentos dos grandes: do alto tudo eram peças de artilheria pelos dois tyrannos, que tinham a fortaleza; no baixo os vencidos, que ll'a rendiam. D'aquí feriam os olhos negros, engastados em vivo crystal: d'alli os azues assombrados de raios de ouro; d'outra parte os verdes rasgados, os pardos venturosos, os garços graves, os pombinhos chocalheiros; uns acompanhados de grossas pestanas, outros de engraçadas sobranceilhas; os dentes de perolas entre perfis de rubis, os cabellos de ouro que accrescentavam maior belleza, as joias ricas, as pedras de preço, as côres várias, as sedas extranhas, as guarnições custosas. Aquí parando o Peregrino, disse para Montêa:—O certo é que aqui só se vive; e que aquillo, que nos parece mal, é o que nos faz inveja: como rusticos não devemos entender a gloria que n'este bem se encerra; e como humildes não aspiramos a cousas tão altas. Que bellezas tão sobrenaturaes! que aspectos tão divinos, que parece que os offende quem com algum vão desejo se emprega n'elles! —Parece-me, companheiro, disse a Pastora, que perdeste o fio; não te venças logo com a presença, pois de antemão estavas avisado que estas imagens, que captivam a vista, com a sua enganam os sentidos alheios; e entre as floridas hervas se esconde a venenosa cobra; coberta de ouro se facilita a amargosa pilula, e escondido de ramos o enganoso laço: não é tudo, o que parece; nem ha na occasião de agora quem não faça muito por parecer o que não é. Estes apparatus, aquelles enfeites, aquella differença de trajas, côres, e toucados, tudo são favores da arte em de-

feitos da natureza. Alli verás vestir de escuro a que tem a côr preta, porque com a que o é mais se melhora a sua; a alva vestir de verde, de pombinho, e de encarnado; a córada de branco, e de amarello; a pallida de aleonado, e de mistura; fugindo cada uma do que mais encontra o seu parecer. Verás ao rosto redondo o toucado erguido, ao comprido moderado, ao largo coberto, ao delicado cheio; ou porque represente em vão o que lhe falta, ou porque pareça menos do que sobeja. A' que tem os membros mais relevados verás os vestidos justos, para que melhor se mostre a perfeição d'elles; á que subtis, e delicados, roupas mais largas, para que o apparatus suppra o em que faltou o natural; uma que faz a côr amortecida, outra que desmente a graça natural, e se faz branca: e outras muitas cousas, que querer agora dizer seria infinito. Emfim não ha aqui cousa em seu ser, tudo é emprestado, são bens que enganam o desejo, e não satisfazem a vontade; são espelhos mentirosos, que mostram o que não é; alchime, que com o primeiro orvalho se desdoura: se tirares a mascara a estes enganos, restituirás á nossa vida pastoril os seus louvores. Quanto mais val o rustico toucado de uma serrana? os cabellos atados sem ordem, e não ricados por arte; com as côres, que lhes inveja o sol, lhes muda o vento; e não com as que lhe dão seus proprios inimigos: ora cheios de flôres do valle, ora de hemmeques do campo; a beatilha revôlta em lugar do volante levantado; o rosto com graça natural, e não com mentiras alheias; a garganta torneada com molduras da mesma peça, e não com larga prisão de joias, que ou nos impedem a vista, ou a enganam; o vestido grosseiro, mas honesto, livre para quem o traz, aprazivel para quem o vê: o corpo medido da planta do pé até os cabellos; sem chapins, que fazem de rostos meninos corpos gigantes. E quando esta formosura, que te contenta, fôra o que parece, quantas cousas ha alli, que não se vêem, e te poderão obrigar a fugir de tudo? Certo (disse entre si o pastor) que muito pôde a inveja com esta, ou commigo as mostras do que vejo, que não podem ter nenhum mal grande, que o mais pequeno bem não faça leve. E falando com Montéa lhe tornou:—Nenhuma cousa haverá que me faça aborrecer esta tão digna de ser amada; porém sabe que, ainda que tudo junto me contenta, nada em particular me obriga; só me levanta o pensamento a cousas que a meu pa-

recer ficam mais altas. N'esta pratica estavam os dois estrangeiros, quando de uma janella das que sobre elles cahiam, ouviram tocar concertados instrumentos; e escutando os pastores para ouvir o que seria, tres vozes com muita arte, e suavidade cantaram o seguinte:

Marfiza, formosa e dura,
Cuja belleza e rigor
Eu vi nos olhos de Amor,
E achei nas mãos da ventura:

Ouvi-me d'ella o queixume,
Como ouviste meu cuidado,
Quando de mal costumado
Não temia o seu costume.

Verás claro o meu perigo
Em amor, e minha estrella;
Que era forçado perdê-la.
Para perdê-lo contigo.

Já sou outro diferente,
Já não vês o que antes viste;
Sou o debuxo de um triste
Pela sombra de um contente.

Já com extremos me amaste,
Já te tive como minha;
Por ter ventura te tinha,
Por sem ella me deixaste.

Tu prodiga, eu liberal
Do que a ventura me deu;
Tendo a ti só por bem meu,
Vieste a ser só meu mal.

Teus passatempos e enganos
A meus males deram traça,
Quando compravas de graça,
A' minha custa, meus danos.

Bem claramente entendi
D'esta mudança perjura
Que amaste a minha ventura,
E não me amavas a mim.

Não mudaste o pensamento,
A ventura se mudou;
Pois o teu já se empregou
Com tão falso fundamento.

Outro, que escolheste agora,
Não no invejo por ditoso;
Que já fui mais venturoso,
E perdi tudo n'uma hora.

Queira o céo d'esta affeição
 Qual me eu vejo não se veja :
 É que antes lhe tenha inveja,
 Marfiza, que compaixão.

Eram as da janella muitas damas, e galantes, que em saborosa companhia esperavam as festas, entretendo-se em vária conversação, e amorosas cantigas: e acabada esta, emquanto descansavam os instrumentos, disse Lereno:— Tambem esta musica, Montéa, se me parece com o mais; mas da letra extranho a crueldade, com que se galardoou amante tão verdadeiro, que se punha á ventura de ouvir o desengano para tão fraco interesse.—Mal sabes logo, disse a pastora, o que por estes logares se usa, e não para descobrir faltas albeias, pois estas não são particulares de ninguem: mas, por te desenganar da pouca experiencia que tens da cidade, te affirmo que as mesmas cautelas, que aqui usam com a natureza, tratam com amor.

Verás entre estas damas, que te parecem do céo, pensamentos tanto da terra, que se esquecem dos dotes naturaes por empregarem a affeição nos da fortuna; e como querem bem só ao que d'ella querem, assim como varia os estados, mudam ellas o pensamento; e este seu amor (a que injustamente põem tão bom nome) é ainda mais perigoso que a cubiça; porque se uma está penhorada de um amante a que se mudou a ventura, e ella n'isto a quer imitar a todo o risco de sua vida, d'elle o desengana; e por resgatar sua culpa, commette outras, de que não resultam pequenos enleios. Outras ha entre estas de melhor natureza, ainda que inimigas de seu descanso, que amam só por apparencias, sem attentarem mais que ao que vêem: contenta-as um corpo bem proporcionado, e melhor vestido; um rosto bem afigurado, um passear airoso, um falar encarecido; e quando estes longes lhe apparecem de perto em lugar donde não ha fugida, e se acham com um querer diferente, um termo desconfiado, ou um proceder ingrato, e um desprezar queixoso; d'estas te digo eu que o menos desatinado é a mais facil mudança: e se alguma quer sustentar a primeira opinião, e enganar o mundo á sua custa, alli verás os suspiros sem tempo, as lagrimas sem fructo, a tristeza da vida, os queixumes da sorte, a lembrança dos bens passados, os rostos descontentes, as palavras trocadas, as razões confusas, e outras cousas, que ou acabam de pressa a vida, ou o soffrimento. Verás outras, que fiando-se em pa-

lavras que custam pouco, e em cartas que mentem mais, e se envergonham menos, fazem praça de seus favores a quem só para os pôr n'ella pretende alcançal-os, querendo tirar vangloria de leviandades alheias; e obrigando a aspera vingança corações cheios de brandura, causam mil desatinos, e desvarios. N'estas pôde tanto a ira, como em outras o amor; nada deixam de intentar para satisfação de seu odio; e não alcança a furia d'elle só ao culpado, mas é ás vezes castigo dos mais innocentes: d'aqui nascem as traças, os enganos, o amar fingidamente, o espreitar tempos, o manifestar faltas alheias, e outros males, que, sem lhe darem fructo, representam satisfação.

Espantado estava o Peregrino ouvindo a Montéa; e antes que ella proseguisse a deante, a atalhou dizendo:— Muito sabia eu de amor, e muito de seus enganos; mas nunca cuidei que havia tantos á sua conta: só me parece que nenhum d'esses é amor; folgára de saber o nome, que os da cidade põem ao que nós cá tratamos pelas aldeias.— Ninguem, responleu ella, pôde dar nome, senão á cousa que conhece bem; e aqui sabem d'elle muito mal; mas pelos effeitos julgariam que era doudice, ou desatino.

A esta pratica atalharam os da janella, cantando este soneto:

Culpa minha affeição quem nunca a teve;
 Quem vos não sabe amar, nem o procura,
 Põe em juizo a vossa formosura,
 Para n'ella roubar-me o que vos deve.

A mim a offensa é grande; a culpa leve,
 Pois não teve, senhora, esta ventura;
 Que differente Amor tudo assegura
 Da que olha quem se engana, ou quem se atreve.

Se elle vos disfarçou quando eu vos via,
 Tão formosa vos fez, que hoje suspeito
 Que, de invejoso, meu tormento ordena:

Se agora torno a vêr-vos no meu peito,
 Pareceis-me melhor que aquelle dia;
 Se outrem vos não vê tal, baste-lhe a pena.

Acabada a cantiga, se moveu grande questão entre as que estavam na janella, sobre o intento do que fizera o Soneto: e se entendeu de alguns que o sabiam, que o galante amava a uma dama feia, e que a elle não parecia que o era; o que entre todos não causou pequeno riso: e uma d'ellas, que

vestia de se da aleonada tecida com flores de ouro, e que mostrava mais confiança que formosura, disse para as outras:—Por certo que estou em obrigação ao dono do Soneto; e que mostra n'elle egualmente amor, e habilidade; e porque louvar o que em si com a vista se está louvando, é cousa ordinaria em todos os que amam, mas engrandecer com arte o em que faltou a natureza, é grande extremo, e houvera eu de fazer muitos por elle, se entendera commigo.—Não posso soffrer, disse outra, que vestia de encarnado riscado de prata com piques encarnados sobre téla branca, que acrediteis com vossas galanterias a um desastrado, que vae amar a uma mulher feia; e pois estava em sua mão empregar-se melhor, e escolheu tão mal, não póde fazer cousa boa.—Rigorosa, senhora, estaes contra as feias, respondeu ella, como é certo em uma formosa ser cruel: agora digo que tem mais razão o do Soneto, porque vossas mercês são muito más de servir, e cuidam que todos os louvores lhe ficam estreitos: e pelo contrario, quando uma de nós acha um acerto d'estes, tem a Deus pelos pés e não lhe falta mais que lançar-se por uma janella em serviço de seus amores.

As outras, que ouviram a graça d'esta competencia, acenderam o riso; e uma de mais idade, que vestia de negro, disse para a primeira:—Quem vos deu licença, senhora, para tomardes a demanda pelas feias, havendo outrem a quem toca esse cargo? ponde-vos de parte de outra senhora, e deixae-me a mim.—Outra temos, disse a do encarnado, que, como houve um triste que amasse feias, já todas o querem ser: ora não hei de desconfiar de tomar o bando das formosas, ainda que o não seja; que algumas acharei aqui de minha parte.—Tendes vós tantas, disse a primeira, que escusaes favor alheio: mas eu, pelo que devo ao galante do Soneto, hei de ir ao cabo, e póde ser que vos arrependaes de o ter offendido.

—Não já, replicou ella, de ter por nescio a quem escolheu tão mal.—O amor, disse a de negro, não é eleição, antes acerto, e por isso, os que o fizeram Deus, o pintaram cego: e dito é commum, que *quem feia ama, formosa lhe parece*: de maneira que o que vós chamaes ignorancia, não é culpa; e o que minha companheira diz, é louvor do que sustenta, e engrandece tal affeição.—Outra cousa ouvi eu dizer d'essa pintura, tornou a de encarnado, e era que se havia de escolher com os olhos abertos, e amar com elles cerrados.

Travou-se esta porfia de maneira entre todas (querendo cada uma dar seu sentido) que, vendo a de aleonado que lhe negavam cousa tão certa como é a muitas damas serem amadas, sem respeitar principalmente a formosura do rosto e das feições, virando-se para a parte da praça, deu de rosto com os dois pastores que escutavam, e disse para as de dentro:—Tomo por juizes d'esta duvida aquelles dois rusticos que alli estão; que, por mais que cada um d'elles o seja, não pôde negar cousa tão conhecida.

As outras voltando para os vér, deram grande risada; e para metterem em graça a differença, mandaram que os fizessem subir para onde ellas estavam: elles á força lhe foram obedecer; e postos ante aquellas formosas damas, e suberbos galantes, que cada uma motejava de seu rustico traje, e maneira, encolhidos, e acanhados, como entre altos cyrestes o tenro vime, abaixavam a cabeça, confessando sujeição áquella grandeza, e apparatus. Logo a de aleonado, com o rosto risonho, e a voz-cheia de alegria, propoz a questão aos pastores, pedindo-lhes que cada um d'elles dissesse o seu parecer. O Peregrino, a quem cahia o primeiro logar, e em quem logo Montêa referiu o seu voto, disse com mais confiança, do que de seu traje se esperava:—Em verdade, senhora, que mal o usaes com amor pondo os seus segredos em sujeitos tão abatidos, sendo elles tão altos, que tinham logar mui proprio nos vossos olhos; mas pois que em nós os puzestes, não impede o seu agravo a razão de vos obedecer, lembrando-me que para cousas de amor não tira o estado merecimento; nem no de pastores faltou quem já fôsse juiz de seu direito. Pastor era o que julgou a Venus por senhora da formosura, e com a sua sentença teve ella este titulo, e os pastores confiança para muitas empresas. E tornando á vossa pergunta, digo que se ama tudo o que se deseja; e que mais perfeito amor será o que se emprega em cousas mais altas, e mais isentas da jurisdicção do tempo, e da fortuna; porque amar bens, e gostos da sorte é interesse do appetite: amar belleza, e perfeições do rosto, é amor sujeito ás mudanças d'elle: amar partes da alma, e do juizo, é verdadeiro amor, firme, e levantado. Mas porque raramente se amam almas sem corpos, de entre ambos se fórma a verdadeira afeição segundo as inclinações de quem ama; o qual eu teria por nescio, se amasse corpos sem alma; e por menos errado quando amasse alma sem corpo: porém onde uma, e outra cousa é tão formosa como

em vós, e em as mais senhoras, que aqui estão, nenhum amante correrá perigo no escolher.

Ellas, que esperavam do pastor simplicidades, e desvarios e o ouviram falar com fundamento, suspenderam o riso; e como espantadas punham os olhos n'elle; e a de aleonado, que o chamara, mudou a côr do rosto; porém valendo-se das graças d'elle, lhe tornou:—Não vos buscava eu para tão avisado.—Não é muito, senhora, que o ficasse de vos ouvir, respondeu elle, nem extranheis que um rustico acerte falando em cousas de amor, pois nenhum o tem que para elle lhe falte entendimento e se imagine rude; assim como não ha nenhum amante, a quem pareça disforme a cousa que ama.—Isto folgara eu de me persuadir, accudiu a de encarnado, por algumas razões; e pois que as tens tão boas, bem podes satisfazer a este desejo.—Antes por não fiar d'ellas tanto, respondeu o Peregrino, me valerei de um exemplo, se estas senhoras quizerem dar licença ao conto que eu farei breve, e fé ao testemunho que eu der de sua verdade.

E porque todas disseram que se lhe devia credito, e attenção, encostando-se ao cajado disse:—Em uma aldeia da serra, povoada de casaes, esteril de arvoredos, abundante de fontes crystallinas, cheia de rustico moradores, porém de lindas serranas habitada, havia um antigo cabreiro, o mais rico do logar, e de muitos que havia ao redor d'elle, o qual tinha um só filho, moço de pouca idade, bom parecer, razoado juizo, modesta creação, e natural bondade; por esta amado entre todos, e idolo do pae, que mais, que aos olhos, lhe queria; affeiçãoou-se o mancebo, digno de outra ventura, a uma serrana das mais humildes d'aquelle logar, não só alheia da formosura que muitas tinham; mas, além de outros defeitos naturaes, lhe faltava uma vista, que perdera pouco depois de seu nascimento: como amor não respeita razão, fazia por ella taes extremos, que obrigaram ao pae d'elle a fazer um, pouco esperado de sua brandura, e condição; e foi que, esquecido do amor, e companhia de tal filho, por atalhar aquelle desassocego tão extranhado dos do logar, o mandou para outro mui desviado, mettendo-lhe o mar em meio, e pondo-lhe ainda mais longe as esperanças. N'este desterro o tempo, e a ausencia (como costumam) lhe tiraram da memoria aquella affeição; tornou depois a patria, livre de seu enganado pensamento; e encontrou acaso um dia a mesma serrana, por quem ja fizera

tantos desatinos; e pondo os olhos n'ella, lhe perguntou com grande sentimento onde, e como perdera em sua ausencia a vista que lhe achava menos? Ella com um suspiro lhe tornou:—Não perdi este olho, que ha muitos annos que me falta; mas tu achaste outros differentes dos com que me vias. Elle se foi admirado; e affirmando que nuna noc seu rosto vira aquelle defeito tão conhecido. D'aqui julgareis, formosa senhora, o como amor afigura as cousas a seus sujeitos; e pois nas que estaes presentes não pôde nunca haver semelhante engano, deixa o remedio ás feias; que, nem por o serem, é razão que vivam desesperadas.

Todas festejaram o conto; e mais, que as outras, a de aleonado, dizendo que já ao do Soneto ficava pouco que agradecer, se sua dama não era torta.—Sabei, disse a de negro, que não extranho o caso d'aquella historia, antes é mui conforme com as cousas de amor; que se (como este pastor diz) todos os amantes são cegos, quem entre elles tiver um olho pôde ser Rei; e se a torta não perdeu mais, que um, bem podia reinar.—Só as esperanças, disse uma das de dentro, leva d'aqui a que não é torta, nem alejada, se amor lhe deparar um galante cego.—Bem lhe pesará a ella de o ser, disse o Peregrino, se o houver de ser vosso: mas não repareis na historia; que, se tornardes ás mais antigas, já houve quem se namorasse de uma mulher de pedra.

E querendo ir adeante, viu pela praça, para onde tinha o rosto, a Menandro com grande pressa; e com o sobresalto mudou tanto a côr, que todos lh'o entenderam: pediu-lhes licença para ir no alcance de um pastor, a quem buscava: ellas lh'o consentiram com tal condição, que deixasse alli seu companheiro. E porque Lereno viu que assim convinha a Montéa, o houve por bem: elle foi atraz do amigo; e ellas ficaram dando louvores ao que lhe tinham ouvido; que quando as cousas saem donde não se esperam, fazem maior espanto; e as, a que a fama se adeanta, sempre com a vista perdem muito do seu valor.

INDICE DO VOLUME I

Noticia biographica.....	3
Jornada primeira.....	9
Jornada segunda.....	17
Jornada terceira.....	27
Jornada quarta.....	37
Jornada quinta.....	45
Jornada sexta.....	56
Jornada septima.....	66
Jornada oitava.....	79
Jornada nona.....	92
Jornada decima.....	101
Jornada undecima.....	114

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

O PASTOR PEREGRINO

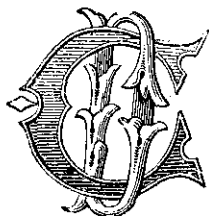
POR

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

VOLUME II

6.^a SERIE — NUMERO 24



LISBOA

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

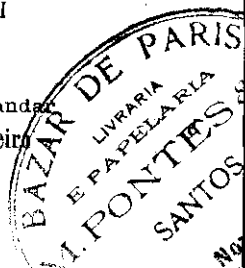
40, Rua da Atalaya, 52

FILIAES

Porto: 127, Praça de D. Pedro, 1.^o andar

Brazil, 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1889



O PASTOR PEREGRINO

LIVRO SEGUNDO

Jornada primeira

Ficou Montéa tão enleada vendo passar a Menandro, que nem deu fé da partida de Lereno, nem ouviu as condições com que alli ficara em refens da sua tornada. Só se lhe afiguravam ante os olhos as culpas, que contra o seu pastor tinha commettidas, e o muito grande amor que lhe devia. As da companhia, que lhe viram no rosto o desaccordo com que estava, não sabendo a causa d'elle lhe fizeram muitas perguntas; ás quaes ella tornava mil desatínos, de que todas dissimuladamente se riam; e depois que tornou sobre si, ouviu que dizia a de negro: — Tanto tem este de innocente, como o outro pastor de acautelado. Ao que ella respondeu:—O que tenho de culpado me torna mudo; que, se estivera sem culpa, não padecera a pena que me tirou a razão; por isso, se não respondia ás vossas como queria, perdoae-me, senhoras, que me estava tomando entre mim uma conta em que me vae a vida.

Apertaram todas com ella que lhes dissesse a causa d'aquelle accidente: a pastora defendendo-se de seus rogos, ia juntamente traçando uma mentira com que se livrasse: e enfim houve de sahir com um fingimento tirado da verdade da sua historia, dizendo:—Pôr um segredo em confiança de tantos bem sei que parece desatino; mas assegura-me de maneira vossa presença, e dão tão bom testemunho das obras as palavras, e o bom tratamento com que me favoreces, que.

posto que n'este conto me vae a vida, a ponho em vossas mãos seguro de perdê-la. Sabei, senhoras, que eu sou um pastor que em algum tempo trouxe outro habito differente; e tinha n'esta idade um amigo, que só em ser outro corpo deixava de ser eu; ainda que aos dois servia sómente um coração: e porque em tudo o mais nos egualou a ventura, amavamos a duas irmãs, que tambem no parecer, e dotes da natureza tinham pequena differença. Passados alguns annos em uma amizade mui verdadeira, veiu a dividir a amor, como arrependido de haver feito cousa tão boa: de maneira, que eu me afeiçoei á pastora a quem meu amigo servia, e elle á que eu amava; faltando só em uma d'ellas consentimento para esta troca, que bastou a descobrir nossos intentos: nasceu d'isto um mortal odio entre ambos, e tratou logo cada um de nós de tirar a vida a seu contrario; para o que buscando ambos os mais secretos meios que podia imaginar para a vingança, eu lhe deitei veneno em uma fonte, onde elle costumava a beber nas horas de sesta; e elle no mesmo dia, vendo-me que estava repousado debaixo de uns salgueiros, me tirou com uma setta hervada, cuidando que alli acabava juntamente com a minha vida a sua competencia. Ordenou a sorte que outrem tocasse primeiro a fonte que eu inficionara, e descobrisse o mal sem lhe empêcer, ficando encoberto o auctor d'elle; e a mesma permitiu que, quando me elle tirou, cravasse a venenosa farpa na terra onde eu jazia, tomando uma parte do meu vestido, onde a hastea ficou embebida: imaginando o matador que era o meu vulto, cada um, como se já tivera de todo executado seu mortal odio, fugiu do castigo que a pena de sua culpa merecia; e assim andámos por differentes partes homiziados, até que cada um de nós soube a verdade, e mostrou que se arrependia do que era passado. Este meu companheiro, que agora d'aqui partiu, era fiel amigo do outro que eu com mortal odio aborrecia; e vendo o que o tempo tinha applicado em nossos desconcertos, quiz fazer as amizades, pela que tambem commigo tinha; e trazendo-me nos alcances do seu amigo, que andava por terras atheias peregrinando, viemos pelos signaes d'elle até esta cidade; e é aquelle, atraz de quem meu companheiro agora vae correndo. Julgae, senhoras, a razão que eu tinha de mudar de côr, e perder o tino, vendo-me perto de quem com tanta causa amei, a que tão injustamente aborreci, e a quem, sem saber que me offendia, tinha na alma aggra-

vado, havendo de lhe falar, e ou compôr de novo nossa amizade, ou confirmar para até a morte nossa malquerença.

Acabando a pastora o seu conto com mostras de extranho sentimento, todas lhe deram esperanças de quietação. E porque n'este tempo começaram a apparecer na praça as festas, jogos, e invenções d'aquelle dia, á conta d'ellas deixaram a pratica; e a pastora tornou a seus pensamentos. Foi-se gastando o dia sem se sentir (porque o tempo dos gostos é o que mais facilmente se despede). Estava perto a noite; o Peregrino não vinha: toram-se os hospedes; e ficou a senhora da casa, e Montéa indeterminada no que faria; até que ella lhe disse: — Bom pastor, vosso companheiro tarda, não sei o que lhe succederia, vós não sabeis a terra; o mais certo logar, que tendes para elle vos buscar, é esta casa; n'ella vos não faltará o necessario, porque vossa boa arte merece tudo; se d'isto quizerdes usar, não vos enfadeis; ou vede o que mais vos importa para vosso intento. — Muitos dias ha, senhora, respondeu Montéa, que me não vi em maior enleio, posto que passei perigos diferentes, porque nos montes, e aldeias este habito me defendia de um receio que commigo vive, e ainda nas cidades andava com elle segura, quando o estava de me buscar quem eu offendi; mas agora, que tudo me falta, só vossa brandura poderá valer-me.

Isto disse Montéa tão obrigada da dôr, e esquecida de seu segredo, que, tornando em si, com um sobresalto cuidou que manifestára tudo; e perdida a côr do rosto ia empeçando nas razões. E d'estes signaes entendeu Lionizéa, que era a senhora da casa, mais, do que a pastora falando descobrir: e porque alli não estavam outras testemunhas, senão uma donzella que a servia, e de que fiava seus proprios segredos, lhe pediu que sem invenção, nem cautela lhe contasse quem era, e o que temia, porque em nenhuma cousa lhe negaria favor, e ajuda, além do segredo a que estava obrigada. Para isto sentando-se ella, e mandando á pastora que tambem o fizesse, começou Montéa entre muitas lagrimas os desvariados successos de sua ventura, que moveram a tal sentimento a Lionizéa, que com lagrimas, e palavras a consolou: e havendo que lhe deparava o Céu de que tambem confiasse sua dôr, que não é pequeno alivio para quem a sente, lhe começou a dizer d'esta maneira:

Peregrina pastora, que em memoria
 De tua historia, o vida descontente,
 Renovaste egualmente minha pena ;
 E ois a ventura ordena por tal via
 Que eu ache companhia, ouve-me atenta;
 Que em saber meu tormento desigual
 Acharás em teu mal nova brandura.

Nos braços da ventura fui nascida,
 Creada, e escolhida em seus favores,
 Qual tu entre os pastores invejada :
 Tive idade curada para amor ;
 Quanto tôra melhor sentir seus damnos
 Antes de desenganos tão custosos !
 Assim foram ditosos meus começos,
 Como avessos os fins do bem que tinha.

Não foi a patria minha a mesma terra,
 Onde hoje me faz guerra o meu cuidado ;
 Mas n'um monte apartado da cidade,
 Que com mais liberdade fez senhora
 A vontade, que agora é tão capliua :
 Vivia livre esquivã, e não tratava
 Mais, do que me obrigava a um leve gôsto ;
 Não já em cuidados posto, mas tão leve,
 Que, escassamente teve em mim razão.
 Faltava occasião para obrigar-me,
 Não faltava inclinar-me a natureza,
 Era minha belleza celebrada
 De todas venerada, e o respeito
 Fazia em meu sujeito senhorio ;
 Mas no maior desvio do desejo,
 Eis que esperar-me vejo uma suave
 Prisão que tinha a chave em mãos da sorte,
 Que eu nunca por tão forte imaginara,
 Como esta é sempre avara a quem contente
 De seu damno innocente, não alcança
 Que atraz de uma esperança ha mil enganos.

N'estes annos alegres venturosos,
 Parentes, cuidadosos de casar-me,
 Tratavam de tirar-me a dôce vida,
 Que eu gosava esquecida de outro enleio :
 Mas foi tão dôce o meio de perdê-la,
 Que por ditosa estrella celebrava
 A que então me guiava a tal estado :
 Esposo me tem dado, e por certo,
 Que por juizo esperto se escolhia,
 Em sangue, em cortezia principal,
 De rosto, e sorte igual, e compostura ;
 E eu só d'esta ventura, que era minha,
 Sômente o nome tinha do marido ;
 Com este no sentido retratando
 O que me iam contando, por usança
 Formei minha esperança a meu sabor.

Assim lhe dava a côr na phantasia,
 Os membros lhe fingia, a voz, e o modo,
 Pintado n'alma todo portal arte,
 Que em qualquer parte logo conhecera
 Que elle só era o bem que amava tanto.
 Chegou o prazo emtanto do desejo,
 Que com favor sobejo procuravam
 Os que tratavam ver-lhe o fim ditoso;
 E antes que o caro esposo lêdo visse,
 Ou porque o permitisse minha estrella,
 Porque com tal cautella convertesse
 Um tão grande interesse em nova pena
 Ou porque amor ordena estes enredos,
 Viram meus olhos lêdos vir deante,
 Antes que o caro amante logo assome,
 Outro do mesmo nome, que ouvi logo;
 E como o vivo fogo, que a alma accende,
 Da razão não entende o movimento,
 Perdi com o sentimento tudo o mais;
 Julguei pelos signaes, que comprehendera,
 Que aquelle era o meu ditoso bem;
 Era d'elle porém estreito amigo
 No qual vi meu perigo, e minha gloria;
 Porque quanto a memoria dentro tinha
 Por obra minha impresso largamente,
 Se me mostrou presente, no que via
 O nome, e phantasia, me assegura
 Que este era o que a ventura me escolhera:
 E como quem espera, e teme o bem,
 Que ousadia não tem de perguntar,
 Esperava logar de descobrir-me;
 Porém sempre tão firme na suspeita,
 Como bem satisfeita d'este emprego.
 Mas no desassocego se mostrava
 Que a furtos empregava n'elle a vista.
 E tendo esta conquista já por certa,
 Foi descoberta toda a vãmentira,
 Quem nunca vira d'ella o desengano,
 Que com semblante humano me falou,
 E o falso me mostrou ao verdadeiro!
 Assim que foi terceiro de entregar-me
 O que para obrigar-me me vencêra:
 Eu, que entendi qual era o meu enleio,
 Da vergonha, e receio combatida,
 Menos agradecida já a meu fado,
 O sim, que tinha dado, confirmei;
 Porém não sei se estava então commigo.

O novo, e caro amigo no meu peito
 Teve o que por direito era já seu;
 Mas nunca se perdeu n'alma o signal
 Do bem, que eu por meu mal tinha escolhido,
 Na idéa fingido, e na memoria
 Sentia gôsto, e gloria, se acertava
 De o vêr quando passava, ou quando ouvia
 O que de mim dizia livremente;
 Mas pouco differente mostrou logo

O peito d' este fogo que accendera,
 Cuidando que só era o que encobria,
 Que amava, e padecia por querer-me,
 Com obrigar-me, e vêr-me, publicava
 Nes olhos o que estava receando ;
 E assim se foi mostrando n'osso intento
 Té que o atrevimento do desejo
 Manifestou sem pejo os corações,
 Que em mil occasiões tinha apartado,
 E menos confiado, que rendido,
 Ora mais atrevido, ora confuso,
 Como Amor tem por uso, o dôce amante
 Me offereceu deante uma vontade,
 Que já sem liberdade se rendia.

Ah venturoso dia, que a memoria
 Inda renova a gloria na lembrança,
 De que já a esperança me faltou!

Assim facilitou a occasião,
 Com que nossa affeição deu melhor fructo,
 E foi crescendo muito em poucos dias ;
 Mas minhas alegrias se somnavam
 Em quão bem me pagavam este amor ;
 Que o bom trato, e favor do esposo meu
 Estreito amigo seu tinha por capa :
 Porém que cousa escapa sem meu damno ?
 O tempo, que é tyraão para todos,
 Buscou diversos modos, com que agora
 De livre, e de senhora feita escrava,
 Fui do que buscava ; e só padecce
 A alma que conhece o que perdeu.

Da cubiça nasceu todo o meu mal ;
 E de principio tal, que não se espera :
 Os dois, que Amor tivera sempre unidos,
 Por ella divididos se trocaram ;
 Logo então se falaram com recato,
 Perdido o gôsto, e trato da amizade.
 Tirando a liberdade do costume,
 Feito em queixume o meu contentamento,
 Que este avarento vão vil interesse
 Faz com que parecesse meu descanso ;
 E assim de lança em lança desordena,
 Por causa assaz pequena, um bem tamanho
 Feito o amigo extranho, feneceram
 Os meios que tiveram meus amores.
 E agora em mil temores convertida,
 A gloria já perdida me atormenta ;
 Tudo me descontenta quanto vejo ;
 Posto meu vão desejo só na morte,
 Sem esperar que a sorte se melhore.

Julga se é bem que chore o triste estado,
 Em que poz meu cuidado uma mudança,
 Sem que já de meu bem tenha esperança?

Pagou a pastora igualmente a Lionizéa o sentimento, que mostrou de seus males, dando muitas razões de differença no remedio d'elles com a esperança, que podiam ter em breve tempo; porque as contendas, nascidas de causa tão leve, levemente se applicam. E porque eram horas do costumado repouso, se apartaram; mandando agasalhar Montéa, como convinha; porém de madrugada antes que a mensageira do dia saudasse a terra, ouviram que do pé das janellas cantavam o seguinte :

*Bens da fortuna, e de Amor,
Que tanto à vida custaes?
Se heis de vir, porque tardaes?*

Se de vir arrependido,
Vos detendes, não me espanto;
Nem se, por tardardes tanto,
De chegar estaes corrido.
Porém, se não sois fingido
Como me representaes,
Se heis de vir, porque tardaes?

Não sei como pode ser
Serdes bens, e mal tratar
Tanto a vida com tardar,
Que se deseja perder.
Custoso fica o prazer,
Que atraz tantos males daes,
Pelo muito que tardaes.

Este termo tão cobarde
De me buscardes a medo,
Eu o ví já, que mui cedo
Soube que chegaveis tarde:
Se quereis que mais aguarde,
Não sei se viverci mais;
Se heis de vir, porque tardaes?

Podem fazer grandes danos
Estas horas de tardança
A uma fraca esperança
Enferma de tantos annos:
Se sois bons, e não enganés,
Como eu vejo dos signaes,
Se heis de vir, porque tardaes?

Conheceu logo Montéa ao seu Menandro, e nenhum d'elles cria ter tão perto o fim de seus trabalhos: e deixando o alvoroço, com que Lereno, e elle se encontraram, e a alegria com que o pastor recebeu as novas de Montéa, que o tornaram mudo per grande espaço; ambos vieram

para a buscar. E sabendo o Peregrino que não podia faltar n'aquelle lugar, onde a deixára, fez que o verdadeiro amante com estes signaes a despertasse. Ella com o alvo-roço não sabia o que fizesse, ora se levantava, e se vestia buscando as janellas da casa em que estava; ora, imaginando a manhã mui perto, se aquietava reprehendendo entre si sen desatino. Leonizéa, que sentia o seu dessasocego, e tambem ouvira a musica do maguado pastor, mandou dizer a Montéa que, com condição que a tornasse a ver, lhe mandava abrir as portas para que fôsse receber o seu desejado amante; o que ella fez como quem por experiencia tinha conhecido, que quanto está mais perto o fim do desejo, tanto custa mais á vista a tardança do gôsto; e nunca as esperanças cançam tanto, como quando está á vista o prazo d'ellas.

Jornada segunda

Posto que os bens de Amor, e da ventura, a quem os alcançou traz de multos cuidados, e esperanças, saem a preço tão caro, que a vida, que os havia de lograr, acaba quando elles começam: bem se dá por galardoado em seus trabalhos quem no fim d'elles chega a colher o fructo que sempre lhes desejou. Isto aconteceu ao namorado pastor Menandro, o qual, bém que não podia ter de Montéa igual satisfação aos damnos, que por sua causa padecera, o grande amor que lhe tinha, fez que, em a vendo, não só tivesse por gloria os males passados, mas por boa sorte a de os ter padecido por seu respeito. Deixámos o seu caminho quando atravessava a cidade fugindo aos olhos do Peregrino que o seguia, até que um grande espaço, fora dos muros d'ella, ouvim o pastor que iam traz elle, e que o chamavam por seu proprio nome; voltou o rosto, espantado de vêr, que n'aquella terra extranha havia quem o conhecesse; e mais ficou vendo ao Peregrino, sem poder atinar em quem seria, que poderoso é um sentimento para fazer esquecer lembranças mais bem fundadas. O amigo, que entendeu o seu enleio, lhe disse quem era, e donde o conhecia: ao que elle respondeu com lagrimas, e abraços, dando por desculpa de o desconhecer a desventura, que lhe trazia alheados os sentidos. E porque o animo do Peregrino não consentia encobrir-lhe muito tempo o remedio, pedindo-lhe alyçar as

de Montéa, lhe contou como ambos o vinham seguindo havia muitos dias. O sobresalto do pobre pastor foi com tal extremo, que perdeu a fala, e a côr; e cahira em terra desaccordado, se não achara deante os braços de Lereno, que n'elles o deteve, e o trouxe consigo, contando-lhe pelo caminho algumas cousas da vida da sua pastora, e quão arrependida estava de haver até então tido em pouco uma fé, e amor tão verdadeiro. Menandro ouvia tudo cheio de contentamento; e tambem lhe veiu contando os muitos logares, que tinha peregrinado depois que d'elle se apartára nos campos do Mondego; e como já desesperado de achar a Montéa, com determinação de não tornar a morrer onde nascera, se ia embarcar para reinos extranhos, em um porto que perto d'alli havia. N'esta pratica, e no caminho descuidadamente se lhes acabou o dia, e tornaram a entrar na cidade com o sol posto. E não acertando o Peregrino com o logar, onde deixara o disfarçado companheiro, nem sabendo o que havia de perguntar para que o guiassem, poz a Menandro em condição de desesperar: emfim deram tantas voltas, que os guiou a ventura áquella parte a horas que já n'ella não tinham entrada, nem elles (como pastores) confiança para a procurarem. Passaram a noite, que a ambos não pareceu pequena, ao amparo d'aquellas paredes; e na madrugada Menandro a acordou com esta cantiga:

*Despertaes, meu bem perdido,
Em tantos males buscado;
Pois vos busca um desvelado,
Não durmaes como esquecido.*

A' vossa vista, meu bem,
Não me escondaes a ventura
Já passou a noite escura:
Minha luz, quem vos detem?

Meu sol ha tanto escondido,
N'outra esphera levantado,
Parecei a um desvelado
Por vossos raios perdido.

Minha perdida alegria
Como a dilataes agora?
Não me rompaes tão boa hora,
Vinde antes que rompa o dia.

Meu bem, dos meus esquecido,
 Meu amor, d'este afastado,
 Vinde vêr a um desterrado
 Mais amante que offendido.

Minha natural extranha,
 Minha alegre saudade,
 Não vos perca na cidade
 Quem vos perdeu na montanha.

Baste um tempo tão comprido,
 De offendido, e desterrado;
 Desperta, meu bem achado;
 Não cuide eu que estaes perdido.

Montéa não podendo com o alvoroço gastar mais tempo em esperanças, pagando por junto ao seu pastor n'aquelle hora o que em tantos annos lhe tinha desservido, abrindo as portas se veiu lançar aos seus pés como vencida: elle a levantou nos braços com tanto amor, e tristeza, que as lagrimas, e as razões se misturavam no logar, d'onde sahiam; e, sem cada um poder falar de contentamento, davam claro testemunho do que a ambos tinha custado aquelle desterro. E porque o dia vinha já descobrindo os enganos da noite, não querendo fiar seus segredos da cidade, se sabiram d'ella; andaram a maior parte d'aquelle dia, e foram descançar a uma aldeia, onde acharam gasalhado com tanto favor, que se detiveram alli tres dias, e n'elles determinou o Peregrino que se desposassem Menandro, e Montéa, manifestando o engano de seu traje: os moradores, pela boa vontade, que já lhes tinham, se offereceram alegremente aos festejar. Uma tarde antes d'aquelle dia, em que havia de ser o recebimento, se ajuntaram todos em um alegre valle, com instrumentos de musica, e de alegria, celebrando o contentamento do pastor estrangeiro; ao qual pediram (sabendo a sua historia) que dêsse graça a amor de quão bom fim ordenara a seu cuidado, pois já, quando o desenganavam as esperanças, alcançara o bem que pretendia. Menandro, que nem a elle, nem á ventura queria mostrar-se ingrato, a um instrumento dos pastores cantou o seguinte:

Males, agora em gloria convertidos,
 Ainda que tanto já me atormentastes,
 Sempre sercis de amor doces lembranças,
 Se ercis tormento, e pena dos sentidos.

Já em prazeres da alma vos tornastes,
 No fim de tão compridas esperanças,
 Se a traz tantas mudanças,
 Perdestes natureza, e condição;
 Perca-se contra vós meu vão quixume,
 Comece a dar-nos graças; que é razão
 Mudar-se com a vida o meu costume:
 Quem por males vos tem,
 Não vos viu na presença de meu bem.
 Ah males praguejados,
 Ditoso o que vos viu quando passados!

Trophéus, que no templo da ventura
 As paredes honraes com tanta gloria
 De quem a amor servindo vos venceu,
 Razão é que pendaes da mór altura,
 Em ditoso signal de uma victoria,
 Que o tempo, o fado, e amor me concedeu.
 Já agora se perdeu
 Na maior força sua o meu receio;
 Contento vejo o fim de tantos damnos;
 Quando fugia á sorte, o bem me veiu,
 Que ás escuras busquei tão largos annos:
 Venturoso o perigo,
 Que no fim tanta gloria traz consigo;
 Doce contentamento
 Aquelle, que amor deu como avaro.

Arvores, e penedos estrangeiros,
 Em que escrevi mil vezes minha pena
 Com o nome de uma ingrata e fugitiva,
 Pois já não são meus males verdadeiros,
 E a causa de meu mal agora ordena
 Que alegre, e sem temor a gosa, e viva;
 Essa lembrança esquivada
 De meus suspiros tristes maguados
 Converti-os em graças da ventura,
 Que, fóra de seu uso, ouviu meus brados,
 E mostrou a meus ais nova brandura:
 Sómente em vós se leia:
 Vive Menandro em graça de Montéa,
 E gosa justamente
 O fructo de querer, e andar ausente. »

Guardadores estranhos, que me ouvistes
 Fazer queixumes vãos de minha estrella
 Quando a minha pastora me detinha,
 Se já vos fiz chorar lagrimas tristes
 Com o sentimento, e magua de perdê-la,
 Dae-me hoje os parabens da gloria minha:
 Se padecer convinha
 Para estimar em mais esta mudança,
 Ah bemaventurado soffrimento,
 Que, até pôr em taes termos a esperança,

Soffreu com tanto esforço tal tormento :
 Saiba quem tempo aguarda
 Que não ha bem maior que o bem que tarda,
 Nem gloria mais crescida,
 Que a que se teve um tempo por perdida.

E vós, ó causa, e fim de meus enleios,
 Cuidado tão custoso tantos annos,
 Que agora no fim d'elles me pagaes ;
 Gosto achado entre males, e receios,
 Bem achado no fim dos desenganos,
 Ventura já perdida nos signaes ;
 Agora, que chegaes,
 Seja para durar tão longamente
 Como offendia o mal que permittistes ;
 Dae-me tantos momentos de contente,
 Como já, sem vos ter, tive hora tristes ;
 Que assim costuma o fruito,
 Que se colhe mais tarde, durar muito ;
 E é cousa boa, e justa
 Que se logre mais tempo o que mais custa.

Alegres campos, ledos guardadores,
 A gloria celebrae de meus amores ;
 E os tristes juntamente
 Se alegrem vendo um triste tão contente.

Menandro que, além de ter a voz extremada, e ser destro n'aquella arte, o ajudava o contentamento em que se via, cantou tão suavemente, que a todos os pastores alegrou; sómente o Peregrino com os olhos em terra mostrava, que alguma outra lembrança o suspendia, porque imaginando quão falsa era a confiança do companheiro, e quão custosa lhe fôra, e quanto menos seguros, que arriscados, ficavam d'alli adeante seus prazeres, não podia mostrar no rosto alegria, como aquelle que tinha o coração desenganado. Attentando todos n'esta differença, o culparam; e um d'elles, a que chamavam Pedralio, disse para os outros:—Ou este estrangeiro tem inveja ao estado de seu amigo, ou saudade, e desejo de outro semelhante; que não diz bem a sua tristeza com o cuidado, que poz em procurar nossa alegria.

—Tens razão, disse elle, de me culpar, e eu nenhuma de me entristecer: porém como a minha sorte é de sem-razões, e eu por costume vivo n'eilas, não te espantes; que, por mais que nisso procure resistir a meus males, não posso ser differente.—Para isso, tornou o pastor, se inventou o cantar; e se tu o sabes fazer tão bem como teu compa-

nheiro, com isso desterrarás a tua melancholia, e a minha má suspeita.

Elle sem responder mais, por encobrir melhor a causa de sua tristeza, tomando o mesmo instrumento da mão de Menandro cantou o seguinte .

Como fiz do costume natureza,
N'este extraño rigor de meu tormento,
Vivo de me alegrar a mór tristeza,
E entristecer-me o mór contentamento:
E porque n'isto está posta a firmeza,
Que deu amor por lei ao pensamento,
Em o gósto maior de uma alegria,
Se não vivesse triste, morreria.

Se o veneno mortal cria, e sustenta
A quem o tem de longe acostumado,
Como me ha de dar vida o que contenta,
Se fui sempre com lagrimas criado?
Eu vivo só do mal, que me atormenta;
Que assim me acostumou já meu cuidado;
Na noite escura, e no mais claro dia
Se não vivesse triste, morreria.

Qual o enfermo, que já desconfiado
Dos ordinarios meios da saude,
O manda á patria o medico acertado,
Por vêr se a natureza tem virtude;
Eu querendo dar vida a meu cuidado,
Que sustental-o em gostos nunca pude,
O torno ao natural, que, onde vivia
Se não vivesse triste, morreria.

Se aquillo que mais move, e mais convida
A qualquer outro, a mim me troca a sorte,
E' porque a minha vida é menos vida,
Que semelhança, e sombra vã da morte:
Porém se por mudavel, ou comprida
Houver de se mudar pena tão forte,
Ainda nos móres gostos, e alegria
Se não vivesse triste, morreria.

Não se espante de vêr meus olhos rios
Quem a causa não viu, por que padeço;
Ouça de minha vida os desvarios,
Julgará logo o fim pelo comêço.
Nos asperos desertos, nos desvios,
Como nos povoados, não me esqueço
Da causa de meu mal; e em tal porfia
Se não vivesse triste, morreria.

Vivam ledos aquelles, que a ventura
 Libertou d'este estado tão queixoso;
 Sem sombras se lhe passe a noite escura,
 Vejam de dia o sol claro, e formoso:
 Tudo lhes seja amor, e formosura,
 E a mim tudo cruel, triste, e penoso;
 Pois que na mais alegre companhia
 Se não vivesse triste, morreria.

Se a tristeza do Peregrino lhe fizera perder opinião com os pastores, a do seu canto lhe adquiriu em elles tanto louvor, e afeição, que, havendo por mal empregados os damnos em tal sujeito, desejavam de lhe alliviarem o sentimento mostrando isto alguns com boas palavras. Pediu elle a todos que em graça dos desposorios cantassem alguma coisa de alegria, pois a elle o tinha a ventura tão obrigado a tristezas: mas os pastores, ou pela que aos dois amigos tinham ouvido perderam a confiança, ou por guardarem tudo para o outro dia, que era o da festa, se escusaram: porém Pedralio voltando para o Peregrino, lhe disse:—Pois eu fui o atrevido que te convidei a cantar, não é muito que agora tome ousadia para o fazer; e se não perco o animo de te haver ouvido a ti, e a teu companheiro, que sois tão grandes mestres, é porque o não tenho de competir com elles; antes tanto mais se me fica devendo, quanto esperar menos louvores da cantiga, que não será tão boa como as que ambos dissestes, mas qual a costumam os vaqueiros d'estas aldeias: e tirando do surrão uma rabeça, que elle sabia tanger muito bem, cantou o que se segue:

Uma formosa serrana,
 Que de cima d'esta serra
 Faz a todo o valle guerra
 Com seus olhos,
 A quem serve de gíolhos
 Amor como já vencido,
 Porque vê n'elles perdido
 Seu poder,
 Uma sesta de prazer
 Desceu ao nosso lugar,
 Quiças para o captivar
 Dos seus amores:
 Juntaram-se os guardadores
 Por vêr sua formosura,
 E alli me trouxe a ventura
 Aquelle dia;
 Chamava-se ella Luzia;
 E a luz, que dos olhos dava.
 A do sol envergonhava
 De corrida;

Uma fraldinha vestida
 Trazia ella de pombinho,
 Com pospontos um saihó
 De arenoso,
 Um corpinho mui custoso
 De chamalote encarnado,
 De velludo debruado
 Com pestanas,
 Que era inveja das serranas
 E dos pegureiros fala;
 Beatihas de bengala
 Mui singella,
 Fita de seda amarella,
 Que por baixo reluzia,
 Que acinte tudo a fazia
 Mais formosa ;
 Continhas de pau de rosa,
 Cordão de linhas bem finas,
 Garavim com mil boninas
 Debuxado,
 Capirote laranjaado,
 Surrão de branco cordeiro,
 Cajadinho de salgueiro
 Traz na mão.
 Não ficou pastor então
 Na aldeia, que de vontade
 Lhe não desse a liberdade
 Ledamente :
 Fui á festa mui contente ;
 Veiu a gaita do logar,
 Despi-me eu para bailar ;
 Senão quando
 Cantam Gonçalo, o Fernando
 Ambos sós de companhia ;
 Sois pelos ouvir Luzia
 Sem demora,

*De onde vem a fructa nova,
 Não na vi senão agora.*

Eu então como indignado
 De me affrontarem assim,
 Chamei Bento a par de mim
 Sem tardança ;
 E antes de fazer mudança,
 Nem dar pulo no terreiro,
 Temperando o meu salteiro
 Concertámos ;
 E com teima lhe cantámos,
 Em que Bento estava rouco,
 E soava ás vezes pouco,
 D'esta sorte:

*Quebrar Leonor
 O pote na fonte,
 E deitar os testinhos
 Tão longe.*

Bem que Luzia attention
 Em mim logo com mais geito,
 Eu fiquei tão satisfeito,
 Que, primeiro
 Que a Bento dêsse o salteiro,
 Já eu no terreiro estava :
 E em quanto elle temperava
 Tomei pó.
 Rodeio o terreiro só,
 Mandeí tocar o villão,
 Pasmaram todos então
 De me vêr,
 Que não se ouvia o tanger
 Com o som das castanhetas;
 Dei tão altas sapatetas
 Por taes modos,
 Que estavam sem sangue todos,
 E dei uma em acabando,
 Que disse o mesmo Fernando:
Bofê boa.
 Depois que eu fiz de pessoa,
 Vae elle canta outra vez
 Com Gonçalo, e mais Ginez
 De concerto:

*Eu perdi o meu ourelo
 Eu perdi-o, e vós trazel-o.*

Bailaram todos então
 Em ordem como lhes coube ;
 Mas só a Luzia aprouve
 O que en cantei:
Cousa, que eu nunca cantei:
 Mas ella vindo a terreiro,
 A mim me tirou primeiro
 Com mesura ;
 Os outros de inveja pura
 Assim se estavam mordeendo;
 Eis quando eu sahi fazendo
 Meu dever:
 Porém não se viu prazer,
 Que não tivesse desconto ;
 Que, aonde eu nunca perdi ponto,
 Me perdi:
 Não sei como foi assi
 Que tropecei n'um torrão,
 Estirei me allí no chão
 De improviso:
 Salta em todos grande riso,
 Ella me erguen de cortez ;
 Mas eu não quiz outra vez
 Porfiar.
 Corrido me fui lançar
 Em so atraz de um vallado,

E cantei de maguado,
E com referta:

*Fui bailar, nahi na festa;
Nunca mais me verão n'ella.*

Com grande alvoroço, e alegria festejaram os pastores a cantiga de Pedralio, e mais que todos a gabou Lereno, a quem ella pareceu muito engraçada; e disse para o serrano que a todos deixara contentes, e vencidos: ao que elle respondeu, que seria na confiança sobeja com que se atrevera, pois em o mais ninguem podia egualar ás suas cantigas.

N'estas palavras se começaram a levantar os pastores, porque eram horas de recolher os gados; guiaram para a aldeia, anticipando as horas da noite por acertar as do dia que esperavam; que é cousa muito certa apressar-se o desejo para bens, que juntamente se acabam com o prazo que a ventura lhes poz para chegarem.

Jornada terceira

Estava o Peregrino tão satisfeito de vér bom fim a seu desinteressado desejo, que só a natureza de Montéa lhe dava cuidado, por temer que destruisse em uma hora a quietação, que elle com tanta vigilancia lhe grangeára: mas deixando ao remedio do tempo o em que elle o não podia dar a suas mudanças, fez o casamento com muitas festas e alegrias do logar, propondo em o premio aos naturaes algumas peças que Ferino, e Florela lhe tinham dado; e assim houve muitas luctas, e jogos pastoris. Os guardadores, e pastores se vestiram tão louções, como se a elles tocára aquelle contentamento. Ficaram todos tres n'aquella aldeia alguns dias; no fim dos quaes, vendo que lhe era forçado deixar aquella companhia, e seguir a sua peregrinação, não querendo perturbar com sua partida o contentamento, que entre os dois amantes cada hora ia crescendo, imaginou o meio com que se poderia apartar d'elles cautelosamente; e parecendo-lhe este o melhor, lhes disse: — Porque o meu desejo era acompanhar-vos até as terras do Tejo patria vossa, e em que eu já habitei me nos descontente, e não posso fazer este caminho sem acabar outro, de que já não tenho o fim muito desviado, vos peço que em

quanto aqui vos detendes, e determinaes vossa jornada, me deis licença para que eu cumpra com as obrigações da minha, deixando entre nós um logar assignado, onde nos tornemos a juntar ao tempo de vossa partida. Entendei que faço isto tanto contra minha vontade, que ella recebe n'isto a maior força; mas como hei de obedecer á minha sorte, não tem valia os desejos.

Muito pesou a Menandro de ouvir esta determinação ao compaheiro; e tratou com Montéa de o estorvar: porém vendo que era em vão, fiados na sua promessa o deixaram ir, repetindo-lhe muitas vezes a confiança, com que o esperavam, e d-terminando-lhe o logar onde se veriam. O Peregrino fez uma saudosa despedida dos d'aquella aldeia; e em particular do hospede, que os agasalhara, a quem encomendou uma carta cerrada para Menandro, pedindo-lhe encarecidamente que lha dêsse da sua parte o dia que com sua esposa se partisse. Os desposados ficaram n'aquelle monte gosando o fructo de seus trabalhos, e cuidados antigos, que sempre deixam tão cançados os sentidos, e tão des-acostumados do bem, que ás vezes periga a vida com a mudança. Passados poucos dias, com lagrimas de amor, e obrigação se despediram da aldeia, deixando ao hospede em penhor de divida tão grande o pouco, que a ventura em tão largo desterro lhes deixára. Foram seu caminho, e levaram a carta que o hospede lhes deu sem dizer cuja era, pedindo-lhe que a não abrissem, senão depois da primeira jornada; porque, sabendo já o que continha, lhes não queria dar esse sobresalto; que de animos generosos lhe dilataram o damno que de todo não podem estorvar. Partidos da aldeia andaram todo aquelle dia por caminho differente do que Montéa trouxera, e foram ter a um casal, onde lhes negaram gasalhado, pelo odio que alli tinham a todos os peregrinos, porque este era um dos em que Hircanio executára suas crueldades: passando a noite entre uns sobereiros, se levantaram antes de amanhecer; e em o sol sahindo se lembrou Montéa da carta que traziam; e abrindo-a conheceram a lettra do Peregrino que dizia assim:

Menandro, ditoso amigo,
A que por ordem de Amor
Guardei tão caro penhor
Com sobresalto, e perigo,
Pois que não posso contigo
Ir gosar em liberdade

O bem de nossa amizade,
 Nas praias que lava o Tejo,
 Porque contra o meu desejo
 Teve Amor outra vontade :

Vae com venturosa estrella
 Gosar livre o teu descanso;
 Que se agora não te alcanço;
 É porque nasci sem ella:
 Não te offendas da cautela,
 Com que me apartei de ti;
 Que por bom meio escolhi
 Negar-te o meu pensamento,
 Por não metter sentimento
 Na alegria que te vi.

Não convém a um desterrado
 Caminho tão differente;
 Nem é justo que um contente
 Vá tão mal acompanhado:
 Eu sigo traz de um cuidado,
 Que amor, e a sorte me deu ;
 Pois este te concedeu
 Que o tempo te restitua
 A gloria que já foi tua,
 Deixa-me ir com o que era meu.

Deixae-me andar com meu danno
 Só sem outra companhia,
 Seguindo minha porfia,
 Té que a vença o desengano:
 E se inda vir mais humado
 Este amor que me desterra,
 Quiçá que livre de guerra
 Se veja, e não peregrino,
 Aonde o Tejo crystallino
 Banha a mais formosa terra.

Não te esqueças alguma hora
 Das que em te servir gastei,
 Té que livre te entreguei
 A tua amada pastora:
 E pois que te deixo agora
 N'esse repouso invejado,
 Estima em qualquer estado
 De tens cuidados o fruto,
 Que lhe deves querer muito
 Por quanto te tem custado.

A Montéa me encommenda
 Que tenha de mim lembrança:
 Ventura te dê bonança,
 O céo te guarde, e defenda,
 Cresça-te o gado, e fazenda;
 Tal o ten rebanho seja,
 Que faça a todos inveja;

Não te dê nada de rosto;
E tenhas a vida, e gosto,
Que o teu Lereno deseja.

Mais sente um pequeno encontro da ventura o que está mimoso d'ella, do que extranha grandes desfavores seus o que a tem por inimiga. Menandro, que já se via cheio de contentamentos, veio a sentir com grande extremo a falta de um amigo, que havia tão poucos dias que desconhecera, e de quem elle sabia de certo que não podia durar muito em sua companhia. Acabou de ler a carta, e cahiu-lhe da mão, deixando-o tão suspenso, que não sabia dizer a Montéa o que passava; porém ella o entendeu mui facilmente, dando-lhe tão pouca pena a partida de Lereno, como aquella que só na presença sustentava a memoria das maiores obrigações: e consolando ao esposo com boas palavras, o fez caminhar, divertindo-lhe as saudades do bom amigo com contos graciosos, e cantigas que o enlevavam.

Assim vieram ter ao Tejo, onde depois viveram, esquecidos dos agravos da ventura; que assaz deve a seu pensamento quem se contenta com a que tem. O Peregrino despedido dos pastores, em cuja companhia celebrara os desposorios de Menandro, logo que d'aquella aldeia se apartou, receando que o hospede lhe não guardasse com tanta fé o segredo que lhe encommendára, andou as primeiras jornadas com tanta pressa, que ficou assaz alongado d'onde partira, tomando o caminho para a parte do mar que era o mais desviado, foi dar entre uns montes cheios de verdura, e arvoredos, com muitos fontes claras, e graciosos ribeiros, que os dividiam, juntando-se todos em um pequeno rio, que pela faldá do valle vae correndo, d'onde os outeiros, subindo uns traz outros como á porfia, se levantavam até ao pé de um espigão de serra branca, que está para a parte Oriental; e com ser todo aquelle espaço de terra, que os olhos alcançam, muito engraçada, e cheia de arvores de fructo, com abundancia de tudo o mais que a frescura do sitio promette, era tão pouco povoada de pastores, que só de vista a vista appareciam alguns lugares pequenos arruinados. Esta sem-razão culpou o pastor entre si, extranhando aos agrestes moradores de algumas serras vizinhas, por onde passára, que, podendo habitar em tão melhorado sitio, passavam a vida na aspereza dos desertos, indignos do trato, e conversação humana. E en-

direitando para umas casas, que lhe ficavam mais perto, não achou n'ellas pessoa alguma; e foi passando para outro logar: e ao passar de um ribeiro, viu que estavam dois pastores ao pé de um choupo enredado de verdes parreiras, que com alegre latada o encobriam, um cantando ao som das aguas que passavam, outro com o rosto encostado sobre o braço, escutando um soneto, que elle cantava d'esta maneira:

Vou a falar, e amor não me consente;
Mas sae do peito a voz com força tonta,
Que, inda detida, e presa na garganta,
Se me entende nos olhos claramente.

Ahi que cifra de amor, tão differente
Para mostrar um mal que a terra espanta,
Que elle mesmo o declara, e me alevanta
Por culpa, que eu pequei como innocente!

Se dos suspiros meus tanto se offende
Quem é a causa d'elles, que esperança
Terei de merecer com meus cuidados?

Sirvo a um surdo, que o falar defende;
Mas nem de quem se cala tem lembrança,
Nem do que grita a lagrimas, e brados.

Depois que o pastor acabou o soneto, Lerenó se chegou junto a elles, e os saudou; e sentando-se perto do ribeiro, começou a beber com as mãos da agua que corria por entre viçosas espadanas. — Se queres melhor agua, lhe disse o que cantava, perto tens a fonte ao pé d'aquella faia no caminho, por onde has de passar. — Quem vem cansado, tornou elle, qualquer agua acha saborosa; e ainda esta, depois de te haver ouvido, será de maior gosto; que nem a fonte fria ao sequioso, nem a sombra amena, e viração branda ao encalmado são tão deleitosas, como costuma succeder a um ausente os accentos tristes de outro queixoso. — Fizeste bem, disse o pastor que escutava, de gabar a cantiga a meu companheiro; que estava eu tão alheio de o fazer como sempre o serei da sua opinião: e porque julgues qual das nossas é melhor fundada, te peço que tambem me queiras ouvir, se não vás muito apressado; e dizendo estas palavras ia tirando já o instrumento; e vendo no Peregrino boa vontade começou:

*Se me seguís, não espero;
Se me fugís, vou traz vós:
Não sei que quero de vós,
Se não um vosso não quero.*

Vontade tão desigual
Não se viu nunca em ninguém,
Que, para querer-vos bem,
Me haveis vós de querer mal.
Quem pergunta se vos quero,
O pode saber de vós;
Que, em não querendo-me vó,
Morro por esse não quero.

Como tenho o meu de ejo
No que a ventura me n'ga,
Muda-se o bem quando chega
E morro quando o não vejo:
Não vos ver sómente espero
Para suspirar por vós;
Que eu não sei querer de vós,
Senão um vosso não quero.

Por contrario da ventura
E' de mais preço este amor,
Que cresce no destavor,
E se acaba na brandura:
E quando fôr mais severo,
E' mór senhor entre nós;
Que então me' fino por vós,
Quando de vós desespero.

Quem dará conformidade
Em tão desigual querer,
Pois o que não pode ser,
Isto tenho por vontade:
Quando me quereis não quero;
Se me fugís, vou traz vós;
Nem da sorte, nem de vós
Mais que querer-vos espero.

Sem o pastor esperar que lhe dessem os agradecimentos do que cantára, pondo na relva a sanfona, disse para o Peregrino:—Sabe, estrangeiro, que eu, e este pastor somos irmãos: a mim chamam Arcino, a elle Uranio; e havendo entre nós tão egual amizade, que o coração de um só póde governar a vontade de ambos, nõ particular de affeição somos tão encontrados como a neve, e o fogo. Elle guarda de tal maneira segredo a seus cuidados, que nem de si os fia; e foge dos guardadores por andar só em os desertos cuidando n'elles. Eu tenho tal natureza, que não deixarei de dizer o que sinto de meus amores por

quanto elles valem; e quando me faltem amigos, a que os conte, pelos troncos das arvores os escrevo: e ainda tenho outra desigualdade que é maior; favorecido deixo de ser amante; e desprezado faço por meu cuidado grandes extremos; e estimo para estes em muito pouco a vida: e posto que ambos a temos má, me parece a sua muito peor. As:im o Céu te encaminhe que nos desenganes de qual é maior fadario.—Farei de boa vontade o que me mandas, tornou o Peregrino, mas é necessario ouvir pr meiro ambas as partes; que, de outro modo, seria a sentença injusta, posto que pareça acertada.—Antes quero que a dês contra mim, disse Uranio, que até alli os escutára, que dar eu alguma razão, em que offenda esse segredo, que Arcino me dá por culpa.—Não te obrigo, replicou o Peregrino, a que me descubras nada de teus amores, mas que contes a razão, e a lei com que os guardas; que tambem sei alguma cousa do que é encobrir pensamentos; e já pôde ser que tenha os meus com mais rigorosa obrigação; e sabendo a tua, me consolarei da força que padeço. A isto respondeu elle levantando-se da relva onde estava lançado:—Porque tens arte com tua brandura de me fazeres dizer o que eu não quero, fica-te embora; que a mais segura resistencia para os perigos é fugir d'elles.

Com isto se partiu, e os deixou com as palavras cortadas, e por mais que lhe ambos bradaram, os não quiz ouvir, nem voltar o rosto. Não pareceu mal ao Peregrino o modo com que aquelle amante guardava sua fé: e ficando só com o irmão, depois de outras razões, em que foi adeante no conto de seus amores, lhe perguntou Lereo a razão, por que era tão despoçada uma terra tão aprazivel, como pareciam aquelles outeiros, além da abundancia que promettiam por sua fertilidade; porque via até aquelles pequenos logares arruinados, e desertos.—Se tu, que és estrangeiro, respondeu Arcino, não sabes d'esta terra mais que o que te parece, extranhas vér o desamparo de suas aldeias, quanto será differente o sentimento a quem, quando estas ribeiras floresciam, gosou na meninice a gloria d'ellas? Sabe que isto, que agora vês deserto, foi em outro tempo um templo de amor, thesouro de suas riquezas, theatro de suas alegrias, eschola de suas artes; aqui foram as musicas, os jogos, os enredos, as competencias namoradas; aqui floresceram os amantes, que de suas historias deixavam no mundo lembrança; aqui as pastoras, cuja formo-

sura é ainda agora celebrada na memoria, e no entendimento dos naturaes, e na inveja dos estrangeiros. Como a fortuna em nenhum estado deixa permanecer as cousas humanas, e as que estão mais crescidas com seu favor, teem mais certa a ruina invejosa do bem, que gosavam os contentes, e alegres moradores d'esta montanha, poz em inimizade o senhor d'ella com um estrangeiro poderoso, e favorecido dos bens da fortuna, com que antes tinha irmandade, e liança de muitos annos, commerciendo as suas, e nossas gentes por meio de um porto de mar, que de nós fica vizinho: e como esta contenda teve por ministro o interesse que a fazia mais perigosa, cresceu o odio de maneira que, procurando cada um a total destruição de seus senhorios, sustentaram comprida guerra. Como estes males caem sempre com maior força sobre os menores, porque estes são os que mais ordinariamente padecem, da continua avexação, que os moradores recebiam dos inimigos, vieram a desamparar suas moradas, que se foram arruindo da maneira que vés. Ficaram por estes montes alguns naturaes, que com o amor da patria se esqueciam dos damnos que n'ella esperavam; e outros, que impossibilitados para a fugida faziam virtude na resistencia. Alguns annos depois estando cada dia em peor estado nossas esperanças, em um valle, que está entre o outeiro mais alto, e a serra branca, nasceu uma fonte de maravilhosos effeitos; e foi extranho o modo, por que se experimentaram: mas porque a historia é muito comprida, te direi o seu nascimento, que é entre o mais antigo, e espesso arvoredado, que ha no contôrno d'estes montes, entre uma areia branca muito mimosa; e cabindo em um ribeiro não muito grande, faz d'alli perto uma lagôa, onde as aguas perdem toda a formosura com que nasceram, e ficam ceruleas, e pesadas; e lavando-se n'ellas quem endoudeceu por amores, torna logo a cobrar seu antigo juizo; e como esta enfermidade é tão geral no mundo, acharás d'este valle para deante muitos pastores estrangeiros, amigos, e parentes de alguns, que n'esta montanha vem buscar remedio. Eu sou natural d'estes montes, e tenho a minha morada n'este casal, que aqui deixaste á mão esquerda: vivemos juntos eu, e aquelle meu irmão, a que ouviste cantar, e ando finado pelo fazer que se lave n'aquella lagôa, porque o tenho por mais necessitado das virtudes d'ella, que muitos que aqui trazem.

A isto se sorriu o Peregrino, vendo quão mal aquelle pastor conhecia sua enfermidade, compadecendo-se tanto das alheias; e respondendo ao seu conto lhe disse:— Extranha cousa me contas, e que eu em extremo estimo saber por outra fonte d'esta maneira, em que já me achei em uma região bem alongada d'esta; e assim não deixarei de chegar a este lago.

Estando n'esta pratica ouviram para baixo do ribeiro cantar uma voz, de quem parecia que se ia apartando d'aquelle logar: e procurando ouvir a lettra, dizia d'esta maneira:

*Amor, já desenganei
Um cuidado que trazia;
Pois me fugiu quem seguia,
Fujo de quem já busquei.*

Se o ser, tu não querida
Fôe ventura em meu poder,
Juro, amor, de não querer,
Por não ser aborrecida.

Por agradecida amei;
Deixou-me quem me queria:
Se amor esta na porfia,
Siga-me, que eu fugirei.

Novo termo de afeição
(Se não é nova loucura)
Correr atraz da ventura,
Só para lhe dar de mão.

Já agora conhecerei
A primeira, que seguia;
Já não quero o que queria,
Já fujo de quem busquei.

Se a quem foge ides seguindo,
Amor, de puro cobarde;
Inda que eu soubo isto tarde,
Viveréi de vós fugindo:

Se quando desenganei,
Quem mais que assim me queria
Com mais amor me seguia,
Com mór razão fugirei.

Qual menino porflastes
No que era mais defendido;
Porém, depois de adquirido,
Máis facilmente o deixastes:

Como tal vos tratarei,
 Amor, com minha porfia:
 Fuja embora a quem seguia,
 Que eu não sabia, e já sei.

Ouvindo Arcino esta cantiga desamparou logo ao estrangeiro, dizendo-lhe que, pois sabia as condições com que servia a Amor, não extranhasse faltar ás leis da corteza: que fugia d'elle a sua pastora, e que lhe era forçado seguil-a: e tomando o ribeiro abaixo, desapareceu brevemente. O Peregrino ficou com os olhos n'aquelles montes, que já, pelo que d'elles ouvira, o moviam a saudade, e compaixão; e com desejo de ver a lagôa das maravilhas, foi subindo aquelles outeiros, achando-os cada hora mais engraçados: e não lhe bastando o dia para chegar ao valle, ficou a noite entre uns levantados choupos, que cobriam uma fonte, a qual então com o escuro da noite se não divisava, mas como o suave murmúrio das aguas, que d'ella corriam, convidava a saboroso somno: alli o esperou o pastor sobre a verdura, doce leite, que a natureza fabricou para os cansados, mais saboroso muitas vezes para os sentidos, que quantos a vaidade inventou, menos para grangear repouso, que para facilitar cuidados, que o não consentem.

Jornada quarta

Dormiu o Peregrino favorecido do movimento d'aquellas arvores, e do murmurar das aguas, que por entre ellas corriam: e como vinha cansado das jornadas em que se apressara por fugir aos olhos de Menandro, de tal maneira se entregou ao somno, que era o sol nascido ao outro dia, e elle repousava ao pé da fonte; mas com a claridade, e quentura dos raios, que o tocaram, acordou, e viu o que a capa da escura noite lhe encobrira, que era um lugar tão aprazível, que a qualquer espirito saudoso podia desterrar a tristeza: porque a fonte nascia em uma corôa de areia branca, rodeada de muitos jasmims, e madresilvas, que enredados em umas hâsteas novas de avelleira, faziam uma graciosa latada, misturando-se-lhe do matto algumas flôres encarnadas, e amarellas, que a faziam mais formosa. As flores, que dos jasmims cahiam, semeavam como de brancas estrellas a agua clara, que respirando n'aquella hora um alento suave, que movia o cheiro das flores, fazia uma

transparente nuvem, que encarecia mais a vista d'aquelle logar: vinha esta agua parar a um penedo que as distillava no baixo do valle; e as aguas desfeitas em góttas se espalhavam sobre umas folhas grandes de côr maritima, que nasciam no meio do ribeiro; em as quaes tocando se enovelavam, como azougue convertendo-se em perolas crystallinas, que com a côr, e sombra das mesmas folhas faziam no meio uma mina tão formosa como o bello girasol, quando engastado em negro esmalte divide as côres, que o arco celeste nos descobre no tempo do temperado inverno: abaixo d'este penedo em uma planura estavam os choupos, freixos, e salgueiros, que agasalharam ao Peregrino, lavrados de letras, e nomes, que com o tempo iam crescendo, e escurecendo a tenção de quem os escrevera; porém n'um d'elles se lia claramente esta oitava:

Aqui gosou um tempo bello Armido
 Lucelia, que era o bem de seu cuidado;
 E á bella Cytheréa, e a Cupido
 Esta fonte e logar deixou sagrado:
 Se algum pastor aqui leve atrevido
 Trouxer na ardente sêsta o manso gado,
 Não offenda estas aguas, e estas flores;
 Que Amor o manda assim aos seus pastores.

Emquanto o Peregrino lia estes versos, e outros nomes, e signaes, que se divisavam já mal pela antiguidade da escriptura, se veiu direito a elle um pastor com um ramo de louro na mão, uma capella d'elle na cabeça, sem outra insignia pastoril mais que uma funda, com que se cingia; e saudando a Lereno, lhe perguntou se vira por allí passar dois companheiros seus, dando-lhe d'elles os signaes.—Ha pouco que acordei, respondeu elle, que bem podiam passar sem que eu os visse; porém depois de acordado não dou fé d'elles.—Quero logo descançar, tornou o do ramo, porque se tu os não sentiste, menos os alcançarei eu já agora; e se houveres de ir para a parte, d'onde eu venho, tornarei contigo.—Vou, disse o pastor, a ver uma lagôa, que está perto d'aqui, pelas cousas que d'ella me contam.—Vás bem aviado, disse elle, que d'aqui até lá não acharás mais que doidos, que ou te chegarão a estado que o pareças, ou a outro ainda peor.—E como conservas tu logo a vida, tornou o Peregrino, andando tão perto d'elles?—Isto te direi eu de boa vontade, com condição que me has de manter segredo; e debaixo d'este sabe que eu lhe

desappareço, e me transformo em outro ca la vez que quero; e assim lhes não dou logar de me alcançarem. — Agora me fica isto muito mais escuro, e duvidoso, disse Lereño, e que cousa trazes contigo, que tenha tanta virtude, e valia? — Pois ouve-me, respondeu o do ramo, e saberás tudo em quanto vamos por este caminho, e juntamente te defenderei não te façam algum mal estes desatinados.

O Peregrino, que desejava companhia, não sabendo ainda qual a d'este era, o seguiu de boa vontade; que ordinario é em o necessitado sahir a qualquer partido, e não reparar em condições. — Sabe, continuou o do ramo, que eu tenho a minha morada d'aqui a um bom pedaço ao longo do mar; e acordando uma madrugada, ouvi na praia grande alvoroço, e arruido; e sahindo desacordado por ver o que seria, achei a Mercúrio que sahira de uma nau de Levante em habito de Peregrino, e andava com Protheu ás pescoadas, sobre uma differença, que tiveram no mar em casa de Neptuno, sobre um livro de arte magica que fôra de Medéa. E ainda que Protheu era gigante, lhe armou tantos pés o bom do trocabras vindo a arcar com elle, que o estirou na areia, e alli lhe cahiu uma bolsa de pelle de lontra, que eu levantei em quanto os vi embaraçados, e metti-me com ella entre Scylla, e Carybides; e achei dentro quatro dentes da serpente de Cadmo, um ramo dos cornos de Actéon, uma orelha de Midas, uma ferradura do Pégaso, dois fuzis da cadeia de Vulcano, um bigode do Minotauro, e uma pedra que cahiu da mão a Pyrrha quando com o marido, e com ellas renovou o mundo. Como eu me vi com isto, virei-lhe os calcanhares, e fui-me ao oraculo de Apollo, d'onde vim mais lettrado que Meduza; e sei mais dormindo que estes acordados.

O Peregrino, que conheceu de todo sua doidice, pelo não induzir a nova furia, pois lhe era forçado il-o seguindo, lhe pediu que lhe contasse o successo d'aquella briga. — Não me achei, respondeu elle, até o fim, porque sahiu do mar, em favor de Protheu, Eolo com uma manga de arcabuzeiros todos da sua relé, cavalgados em baleias, e tubarões, e levantaram tão grande poeira, e trovoadas, que eu com medo me puz em salvo no monte Olympo: porém depois soube de um ordinario que ia levar cartas ao monte Parnaso, que Jupiter os mandou prender, a Mercúrio na espelunca de Caco, e ao outro na de Polyphemo; e remetteram-se os autos da prisão ao inferno a Minos, Eaco.

e Rhadamantho, que eram juizes de seu fôro, e a mim me affirmou a Harpya Celeno, que levava uma carta de favor por parte de Mercurio para Prosérpina, a quem elle houvera as arrecadas de Penélope, que corria risco degradarem a ambos d'esta vida por tempo de dez annos.

Que extranha maneira de doudice, disse Lerenó entre si, atormenta a este coitado! misturou com seus cuidados proprios mentiras alheias, e não sabe tomar pé em ellas, nem em elles; e nem sei se o milagre d'esta lagôa lhe dará remedio. E virando para elle disse: — Certo que estou passado de teus poderes, e sabedoria; e com razão trazes essa corôa, e esse ramo como vencedor. — Este, disse o doido, é a vara de Pallas; e o que trago na cabeça o elmo de Plutão; e alli n'aquella fonte, d'onde agora partimos, tenho escondidas as armas de Achylles para estar acautelado contra alguma traição d'estes inimigos, que por aqui andam. — Que pastora, perguntou Lerenó, foi aquella Lucelia, que deixou tão celebrada esta fonte, de que falamos?

A isto deu elle um grande suspiro, e disse: — Ah quanto me tem custado seus amores: e quão desesperado estou de tornar a vêr sua formosura, porque a levou enganada d'este valle para o inferno Alecto para dar tormento aos amantes condemnados; e nunca a mais vi; mas ha poucos dias que determinei dar-lhe uma musica, e tive para isso Orpheu meu grande amigo, e avisado Acheronte que nos tivesse a barca enramada; mas o bargante convidou as tres filhas, e ao Cérbero, que houveram de descobrir o meu segredo: emfim nós na lagôa estygia, quando caem uns foguetes do carro do Sol, que nos fizeram fugir; e sabida a causa, celebravam aquella noite os desposorios de Baccho com Amphitrite, ainda que todos os da região do Norte pozeram embargos aos pregões.

N'estes despropositos, e outros foram passando o caminho: e o doido como viu que estava perto o lago, d'onde todos fugiam dando um grande apupo foi correndo até um outeiro, e d'alli se poz ás pedradas com a funda ao Peregrino, dizendo: — Não has de chegar cá, que só nós havemos de ser doidos.

O pastor se defendeu acolhendo-se ao antigo tronco de um carvalho, e d'alli se foi mettendo entre os outros mais espessos para a parte da fonte, onde se assentou; e não tardou muito tempo, que ouviu dentro no arvoredó uma voz de mulher, que mui suavemente cantáva esta lyra:

Depois que n'este estado,
Em que já disfarcei o soffrimento,
E cresce meu cuidado,
Me vae tirando a vida o sentimento;
Vejo que melhor fôra
Não ter para o perder juizo agora.

Venturoso partido
O de quem por amor endoideceu,
Se tambem com o sentido
De sentir o cuidado se perdeu;
Que em mim a sorte ordena
Que, para ser maior, conheça a pena.

O si-o que aproveita,
Se está na mesma dôr de antes captivo?
E em pena mais estreita
Vejo a causa, porque chorando vivo;
Que maior gloria era,
Se, de o vêr despertar, endoidecera.

Se tambem doida andara
Aqui com o meu pastor, inda que a furia
Sua me maltratara;
Que nunca um grande amor recebe injuria;
Se o cêo tal permitisse,
Que bem me dêra amor mór, que a doidece?

De pertei do confuso
Sonho, que enlcava a phantasia;
Cobrei da razão uso,
Mas nenhuma esperança de alegria,
Que, inda fingidamente
Andava, em quanto doida, mais contente.

Fonte de graças cheia,
Lago maravilhoso, que encerrados
Na tua cega areia
Tens tanta differença de cuidados
Para mim foste engano;
Que o remedio, que eu tinha, era meu damno.

Caro penhor, que vejo
Qual por elle me vi desasiada,
Mal que fez um desejo,
Que a teução teve boa, a sorte errada;
Já a pena vou pagando
Em vêr-te andar assim, e em vêr qual ando.

Não paguei com o sentido,
Que no teu mal perdi sisadamente;
Que, em quanto o tens perdido,
Só de morrer por ti serci contente;
E oxalá queira a sorte
Que seja tua cura a minha morte.

Fôra branda e suave
 A que a tantos parece rigorosa,
 E eu meu tormento grave
 Cobrara o doce nome de piedosa :
 Mas ah ! que não mereço
 Que o fructo goses tu do que eu padeço.

Por entre ramos foi o Peregrino divisando a que cantava, que era uma pastora, com os vestidos já desbaratados, e os cabellos descobertos ao sol, e atados no alto da cabeça, d'onde cahiam para traz desordenadamente; e com este traje descomposto, e algumas lagrimas, que chorava, parecia ella tão formosa, que envergonhava os enfeites, e galantarias mais estimados. Ella vendo o pastor que ia para aquella parte, imaginando que seria algum dos doidos, que por alli andavam, começou a fugir. Porém o Peregrino a assegurou com boas palavras, mostrando que voltaria atraz por lhe escusar a ella a fugida, e sobresalto; então esperou ella que chegasse mais perto, encostada ao tronco de uma d'aquellas arvores, e lhe disse:—Perdoa-me, estrangeiro: que o meu receio, e o costume d'este logar fez que te julgasse pelo que não parecias, sendo o remedio, que eu tenho, para n'elle sustentar a vida, valer-me do favor, e amparo dos sisudos que aqui chegam; e porque me não extranhes por estas apparencias, sabe que eu tambem sou estrangeira, e de muito longe d'estas montanhas, aonde me trouxeram sem juizo alguns parentes meus, que m'o desejavam, com melhor tenção do que eu com elle tive ventura: cançados elles do mau tratamento da companhia, me deixaram onde depois para maior damno alcancei juizo; vendo a um pastor meu natural, que tambem andava sem elle, de cujo damno eu (ainda que como innocente) tive a culpa; e pelo livrar da pena, de que eu fui causa, determinei não me apartar d'estes outeiros, até o não resfítuir a seu sentido, ou perder a vida procurando o remedio da sua.

Muito me pesa, disse Lereno, de teu damno, e quizera ser parte para te deixar livre d'elle. O céu te dê a ti liberdade, e a elle juizo; porém folgarei de saber a occasião com que elle o perdeu. Ao que ella tornou suspirando:—Endoideceu com feitiços, que eu, para o obrigar a que me amasse, procurei; que sempre o amor forçado foi mal de quem o solicitou. O Peregrino então com muita alegria lhe respondeu:—Para esse mal, que elle padece, trago eu melhor remedio do que elle pôde esperar d'esta lagôa;

que, (segundo ouvi), só aos que endoideceram por a n'r offerece cura.—Esta é a causa, tornou ella, porque tenho a sua difficultosa: mas se o que tu dizes não é engano, e está em tua mão o poder-me dar vida, assim o céo se lembre de tí, que me remedeies a minha desgraça a trôco de tudo o que de mim quizeres, como não seja offensa d'este mesmo amor, que aqui me deteve.—Mais tens que offerecer no que negas, disse o pastor, que em tudo o mais, com que me podias obrigar; porém nem a minha natureza é tal, que se aproveite de tua necessidade, nem a esta se pôde tardar com o remedio, pelo risco que corre a tua vida em tal companhia: guia-me, e vamos buscar ao teu pastor.

Ella com os olhos cheios de agua, o levou até um alto, d'onde, sem serem vistos da lagôa, descobriram todos os que andavam ao redor d'ella, e muitas cabanas de palha, e canna, em que viviam os estrangeiros, de que ouvistes. E entre muitos doidos viu Lereno passar um correndo com uma bandeirinha de papel em uma canna, e traz d'este outro, que elle logo conheceu por Montano, natural das serras vizinhas ao Mondego, que por amores da discreta, e formosa Tirzêa endoidecera a noite que a acompanhou pela montanha, cuidando que era o pastor estrangeiro que ella lhe persuadiu, como se contou na *Primavera*: e não ficou menos alegre de o vêr n'aquelle lugar, do que a pastora estava com as esperanças do remedio do seu amado, que tambem vinha atraz estes. Ambos remetteram aos ir seguindo, porém detiveram-se considerando quanto seria em vão aquelle trabalho que então tomavam; enfim que os dois se lhes desapareceram, transpondo um monte, e o da bandeirinha ficou só fazendo mil desatinos. Lereno perguntou á pastora se por ventura conhecia aquelle, porque tinha aspecto, e parecer não pouco engraçado. Ao que ella respondeu:—Já depois que cobreí o meu siso, ouvi contar que aquelle fôra cortezão, e não já pastor, como muitos outros que por aqui habitam; e tinha, com a differença do estado da Fortuna, muitas partes naturaes, e graças que o favoreciam. Teve grande amor a uma dama, que, posto que em qualidades o excedia, não lhe faltavam a elle merecimentos para a alcançar; porém não tendo atrevimento de lhe manifestar esta vontade de rosto a rosto, se houve de fiar de uma terceira, por quem lhe escreveu; e á conta d'esta lhe sustentar fé, segredo, e amizade, recebia d'elle muitas dádivas, e beneficios (que amor sem pre é prodigo dos bens da fortuna)

e ainda lhe fazia maiores promessas, se visse ao seu desejo o fim que pretendia. A terceira tentou a vontade da dama por algumas vezes; e achando-a alheia d'este pensamento, não tinha que levar ao pobre amante mais, que desenganos: e como se lhe fez agro perder o interesse que com o officio grangeava, determinou-se em enganar d'alli por deante ao que d'ella se fiava: e fingindo brandas respostas aos recados que recebia, e ainda cartas, que lhe rendia por dar lettra de sua dama, o deteve dois annos em esperanças fingidas: e como a vista se accommoda tantas vezes com o desejo, cada hora se lhe representava que via nos olhos de sua amada nova brandura: a terceira, que viu o seu engano ir tanto a deante, e montar-lhe cada vez mais, veio a lhe prometter por cartas que se havia de desposar com elle a furto; que, como ouviu esta promessa, ou a teve escripta da lettra que elle imaginava ser de sua senhora, se houve por seguro no que pretendia; e apressando cada hora este prazo, veio a entrar em desconfiança, e demandar em juizo publico por esposa á que de todos seus amores estava innocente; e justificando-se os signaes, que elle dizia, e as cartas que mostrava, se soube claramente a verdade; a que urdira esta traição desappareceu; e o amante desesperado, assim pelo que via, como por ficar sem esperanças na pretensão em que tanto gastara da vida, e da fazenda, perdeu o juizo, e traz continuamente aquella bandeirinha, e n'ella escripto este mote:

Ninguém fo seus cuidados,
 Por mais que fiar os queira,
 De promessas de terceira,
 Nem de cartas, nem de dados.

—Pelos effeitos, disse o pastor, se conhece quanto as causas são poderosas. O maior extremo de todos é sahir um homem de si proprio com o sentimento de sem-razões alheias: certo que teve muitas para desesperar quem estava tão seguro na confiança de um engano, em que outrem fundava seu interesse; e porque um, e outro são muito poderosos, não extranho o successo.

N'estas razões estavam quando appareceu o doido que a pastora buscava, que, cançado de vir correndo de longe, se veio lançar debaixo de um freixo: a pastora, que tinha os olhos n'elle, os poz no Peregrino renovando as lagrimas, e os rogos com que lhe pedia favor. Elle, sem lhe dar resposta,

tirou do seio o vaso que tinha da fonte dos desenganos, e foi-se para o pastor, offerecendo-lhe que bebesse, pois vinha cansado: o que elle fez de boa vontade; e em acabando poz a cabeça nos braços do Peregrino, onde em breve espaço tornou sobre si: e vendo a pastora, que já estava a seus pés, conhecendo-a, e extranhando o differente habito que trazia, ficou enleado; e correndo com os olhos aquelles outeiros, pondo-os no céo, sem saber o logar onde estava, começou a suspirar, e a perguntar ao Peregrino quem era. A pastora lhe contou então com muitas lagrimas o modo, com que alli ambos foram trazidos sem juizo, e tudo o mais, que lhe acontecera até vir aquelle estrangeiro que lhe deu remedio tão facilmente: e das razões que elle dizia, e dos nomes com que as guiava, conheceu o Peregrino que o pastor era Linceu, e a pastora Doriza, irmã de Montéa. E maravilhado de como a sorte o guiava a vêr o fim de tantos enganos, e mudanças, na competencia d'aquelles amores, lhes contou a elles como havia tão poucos dias que se apartara de Menandro, que ia com sua esposa a viver nas praias do Tejo.

Foi tão grande o alvoroço de Doriza, e o espanto de Linceu, que a ella lhe vieram as lagrimas aos olhos com alegria, e elle emmudeceu, sem poder de seus erros passados dar desculpa; que sempre estas faltam quando as obras com tão vivas lembranças accusam. Pediu humildemente perdão á pastora, prometendo-lhe a firmeza, e amor que seus extremos mereciam. E porque a ambos convinha sahirem já do perigo d'aquella companhia, pediram a Lereno que se fôsse com elles: porém desenganados de sua determinação, e informados do caminho que Menandro, e Montéa levavam, deram as graças ao pastor do que por ambos fizera; e d'alli se partiram muito conformes. O pastor ficou com grande desejo de encontrar a Montano, que lhe desaparecera: e depois que viu muito particularmente os logares por onde podia estar escondido, e o não achou, no tempo que já o sol desamparava a terra, deixando no Occidente umas prateadas sombras, com o rosto do luzente carro que guiava, encostado sobre uns fétos alegres, que no valle nasciam, imaginando em suas esperanças cantou o seguinte:

E pera na tormenta uma bonança
 Quem se viu entro as ond.s sepultado;
 E aquelle, a quem persegue adverso fado,
 Inda espera da sorte uma mudança;
 Espera o esquecido uma lembrança,
 Que faça ter a amor conhecimento:
 Eu sómente não tenho em meu tormento,
 Posto que o tempo, e fado vário seja,
 Mais que de alheios bens mui grande inveja,
 E de meu proprio mal mór sentimento.

Muda-se o tempo, e muda-se a ventura;
 Vão-se acabando os males docemente:
 Quem ha pouco era triste, está contente;
 Quem sentia esquivaças, vê brandura.
 Segue o dia formoso á noite escura,
 Traz do inverno o verão suave e braudo;
 Tudo do mal ao bem se vae trocando:
 Porém só minha sorte desigual,
 Mudando-se de um mal para outro mal,
 Me vae c'o tempo assim desenganando.

Vi em mui breve espaço o furioso
 Cobrar com o siso a gloria já perdida;
 Vi, quem tinha do fim mais perto a vida,
 Gosar estado alegre e venturoso:
 Sómente em meu cuidado rigoroso
 Crescer cada hora os males imagino,
 Experimentando, e vendo de continuo
 Alheias alegrias, vários gostos;
 Que ainda que amor, e a sorte tem dois rostos,
 Não viram mais que um-só para o molino.

Mas quem vive em presença merecendo,
 Espera assim que a sorte se varie,
 E a mim me manda amor que desconfie,
 Porque até as esperanças vá perdendo;
 Todos traz seu desejo vão correndo,
 E eu fugindo da gloria, que procuro,
 O caminho cada hora mais escuro.
 Falo com amor, e o echo me responde;
 Cada um me manda, e sem saber por d'onde;
 Assim como perdido me aventuro.

Mas vós, estrella minha, que algum dia
 N'estes olhos feristes de mais porto,
 Quando, perdido em brouhas de um deserto,
 Uma ventura achei, que eu não sabia;
 Vós de minhas tristezas alegria
 Por que minha alma ausente em vão suspira;
 Dóce repouso, a quem continuo aspira;
 Bem sei que o mal maior, que amor mo ordena,
 E' não vos ver, senhora! que a mór pena
 Fôra para mim gloria, se vos vira.

Hoje que, da esperança já vencido,
 Vae de mim triumphando o desengano,
 Dae fim com vossa vista a tanto damno,
 E a desejada luz ao meu sentido.
 De tormenta, e de fados perseguido,
 Esquecido de amor, triste, e queixoso,
 Descontente, arriscado, e furioso,
 Em vendo-vos, a vós, ó gloria minha,
 Esquecido de todo o mal que tinha,
 Serei contente, alegre, e venturoso.

Com estes versos renovou o Peregrino suas lembranças, gastando as horas do somno em pensamentos amorosos, vendo, como em longes de pintura, o fim que podiam ter suas esperanças, parecendo-lhe o seu desterro tão comprido, como grande a pena que n'elle padecia; porque a quem deseja, toda a pressa é vagarosa; a quem receia, nenhuma tardança parece comprida.

Jornada quinta

Aquelles perseguidos de amor, a quem o continuo desasocego defendia o somno, espalhados por aquelles vales, e outeiros, ora inquietavam aos sisudos, que dormiam por aquelles logares vizinhos, ora uns com os outros moviam desordenada guerra. A sorte trouxe áquelle logar, onde Lereno dormia, já sahida a Aurora, o doido Montano com outro seu companheiro; e achando-o embebido no somno, a que o obrigaram os trabalhos do dia, o liaram pelos pés, e com as mãos atadas iam determinados a o deitar na lagôa: elle acordou com grande sobresalto; e achando-se d'aquella maneira, em poder de Montano, o queria persuadir amorosamente a que o soltasse dizendo:—Montano amigo, porque me desconheces? para que me offendes, se, por te restituir ao teu entendimento, me aventurei ao damno que agora padeco?—Por isso, respondeu elle, te quero lançar n'esta lagôa, para te curar; que assás doido está quem basca mcios para me tornar sisudo.—Então lhe disse o Peregrino:—Assim vejas a Tirzêa em teu poder, e goses o galardão de amor que lhe tiveste, que me soltes. O que elle logo fez, ouvindo aquelle nome; e o defendeu do companheiro, que ainda continuava com sua porfia: e a este tempo acudiram alguns pastores que o desataram, entre os quaes se veiu chegando um doido com uma capa

de orelhado, que o cobria até os pés, o cabello muito crescido, e sobre elle uma capella de cypreste: e perguntou a Lereno para onde o levavam. — Segundo a determinação de teus companheiros, respondeu elle, para a outra vida. — Rogo-te, tornou o do orelhado, se isto assim é, que me queiras levar uma carta a uma dama que lá tenho; e a esta conta, se em quanto estiveres n'este mundo te fôr necessaria alguma cousa de mim, te servirei de boa vontade.

O Peregrino, por lhe não dar muitas razões, disse que o faria; e que lhe dissesse o nome da dama. — Não é necessario, respondeu o doido, pela formosura a conhecerás; que nem esta vida de cá, nem a para onde ella passou, tem dama tão formosa: e por tua vida que lhe digas de palavra, como ando mais triste em sua ausencia, do que a terra ficou depois que seus olhos a não viram; e que faço tantos extremos com o sentimento de sua partida, que todos estes nescios me tem por doido: que me mande dizer se tem sandade de uns cabellos seus, que cá me ficaram atormentando; que os mandarei pelo primeiro portador que tiver seguro: e porque não sei se estarás muito apressado por sabir d'esta gente que te persegue, vou escrever antes que partas.

Com isto se apartou; e o Peregrino ficou rindo de seu desatino: e perguntando a um velho sisudo, que ficára assentado junto d'elle, se conhecia aquelle do do, respondeu elle: — Por meus peccados ha tanto tempo que aqui habito, que a todos soffro, e de todos conheço mais, que de meu remedio. D'aquelle contam que teve uma dama a quem muito queria; e depois que com muitos annos de amor, e de serviços grangeou d'ella o desejado galardão, e alcançou o fim de sua esposa, do maior contentamento os dividiu a morte, deixando-o a elle sem juizo, e com tão lastimoso sentimento, que para isso sómente mostra que não perdeu o sentido, que para tudo o mais lh'o impediu a dôr; e além de andar sempre vestido de tristeza, e tingir de negro a casa em que morava, tomou por toima andar buscando pessoas que passem d'esta vida, para que á outra lhe levem cartas á sua dama, nas quaes elle lhe significa o que por ella padece em sua ausencia; e pelo que lhe disseste te ha de vir a buscar com muita pressa com a carta; e perto estive eu de ter já alguma, pelos transees em que me viu por causa de um filho meu, que é aquelle doido que te ajudou a prender, que não é

digno de menor piedade: e se o amor de pae me não sustentara a vida em tantos males, já a deixára perder de todo n'este logar, ou fugira d'elle. E assim te aconselho que, se o amor, ou amizade de algum dos que por aqui andam, te não obriga com muita força, te debes alongar d'aqui com muito cuidado; e oxalá que eu o podera fazer assim como o conheço.—Em verdade, honrado pastor, disse o Peregrino, que mais me move a compaixão a mágua de teu damno, por te acontecer em tal idade, do que me escarmenta o risco em que estive; porém espero que ambos nos vejamos cedo fóra d'esta companhia; e folgarei que me digas a causa do mau successo de teu filho; já pôde ser que por ahi conheça o remedio.—D'isso te não saberei eu dar nenhuma razão certa, disse o velho, nem tenho mais suspeitas, que as que colhi de uns versos, que elle escreveu juntamente com aquelle seu companheiro que te perseguia, na areia d'aquella fonte ha pouco espaço, os quaes deixei de trasladar por vir traz d'elle.—Assim tenhas repouso, tornou Lerenó, que antes que os outros pise, os vamos ler, porque de ambos desejo muito saber o cuidado.

O velho se alevantou sem dar outra resposta; e guiando ambos para a fonte, aonde lhe apontara, acharam n'ella na borda da areia escripto de letras diferentes este soneto:

Carino. Um bem, em que empreguei alma e sentido,
Me poz amor nas mãos por arte um dia;
E eu, pelo grande bem que lhe queria,
Antes o quiz poupado, que offendido.

Montano. E a mim mostrou-me amor desconhecido
O gosto, que eu só d'elle pretendia;
E possuindo aquillo, que não via,
Quando o vim a entender, tinha-o perdido.

Carino. Eu, que tinha esta gloria por segura,
Esperei que outro dia amor me dêsse;
Té que perdi o siso e a ventura.

Montano. E eu, por não esperar que anoitcesse
Outra noite mais doce e mais escura,
Mandou-me o mesmo amor que endoidcesse.

Muito folgou Lerenó de vér o soneto, e lhe pareceu mais sisudo, que os que o escreveram; e disse ao magua-

do velho que o deixasse sem lhe fazer offensa, e tornassem a buscar a Montano, e Carino: mas sabindo d'alli encontraram o da carta, que andava buscando ao Peregrino, a quem a deu pedindo-lhe com boas palavras que se lembrasse de quanto lhe importava ser dada na outra vida; e lhe prometteu fazer de sua parte toda a diligencia, e o despedia com egual brandura: porém não era alongado d'elles grande espaço, quando a começavam a abrir para verem os despropositos que n'ella dizia; e ouviram grandes vozes, e reboição perto da lagôa. E correndo a vér o que seria, acharam que dois d'aquelles doidos mais inquietos, tomando a Carino nos braços, deram com elle na lagôa, d'onde então sahia a nado com muito trabalho. O pae, e o Peregrino acudiram com egual pressa a o soccorrer; e elle chegando á borda da areia se veio a seus pés; e conhecendo ao pae, de quem até então fugia, o abraçou, molhando juntamente com as lagrimas, e com os vestidos a sêcca areia, dando logo claros signaes de estar em seu juizo, perguntando em que logar estava, e quem era o Peregrino que lhe acudira. O pae, levando-o primeiro um grande espaço fóra da lagôa, lhe contou o estado em que allí o trouxera, e os trabalhos que passara, sem o poder lavar n'aquellas aguas, onde com tão duvidoso modo lhe deram remedio os que ficaram sem elle. E dando juntamente o velho as graças a Lereno da vontade com que o ajudava, elle contou a Carino o que allí o detinha, que era restituir a Montano o siso, em satisfação de alguns damnos que o seu dosatino lhe fizera. E porque o mancebo desejava vér livres do estado em que andara, até aos mais extranhos, ficando-o já aquelle menos que os outros, se determinou não sahirem d'alli sem lhe procurar remedio, considerando quão facil o havia para o haverem ás mãos, fingindo-se Carino no estado em que elle d'antes o acompanhava. Descançaram a noite em um casal despovoado que perto d'allí havia; e em amanhecendo se foi Carino assentar junto da lagôa indo traz elle o Peregrino em companhia do velho: não tardou muito que por allí não viesse Montano, que em o vendo se veio abraçar com elle. Carino o apertou entre os braços, bradando a Lereno que o ajudasse; e assim o levaram com muita pressa, e elle gritando, e provando forças se defendia: — Ajudae-me contra este ladrão, que me veio roubar meu senhorio; livrem-me d'este doido, que elle o quiz ser por sua parvoice, assim co-

mo eu o fui por minha mofoina. Emfim os dois o metteram na agua com muito trabatho; e como aturdido o trouxeram entre si pelo caminho, por onde Lereno alli viera, até que de to-lo acordou, junto d'aquella fonte que era dedicada a Cytheréa; e ficou com o mesmo enleio de Carino, porém conheceu a Lereno, a quem já tinha visto nos campos do Mondego: e sabendo dos outros que elle fôra a causa de seu remedio, e o damno que a essa conta d'elle proprio recebera, lhe offereceu com muito boas palavras a vida, e a liberdade, em paga de tão verdadeiras obrigações. Ao que elle respondeu que ainda lhe tinha outras maiores das que cuidava, mas que de todas se havia por satisfeito.

Assim foram caminhando em grande contentamento, que nenhuma cousa engrandece tanto as alegrias, como a memoria dos males passados, e chegaram aquella noite ao pé de um monte, de que ficava o mar muito vizinho; alli se agasalharam em casa de um vaqueiro, homem de boa condição, festival, alegre, e affeiçoado a receber com bom rosto aos estrangeiros que por alli passavam; e depois que soube o gôsto com que aquelles vinham, o mostrou maior de lhes offerecer gasalhado. Passada a ceia, mandou o hospede chamar a um seu guardador que tangia gaita de folle; e com uma pastora sua filha, e outras que alli se acharam, ordenou um baile, que logo se fez; e no cabo d'elle se desafiaram a cantar; e o primeiro, que se offereceu, foi o que tangia; mostrando que tinha na presença a quem desejava contentar, começou assim:

*Matar-me podeis,
Porém não cançar-me
De querer matar-me,
Porque o vós quereis.*

*Pois nada mereço,
E amar-vos não val,
Já me quero mal,
Pois vos aborreço.*

*Não vos desveleis
Para atormentar-me,
Que eu quero matar-me,
Porque o vós quereis.*

*Tudo tenho posto
Em vosso querer;
Se gôsto vos der,
Men damno é meu gôsto.*

Mui pouco fazeis,
Pastora, em cançar-me;
Que eu quero matar-me,
Porque o vós quereis.

Armas desegnaes
Trago contra mim
Para dar-me o fim,
Que vós ordenaes.

Mui cedo vereis,
Se eu posso encontrar-me
Como sei matar-me
Quando vós quereis.

Vêr me-heis mui contente
Por vós, e atrevido;
Mas contra um vencido
Quem quer é valente.

Se o que pretendeis
E' desenganar-me,
Mui bem sei matar-me,
Quando vós quereis.

Acabando o guardador a cantiga, de que elle não deu
mã conta, porque a cantava muito bem, pediram a Carino
que ajudasse a festejar aquelle serão; e logo tomando uma
sanfona das que alli havia, cantou esta letra:

*Ha males, que vem por gloria;
Mas os males para mim
Nem tem gloria, nem tem fim.*

Crer de certo me convém
Que, se a sorte desigual
Me der bem, será por mal,
E mal para nenhum bem.

Males, que por gloria vem,
Não nasceram para mim;
Que os meus males não tem fim

Se algum bem a sorte escassa
Me mostra, tal o hei de vêr
Qual agua que toma o ser
Da terra, por onde passa:

Qual toma a côr da vidraça
O sol, que a traspassa; assim
São os bens chegando a mim.

Se hoje fui ledo, e contente
A meu mal fiz repugnancia,
Porque emfim elle é sustancia,
E os prazeres accidenta.

Viverei mais livremente
Malos, que já não tem fim;
Que estes houve para mim.

Um bem, que eu cuidei que tinha
Entre as mãos, se me perdeu;
E, de o tratar como meu,
Choro agora a culpa minha.

Trocou-se em mal tão asinha,
Que sei que os bens para mim
Nem tem gloria, nem tem fim.

Não esperou Montano que os companheiros o obrigassem a acompanhar a Carino, que nos suspiros, e na cantiga mostrava o seu antigo sentimento; e tomando-lhe da mão a sanfona, ainda que rouco, e desvelado de tantos tempos de furioso, deu signaes que não desmerecia louvor entre os mais gabados, cantando a glosa d'estes dois versos:

*Sem vós e com meu cuidado
De que serve entendimento?*

Amor por poupar-me a vida
Como disfarçado amigo
Entendeu que o mór perigo,
A que a tinha offerecida,
E' sem vós ficar commigo.

Vendo o muito, que perdi
Quando estava mais ganhado,
Entendeu que era acertado
Que andasse fóra de mim
Sem vós, e com meu cuidado.

No estado, em que me poz,
Andava mais livremente;
Mas faltou n'este accidente
Vêr que era doido por vós
Para ser doido, e contente.

Tornou-me a desenganar
Para este conhecimento;
Que para desesperar
Do que não posso alcançar,
De que serve entendimento?

Muito folgou o Peregrino de ouvir a lettra de Montano, achando-lhe ainda um signal das galanterias que mostrava andando sem juizo; e porque se não podia escusar de dizer a sua cantiga, virando-se para as pastoras que alli estavam, lhes disse:— Ainda que já tomo o logar que vos era devido, lindas pastoras, faço-o por vos poder ouvir mais desobrigado, tendo feito o que meus companheiros, ainda que elles me não deixaram logar de esperar louvores; e em isto tomou o mesmo instrumento, e cantou esta lettra:

*Nenhum mal ha que me tarde,
Porque de longe os receio;
E um gôsto que em sombras veiu,
Me fez com os outros cobarde.*

*Vae-me fingendo a esperança,
Desconfia-me o temor,
Em nada acho confiança,
Nem na sorte, nem no amor,
Nem na fé, nem na mudança.*

*Tem me os dois em tal extremo,
Que já não sei qual aguardo.
Vejo os bens á vela, e remo;
Quando espero, e quando temo,
Nenhum mal ha que me tarde.*

*Se um gôsto ao longe se offerce,
Já lhe imagino a partida,
Como aquelle, que conheço
Que a gloria, que amor offerce,
Antes de se-lo é perdida.*

*O mal por outro caminho,
Quando d'elle mais a theto,
O tenho por mais vizinho;
E cuido que o adivinho,
Porque de longe o receio.*

*Ensinou me minha estrella
Os encargos que elles tem;
Para mim, que houve de tel-a,
Como se quem tenho n'ella,
Conheço os males do bem.*

*Não tenho que pretender,
Senão andar n'este enleio
Traz do que não pode ser,
Pagando o que não querer,
E um gôsto que em sombras veiu.*

Veio porém tão mudado
 Por vir contra o natural,
 Que chegou quasi acabado;
 E com ser tão bem tratado,
 Sempre me foi para mal.

O ser, e o modo trocou;
 Foi-se, e tornará mui tarde;
 Não sei para onde voou;
 Mas o que commigo usou,
 Me faz com os outros cobardo.

As pastoras, que esperavam o fim da cantiga do Lereno, logo que elle acabou se levantaram, e com pandeiro, e adufe, que entre ellas havia, começando um gracioso baile, cantaram em ordem de folia da maneira seguinte :

*Vão-se meus amores,
 Vão-se pelo mar;
 Pois m'os levae, aguas,
 Fazei-m os tornar.*

Vão-se d'esta terra,
 Deixam a montanha,
 E na terra extranha
 Buscam nova guerra.
 A sorte os desterra
 Por me dar tormento;
 Ella move o vento,
 E os laz embarcar;
 Pois m'os levae, aguas,
 Fazei-m'os tornar.

Vós, ó meus cuidados,
 Falsos e fingidos,
 Como repartidos,
 Partis confiados!
 Não ouvis meus brados
 Nem minhas querellas;
 Com o vento nas vélas,
 E os olhos no mar,
 Achaeis essas aguas
 Faceis de passar.

Quando me deixastes,
 As aguas, que vistes
 Nos meus olhos tristes,
 Essas não levastes:
 Que riscos achastes
 Em sua brandura,
 Trocando a ventura
 Pela d'este mar,
 Que são outras aguas
 Para reçar?

Aguas de crystal,
 Vento leve e brando,
 Que a meu bem levando,
 Correis por meu mal,
 Se amor me não val,
 A vós offereço
 Tudo o que padeco
 Em me ver deixar;
 Pois m'os levaeis, aguas,
 Fazei-m'os tornar.

Com o fim d'esta cantiga que em todos causou alegria, e contentamento, se recolheram ao repouso do somno, cada um com o seu pensamento, e com os queixumes que tinha da ventura; que, posto que as perdas grandes fazem esquecer as menores, e o alvoroço de cobrar o bem perdido, faz mais leve o sentimento de outro damno presente, nunca perde a memoria de successos tristes quem n'elles chegou a tal extremo, que, para salvar a vida, ficou sem entendimento!

Jornada sexta

A virtude e poder d'aquellas aguas, a quem a natureza tinha dado touça contra as de amor, ainda que deixaram livre a Montano do mal de sua doirdice, não lhe tiraram a lembrança da causa d'onde a tivera; esta servia de o atormentar por momentos, como elle mostrava em qualquer pratica, ou alegria, dando a entender o que dentro n'alma passava. Lereno, que tambem tinha dissimulado o dar-lhe melhores novas de sua pretensão, esperando se já a teria esquecida, vendo-o tão enleado, lhe não quiz dilatar mais tempo o que sabia. Ao outro dia em amanhecendo, depois que se despediram, e deram as graças ao hospede, e começaram a caminhar, adeantando-se de Carino, e do velho pae, que não apartava d'elle os olhos, lhe disse:— Amigo Montano, não quero que me devas o desejo que sempre tive de teus bens, e a mágua com que senti teu desassocego, porque bem inimigo seria da razão o que não sentisse um damno tão mal empregado. Porém o que agora te quero offerecer em serviço, além da diligencia com que te procurei saude, é uma nova, que sei que has de estimar igualmente com ella. Já sabes que costuma a ventura nas cousas de amor metter-se de permeio, e repartir por sorte o que

elle havia de guiar por merecimentos; por onde o pintam a elle cego contra a razão, e a ventura inimiga conhecida de todas suas obras. E eu sei com quão verdadeiro amor amaste a Tirzêa, e que te custou esta affeição perder o juizo, e que ella se esqueceu do galardão que devia á teus cuidados, pelo amor que tinha a Floricio; e que, a não estar elle de permeio, ninguem o tivera melhor para alcançar. E porque muitas vezes só com uma mudança se trocam e melhoram as esperanças de muitos amantes, te quero assegurar as tuas. Tens livre o campo; Floricio é desposado com Altêa, e por esta razão aborrecido de tua pastora, que está tão alheia de teus amores, como agora é razão que fique mais obrigada de teus extremos. E para que na vista te informes d'esta verdade, e seja Floricio o primeiro pastor a quem busques nos campos do Mondego, como a aquelle que nunca procurou de te impedir esta ventura, lhe has de levar uma carta minha, e fazer-lhe lembrança de como em nenhum cuidado perco as suas.

Montano, que não imaginava tanto bem como era cobrar com o juizo esperança, de que estava quasi desesperado, e da qual perdia o gosto principal de sua vida, faltando-lhe o competidor, a cujo respeito fôra desprezado, não sabia que agradecimentos desse ao Peregrino; mas com um animo agradecido, que na falta das palavras se mostrava, lhe dizia:—Extrangeiro amigo, a quem ainda não sei outro nome, com palavras tão limitadas como as minhas não te posso encarecer, nem estimar o que por mim fizestes: a grande divida em que te estou me faz ficar mudo: se para satisfação queres a minha vida, essa te offereço, e já n'ella te darei mais do que atégora podia, porque com as esperanças, que me renovastes, a estimo de novo. E pois de mim me disseste tudo o que me podia fazer contente, para que todo o seja, me conta quem és, e a razão por que andas nesse habito tão apartado dos logares, aonde com outro me lembra que te vi.—Não te espantes, respondeu elle, que tanta differença ha de males, e de cuidados, como de rostos: a minha historia é comprida, e secreta; o que te posso contar d'ella, é o menos que de mim podes saber. Nasci entre os valles, e montes, que cercam os rios Liz, e Lena, perto das serras onde te creaste: vivi no Mondego, e guardei no Tejo, fui pastor, sou Peregrino, e extranho de todos os logares onde haja contentamento, ando por onde me guia minha estrella, que é cada dia a maiores desenganos, e entre

estes males não tive por pequeno bem o de te vêr livre: permittira o céo, que com fim d'esse damno vejas cedo o principio de tuas alegrias.

Não soube Montano que responder ao amigo, vendo que queria encobrir a causa de seu desterro: e mudando o proposito lhe perguntou se havia muitos annos que deixára a patria? E n'esta pratica chegaram a elles Carino, e o pae, que lh'a fizeram mudar. Assim foram caminhando até o pé de uma serra, e ouviram que de entre uns pinheiros cantava uma só voz com muito sentimento este soneto:

Se coubesse em meus versos, e em meu canto
A tristeza sem fim, que o peito encerra,
Moveria aos penedos d'esta serra
A nova piedade, e novo espanto.

Se poderam meus olhos chorar tanto,
Quanto se devo á causa que os desterra,
Cobriram já em lagrimas a terra,
Escurecendo o seu tão verde manto.

Mas o que tem amor dentro encerrado
Na alma, que á lingua, e olhos se defende,
Não pôde ser com lagrimas contado:

Ah! quem sabe sentir, quanto comprehende,
Que o mal, que está occulto em meu cuidado,
Não se vê, não se mostra, não se entende.

Ficou o Peregrino tão contente do que ouvira, que com desejo de vêr ao que cantára, se adeantou dos companheiros, e foi até aquelle lugar, que era pouco desviado do caminho. Achou um mancebo vestido tambem de Peregrino, que no rosto pareceu digno de toda a cortezia, e que nas palavras mostrava tanto, e tal respeito, que de Lerenó, e dos mais foi julgado por merecedor dos melhores logares da fortuna. Os pastores o saudaram, e Montano lhe perguntou pelo caminho quantas léguas havia d'alli ao mar: o mancebo lhe deu boa informação, dizendo que, pelo que lhe importava, o tinha sabido de outros caminhantes, porque era estrangeiro, e ia para o porto principal d'aquella costa, d'onde determinava fazer viagem. Pareceu esta companhia ao nosso Peregrino conforme ao seu intento, e offereceu-se para o acompanhar até aquelle porto, o que o outro acceitou de boa vontade. Então se despediu Lerenó dos amigos, e deu a Montano a carta, e recados para Floricio, e com estreitos abraços de amizade, e esperanças de o tornar a vêr no Mondego, se despediram. Carino, e o velho pae foram pelo

mesmo caminho, levando a Montano pela terra onde elles viviam, e com muito boas obras se foi depois para a sua patria. Ficaram os dois Peregrinos tão conformes no traje, e na ventura, que quem os vira julgára serem companheiros de muitos annos. Levantaram-se, e começaram a caminhar, olhando um de quando em quando no rosto do outro, o que de seus cuidados suspeitava, sem ousar nenhum d'elles a fazer pergunta ao outro, d'onde era, e o intento com que vinha: porque como ambos sustentavam segredo, nenhum d'elles pretendia saber o do outro, por não ficar obrigado a lhe dar conta dos seus: e assim tomando occasião de falar nos alheios, lhe disse o mancebo:—Por certo, Peregrino amigo, que estou com cuidado de saber que deixastes tão boa companhia, porque vejo o pouco gôsto, e interesse que podes tirar da minha, por eu naturalmente ser triste, ainda que por extremo te desejo agradar; e aquelles pastores mostravam assaz alegria de te levar consigo, pela tristeza que lhes ficou de teu apartamento.—Nenhuma companhia, respondeu o Peregrino, podia achar melhor que a tua, ainda com essas condições com que a desgabaste; porém se a minha te fôr pesada, não colherei tanto a meu gôsto o fructo d'ella. A d'aquelles pastores pouco tempo havia que a tinha; e quando os encontrei, a tomava ainda para menos tempo.—Signal é, disse o outro, que em pouco os obrigaste muito, porque já não ha gente agradecida, senão quando as obras boas fazem manifesta força á vontade, e elles mostravam muito pouca de te deixar. A isto lhe contou Lerenó o que com Carino, e Montano lhe acontecera, e de como tóra ter aquella lagôa de maravilhosa virtude. O mancebo ficou espantado do que ouvia, e sentido de não haver passado por aquelle logar: e como tinha amor, e curiosidade, desejoso de saber as loucuras dos amantes que alli levavam a buscar remedio, pediu a Lerenó que lhe fôsse contando algumas dos que alli vira. E elle o fez como o companheiro lhe pedia: e entre os outros desatinos, que espantaram ao estrangeiro, lhe pareceu melhor o do que escrevia á sua dama ao outro mundo depois de morta, festejando a loucura com grande riso, e contentamento, e tambem Lerenó o teve de lhe lembrar, que levava ainda a carta que elle lhe déra, que, como ouvistes, queria lêr, e o estorvaram quando foi a revolta de Carino, que os outros lançaram na agua: e tirando-a d'entre outros papeis com muita festa, pararam um pouco, sentados sobre um penedo e viram que dizia:

«Depois que d'esta vida vos partistes, deixando-a sem vós indigna d'este nome, e a mim chorando com grande sentimento vossas lembranças, vos escrevi muitas vezes minhas saudades, e meus suspiros. E como me não ficou outra cousa dos bens, que me levastes, mais que uma sombra vã do que elles eram, segundo a vós e elles de continuo, chego mil vezes ás portas da morte, que me nega a entrada; mas logo na vida pareço homem que a sustenta contra sua vontade. Para me animar aos trabalhos, que passo, esperei atégora resposta vossa, e com esta me faltaes ha muitos annos, ou deve ser que occupada em gloria vos esqueceis de minha pena, ou que as almas, que d'este mundo partiram com meus recados, não mereceram chegar aonde estaes: e o mais certo é que perderia o meu amor merecimento depois que os vossos tiveram melhor lugar, onde a ausencia (como costuma) vos tiraria da memoria as obrigações da fé que me jurastes. Considerae o muito que á minha deveis, e a um amor tão sem limite, que vos busca na outra vida: da minha vos dará novas o portador d'esta, que foi por algumas vezes testemunha dos extremos d'ella. Esta lhe entrego pouco antes de sua morte, da qual lhe eu tive tão grande inveja como elle mostrou pouca vontade. Não sei outras novas que de cá vos mande, porque desde que faltastes tudo se me escureceu, e não sei mais de mim que buscar-vos a vós, tomando para instrumentos de minha tristeza os logares, onde vos via, e os despojos que ainda vejo de vossa formosura, que são uns cabellos que me ficaram, com os quaes faíei esses versos que vos mando. O céo me deixe ver-vos muito cedo, e me sustente em vossa memoria. D'esta vida descontente, aos seis annos de vossa partida.»

Thesouro por mãos de amor,
 Achado nas da ventura,
 Que guardo entre tantas penas
 Por fugir da menor culpa;

E' verdade que vos tenho?
 E que de avareza pura,
 Nem do: m' os olhos vos fio
 Pelo que de vós me furtam?

Formosos cabellos de ouro,
 Se tem ouro mim alguma
 Das que pescon le a natureza,
 Que em quilates tanto suja.

Despojos que me ficastes
 D'aquella sentida injuria,
 Que fez em offensa de amor
 A Parca tyranna, e crua.

Sois estes laços formosos,
 Que o sol para prisão busca,
 Que na belleza, e na côr
 Fazeis invej. sa a sua.

Sois os raios do meu sol,
 Que deixando-me ás escuras,
 Quando eu cuidei que nasci,
 Se eclipsava, e se transpunha.

Consenti-me que vos veja
 Como a luz que me assegura,
 E no loque dos meus olhos
 Vossos quilates descubra.

Quem fôra d'oste ouro Midas!
 Quem tivera a graça sua,
 Que quantas cousas tocara
 Forais vós, e foram muitas!

Prisão. em que esta alma vejo,
 Posta com tanta brandura,
 Que, estando pelos cabellos,
 Liberdade não procura.

Penhor de menor valia,
 Que é no muito, que me custa,
 Desculpa a meus desatinos,
 Se sem erros ha desculpa.

Confiança perigosa,
 Que eu tive por tão segura;
 Memoria triste, o suave,
 Dôce, e branda sepultura.

Pois da neve. aonde nascestes,
 Vos cortou minha ventura
 Para accender meus suspiros;
 Faça a dôr o que costuma.

Thesouro, cabellos, raios,
 E espejos, laços, desculpa,
 Prisão, penhor, confiança,
 Memoria, e sepultura.

Tornae-vos para o meu peito,
 Aonde as lagrimas vos buscam;
 Que a dôr, que tem pena, e gloria,
 E' razão que seja curta.

Espantados ficaram os dois peregrinos de vér as concertadas palavras, com que o desaccordado amante escrevia seu desatino.—Nunca vi doido, disse o mancebo, parecer tão discreto, e se a sua teima o não dera a conhecer, as razões o podiam acreditar por sisudo.—Ainda o parecera mais, disse Lereno, se o ouviras, porque falava com um termo tão quieto, e secegado, que mais julgaram a sua pergunta por zombaria, que por doidice. E se no logar, onde o vi, e no traje, que trazia, o não conhecera, nem os recados que me deu me persuadiram.—Mal o faz com elle sua dama, respondeu o outro, salvo se pela falta dos portadores não acode a suas desconfianças, que tornam tão poucos do outro mundo a este, que lhe não valeria a diligencia.—D'isto se queixava elle, respondeu Lereno, porque, segundo ouvi dos que o conheciam, até pelas sepulturas andava perguntando novas d'ella.

N'esta pratica foram passando grande parte do caminho, porém faltou-lhe o dia junto a uns penedos á vista do mar, que com o espraiar das ondas na branca areia, fazia retumbar um temeroso som por aquelles outeiros; amparados de algumas arvores silvestres, que alli havia, se ordenaram para passar a noite; e Lereno, que desejava mostrar ao companheiro, quão conformes estavam em os cuidados que seguiam, em quanto elle não adormecia, ao som do mover dos ramos, e do écho das ondas, que alli parece que se quebravam, cantou o seguinte :

Se emmudece no mal o sentimento
A que memorias tristes me obrigaes ?
A dôr, que é como a causa, pode mais
Do que me val contra ella o soffrimento.

Se de noite imagino em meu tormento,
E vos contemplo na alma, onde moraes,
Tão viva cá na idéa me ficaes,
Que inda temo de um sonho o pensamento.

Vêde o mal, que da fé amor me ordena,
Que de dia nos olhos ponha estudo,
E de noite velando a lingua guarde:

Grande mal, novo amor, extranha pena,
Que por não contentar-me de ser mudo,
Até no imaginar fiquei cobardo !

Pareceu tão hem ao estrangeiro a musica, e a tenção do nosso Peregrino, e ficou tão contente de vér que tinha o

mesmo cuidado, que elle em encobrir os seus, que, mostrando-lhe o rosto cheio de alegria, affirmou que havia muito, que não tivera da ventura outro favor senão aquelle de o ouvir, e conhecer por semelhante nos pensamentos. Lerenó, que lhe não queria ficar devendo muitas palavras com que encarecia o gôsto de o ter por companheiro, depende outras muitas em que lhe fez largo offercimento de seu desejo; e sabendo-se os nomes um ao outro, ficaram tão conformes, como se Amor, que a ambos tinha queixosos de sua mudança, os quizera galardoar com uma fiel amizade. Passada a noite, caminharam ao outro dia até chegarem àquelle porto, que era uma frequentada escala de várias nações, e allí lhe disse Oriano, (que este era o nome do novo Peregrino): — Amigo Lerenó, já começo a temer o nosso apartamento, porque vejo n'este lugar, com o principio de minha determinação, o fim da tua jornada; porque o que aquí venho buscar, é meio para me embarcar a terras extranhas, por perder de vista um cuidado, que na patria onde nasci me roubou a liberdade, e o gôsto com que vivia; e porque não sei se o terás de ir para tão longe, já começo a descontar em sentimentos o alvoroço que tive de me vér tão bem acompanhado.

Lerenó, que via n'este um retrato de seus pensamentos, sem saber ainda a causa principal d'onde nasciam, lançando contas entre si, não lhe pareceu mal guiar pela tenção d'aquelle estrangeiro a sua ventura; e determinado communicou a Oriano esta vontade, que elle com muita alegria festejou, e lhe agradeceu com muitos abraços, estimando já em menos o sentimento de seus males pelo interesse de tal companheiro para os passar. Ficaram allí aquelle, e muitos dias esperando occasião de sua viagem, tardando essa cada hora mais tempo a seus desejos; que até aos que não aguardam contentamentos, costumam alcançar esperanças compridas.

Jornada setima

Com a communicação continua, e vizinhança estreita dos dois Peregrinos foi cada um d'elles accrescentando na affeição, que ao outro tinha, achando-se cada hora mais companheiros, no cuidado, e nos queixumes; e como o mais seguro alicerce da amizade é a semelhança dos costumes, e inclinações, vieram em pouco tempo a ser tão intimos amigos, que só na differença dos rostos se encon-

travam. Estiveram n'aquelle porto muitos dias esperando occasião para sua partida, e vendo algumas cousas extranhas que no logar havia, até que aportou um navio que levava a proa ao mar de Levante com determinação de tomar umas ilhas do Oceano, onde tinha o mestre d'elle conhecida escala: e tratando com elle, que era homem de boa natureza, os recolheu consigo. Deram velas ao vento, determinando para onde os guiasse a ventura. Tiveram aquelles primeiros dias tempo bonançoso: uma tarde em que mais brandamente ia soprando nas velas o manso vento, e o sol escondendo-se entre as ondas deixava a semelhança d'ellas, umas nuvens de encarnado, e ouro, que guarneciam os apavonados horisontes; sentados os dois amigos sobre a côhera, começou Lereno a dizer a Oriano d'esta maneira:—Já agora, amigo, é tempo que cada um de nós communique ao outro seus cuidados, e sua vida, que parece extranheza em tão conforme querer, haver ainda signal de desconfiança: pelo amor que entre nós vive, suplico que me contes de teu nascimento, e de tua ventura, que para sentir os males d'ella, não acharás outro maior amigo, nem outra vontade mais leal, e verdadeira para te desejar todos os bons successos.—Por esse mesmo amor te juro, respondeu Oriano, que a mim me pesava já de faltar occasião, em que te contasse a minha historia, posto que juntamente temia, e desejava que a soubesses. Porque os males, que a fortuna dá com pensão de segredo, em materias de amor, além de serem maiores que os outros, dão esta pena a quem os communica, em lugar do allivio que os outros n'isso tem; e até os bens que dá para calados, quando não tivesse outro desconto, que havel-os de encobrir o coração que os gosa, fica assaz custoso, porque não ha bem sem companhia, nem mal que com ella seja rigoroso. Mas pois tu só me ouves, em quem me posso assegurar de todos os perigos, escuta agora.

Lereno inclinado sobre a face de uma parte, e Oriano assentado da outra lhe começou á cantar d'esta maneira:

Agora, em quanto o vento vagaroso
 Vae nas concavas vélas assoprando,
 E este ligeiro tenho perigoso
 Em branca escuma as ondas apartando;
 Enquanto, ausente o sol claro, e formoso,
 Está Plana o mar alumiando,
 E faz com os raios seus nas aguas bellas
 Um crystallino espejo das estrellas;

Agora, enquanto o somno repousado
 Dá treguas desejadas aos sentidos,
 Quando cad' um descança em seu cuidado,
 É só o vento vão fere os ouvidos;
 Ouvo, Lereno, amigo desejado,
 Todos meus pensamentos escondidos,
 Que, como dentro na alma estás commigo,
 A mim cuida que conto o que te digo.

Não nasci entre os mon'es que habitaste,
 Nem entre os mansos gados que tiveste,
 Nem o traje vesti que costumaste,
 Nem este é próprio meu, que assim me veste
 Mas tanto em teu querer me transformaste
 Que outro Lereno em tudo me fizeste:
 O nascimento, a patria, o traje é menos;
 Que amor aos mais respeitos faz pequeno.

De generosa estirpe foi crescendo
 A planta que me deu a terra ingrata,
 Da qual nasci mil flores promettendo,
 Que a sorte em pouco espaço desbarata:
 Na mesma tenra idade já nascendo
 Foi commigo o cuidado que me mata,
 Qual hera, que egualando o tronco verde,
 Quando a mesma o derriba, então se perde.

Inda antes que o cabelo crespo e louro
 Com signaes varonis me acreditasse,
 Antes que a minha alegre idade d'ouro
 O' ser, a alegria, a côr mudasse,
 Sem estimar da vida o mór thesouro,
 Que presente não ha quem o estimasse,
 Que foi a liberdade que então tinha,
 E perdi por amor quando era minha:

Amei (posto que então nada sabia
 De amor mais que o seu nome livremente,
 Que já em mim causava, quando o ouvia,
 Um movimento affavel e contente)
 A uma donzella clara mais que o dia,
 Que inda que em sangue o sorte diferente
 Se tinha, a sua extranha formosura,
 Envergonhava os dotes da ventura.

Da criação tão tenra á liberdade,
 A livre e generosa vi-inhança,
 Na qual o amor achou facilidade,
 Que cego a tudo espreita, e tudo alcança
 Prendeu, mas contentou minha vontade,
 Sustentando da vida a confiança,
 Té que, crescendo os annos apressados,
 Fallou esta ventura a meus cuidados.

Convertem-se em respeito, termo e brio
 O pueril costume que antes era ;
 Que assim se segue o caloroso estio
 A' desejada e dóce primavera :
 Cresceu de Amor o mando e senhorio,
 Foi tomando em meu peito nova esphera ;
 E abraçando me a alma em vivo fogo,
 Vi que era amor ; que amor não se vê logo.

E como costuma a cousa defendida
 Fazer de si maior sempre o desejo,
 E a fonte represada e impedida
 Correr depois com impeto sobejo,
 Foi crescendo a afeição, quando opprimida
 Lhe faltou a liberdade, a mim despejo ;
 Que mal consente amor taes differenças,
 Creado em liberdades e em licenças.

Os paes, que além de serem commedidos
 No que convinha á hora, que abraçavam,
 Não tinham parentescos adquiridos,
 Nem lhe era patria a terra, que habitavam,
 Por escusarem guerra e arruidos,
 Também a seu pesar se aquietavam,
 Em: injusta prisão pondo a Nizarda,
 A tinham com mór pena, e com mais guarda.

Ella menos sentida d'esta offensa,
 Que da opinião do vulgo errado,
 Entregou a vida á palida doença,
 Pondo em vão só na morte o seu cuidado :
 Em pouco espaço fez tal differença
 Na vida, e no seu rosto celebrado,
 Que quem d'antes a vira n'alguma hora,
 A não tivera então pela que fóra.

Da mesma sorte a vida desprezando,
 Com uma mais deshumana enfermidade,
 Fui as feições do rosto, a côr mudando,
 Que falavam por mim toda a verdade :
 Ia a Parca cruel executand'
 A sentença, que amor dêra á vontade,
 Quando com um novo engano, mas suave,
 Foi melhorando o mal pesado o grave.

Vendo os meus que com furia cubiçosa
 A tão misero estado me chegaram,
 Com uma falsa esperança mentirosa
 A vida, que não tinha, me tornaram,
 Dizendo que Nizarda tão formosa,
 De quem também os males se apartaram,
 Sabendo a grande dôr, que eu padecia,
 Me amava, me buscava e me queria.

Que com grandes extremos de afeição,
 So não me poder vêr lhe dava pena;
 Facilitando alguma occasião,
 Me fizeram a offensa mais pequena:
 Eu cobrando de novo o coração
 Em vêr que já o rigor não me condemna,
 Da que era de meus males toda a gloria,
 Pe didos já sentidos e memoria.

Mas não sabendo mais que a culpa minha,
 Ella, a quem tão custosa a pena fôra,
 Convertêu o primeiro amor, que tinha,
 No cruel desamor, que eu pago agora;
 Não poude ouvir razão quando convinha,
 E eu esperando a sorte de hora em hora.
 Que em meu favor fizesse outra mudança,
 Já concebia em vão nova esperança.

Ainda que dentro n'alma accrescentava
 Aquelle amor tão puro, e tão perfeito,
 Muitos effeitos seus dissimulava
 Por mostrar muito menos do meu peito,
 Crendo que d'esta sorte assegurava
 Môr e édito, mais honra, e môr respeito,
 Para que com a idade diferente
 Me podesse aclarar seguramente.

Livre d'aquelle intento me fingia,
 N'outros mil espalhava o pensamento,
 Posto que a facil lingua, que mentia,
 Declarava meu proprio sentimento.
 Foi-se passando assim de dia em dia,
 Té que o tempo, que voa mais que o vento,
 Com uma extranha, e rara novidade
 Me mostrou de meu mal toda a verdade.

O tempo, que os segredos mais guardados
 Revela pouco a pouco descobrindo,
 E de nossos intentos, e cuidados,
 Triunphando livremente, se está rindo,
 Foi por termos já mais imaginados
 Toda a minha esperança consumindo:
 Ouve, Lereno, agora o modo extranho,
 Com que perdi n'uma hora um bem tamanho.

Trouxe peregrinando o fado vário
 Um extranceiro áquella patria minha,
 Que, tendo o reino seu por adversario,
 Nos extranhos socêgo buscar vinha:
 E como amor, e a sorte de ordinario
 Para os intentos seus tudo encaminha,
 Mil partes me mostrou n'este extranceiro,
 Que eu por hospede tive, e companheiro.

Communiquei-lhe o meu tormento antigo
 Via d'elle a causa em sombras de pintura,
 Acouselhou-mê como claro amigo,
 Ensinou-me a buscar tempo, e ventura:

E vendo um dia a caso a Federigo,
Que era o pae de Nizarla bella, e dura,
Como depois mostrou de espanto cheio,
Aquelle historia a mim contar-me veio.

Foi por da propria patria conhecido ;
E da amada mulher, que mais o espanta,
Contou-me um caso estranho succedido,
Com que em vão meu desejo se levanta ;
Que succediam ella, e seu marido
N'um estado de nome, e renda tanta,
Que eram os da minha patria mais pequenos,
Não só minhas heranças, que eram menos.

Contou-me que era a mãe discreta, e bella,
De geração, e estirpe clara antiga ;
Que se casara mal, sendo donzella,
Com Federigo, a quem a sorte amiga,
Para livre pôter gosál-a, e tól-a,
Sem sobresalto, enleio, e sem fadiga,
N'uma nau se metten, que elle escolhera,
A qual a vária sorte alli trouxera.

Deixou a patria, tendo em menos conta,
Que esta gloria de amor, a terra, e mando ;
Que não sente da sorte alguma affronta
Quem ao seu gôsto está sempre adorando:
Tudo menos, que amor, na terra monta,
Por mais que as jurdiçções lhe vão tomando ;
Emfim, com ouro, e joias, que trouxeram,
Na terra, em que nasci, nobres viveram.

Tive esta nova então como accíente,
Que com dôr, e alegria me alterava,
Em tudo alheio, em tudo indifferente,
Nem o bem, nem o mal assegurava ;
Comecei a intentar mais livremente
O que antes com temores grangeava ;
Porém no mesmo tempo, com meu damno,
Tive de seu intento o desengano.

Succedeu n'esta mesma occasião
Que o pae occultamente, e com recato
Soube da patria a nova successão,
A quem não pretendeu mostrar-se ingrato :
Ficou aquelle bem antigo em vão,
Que amor me dava um tempo tão barato ;
E eu, que d'elle tiava a sorte minha,
Escrevi a Nizarla o que lhe tinha.

Ella julgando-o já por cubiçoso,
E da primeira offensa maguada,
Tratando-me de vil, de mentiroso,
Nem quiz sómente ouvir minha embaixada :
Eu convencido então, e vergonhoso ;
Conhecendo a fortuna, que indignada
Me ameaçava já com tanta furia,
Fugi de amor a derradeira injuria.

Este habito vesti da Peregrino,
Por não vêr de meu bem triste a partida,
E vou chorando agora de continuo
A gloria por meus ercos mal perdida;
E cada vez, amigo, que imagino
Na vida, que já tivo, perco a vida:
Pois da que tenho os males já me ouviste,
Não te espantes que duro, porque ó triste.

Contava Oriano a sua historia com tanto sentimento, que podera mover os mais extranhos a piedade; e quando chegou ao fim, lhe impediram as lagrimas as ultimas razões. Lereno, que sentia como verdadeiro amigo todos seus damnos, e desejava que estivera em sua mão não só o allivio d'elles, mas o remedio,, não dilatou a consolação, que com as palavras lhe podia offerecer, dizendo:—Pesa-me, amigo Oriano, saber de teus males, quando nem o conselho, que te podia dar como experimentado em outros, é já agora de proveito; nem o póde ser o sentimento que tenho de lhes vêr tão difficultoso remedio; e posto que a differença dos cuidados humildes dos pastores fazem desiguaes exemplos, te digo que, pois a culpa primeira com que perdeste a graça com tua senhora, tendo tão facil a descarga, a não procuraste, fiado no tempo que te daria liberdade para manifestar tua afeição, debes esperar agora do mesmo tempo o remedio de teu mal; porque ou elle te fará esquecer o que padeces com seu descuido, ou com suas mudanças se tornará em gloria tua pena; tem constancia n'estes encontros da fortuna, que nenhuma cousa é mais poderosa contra ella, que o soffrimento: e já que tomaste por armas o habito de Peregrino, e por empresa andar por terras alheias sentindo cuidados proprios, diverte d'elles o pensamento, contemplando a variedade dos que vês; e permittirá o céo que, quando menos confies da sorte, a tenhas contente.—Não te agradeço, respondeu Oriano, consolares-me da minha desgraça, posto que o faças com ánimo de amigo; acceitara antes que me afeiaras a culpa, que n'ella tive, para que assim accrescentara a pena que mereci, e busquei por minha propria vontade: este habito que escolhi, só depois que contigo se acreditou, o tenho por acertado; a minha tenção era mudal-o cedo por outro, em que ainda hei de mistér o teu conselho: e porque é tarde, e não quero que te custem meus males perderes o somno, e para saber os de tua vida me guardo para espaço mais comprido, repousemos, que tempo ha para a minha escolha; que assim

como este nos gôstos nunca é firme, e quem n'elles o tem por si se não deve arriscar a uma mudança; assim não deve reccar a falta d'elle para sentimento de males o queſos padece.

Jornada oitava

Como acontece a quem por enganar pensamentos inquietos se convida ao somno, que adormentando por mil maneiras os sentidos, torna enfim a despertar com o mesmo euidado: assim Oriano, a quem os seus negavam repouso de continuo, não podendo aquietar, passada a primeira parte da noite, dava mil voltas, attentando ao companheiro que dormia, com desejo de lhe communicar que tinha de tomar outra vida diferente, como lhe começou a descobrir: e indo enlevado n'esta imaginação, ouviu que um dos marinheiros (a quem a noite então offerencia descanso dos trabalhos do dia) sentado junto ao leme, ao som das aguas que n'elle se apartavam, ia cantando; e com a occasião de ouvir a sua cantiga despertou a Lerenó, e ambos escutaram que dizia:

Leríope bella,
Nimpha, a quem a sorte
F'ara ser meu norte,
Fez do mar estrella.

Por quem com cherar
Fiz um mar de novo
Com aguas de fogo,
Nascidas de amar:

Agora que o manso
Vento, o mar serena,
E a noite á mór pena
Promette descanso;

Antes que o ligeiro
Dia torce a nós,
Ouve Nympha a voz
Do teu marinheiro.

Ouve, não te escondas;
Mostra bello rosto
Qual o sol já posto
Entre as brancas ondas.

Vem ouvir os ais
De quem tanto te ama;
Se, porque te chama,
Não fugires mais.

Vem Nympha, não tardes :
Ah! quem te detém !
Que as horas do bem
Sempre são cobardes.

Se não queres vir,
E este amor não val,
Mostra-me um signal
Para te servir.

Se ficas atraz
Como esta alma teme,
Guiarei o teme
Para d'onde estás.

Erre-se a jornada,
Porque em vêr-te acerte;
Que não ha, sem vêr-te,
Acortar em nada.

Se agora vieras,
Se no mar te vira,
Quanto elle me tira,
Por amor me deras ;

Fará a noite escura
Tão serena, e clara,
Que o dia invejara
Sua formosura.

Se estas ondas viram
Teu retrato n ellas,
Ficaram tão bellas,
Que do sol se riram.

Eu vira em bonança
O mar de meus olhos,
E na cer de abrolhos
A minha esperança.

Sem ti nada vejo,
Que me satisfaça,
Porque é a tua graça
Fim de meu desejo.

O que mais contenta,
Faz amor que enjeite ;
Que até o mar leite
Sem ti me é tormenta.

De crystal as veias
Nas rochas vizinhas,
E as várias conchinhas
Nas brancas arcias.

Os mariscos ledos,
Pintados de côres,
Com tantos primores,
Por entre os penedos.

Se queres que seja
fundo de meu gôsto,
Mostra o bello rosto,
onde tudo veja.

Com o som das aguas, o escuro da noite, e os suspiros que o marinheiro de quando em quando despedia, fazia a sua voz tal saudade, e sentimento, que entristeceu novamente aos dois Peregrinos, e ambos o ficaram louvando de namorado: e tornando a tratar de seus pensamentos, disse Lereno:— Em nenhum estado acho segura de amor a liberdade; fui pastor, soube a vida, e trato dos pescadores; cuvi o dos cortezãos, e experimentei o de Peregrino: em todos achei o retrato de meus proprios queixumes. Ninguém vive sem elles, e cada um encarece melhor a fé com que o sustenta. Se ha algum gôsto de amor, algum bem da ventura, tudo se compra a môr valia. Este marinheiro julgava eu por o mais livre de amor que se podia imaginar, porque o trabalho continuo do serviço das vélas, e do leme, o andar sempre luctando com os mares, coberto cada hora das ondas, e arriscado com os ventos, parece que bastava a lhe impedir outra sujeição.— Cada hora, disse Oriano, me vejo mais confuso com os remedios, que busco á minha vida, porque a desejo passar com traje, e occupação mais humilde da em que nasci; quizera escapar á ventura por abatido, pois a perdi alguma hora por levantado. Folgarei (se este desejo meu te não fôr pesado) que me contes da vida dos pastores que sempre ouvi gabar, a que todos invejam, de que todos praticam, em que tantos sabios, e poderosos se disfarçaram. E pois que nasceste entre rusticos (se isto se pôde crer) o deves saber melhor que todos a verdade que eu busco das vidas alheias, pelo que já ouviste da minha. agora que este marinheiro nos despertou com o seu canto, e que pelas estrellas, que apparecem, deve estar o dia perto, estimara que me contasses a tua opinião. — Não sei, tornou Lereno, que pôde dizer da vida pastoril quem a trocou por este desterro: mas porque o meu mal não tire louvor aos bens, que n'ella se encerram, escuta agora:

Ninguém de sua sorte está contente,
 Que ou a razão lh'a dêsse, ou a ventura;
 Cada um das alheias mostra inveja;
 O mal, que um recebeu, outro o deseja;
 Em nada se assegura
 O nosso pensamento,
 Mais ligeiro e mais vão que a sombra e vento.

Na guerra trabalhosa
 Suspira pela corte lisonjeira,
 Cheia de engano, o misero soldado;
 E o cortezão cansado
 De esp'ranças vaidias,
 Louva do campo as livres alegrias.

O lavrador quixoso,
 Dos trabalhos vencido,
 Dos grandes mal ouvido,
 Nas contendas inerte, e sem cautela,
 Culpa com mil suspiros sua estrella,
 Batendo a madrugada
 A' porta, sempre a miseros cerrada.

Suspira o navegante,
 Que en're as ondas se viu no fundo abysmo,
 Pela patria suave e delectosa,
 D'onde o vil cubicoso se desterra,
 Por ir, passando os mares,
 Onde a barbara terra
 Lhe dê com prata e ouro
 Ou miseravel morte, ou vão thesouro.

Se n'este grande onleio
 Eu podera colher, não já segura,
 Mas vida mais quieta,
 Seguira, ou invejara;
 Por mil vezes ditoso o que se aparta
 Do tumulto civil, foge as contendas
 Da confusa cidade,
 As leis da vaidade,
 As cubiças, os roubos, as fazendas,
 Onde não se permite
 Moderaç' o, descanso, nem limite.

Não serve a Marte armado de aço fino,
 Trazendo de continuo
 As armas carregadas,
 Ou do alheio sangue, ou seu pintadas;
 No reino de N'ptuno
 Não corta as crespos ondas
 Famosa sepultura de atrevidos,
 Aonde emfim descança
 Quem a vida fundou n'esta esperança.

Antes servindo a Ceres
Loura, amorosa e branda,
A Dionysio, a Phebo e a Djana,
Em rusticos cuidados se exercita.

Vae rompendo os torrões da patria terra
Com o curvo arado, doce e brandamente
O lavrador cantando
Ao vagaroso passo dos seus bois;
E cevando-os depois,
Espalha o louro trigo,
(ue sem medo, e perigo
Cobre, de agudos dentes cheia a grade;
Recebe-o amorosa em brando seio
A terra agradecida,
E do seu calor humido ajudado,
Deita terras raizes para o centro,
Dividindo-se dentro
O grão n'um gomo verde,
Que enche os paternos campos de alegria
Com subita mudança,
E ao lavrador do gôsto e de esperança.

Eis quando o gomo em herva se derrama,
E levantando a canna torncada,
Que com miúdos nós vae sustentando,
A folha mais amiga
Lança a fertil espiga,
E o grão, que tenro e verde
Em cerrados casulos se recolhe,
De modo que lhe to he
A cobertura leve
As offensas da chuva, e o sol ardente;
Amadurece já no sêcco estio
O grão nos seus bolsinhos:
Mas porque os importunos passarinhos
Com o bico cubiçoso
Não rompam o segredo,
E o thesouro da sábia natureza,

De praganas agudas a rodeia,
Fazendo d'ellas muro,
Com que conserve o novo grão seguro;
Chegada já a sazão doce, e suave,
Ondeam pelos campos as espigas,
Que tomando a côr d'ouro,
Para a terra inclinadas
Se movem do seu fructo carregadas.

Ou, se d'este exercicio se desvia,
Guardando manso gado
No valle, monte, e prado,
Sem metter n'outros bens a phantasia,
Que mór contentamento?
Que mais certa esperança?
Que mais ditosa vida,
Que tál-a em taes cuidados repartida?

Vê no campo florido
 Saltar os cabritinhos,
 Enxovalhando as flôres ledamente,
 E as mães, que junto ás faldas da corrente,
 Dos ramos dos salgueiros penduradas,
 Alegrementem pascom
 Os amargosos gomos, que renascem,

Vê no manso rebanho
 Das humildes ovelhas
 Balar com lento passo os seus cordeiros,
 E marrar os carneiros
 Em aspera porfia ;
 E elle, tangendo a rustica sanfona,
 Só de Amaryllis canta,
 E a outro desejo vão não se alevanta.

Vê na lura manada
 Das vaccas amorosas
 O animoso touro que as rodeia,
 Quando o campo receia,
 Do carneiro inimigo,
 Pondo a vida, e os cornos ao perigo.

Vê outra hora em contenda
 Os armados novilhos com ciume,
 Que cada qual presume
 Mostrar-se mais forçoso;
 E emfim, o que é vencido,
 Fica em brenhas, e em mattos escondido.

Com isto se recreia,
 Se exercita, se alegre, se enriquece,
 Nem dos Paços Reaes a formosura
 Lhe enleva os sentidos ;
 Não lhe offende os ouvidos
 O vil murmurador, que sem piedad
 Fere com o dento agudo ;
 Nem os olhos da inveja venenosos
 Perturbam seu descanso ;
 A sêde de ouro não lhe tira a vida,
 Que passa a sua alegre, e sem mudança
 No cuidado, na vida, e na esperança.

Os limites dos agros, que grangeia,
 O são de seus desejos ;
 Nunca perde de vista a patria sua ;
 Outro mar não conhece, outra corrente,
 Que do claro ribeiro
 As ondas prateadas, que murmuram,
 Regando os mesmos prados que se cria.

Não hebe do licôr de Bacho amado
 Por ouro bem lavrado, ou prata fina ;
 Serve-lhe a mão de vaso,
 E o liquido crystal de clara fonte ;
 Serve-lhe o leite puro
 De licôr mais suave, e mais seguro.

Colhe o fructo sem medo,
 Das levantadas plantas que creem;
 E sem mais arte as acha saborosas,
 Ou á sombra da ensinba mais antiga,
 Ou sobre a terra herba reclinado:
 Com canto não comprado,
 Seguro se adormete,
 Com o som que offerece
 A fonte, cujas aguas crystallinas,
 Rotas nos brancos seixos, e queixosas
 Se mostram mais formosas,
 Ou quando as verdes ramas
 Com amoroso vento
 Formam saudoso, e brando movimento.

Não desperta ao som dos atambres,
 Pifanos, e trombetas,
 A' voz de um fero capitão que chama.
 O vigilante g'allo,
 Na doce madrugada,
 Quando com dôces lagrimas a Aurora,
 Deixando o seu Thiton, cobre a verdura
 Das perolas crystallinas,
 O convida a trabalhos ordinarios,
 Ainda que rigorosos, voluntarios.

Livre canta, e o coração lhe offerece
 Materia a ledo canto;
 Nunca n'outros enganos imagina
 Mais, que em armar aos passaros ciladas,
 Laços aos animaes,
 Naças aos peixes no mais fundo rio;
 De sorte lhe aconteeç,
 Que enfim não teme o mal, nem o conhece.

E aquella mesma terra,
 Que sem tumulto, e guerra
 Na vida o sustentou, na morte o cobre
 Com sepultura humilde, porém nobre.

N'este exercicio os meus primeiros annos
 Gastei livre de amor,
 Não sabendo inda os tratos da cidade;
 Até que a liberdade
 A seu tyranno mando sujeitei;
 O habito troquei;
 E feito Peregrino,
 Ando sentindo agora de continuo.

Porém a larga historia
 De minha vida triste,
 Tão differente é já da que me ouvistó,
 Como eu que de quem era,
 Sou qual Estio após a Primavera.

Namorado ficou Oriano da vida de pastor, e determinado a fazer por ella grandes extremos, achando faceis os trabalhos, leves os encargos, suaves as obrigações do trato pastoril; dava-lhe mil louvores, e culpava ao Peregrino de trocar tão saborosa occupação por um desterro tão trabalhoso, e por tão pesada companhia, como era a de um descontente. E pedindo-lhe que proseguisse a historia contando-lhe seus pensamentos, como lhe promettera; Lereño, pelo não metter em desconfiança, posto que a seu pesar, lhe obedecia: porém antes que começasse, ouviram que por junto ao navio passou um barco, que com o braçojar dos remos despertou aos que dormiam, e de dentro cantavam o que se segue:

*Vão subindo as onda ;
Pelo penedo ;
Mov m...e as areia ;
Suspira : os ventos.*

Sae a bella Aurora
Em nuvens rosadas,
Com miudo aljofar
Borrifando as aguas.

As marinhas aves
Dos penedos cantam,
E os delphns ligeiros
Entre os bordos saltam.

As ondas dosmaiam
Sobre os penedos;
Movem-se as areias,
Suspiram os ventos.

Desfazem-se as nuvens,
Fogem as estrellas,
E o mar com mil côres
Faz douradas veias.

O vento amaro
Vae copando as velas,
Os remos ferindo,
As aguas se encrespam.

Ligeiras se trepam
Sobre os penedos,
Movem-se as areias,
Suspiram os ventos.

Com a alegria d'este alvoroço se levantaram os navegantes, e viram que a manhã começava a apparecer, e que estavam á vista da ilha para onde navegavam, e que d'ella sahio o barco que passou a bordo do navio com a alegria, que ouvistes. E com o novo sol foram descobrindo os sombrios arvoredos, de que ella é povoada; cercada de levantados rochedos, repartida em valles, e outeiros graciosos de aprazivel verdura; até que lançaram ferro no porto d'ella, com grande contentamento, para descansarem da viagem, e empregarem os olhos em sua formosura; que tão natural é, e deleitoso o porto aos navegantes, como a desejada patria aos Peregrinos.

Jornada nona

Desembarcaram em terra os dois amigos em companhia dos outros navegantes; metteram-se pela ilha dentro, e acharam n'ella tanto em que empregar os olhos, e os sentidos, que, esquecendo então a causa que os entristecia, se mostravam contentes; que não ha em um coração sentimento tão poderoso, que com a vista aprazivel de uma novidade não divirta dos males a phantasia, e recreie os olhos aquelle pequeno espaço que n'ella os emprega. Alli se agasalharam esperando monção para a partida, gosando emtanto dos abundantes fructos que alli cria a natureza; praticando os companheiros todos seus segredos, e ainda as imaginações mais encobertas, porque crescia a amizade com a communicação, e a confiança com o conhecimento, que cada um tinha da verdade do outro. Dilataram-se ao senhor do navio os negocios de que alli tratava, e apressaram-se os ventos, e tempestades do inverno; difficultou-se a partida: emfim a uns, e a outros foi forçado esperarem, que a desejada primavera lhes desimpedisse os céos, lhes assegurasse o mar, e offerecesse amoroso vento para a viagem. E já quando as nuas arvores se começavam a vestir de alegre verdura, os campos de honinas; quando já apuravam os rios suas correntes, as fontes distillavam crystallinas veias, os céos sem a pesada sombra das pardas nuvens mostravam o formoso azul dos horisontes; apercebidos do que cumpria para a viagem, escolhendo para ella um dia mais formoso, soltaram as velas ao vento com a acostumada alegria, e alarido dos marinheiros: fo-

ram aquelle dia, e o seguinte cortando o mar com o vento em popa: mas a fortuna inconstante, que communmente mostra esta sua natureza a quem busca a experiencia d'ella nos perigos do mar, ainda não era passado o terceiro dia do em que soltaram as amarras, quando os poz em breve espaço á vista da morte. E foi que, começando a anoitecer primeiro que o dia se acabasse, com uma cerração de nuvens escuras da parte do Sul, se começaram a encrespar as ondas de maneira, que só ellas branquejavam entre as tristes sombras, que a todo o mar escureciam. O piloto conhecendo o perigo mandou amainar com grande pressa as velas; porém a força dos ventos, que começaram a soprar com grande furia, não deixava aos marinheiros obedecer-lhe; e acudindo cada um á parte que lhe cabia, não poderam estorvar que não fôsem ao mar muitas enxarceas com a parte superior do mastro grande, que fez dar ao navio um bordo assaz perigoso. Sobreveiu a isto uma grande chuva, e trovoada, que parecia que se rasgavam os céos; e as aguas que d'elles cahiam, e se misturavam com as do mar, enovelavam em ondas os desconformes ventos, e traziam no fundo o miseravel navio; vendo-se os que n'elle vinham descer cada passo ao centro, e abysmo das aguas, que lhe faziam mais medonhas os luzentes relampagos que os feriam: despenhando-se o vento de levantadas serras com temerosa queda, e d'alli arrancando do escuro fundo brancas areias, com que açoutava o navio, lhes parecia subirem ao alto das nuvens. Tiveram-se á tormenta aquella noite com grande trabalho, correndo para o pégo; e em amanhecendo viram o destroço que os mares, e os ventos tinham feito na miseravel embarcação, que, aberta por mil partes, se enchia de agua, e, sem obedecer ao governo do piloto, corria para o Occidente: e assim andou quatro dias com incessavel diligencia, e continuo trabalho dos mareantes, e passageiros; e no fim d'estes vieram de todo a desesperar do remedio das vidas, vendo que algumas ondas se encapellavam de novo, e ameaçam as nuvens com o rigor passado: e determinaram, guiando para a parte da terra, dar á costa aonde os guiasse a ventura. N'este tempo passou por elles uma nau de maior porte, que perseguida tambem da tempestade se fizera ao vento, e vinha buscando ao porto ou enseada, onde se reparasse. Vendo o senhor d'ella, que era homem piedoso, o perigo, e pouco remedio do navio.

lhe mandou o batel para salvar consigo alguns dos que ante seus olhos tão miseravelmente pereciam: e chegando já a bordo com grande chuva se metteram n'elle alguns passageiros, entre os quaes foi Oriano, a quem seguia o Peregrino. Porém estando para entrar atraz d'elle no batel, o apartou um pé de vento do navio com tanta furia, que andou muito tempo entre as ondas primeiro, que tornasse á nau, d'onde sahira, que com elle se fez outra vez ao pégo, e d'ahi a poucas horas desapareceu. Lerenó com os mais do navio, perdidas as esperanças, trabalhavam por se avizinharem mais á terra; e valendo-se das taboas, e vasilhas, se armavam contra a fortuna. Assim foram navegando até alta noite; e perto da madrugada se sentiram encalhar na areia; e esperando a manhã com mais alegria, com o novo sol, que lhes mostrou, se acharam á vista de uma formosa praia na costa brava, atravez de uma alta penedia, d'onde o navio milagrosamente se afastara; e apercebendo-se todos para virem nadando a terra, o primeiro, que n'ella aportou, foi o Peregrino, sahindo na branca areia, e n'ella de joelhos levantou as mãos, e os olhos ao céo, dando-lhe as graças de se vér livre das furiosas ondas. D'alli começou a caminhar, seguindo umas pisadas, que estavam estampadas por aquella praia: e depois de ter um grande pedaço caminhado, foi ter a uma fonte, que nascia em um outeiro de branca areia, fazendo deante de si um prado de tenra, e graciosa verdura, com algumas arvores pequenas, em que a turva corrente encostara os despojos das cheias, que causara a tempestade passada: e porque o sol era tão alegre, e formoso, que assegurava o mar de receios, e enchia a terra de contentamento, o pastor se assentou junto da fonte, bebeu da agua saborosa que alli corria, e comeu das hervas, que entre a corrente do ribeiro se creavam; e depois extendendo os molhados vestidos sobre os ramos, cantou com rouca voz d'esta maneira:

Enganadas esperanças,
 Quantos dias ha que espero
 Vér o fim de meus cuidados,
 E sempre paro em começos.

Nascendo crescestes logo,
 E veiu o fructo nascendo
 Na flor, que, de anticipada,
 Conheci que era imperfecto.

De principio tão ditoso
Tornastes logo a ser menos;
Que bem se engana com o fim
Quem tem principio de extremos.

Confuso contemplo agora,
Desde vosso nascimento,
Quantas mudanças fizestes
Em pouco espaço de tempo.

Pouco ha que me vi sem vida
E n'esta, que agora vejo,
Perdido o medo das ondas,
Me parece que vos perco.

Se agora determinaes
Rebentar de um tronco sêcco,
Sobre o qual ao desenganar
Levantei já meus trophéos:

Se haveis de tornar á folha
D'aquelles ramos primeiros,
Que cortou logo a ventura,
Porque eu não fôsse crescendo:

Seccarei n'alma as raizes,
Porque justamente temo
Que vão produzindo varas,
Que castiguem meus desejos.

Se heis de ser outras agora,
Novamente não vos quero;
Que das primeiras, que tive,
Mais, que os desenganos, tenho.

Já agora não me sigaes;
Não vos busco, nem vos creio,
Nem quero ter mais de vós,
Que esperança de perder-vos.

Dêstes no principio sombras,
A que eu descancei, fazendo
Primavera, que trocou
Amor n'este duro inverno.

Feria brando, e suave
Em vossas ramas o vento,
Que, crescendo, me chegou
A naufragies sem remedio.

De vós se vestia Amor,
Em vós andava encoberto,
Té que a sorte descobriu
Contra mim meu pensamento.

Pois perdestes folha, e flôres,
 N'este fogo d' meu peito
 Arde, e as cinzas amadas
 Terão meu fogo encoberto.

Isto vos canta um pastor,
 Quo é nos bens sempre estrangeiro.
 E, para ser peregrino,
 Bastava seu pensamento.

Acabava de cantar o Peregrino imaginando, que o não ouviam mais que as arvores d'aquelle logar deshabitado, quando o saudou um pastor, que alli viera a buscar a fonte; e vendo a Lerenó molhado, lhe perguntou o porque assim estava. Ao que elle respondeu contando-lhe de seu naufragio, pedindo que lhe dissesse a terra em que estava.—Não me espanto, disse o outro, de teu mau successo, que são muito ordinarios n'este pégo, e costumados os que vivemos perto d'esta praia a achar as mercadorias que dão á costa, salvando-se os navegantes n'esta areia. Estima a vida, pois t'a deixou o perigo; e entende que te guardou o céu para alguma boa ventura, e que estás em boa terra.—Parece-me ella tão bem n'este pouco que vejo, respondeu o Peregrino, ou seja porque n'elle salvei a vida, ou algum outro respeito, que eu não alcanço, que dentro na alma sinto uma extranha alegria.—Sabe, tornou o pastor, que, andando um grande pedaço d'esta areia quanto este carreiro, aqui te trouxe, se alonga de nós, está a mais fresca, e abundante terra, que em teus dias podes ter habitada; a qual regam dois graciosos rios, que junto á cabana, onde eu vivo, entram no mar de companhia: a um d'elles chamam o Liz, e ao outro o Lena; que, posto que não sejam tão nomeados no mundo por sua corrente, como são graciosos, e alegres por seus arvoredos, mereciam todos os louvores que os outros alcançaram por sua grandeza.

Lerenó ouvindo estas palavras ficou tão enleado, que lhe pareceu que sonhava; e entre espanto, e alegria lhe tornou a perguntar o nome d'aquelles logares; e o pastor conhecendo no seu alvoroço, e nos olhos, que se lhe encheram de agua, um grande contentamento, lhe deu todos os signaes da sua desejada patria. Elle lançando-se por terra, beijou as suas areias, misturando com ellas muitas lagrimas, dizendo-lhe amorosas palavras, com que lhe agradeceu sua vida. «Desejada terra, dizia elle, principio, e fim de minhas esperanças, onde o amor, e a ventura depositaram

todo o meu bem; agora cançou a sorte de me trazer pelas albeias, e te torna a restituir a meus olhos com brandura; agora terei confiança de os vér contentes, e que se acabará a sem-razão, com que os fados ordenaram meu desterro: a vós, ó querida areia, beijo, e venero; a vós offereço a vida, que me déstes; a vós conhecerei por amparo, e refugio em meus perigos; a vós por madrinha de minha boa sorte; em vossos amados salgueiros pendurarei os rusticos vestidos, que da rigorosa batalha das ondas me ficaram como trophéos de passada fortuna; recolhei agora, amorosa patria, o vosso molhado, e nauirago pastor, que offendido, e peregrino desterrastes.» Dizia isto Lereno com tanto sentimento, que convidava a lagrimas ao rustico que alli estava; e perguntando-lhe em que logar morava dos d'aquella ribeira, e se havia muitos annos que d'ella se ausentára, o fez levantar, e o levou até a sua cabana, que era d'alli um bom espaço de areia, junto d'onde os dois amerosos rios entram no mar Oceano, com tanta saudade, como que alli lhe representava a lembrança os valles amenos, e floridos outeiros que deixára; alli bebendo Lereno de suas saborosas aguas, sentado sobre a verde relva, ao som da propria corrente, lhe offereceu estes versos:

Sereno e manso rio,
Que das fontes do Lena acompanhado,
Aqui perde's o nome e formosura,
Em cujo senhorio,
Das mais formosas nymphas invejado,
Não tem logar, effeitos da ventara,
Só na agua clara e pura,
Onde me vejo agora,
D'aque le que me vi tão differente,
Cahirem juntamente.
As que o meu coração nos olhos chora,
Porque são de a'egria,
Dae-lhe com vossas aguas compachia:

A vós rio saudoso,
Que fere o sol prin'eiro n'outros montes,
Contente as graças deu d'esta tomada;
Sempre sej' os ditoso,
Sempre corram contentes vossas fontes
E seja esta corrente celebrada:
A minha fruta am da
Nos vossos frescos valles
Tornem a ouvir as nymphas e ospastores,
Ou cante meus amores.
Ou chore o sentimento d' meus males,
Resulte em vossa gloria,
O que amor ordenar de minha historia.

Humilde outra vez beijo
 Vossas areias brancas e esmaltadas
 De luzentes crystaes, de alvos seixinhos.
 Aqui com mór desejo,
 Alegre estamparei luvies pisadas;
 D'aqui me abrirá amor novos caminhos
 Os outeiros vizinhos,
 Os vossos arvoredos,
 Os valles, e os ribiões sandosos,
 Alegres e queixosos,
 As serras, as montanhas e os rochedos
 Que ornam vossa corrente,
 Queixoso cantarei, porém contente.

Mas se quando partistes,
 Lá onde se mistura o manso Lena,
 Passastes pelo bosque defendid,
 Por quem meus olhos tristes
 Choraram largamente injusta pena,
 Que inda agora atormenta o meu sentido
 Meu rio tão querido,
 Dizei, quando passastes
 Por entre aquellas brehns e asperza,
 Se aquella alta belleza
 Por sorte em vossas ondas encontrastes,
 Se em vós viu porventura
 Aquella extranha, e nova formosura

Mostrae-me em vosso centro
 O seu retrato, inveja das estrellas;
 Antes que as ondas gosem tal ventura,
 Que, se o viem lá dentro,
 Arderão os delíns de amor s'dellas,
 E os phocas oradores de água escura.
 Mas isto me assegura,
 Que não no merecesteis,
 Pois passando os limites costumados,
 Com modos desusados,
 Os asperos penedos não rompestes,
 Até molhar as plantas,
 De quem no bosque faz florescer tantas.

Peróm quando imagino
 Que molhastes a terra venturosa,
 Que em algum tempo d'ella foi pisada,
 A vós meu rosto inclino,
 E tocando esta lympha tão formosa
 Me faz no coração alegre entrada,
 A corrente agrada,
 O venturoso rio,
 A saudosa, amiga e leda praia.
 Antes que esta alma saia,
 Deixando sobre a terra o corpo frio,
 Celébre no universo
 Vosso ditoso nome em brando verso.

Beba em vossas correntes,
 Descanço reclinado sobre as flores,
 Que com vosso horrifido sustentaes,
 Cantando entre os contentes,
 Celéb're vos, as nymphas e pastores,
 Coroado dos louros que regaes,
 E entre estes deseguaos
 Montes, que ao longe vejo,
 Gose, apesar da sorte, algum socogo,
 E esquecido o Mondego,
 O Guadiana, o Minho, o Douro, o Tejo.
 Por meio de outra pen'a,
 Conte só Luistania o Lis, e o Lena.

Com o fim d'esta cantiga se recolheram á cabana, que estava á vista do rio, onde o Peregrino descansou enxugando os vestidos que trazia; esperando que, pois a ventura a quem se entregára, por tão duvidosos meios o trazia á sua desejada patria, lhe concederia n'ella algum repouso; que quem de suas mudanças o pertende, tem melhor partido, que aquelle, que espera firmeza em algum estado dos que por sua vontade se governam.

Jornada decima

Não fez Lereno o que costumam aquelles, que livres do perigo se esquecem dos que nos males d'esse lhes fizeram companhia; antes vendo-se tão perto de sua patria suspirava por seu amigo Oriano, que viu ir no batel em alcance da nau em que salvou a vida: queixava-se da fortuna do mar, que os apartara, não se lembrando, que este fóra o meio de então estar contente: porém não no devia estar menos de sua sorte Oriano n'aquelle tempo; porque a nau, que ouvistes, cujo batel o tirara do naufragio, era a em que navegava Federico pae da bella Nizarda, que a levava a gosar da copiosa herança, que os fados benignos lhe offereciam na terra onde nascera. O que depois lhe succedeu a elle, e como se tornou a vêr com Lereno, não pertence ao fio da nossa historia, posto que a sua seja digna de qualquer amorosa escriptura. E tornando ao Peregrino, que com este, e outros pensamentos diferentes passou a noite sem gosar do repouso, que a seus passados trabalhos era devido, em amanhecendo se despediu do pastor, a quem disse o seu nome, e se offereceu com boas palavras em graça do bom gasalhado que lhe fizera; que, ainda

que estas são o preço ordinario com que se gratificam facilmente boas obras, de quem está inhabilitado para dar outras mostras, se podem estas tomar por verdadeiras. Vein caminhando ao longo do rio, que com suas amorosas voltas lhe fez o caminho mais comprido; e chegou a horas de sêsta áquelle lugar, por onde no principio de seus cuidados entrara no valle desconhecido. Bom é de julgar o que o pastor sentiria de suas lembranças n'aquelle passo, onde deteve os seus, parecendo-lhe que aquelle era o caminho, que mais lhe importava, antes que o encontrassem os pastores seus naturaes: e chegando ao penedo, viu a entrada d'elle menos defendida do que antes estava; e com sobresaltos d'esta alegria, e receio, entrou dentro batendo-lhe no peito o coração: e extendendo os olhos por todo o valle, viu a arvore, debaixo de cujos ramos vira a primeira vez a sua Pastora; e endireitando para ella, foi abraçar ao seu rustico tronco; e como que tivera humano sentido, com amorosas palavras lhe dizia: Venturosa planta, que já com vossa sombra cobristes o sol de meus olhos; lugar, onde eu tão contente me desapossei da liberdade, e onde amor me mostrou a gloria do meu desejo; testemunha verdadeira da causa, com que me perdi; recebei estas amorosas lagrimas de alegria em sacrificio, que regando vossas antigas raizes façam florescer a estes ramos alegremente. E lisonjeando com os olhos a aspera cortiça, viu n'ella entalhado este soneto, como que havia muitos dias que alli fôra escripto:

Desterrado pastor, que em terra extranha
 Padeces de meu erro injusta pena,
 Se a causa, que innocente te condemna,
 Te tornar a trazer a esta montanha,

Sabe que é minha pena, e dôr tamanha,
 Que a seu respeito a tua é mui pequena;
 Que, pois nos bens a sorte não nos condena,
 I da este amor nos males te acompanha.

A este valle tornei traz do castigo
 De uma culpa, que fiz como innocente;
 A tí livreí, e a mim puz no perigo.

Mas, se a sorte não qu'z, nem me consente
 Que para alegre ser viva contigo,
 Fique eu sem vida, e vivas tu contente.

Tendo o pastor por bom agouro de sua ventura este principio d'ella, pela não atalhar com algum mau successo (como já em algum tempo lhe acontecera) escondendo-se o melhor que poudo entre os ramos, se reclinou entre elles; e d'alli lançava os olhos para todas as partes dos valles, por vêr se via a sua pastora: porém vencido do passado trabalho adormeceu. Em quanto elle n'este sahoroso somno repousa, tornemos ás pastoras, e guardadores do rio Liz, que esquecidos do seu antigo pastor, e companheiro, em diferentes alegrias gastavam o tempo. Lizéa que, como ouvistes, descobrindo os segredos do bosque desconhecido, descompoz a ventura de Lereno, sabendo de seu desterro, e dos males que por sua causa padecia arriscando a vida, e perdendo as esperanças do que desejava, determinou buscar remedio ao mal que de suas culpas procedera: depois de andar muitos dias com este cuidado, o tornou a buscar n'aquelle bosque, onde ao cabo de muitos dias, e com grande difficuldade achou entrada: e apparecendo-lhe a senhora d'elle em diferente maneira do que a primeira vez a encontrara, lhe contou com muito pesar, e sentimento o desterro de Lereno, confessando juntamente o seu engano, pedindo-lhe perdão do erro que por causa de amor contra elle commettera. A pastora do bosque a levou nos braços com muita brandura; consolando-a com amorosas palavras de cortezia, alli a teve comsigo n'aquella escondida morada muito tempo, e offerecendo-lhe ordem, com que em outros muitos podesse gosar de sua companhia, a tornou para o seu gado, aonde por algumas vezes a foi buscar, e gastavam no exercicio da caça as manhãs, e tardes, e as séstas falando em o Peregrino, medindo ambas as suas jornadas, pintando a sua vida, fingindo-lhe outros cuidados, fazendo saudades, e lembranças de suas passadas alegrias; que, posto que cada uma d'ellas offendia o pensamento da outra, o falar em a causa d'elles lhe dava contentamento; até que com a vinda de Filenio houve maior razão de amizade, e menos razão de differença entre ellas: porque, depois que elle se apartou do Peregrino, como ouvistes, quando deixara o habito de pastor para entrar em seu desterro, veio a habitar as graciosas ribeiras do Liz, e Lena, aonde vindo a primeira vez com seu rebanho se namorara da discreta Lizéa: alli faltando-lhe o competidor, que elle mais temia, começou a entrar de novo na conquista de seus amores, esperando da ausencia alguma mudança, com que tivessem

sens cuidados galardão. Emfim o tempo, que n'isto costuma mostrar seus poderes, a continuação de serviços da vontade, a firmeza de sua fé, e os conselhos dos amigos, e parentes de Lizéa vieram a acabar com ella, que no fim de tantos annos de esquivanças se poz em condição de o aceitar por esposo: e communicando sua determinação á pastora do bosque desconhecido, ella com mui boas razões a persuadiu, que galardoasse com outro igual o verdadeiro amor de Filenio, pondo n'el perigos, mudanças, e difficuldades no de Lereno; que, como ella n'este respeito tinha tanta parte, chegava melhor ás razões a sua tenção com dissimulada brandura. Emfim Lizéa vencida se sujeitou, e concertou-se entre os parentes o dia das bodas: e pediu ella á pastora do bosque, que viesse com o habito mudado, se se quizesse achar presente a suas alegrias. Ella querendo mostrar os poderes da affeição que lhe tinha, e tambem assegurar-se de seus cuidados com ser testemunha do remate d'elles, lhe prometteu que o faria, buscando para esse fim o melhor, e mais acertado meio que se podesse achar. Chegado o dia venturoso para Filenio, em que se haviam de celebrar suas bodas, a pastora do bosque vestida no mesmo traje das d'aquella ribeira, fingindo ser uma amiga, e parenta de Lizéa, natural do Tejo, que alli viera ter n'aquella occasião, pousou em casa de seu pae, ao qual tambem a filha enganou com o mesmo fingimento: e a tarde do dia antes do casamento appareceu com ella juntamente em um lugar do valle, onde os pastores com cantigas, e muitos passatempos, e alegrias a esperavam. E como soe á luz quando se offerece aos que estavam ás escuras, que todos ficam com os olhos n'ella, assim vendo elles aquella formosura tão extranha, e desacostumada, não tiraram a vista da disfarçada pastora. Os pastores mudos de espanto, e as pastoras infladas com inveja, se esqueceram do gôsto em que estavam, e do para que alli vieram; até que com a vinda de Filenio, que chegou muito loução com alguns que o acompanhavam, se alevantaram todos os pastores a o receber. Houve logo um baile de terreiro muito festejado, e uma dansa de tres pastoras muito curiosa, e tres galantes seus; elles vestidos de verde claro, com pellicas de branco, e almecegado, e com mui formosas capellas de flôres nas cabeças; e as zagaiaes com vasquinhas de côres differentes em mangas largas de camisa, com braceletes, e gargantilhas de azeviche, com volantes toucados, e cabellos cahidos ao

desdem debaixo de capirotos verdes, todos com castanhetas nas mãos; virando-se ellas muito alegres para elles com engraçadas mesuras, e continencias ao som de um psalterio, fizeram maravilhosas mudanças; no fim disto houve algumas cantigas com a mesma alegria, e festa com que tinham dansado. Entre estas festas chegou ao valle um pastor, que era de meia idade, com um gabão pardo ás costas, e um grande, e pesado bastão de enzinha na mão, e pendurada da outra uma marchetada lyra; e chegando-se mais para a companhia, saudou a todos os pastores, correndo-os com os olhos, como que buscava entre elles algum, a que conhecia: e cuidando elles, pelo instrumento que trazia, que o seu intento era cantar com algum competidor que alli buscava, lhe perguntaram se o queria fazer.—Quería saber, respondeu elle, se estava aqui entre vós-outros o dono d'este instrumento; que pelas horas, que ha que partiu da minha cabana, já deve de haver algumas que chegou a esta aldeia, d'onde me disse que era natural; e depois que se apartou de mim, achei na praia do mar esta lyra, que me parece, que ou lhe ficou alli esquecida na areia, ou sahiu atraz d'elle com as ondas; e pesar-me-ha que alguem se aproveite d'ella, por quão bem empregada está na sua mão.

Então lhe perguntou Filenio se sabia o nome d'aquelle pastor, a que buscava. Ao que elle respondeu que sim, e que se chamava Lereno; contando juntamente o habito que trazia, e o modo por que a tormenta o deitara n'aquelle praia. Com esta nova, que o rustico deu (que este era o que agasalhou o Peregrino na noite passada) houve nas pastoras da companhia grande sobresalto, e nos pastores extranho alvoroço; porque ellas como mais benignas acudiam ao sentimento do mal, e elles ao gôsto de festejarem a sua chegada. A pastora do valle desconhecido desamparando-a o sangue, mudou a côr do rosto; e sentindo n'aquelle publico a sua falta, poz os olhos nas pastoras por vér se attentavam n'ella, e viu a Lizéa, e a Enalia com os mesmos signaes que, por mais que cada uma os procurou encobrir, não poderam fazer essa força ao coração. A pastora, que não tinha o amor de Lizéa por novidade, vendo a Enalia, que com aquelle cuidado lhe pareceu mais formosa, começou a tomar outras côres, e a conceber novos receios; mas não lhes dando por então o logar que elles pediam, poz o pensamento, e o desejo em vér ao seu desterrado pastor, a quem sem culpas fizera padecer tão desigual tormento. Em

quanto n'este cuidado imaginava mil cousas em seu favor, continuaram os outros com seus folgares, tomando entre elles logar o hospede de Lereno.

Achou-se com o dia o passatempo, apartaram-se os guardadores, ficando convidados para o outro seguinte dia, que era o em que havia de ser o recebimento. O rustico se tornou descontente de não achar a Lereno; porém no caminho encontrou ao dono da lyra, com que se enganara, que lhe deu d'ella as alviças.

A pastora do bosque apartando-se de Lizéa já noite escura, tomou o caminho que costumava, e á entrada dos penedos viu que jazia junto d'elles um pastor, que olhando para o rio cantava com muita saudade. Conheceu logo na voz que era o seu Lereno, que esperando no logar, onde o deixámos, todo o dia, perdendo com elle a esperança de a vér n'aquella occasião, veiu esperar alli que os escurecesse a noite para mais encoberto entrar na sua cabana, e dizia:

Olhos, que em vão pretendeis
A gloria, que um tempo vistes,
Se o bem, que alcançastes triste.
Alegres não mereceis,
E' razão que hoje choreis
Lembranças d'aquelle dia,
Em que a tristeza queria
Dar signaes de minha estrella,
Se agora venho a perdela,
Por vir com tanta alegria.

Se alvoroço tão sobejo
Pôz a ventura em fugida,
Viá a tirar-me a vida
O furor do meu desejo.
Estes logares que vejo
Desertos sem o meu bem,
Mal posso achar n'elles quem
Queira dizer-me onde está
Mas triste quem m'o dirá,
Se o não descubro a ninguém?

Onde está tanta belleza?
Onde graça, e valor tanto,
Que é dos sentidos espanto,
E gloria da natureza?
Rio, bosque, e asperza,
Montes cheios de verdura,
Valles, serras e espessura,

Se em vossas ramas se esconde,
 Por acenos dizei-me onde,
 Mostrae-me minha ventura.

Aquelle sol d'esta idade,
 Como escureceu tal dia?
 Que nuvem me esconderia
 Do meu sol a claridade?
 Sua antiga liberdade
 De andar por esta montanha
 Por ventura já se extranha?
 Faria alguma mudança?
 Ou falta á minha esperança
 Merecer gloria tamanha?

Se foi, ventura, erro teu
 Trazeres-me aqui por erro,
 Alevantado o desterro,
 Que amor injusto meu deu:
 Se, para tormento meu,
 Quizeste ordenar de sorte,
 Que com tormenta tão forte
 Dêsse á costa n'esta praia,
 Aonde vivo e ledo saia
 Para sentir mais a morte:

Formosa, e livre senhora,
 Minha, quando amor o quiz,
 Se de um culpado fugis,
 Castigado sou já agora.
 Não consintaes, quando o fôra
 Que de vêr-vos perca a gloria:
Tende, pastora, em memoria
 Que ha mil annos que pelejo
 Com o temor, e o desejo;
E é tempo de haver victoria.

Perdido a buscar-vos vinha:
 Té das ondas desprezado,
 E esquecido do meu gado,
Corri para onde vos tinha:
 Não queiraes que a sorte minh
 Para mostrar seu rigor,
 Tome de vosso favor
 Forças, com que se melhora;
 Que não é razão, senhora,
 Que deis armas contra amir.

Mas triste que digo em vão?
 A quem conto meus segredos,
 Se estes rusticos penedos
 Nem tem dôr, nem tem razão?
 Os echos responderão

D'elles sómente a mens brados,
 Té que com males debrados
 R: pila este monte sêcco:
*Que é minha lembrança um echo
 Que ficou de bens passades.*



Acabou o pastor a sua cantiga quando já a noite com sua sombra escura lhe impedia a vista: levantou-se; e tomando o caminho pelo longo do rio, encontrou a pastora do valle, que perto d'elle o estava escutando; conheceu pelo vulto que era mulher, e dando-lhe boas noites, lhe perguntou o que por alli buscava áquellas horas. — Uma rez, respondeu ella, que faltou da minha manada, e anda perdida entre estas brenhas; se por aqui a viste, assim tenhas boa sorte que me dês novas d'ella. — Certo, disse elle, que não vi por aqui outra cousa perdida, senão a mim. — Boa guia busquei, tornou ella, para o que me convinha; mal me encaminhará quem em dia mais claro se perdeu. — Em mim, disse elle, aventura-se menos; que ainda perdido podera agora ganhar algum interesse n'este desvio, servindo-te a ti no que procuras; mas, pois o não faço, espera que v nha o dia, e acharás a tua rez. — Toma esse conselho, disse ella, no que desejares muito; que tanto convém aos homens soffrimento no com que lhe tarda a ventura, como é natural nas mulheres fazerem sobejos extremos pelo que lhes representa a vontade: eu estimo muito a minha rez, e não me dá lugar a tanta espera o soffrimento; quando a não achar entre estes penedos, então tomarei o teu conselho; e dizendo isto ar. emetteu com a entrada do bosque. Lereno lhe bradou com grande pressa dizendo: — Torna atraz, enganada pastora, que não sabes o perigo a que te offereces; torna atraz, se não queres perder a vida, ou a liberdade. — Porque, replicou ella, é isto alguma habitação de feras, ou algum risco semelhante, que me avisas? ou é a engraçada penedia em que o nosso rio Liz quebra a sua furia com tanta brandura, na qual não ha que temer senão laços de amor? — Ah, disse o pastor, que, nem por ser perigo mais formoso, deve ser menos temido; e pe'o em que eu já me vi, te rogo que deixes a tua rez perdida; que ha bem grande parte do dia que aqui estou, e não darei fé d'ella, nem te posso dar outras novas em que mais declare minha tenção. — Já creio, tornou a

pastora, que te vae alguma cousa em que eu não passe a deante: e se assim é que tens n'este logar cousa que te importe, fico em obrigação de te servir n'isso. — No logar, respondeu elle, tenho eu a vida, mas não na aventura em que tu entres n'elle; que outrem me fez já os males, que eu podia temer agora. — Póde ser, tornou ella, que te enganases com o pouco caso que fazes do meu offerecimento, e que te arrependas de ser a elle ingrato. — Não o queria eu parecer em nada, disse o pastor, e assim te rogo que me digas quem imaginas que sou, e me descubras o teu nome. — Esse te não importa saber agora, disse ella, nem a mim me convem, e menos dizer o teu; porém sei que és um pastor, que ha pouco que n'esta ribeira teve a maior ventura que desejava, e perdeu a melhor occasião que pretendia d'ella. — Nunca, disse Lereno, tive ventura que podesse perder; e ainda umas esperanças, que tive de bem, em nascendo se acabaram: mas já que te enganaste commigo, por tua vida que me digas quem és, e algum signal mais claro, por onde outro dia te conheça. — Quero que me não julgues por cruel, disse ella, ainda que te tenha por ingrato: toma esta trança de cabellos, guarda-a; e quando amanhã vires celebrar as bodas d'aquella pastora, que só commigo as desejava, qual vires com os cabellos entrançados das côres que esta leva tecida, essa é a que agora t'a dá; e assim conhecerás se te fazia engano no offerecimento. E dizendo isto, lhe deu uma trança, que subtilmente cortou dos seus cabellos, porque os levava feitos em enleados laços, que lhe serviam de mais custoso toucado. O pastor a guardou; e entendia elle que a pastora se enganava, e o tinha por outro pelo pouco que sabia dos signaes que ella lhe dava; nem entendia que, suspeitando que era Lereno, não fugissem d'elle, e temessem como a sombra de cousa passada, pelo muito que havia que não sabiam n'aquella ribeira novas d'elle, nem se esperavam outras mais certas que as de sua morte. E assim lhe disse: — Bem sei que empresas mal este penhor, e que entendes dal-o a outrem, que o saberia merecer; mas eu te prometto que ao menos o saberei estimar: e porque de mim não prometto outros signaes, os não offereço. — Os teus, disse ella, tenho eu sabidos muito bem; e o pouco, que te lembras d'isso, te custará muito em algum tempo, quando te achares com os cabellos nas mãos como arrependido. A isto quizera o pas-

tor chegar-se mais a ella, e obrigar-a á força a que se nomeasse; mas, tornando em si, viu que fazia offensa a quem com gritos se podia livrar d'ella, e offendel-o a elle no em que lhe ia mais que a vida, por estar tão perto do valle; mormente que nunca lhe veiu á imaginação, que aquella seria sua Pastora, porque o modo da fala, que ella encobria; e o não ser dentro no limite d'aquelles penedos, em que morava, o alongavam todo o possível d'este pensamento; e para obrigar com força a uma pastora a qualquer effeito, é necessario que precedam muitas de amor em peitos, que sabem dar bom logar á cortezia: porém offereceu-se que, pois era tão tarde, a havia de acompanhar até a sua cabana, ou perto d'ella. — N'isso estará o maior perigo, tornou a pastora, que me pôde encontrar em tua companhia, quem hoje só com o ouvir o teu nome mudou a côr do rosto, com ciumes de que outrem ousasse a nomeal-o. Emfim vae-te embora, que eu sigo o meu caminho; o dia te mostrará o que com a noite desconheceste.

Com isto se despedia, fingindo que ia para outra parte. O pastor se foi para a sua cabana, onde o pegureiro Serrano vivia, o qual o esperava com muito alvoroço, porque Enalia o avisara das novas que o rustico déra no valle, onde os noivos estavam, porque em ausencia de Lerenó tomou a pastora com elle a mesma amizade, e communição, que antes tinha com Lizéa. Passaram a noite em saborosas praticas; contou-lhe o Serrano das bodas de Lizéa; e as novas, que o pastor havia trazido. Lembrando-se então do que a pastora dissera, ficou confuso, parecendo-lhe que podia ser d'ella conhecido; e sobre isto discorria no pensamento quem era; porém assaz alheio de suspeitar o que elle tinha por impossivel: e perguntando ao Serrano por todos os pastores, e pastoras da ribeira, vieram a adormecer junto da madrugada; mas ainda bem não repousavam, quando defronte da cabana ouviram uma voz, que suavemente cantava d'esta maneira:

Desperta, pastor;
Que, inda que engado
De andar desvelado,
Chama-vos amor.

Pois sois seu vencido,
 Como se presume,
 Sabeis por costume
 O de que é servido.

Que com a ninguém
 Des anço offereça,
 Antes, que amanhã,
 A acordar-vos vem.

Por que a dois acerte
 N'um tiro, que faz,
 Penando me traz
 A que vos desperte.

Vinde a vêr os valles,
 Que deixastes sós,
 Dando-me sem vós
 Causa a tantos males.

Vinde a vêr os montes
 Cortados de abrolho,
 Que regam meus olhos
 Por vós feitos fontes.

Vereis nos prazeres
 Das lédas campinas
 A todos boninas,
 E a mim malmequeres.

Vereis como não
 Me alegra a verdura,
 Por sempre vêr dura
 Vossa condição.

Vereis, quando alegre
 Tudo o sol dourado,
 Ser em meu cuidado
 Sempre a noite negra.

Mas, se apparecerdes,
 Vejam meus sentidos
 Os campos floridos,
 E os outeiros verdes.

Traz de uma tardança
 Penosa e comprida,
 Das-me agora a vida
 Com nova esperança.

Amor no meu peito
 Reina, porque eu amo
 Por seu mando chamo
 Mas a meu respeito.

Ah pastor isento,
Se estes brados não,
Quaes despertarão
Vosso sentimento?

Adens, que amanhece;
Cobrem-se as estrellas,
É a minha com ellas
Já desaparece.

Era a ^{que} cantava Enalia, que com desejo de saber a vinda de Lereno se enganára com as horas do dia; e veio fazer signal a Serrano, a quem tinha offerecido alviçar as ja chegada do pastor. E porque o ouviu dentro na cabana, cantava o que ouvistes; porém temendo ser conhecida de alguns pastores, que já se alevantavam com a occasião das festas, deixou a musica, e logar. Lereno conhecendo-a se alegrou de maneira, que Serrano a teve de lhe encarecer o que a pastora lhe queria, e o cuidado que em sua ausencia tinha de procurar novas de sua vida. O pastor sentia pena de lhe dever tanto mais do que queria; porém com animo conhecido d'aquella obrigação, accrescentava muito em seus louvores; que em brandos sujeitos, governados pelo entendimento, nunca as sem razões de amor fizeram offensa ás verdadeiras leis da cortezia.

Jornada undécima

As novas, que o pastor em publico deu da vinda do Peregrino, causaram differentes effeitos nos corações das pastoras, que em seus successos estavam mais interessadas. A pastora do bosque escondido, que antes cuidou, que com o casamento de Lizéa não lhe ficava que temer mais, que a larga ausencia do Peregrino, vendo que no dia, em que alcançava fim a um successo, que em tantos procurára, punha amor na ventura o atalhar-lh'o, e ainda achava no rosto de Enalia o mesmo sobresalto que ella sentia, começou a metter o pensamento em desconfiança. Lizéa, que com o novo estado não tinha ainda tão mortas as lembranças de Lereno, que com qualquer movimento as não accendesse, depois que consigo esteve em mil differenças, se determinou, como o mal sem remedio, de dar as costas a quantos pensamentos se lhe offereciam contra a nova promessa que fizera: isto fazia ella muito á sua custa, porque

tão arriscada é a batalha do desejo com a razão, como a de amor com a desconfiança. Enalia, que estava de melhor condição, sem saber o segredo que entre as duas havia, não tinha contra si mais que o receio de cuidar, que em presença de Lereo se esqueceria logo Lizéa do casamento; e não era este juizo de Enalia mui temerario, se a honra não tyrannisara n'esta parte o gôsto, como costuma. Cada uma com seu pensamento tomou differente estrada. A pastora do bosque, que, como ouvistes esteve no principio da noite á fala com o seu pastor, querendo dilatar-lhe aquelle bem, que elle então não conhecia, para em outra hora lhe dobrar o contentamento d'elle, se despediu dando-lhe com tantos signaes a conhecer quem era, que com maior causa, que Montano, endoicecera o Peregrino, se na despedida a vira, como elle a Tirzéa. Porém a pastora, em se apartando, ficou tão arrependida do que encobrira, como costuma quem nega consentimento ao que muito deseja: e assim ora temerosa, ora alvoroçada, tornava mil vezes atraz para o chamar; e antes de soltar a voz, se lhe representava que o écho d'aquelles montes lhe respondia; e representando-lhe a phantasia mil inconvenientes por atalhar a boa sorte do pastor, vencida de mil temores se recolheu. Enalia, que com as suas endechas deu signal a Serrano do que buscava, se foi com esperança de melhorar ventura aquelle dia. No outro, quando o sol com seus raios começou a dourar as nuvens, e a dar á verdura dos montes nova graça, se juntaram na cabana do pae de Lizéa com Learda sua nora, que já a este tempo era casada com Albano, e Nize, que de poucos dias estava desposada com Alceu, e Enalia, que com a nova occasião da vinda de Lereo vinha melhor tocada, e mais formosa; Floricia, Beliza, Pinea, e outras muitas, em cuja companhia a discreta, e formosa Lizéa esperava o desposado. Não tardou muito Filenio, que vinha bem loução, e com elle por padrinho o velho Titio, amigo conhecido de Lereo, e com elle Alceu, Selvagio, Tirenio, e outros muitos pastores; e levando d'alli a noiva ao templo, onde se haviam de receber, juntas as mãos, e as vontades, depois de espalhado o louro trigo entre diversas boninas sobre as cabeças, se vieram com muito grande festa, e alegrias para o valle, onde se assentaram em roda junto da fonte do segredo de Sileno, a qual estava rodeada de verdes, e floridos ramos, enredados com cannas verdes, e capellas de louro, hera, murta e madresilva, cheias de

rosas brancas, e encarnadas: e sentados os noivos, os padrinhos, e os mais pastores, algumas zagaias se levantaram vestidas de festa, e ordenaram uma folia, em que de uma, e outra parte cantavam d'esta maneira:

*Noiva tão discreta, e bella,
Tão digna de ser amada,
Seja alegre, e bem lograda
Com quem soube merecel-a.*

Descance na roda a ventura
Nos bens, que hoje lhe offerece:
Gose a gloria, que merece,
Contente, livre, e segura.

Tenha venturosa estrolla;
Não na offenda o tempo em nada;
Seja ategre, e bem lograda
Com quem soube merecel-a.

Amor, de que se presume
Que em ser ligeiro se fia,
N'esta amada companhia
Perca as azas, e o costume.

Tão firme se mostre n'ella,
Que por tal seja invejada,
E a pastora bem lograda
Com quem soube merecel-a.

Tenham desejado fructo,
Allicerce da alleição;
E em um mesmo coração
Amem sempre, e vivam muito.

Sem cuidado, e sem cautela
Gosem vida descangada,
E seja tão bem lograda,
Quão discreta, linda, e bella.

Sempre igual entre ambos seja
Querer, desejo, e vontade;
E de tal conformidade
Se namore a mesma inveja.

E a sorte, que se desvela
Por não vê firmeza em nada,
D'esta noiva namorada,
Extremos faça por ella.

No meio d'esta folia, que ellas cantavam, bailando com muita graça, chegou Lereno ao valle, que até aquellas ho-

ras gastara o dia em mudar o habito de Peregrino : levava consigo o pegureiro Serrano ; e chegando a companhia que com extranho alvoroço, e natural amor o festejava, deu os devidos parabens aos desposados, tão cheio de alegria, que nos olhos a mostrava ; e como os tinha em Filenio, e Lizéa, não divisou a sua Pastora, que com a mudança, que fez no rôsto em o vendo, e com a dos vestidos que trazia, estava tão trocada, que ainda olhando para ella a podera desconhecer. Filenio, e Tityro se levantaram, e levando nos braços ao Pastor, o sentaram junto a si dando-lhe os emboras da chegada; todos os mais pastores, e pastoras se mostraram tão contentes d'ella, que nos olhos, e palavras de todos se mostrava o amor que lhe tinham, esquecendo-se do passatempo presente, por lhe perguntarem de seus males passados. O Pastor, que não queria encurtar este tempo aos gôstos de Filenio, dilatou para outro a historia de sua peregrinação. Sentando-se então as da folia, se levantaram alguns pegureiros muito bem vestidos, e ordenando outra com seus paudeiros, e tambor, cantavam o seguinte :

*Amor, que traz tantos dânnos,
Ajunou tal companhia,
Vos dê gôsto, e alegria
Com que vivaes largos annos.*

*As ovelhas, e os carneiros,
Livres de ronha, e magrêm,
Os brancos vellos vos dem,
O leite, e tenros cordeiros.*

*Nunca os lobos deshumanos
Tenham n'elles ousadia,
E gosois essa alegria,
Livremente, e largos annos.*

*Nunca o rafeiro damnado,
Entre as rezes de nuistara,
Com raivosa mordadura
Vos apeçonhente o gado.*

*Pegureiros, e Serranos
Invejem tal companhia,
E gosois muita alegria,
Com que vivaes largos annos.*

*Nem as cabras vos empeça
Das vizinhas a doença,
Nem nos bois por differença,
Caíam, nem dânnos aconteça.*

Nunca sintaes outros damnos,
 Nem cuidado, nem porfia,
 Mas que um traz outro dia
 Vêr que vão passando os annos.

Não falte no inverno fôr
 O pasto a vossos rebanhos,
 Nem na primavera os aebos,
 Nem aguas no sêcco estio.

Os tempos brandes, e humanos,
 O sol claro, a noite, o dia
 Sejam em vossa alegria
 Favoraveis largos annos.

Tenhaes os annos arreio,
 Vossas mêsses sem perigo,
 Nos campos de louro trigo,
 Nos montes pão de centeio.

Soutos, valles, campos planos,
 Vos dem seu fructo á porfia,
 A sorte sempre alegria,
 O céo vida em largos annos.

Nos pereiros brando fructo,
 Nas vides pendentes cachos;
 Sem mudanças de empachos
 De todo o bem tenhaes muito.

Nem do tempo deseaganos
 Perturbem tal companhia,
 E tenhaes esta alegria
 Livremente, e largos annos.

Em quanto continuavam alegremente esta cantiga Lerenno (que se não esquecia do que na noite passada lhe acontecera) tirando do surrão a trança de cabellos que a sua pastora cortára dos seus para lhe dar por signal, viu que era tecida de azul claro, e prata que com os cabellos (que ao ouro faziam maior vantagem que differença) se misturavam engraçadamente; e correndo com os olhos as pastoras, e os toucados, viu o da sua pastora, que estava com as mesmas côres, e descendo ao rosto juntamente, a conheceu, e cahiu com um accidente desaccordado aos pés de Pilenio, que com muita pressa acudiu a o despertar: e como aquella companhia não estava quem entendesse a causa, mais que a propria que o fôra, e Lizéa que sabia guardar um muita fé o segredo d'ella, attribuiram todos o seu mal ao effeito do naufragio passado, de que se não valera com mais

cuidado, por ser presente n'aquella festa: e o Pastor, depois que despertou com agua da fonte que lhe lançaram no rosto Enalia, e Beliza, contou com boas razões aquelle mal, arrimando-se ao parecer dos que lhe buscavam outra causa. Porém Enalia, que nunca tirara os olhos d'elle, e viu o sobresalto com que poz os seus na pastora estrangeira, com outro modo entendia o seu accidente, crendo que aquella nova fermosura, que olhava, lhe roubou os sentidos (que poderosa era para taes effeitos), mas dissimulando o pesar que tinha do que suspeitava, se calou, ainda que outrem lhe via nos olhos o que ella com as palavras não podia dar a entender. N'este tempo chegou ao valle um vaqueiro assaz loução, vestido de festa, e saudando a todos á honra dos desposados, e das pastoras que alli estavam, desafiou a lutar aos serranos, e pastores da companhia; e dando uma volta no meio do terreiro se apercebia para receber ledamente qualquer que lhe sahisse. Filenio lhe agradeceu a boa vontade, pedindo-lhe que primeiro dêsse logar aos que cantavam, e então o tomaria do terreiro: ao que elle respondeu que tambem sabia cantar, e que se não sahiria d'alli, se alguem n'essa arte quizesse contender com elle. Com isto se deteve um pouco, e vendo que ninguem lhe sahia, tirou uma fruta, e com os olhos em Beliza cantou o seguinte:

*Zagala os teus olhos
Picam e não são tójos.*

Nos bois o aguilhão
Não faz tanto damno,
Como um seu engano,
No meu coração.
N'um geito que dão,
Zagala, os teus olhos,
Picam mais que tójos.

Nem n'aquelle desejo,
Quando mosca o gado,
Fica tão picado,
Como eu quando os vejo.
Este meu desejo,
Zagala, e teus olhos
Picam, e não são tójos.

Se de mim zombando
Sorrindo-te os mudas,
Com pontas agudas
Me estão traspassando.

Mais picado ande
De vér os teus olhos,
Que de arrancar tójos.

Settas no ferir
São suas pestanas,
Que en temo, e me enganas;
Em vendo-as bolir;
Mas não sei fugir
Piques dos teus olhos,
Que são mais que tójos.

Em quanto o vaqueiro cantava, movendo riso, e contentamento em toda a companhia, Beliza fazia mil engraçados geitos, acenando a Lerenó, por lhe dar a entender que aquelle era o namorado, de quem já lhe mostrava a carta, e o soneto, como vistes na *Primavera*. Porém não o achou com os sentidos menos occupados n'aquella occasião, do que na primeira os trazia, antes com maior pena da que então tinha; porque entendeu claramente que a com que de noite falara, era sua Pastora; maldizia-se pelo que perdera, culpava-se pelo que podera entender de suas palavras, queixava-se de si, da noite, e da ventura. Como o vaqueiro acabou de cantar, fez outra cortezia, e offereceu a Beliza um ramalhete de flôres; ella lhe mostrou muito favor, e pediu a Lerenó que quizesse ser na lucta seu padrinho; e o pastor conheceu no seu riso o que até então nos acenos lhe não entendia; e sentando-o junto de si, lhe deu muitos louvores, aos quaes Filenio atalhou pedindo ao Peregrino que celebrasse as suas bodas com alguma cantiga extrangeira das que sabia: elle fingindo que o era a que começava, por encobrir melhor sua tenção, cantou o seguinte :

Noite escura, porém clara inimiga
De minha sorte, e meu contentamento,
Que d'entre as mãos tyranna me ronbaste,
Não tens estrella, que me não persiga.
De quantas n'esse allivo firmamento
Por entre as pardas nuvens me mostraste.
Ah quão mal me pagaste
O tempo, em que queria,
De ingrato, mal ao dia,
Pelo que em teus enganos confiava,
Quão mal imaginava,
Que em tua sombra escura,
Se esturecesse assim minha ventura.

Se, de meus pensamentos secretária,
Sempr' de ti fei quanto bens tinha;
Se já quiz mal ao sol por teu respeito,

Se não foste dos bens de amor contraria,
 A que podes obrigar-te a sor'e minha,
 Que tanto mal sem causa me tens leito,
 Quando mais satisfeito,
 De tua confiança,
 Roubas minha esperança ;
 Descobrimdo-me o fim de meus enganos,
 Mostrando-me em meus dambos,
 Que a elles costumada,
 Andas fugindo ao sol como culpada.

Quantas vezes seu carro marchotado
 Lhe pedi que entre as ondas delivesse,
 Porque gosava em tua companhia ?
 E quantas desejei, d'elle indignado,
 Que o seu eixo entre os polos se rompesse,
 Por se achar assim mais cedo o dia ?
 Quantas vezes queria
 Que a desejada Aurora
 Te não lançasse fóra,
 Tendo a ti por madrinha em meus intentos ?
 Ai falsos pensamentos,
 Ah inimiga minha,
 Que me roubaste a vida, que em ti tinha !

Quão enganado está quem te deseja
 Para repouso alegre dos sentidos,
 Que ás vezes os confunde e não recreia ?
 Que bem o céo nos dá, que em ti se veja,
 Se não for: m bens falsos e fingidos,
 Com que o falso Protheu nos enleia,
 Escura, negra, feia,
 Mãe de engan's occultos,
 De roubos e insultos,
 Nas sombras dos phantasmas e dos sonhos,
 Dos espantos medonhos,
 Inimiga invejosa
 Da cousa mais amada e mais formosa.

Em ti o preço perde a gentileza,
 A graça, o arocer, a formosura :
 E o melhor dos sentidos nada monta ;
 Não se mostra das flores a belleza,
 Dos outeiros e campos a verdura,
 Das aguas o crystal que o sol affronta :
 De nada fazes conta,
 Que seja alegre e brando,
 Que tudo vás trocando
 Em espanto, temor, enteio e medo :
 Teu escuro segredo
 Me mostra e desengana
 Que és a môr confusão da vida humana.

Os feros animaes e os passarinhos,
 Os gados e os pastores cuidadosos,
 Não para repousar, em ti se esquecem ;

Mas nas choças, cabanas, covas, ninhos,
 De ti se escondem tímidos medrosos,
 Porque tens vãos enganos já conhecem:
 Contigo se entristecem
 As mais alegres cousas;
 Só para os males ousas,
 Nos bens és sempre tímida e cobarde:
 Só tens de bem vir tarde,
 Mas tarde de tal sorte,
 Como depois da vida chega a morte.

Noite tímida, escura, imiga fero,
 Quantos louvores mais de ti dissera,
 Que os males, que hoje digo,
 Se, o que eu por ti perdi, cobrar contigo.

Bem entendem a Pastora do valle desconhecido o intento de Lereno; porem dissimulando-o, e sorrindo-se para Lizéa, que junto d'ella estava, lhe disse:—Nova empresa de namorado é a do que fez esta cantiga, pois tem por contrária a que todos conhecem, e confessam por amiga. Alguma cousa de seu desejo perdeu Lereno na occasião, em que os outros se aproveitam d'elles, já que com os males do naufragio passado não perdeu o sentido d'aquelle queixume.—Esse, tornou Lizéa, é mais certo nos homens, que a razão. Que culpa podia ter a noite no que ou pende de amor, ou da ventura?

Beliza, que ouvia estas razões, disse para Lereno:—Mal estou com a tua cantiga; que nem as feias, nem os namorados podemos com razão dizer mal da noite, que a nós encobre as faltas, e a elles os furtos, e segredos: muito desejo saber a razão d'esse queixoso.—Cada um, tornou Lereno, fala como sente, e conta como lhe aconteceu: e deixando o remoque das feias, em que tu não podes ser parte, posto que eu o não sou na tenção de quem fez a lettra, me pareceu, pelo que d'ella alcancei, que achou de noite um bem, pelo qual muitos dias se desvelára; e desconhecendo com o escuro a maior gloria que da ventura esperava, a desprezou: e vindo depois a saber o que perdera, quando não tinha esperanças de o cobrar, se queixava da noite, em a qual esteve a culpa de sua desgraça.—Todos os homens, tornou Beliza, se desculpam a si com fazerem os seus erros alheios. Que fez a noite a esse galante, se elle não soube gosar o que ella lhe offerencia com tanto favor? Ninguem diga males da que tantos encobre; que, só porque ella com sua sombra me faz tão formosa como as que o são, hei de tomar sempre á minha conta defender seu partido.

Todos os d'aquella companhia festejaram a graça com que Beliza falou; e as duas pastoras, que levantaram a occasião, lhe deram muitos louvres, e agradecimentos. Então se começou a lucta com grande rumor, e soada de instrumentos; e Lereno disse para Taurino (que era o vaqueiro):— Bem podes sahir confiado, que já se pode chamar vencedor quem está favorecido de Beliza.— Se ella, respondeu o vaqueiro, me trouxe a este perigo, que muito é que me tire d'elle com minha prole? e mais, estando a cabo de ti, justo é que me não traga o coração nenhum receio. Assim eu tivera ora certo o seu amor, como o preço da lucta; que já estivera em folgança o meu cuidado.

Acabando estas palavras, sahiu ao terreiro; e mostrando que não era vã a sua confiança, derrubou dois pegureiros dos mais forçosos, que havia em toda aquella ribeira; e com esta vantagem lhe deram a fogaça; com a qual dando Taurino uma volta no ar muito ligeira, em signal que não estava cansado, a veiu pôr no regaço de Beliza, que, ainda que envergonhada, a recebeu. A este tempo se levantou o velho Tityro, dizendo que eram horas de acompanharem a Filenio até á sua cabana; o que todos fizeram com grande contentamento, achando-a enramada, e cheia de flôres, e espadanas as casas vizinhas: e d'alli buscando cada um a sua se despediram. O Peregrino, depois que em particular recebeu as boas vindas dos guardadores e pastoras d'aquelle valle, procurando com os olhos saber da sua Pastora (que se apartára com o pae de Lizéa) quando cuidou que ia nas horas mais convenientes para esperar na entrada dos penedos, estava ella já no bosque sem ser vista de duas pastoras, que alli deixára que a esperassem, que occupadas em amalhar um cervo, de que tiveram vista, perderam a de sua senhora. O pastor chegou alli já de noite; esperou grande espaço, enganando-se com qualquer movimento das ramos que ouvia: qualquer passaro que se recolhia para o ninho, ou qualquer animal, que passava por junto ao prado, lhe parecia que eram passos de quem vinha para onde elle estava; e achando-se mil vezes enganado, tornava até o caminho da aldeia, representando-lhe o pensamento que alli a encontraria; e tornando logo a reprehender esta inquietação, pelo segredo que guardava se tornava, até que commetteu a entrada do bosque: foi sentido das duas pastoras, que, cuidando que era sua senhora, acudiram, e deram de rosto com o pastor; e vol-

tando os seus para a montanha, foram fugindo com estranha, e desusada ligeireza. Elle com o mesmo engano, que ellas tiveram, crendo que era a que buscava, deu um grande suspiro pedindo-lhe traz elle, que o ouvisse; mas conhecendo que era vão procurava n'aquelle logar a ventura se tornou para a sua cabana passando a noite entre pensamentos desesperados, tornando a seus descuidos a culpa do mau successo que tivera, como quem só de si podia tomar a vingança d'elles.

Jornada duodecima

O cuidado, que Lereo tinha de se desviar da companhia dos pastores para buscar a quem era o fim principal de seu desejo, tirou a Enalia a occasião de lhe descobrir de novo seu pensamento, e quanto mais lhe negava isto a ventura, tanto com mais solícito cuidado o pretendia. Mas como o respeito de sua honestidade lhe limitava outros extremos, tomou a Peliza por companheira para o poder buscar: e ambas ao outro dia em amanhecendo se foram atravessar um carroiro que ficava na silada de um valle, por onde o pastor havia de passar em sahindo de sua cabana; e alli sentadas praticando nas festas do dia d'antes, o esperaram. Elle a quem os cuidados da noite não deixaram ser preguiçoso, em vendo signaes da manhã não tardou muito; e quando as descobriu de perto, era tempo que se não podia desviar, sem dar a entender que era de proposito; com mostras de alegria, e alvoroço as saudou, dizendo para Beliza: Em grande obrigação te estou pela confiança que hontem de mim fizeste, dando-me a conhecer aquelle vaqueiro. Por certo que tera elle tantas partes, que sempre me terá da sua de maneira, que te acude todos os desfavores com que o tratares; porque, além de te saber amar, que é a principal que o acredita, canta com muita graça, veste com arte, lucha com força, e fala com confiança; parece que já eu adivinhava, quando, sem o conhecer, terçava por elle em outro tempo. — Muito ha, disse a pastora, que tu foste terceiro em seu favor; pelo que me parece que te hei tambem de pagar com alheios tomando o mesmo officio, empregando-te melhor do que tu empregas a elle. — E's perigosa para terceira, respondeu elle, porque darás ciumes á namorada, que é um dos maiores trabalhos que ha entre os

amantes. — Como é certo, tornou ella, que estás livre d'esse perigo, porque, além de ser muito formosa, a pastora, que eu tenho no pensamento, tem outras muitas razões de ser confiada. — Partes são essas, disse o Pastor, para me obri-
gar; não entra mal o teu requerimento. — Nem me está já mal o officio, disse Beliza, mas porque não cuides que é engano, aqui está Enalia, que conhece mui bem o por quem eu isto digo, que pode ser bom fiador d'esta verdade. — Não me parece a mim, disse Enalia, que me porei n'esse risco, porque não ha pastora n'esta ribeira, que mereça os cuidados de Lereno; salvo se ainda n'ella habita uma, na qual elle mostrou que os não tinha por mal empregados.
A isto mudou Lereno um pouco a côr, e com dissimulado espanto respondeu: — Mais quero eu a boa conta em que me tens, que os cuidados alheios; porém te affirmo que d'esses não sei parte, senão os de Beliza, que me communicou os seus por acenos. — Não negues, replicou ella, cousa tão clara, e até agora tão sabida de todos: não era Beliza, mas uma estrangeira, cuja formosura te enlevou tanto os olhos, que te fez perder o sentido de quem só nos teus empregava a vista. — A novidade, disse elle, sempre leva a vista após si; e como estrangeira no nosso valle aquella pastora, estava com o desejo de saber quem seria, bem alheio de cuidar que havia ontrem que commigo se occupasse, porque não estou costumado a essas venturas, nem imagino que para mim estão guardadas: porém o mais certo é que te enganarias. — Sabe, lhe respondeu Enalia, que eu o sei da mesma parte, e de ti que a conheces egualmente: mas como se ha de livrar um ingrato do que deve, senão desconhecendo a obrigação? Pois sabe que, em que te pese, me has de ficar em alguma — Essas estimo eu tanto, disse elle, que quizera ser outra pessoa de mais preço para o ser de tão grande divida.

N'estas razões estavam, quando pelo carreiro abaixo vi-
ram vir Serrano em companhia de um montanhez tão rustico no traje, e na figura, que a todos poz em grande confusão, porque tinha o rosto pequeno, e largo, tostado do sol, e veloso por todas as partes, olhos negros, pequenos, e embrenhados debaixo de umas sobranceilhas compridas, a barba crespa, espessa, e revôlta para riba, a cabeça da mesma maneira, seja trazer sobre ella outra cobertura, vestida uma çamarra de pelle de urso, cingida com uma correia de vacca crua, com umas alparcas do mesmo; tra-

zia um dardo na mão, e da outra prêso um sabujo de medonha catadura, que com estranheza de vér gente estava com os olhos inflados n'ella. O montanhez pondo os seus em Lerenó se assegurou de todas as feições primeiro que lhe falasse; e atraz d'isto o apartou, e lhe disse á puridade, que lhe trazia uma carta, que importava muito; e lh'a quiz dar encobertamente. Mas como acontece que o sobejo cuidado, que se põe em uma cousa, serve ás vezes de se errar o termo d'ella, pela furtar á vista das pastoras, quando a dava lhe cahiu no chão descobrindo simplesmente o seu segredo; elle a elevação mui corrido, e Lerenó não ficou menos embaraçado, porque das razões do montanhez sabia já cuja era, e assim a metteu com muita pressa no surrão; e acautelando-se do que podia succeder, tomou o primeiro papel que encontrou dos que n'elle trazia, e o poz em parte, onde logo o encontrasse; e despedindo ao montanhez, que assim o pediu, tornou á conversação em que antes estava; e Beliza lhe disse:— Bem sei eu, Lerenó, quem já fion de ti carta de seus amores, e que tambem saberia agora guardar o segredo d'essa; por isso não deixes agora de a lér por men respeito; que pelo de Enalia fará que o não ouve.— Não me parece, disse ella, que desmereço a mesma confiança por outra semelhante que já fiz na mão de Lerenó; porém do que com elle então me succedeu, sei agora, que não é merecimento para alcançar o seu segredo, o fiarem-se d'elle os mais escondidos, porque a pouca fé, que n'elles guarda, fará suspeitosa a de quem lh'os confia.

Isto dizia Enalia pelo que lhe acontecera com a sua carta, que achára na mão de Lizéa, como ouvistes na *Primavera*. Ao que o Pastor respondeu:— Sem razão me acreditas mal; e nenhuma tivera eu de te encobrir nem ainda meus proprios pensamentos; porém os alheios, que de mim pode fiar alguma pastora, que conta daria eu d'elles, e de mim, quando os declarasse? Com tudo dar-me-heis ambas licença, que veja primeiro a qualidade d'este, para saber em cuja offensa o posso communicar; que, se tocar a mim o que este papel contém, eu o entregarei nas mãos de Enalia.

E tirando do surrão o que tinha trocado, achou a carta que o doido escrevia para sua dama ao outro mundo; e começando a lér fingiu um extranho riso, e lhes contou que na mesma embarcação, em que elle se perdera, vinha

o dono d'aquella carta, contando-lhes o desvariado engano, que segnia; e por elle ser o que com maior perigo escapara do naufragio, lh'a mandava, para que a desse na outra vida, se primeiro chegasse. Então leram as pastoras a carta com grande contentamento, e alegria, gabando muito o extranho amor d'aquelle, em quem a morte o não acabara. A este tempo desciam já alguns pastores com o gado, foi forçado seguirem as pastoras seu caminho; e Beliza levou a carta, dizendo que havia de responder por parte d'aquella dama a seu amante, porque não consentia que vivesse penando, sem saber se era agradecido seu tormento. Ellas se foram, e Lereno despediu a Serrano; e depois que alongou um grande espaço pela montanha, abriu a carta, que dizia:

A causa principal de teu destorro,
Que n'elle sentiu pena tão crescida,
Como se commettera o proprio erro,

Te deseja, Lereno, gosto, e vida;
Que, inda que em teu damno era culpada,
Foi menos rigorosa, que offendida.

E agora com razão desenganada
De tua fé, e amor tão verdadeiro,
Tambem vive egualmente castigada.

Torna, amado pastor, como primeiro,
A este bosque escondid, onde alguma hora
Já foste em meus cuidados companheiro.

Não receies achar cerrado agora
Aquelle contra ti duro penedo;
Que não te offenderia, se o não fora.

Vem, e verás o fim de teu segrado,
E acharás as lembranças, e a memoria,
Que inda de ti guardon este arvored.

Vem alcançar dos males a victoria,
Que com tão verdadeiro soffrimento
Mereceste de amor com nome, e gloria.

Vem, Peregrino meu, no pensamento,
No cuidado, e n'í só mais peregrino,
A descansar em mais ditoso assento.

Vem vêr a Amor, e ao fado mais benigno,
Que tiveste por parte, e por contrario,
Sendo de seu rigor sujeito indigno.

Vem triumphar da mudança, e tempo vário,
Se acaso não mudaste a phantasia,
Com seu leve poder, mas ordinario.

Vem, que já me parece largo o dia;
Amor te animará, se te acobardas,
Que é animoso em toda a companhia

Se outro não te detém, pastor, que aguardas?
Que á tua fé, e á minha confiança,
Depois que aqui te chamo, já me tardas.

Mal soffremos as Nymphas a tardança,
Mal de amor encobrimos os cuidados,
Não sabemos guardar larga esperança.

Porque, assim como os membros delicados,
Nos deu a natureza o soffrimento,
E os desejos ligeiros, e apressados.

Não tenhas já, pastor, no pensamento
Que alguma hora no meu fôste offendido;
Amor só o ordenou como avarento.

Culpado fôste ja, nunca esquecido;
Desterrado da patria, mas presente
Sempre no meu cuidado, e no sentido.

Eu quanto de te vêr vivia ausente,
Que ora seguindo as fêras me empregava,
Ora n'outro exercicio differente.

Porém todo o mais tempo, que ficava,
Só em te amar gastei com tanto excesso,
Que eu mesma me espantei de quanto amava.

Quantas vezes (agora isto confesso)
Peregrinando tu na terra extranha,
Pintava em meu receio o teu successo?

Com quem n'este desvio me acompanha,
Fingia, e figurava o teu caminho,
Como se fôra aqui n'esta montanha.

Ora vendo o Mondego, o Douro, o Minho,
O Guadiana, o celebrado Tejo,
Que é ás nossas ribeiras mais vizinho.

Alli via mudar-se o teu desejo,
Alli de amor fazeres outro emprego,
Es juccando um-tão firme, e tão sobejo.

Quando ouvia de Althéa que o Mondego
Com perfeições, e graças accendia,
Por quem o mesmo amor andara cego :

Preso de seus amores te fingia ;
E quando o teu desterro se alongava,
Tanto mais a suspeita em mim crescia.

Se outrem Armida, ou Cloris, me contava,
Que faziam mais nobre o G. radiana,
De Cloris, e de Armida me queixava.

Se a formosura, e graça sobre humana
De Felicia, e de Aonia, cujo aspecto
O Tejo illustra, os outros desengana.

Ah quantas vezes disse no meu peito :
Não permitta ora amor que a causa veja,
Tão justa o meu pastor de estar sujeito.

Se meu damno ha de ser, este o não seja,
Não se converta o bem de meu cuidado
No perigoso mal da baixa idade.

Quando, em mais longes terras desviado,
Te via entre as pastoras estrangeiras,
De quantas te fingi ser namorado ?

Contemplando os seus róstos, e as maneiras
De toucados, e enfeites diferentes,
E as razões para amor mais lisonjeiras.

Como tomava eu côres de contentes ?
Pintando-me em mil partes o temor
Que são de esquecer faceis os ausentes.

E inda que te offendia o meu pastor,
Nenhum amante ausente se assegura,
Que é grão desconfiado um grande Amor.

Não temia os perigos da ventura,
Que n'isto era cruel ; d'outro tyranno
Receava o poder, e a força dura.

Não sei se livre estou do mesmo damno,
Agora que te vejo, meu Loreno ;
Ou se inda amor me esconde algum engano.

Ainda suspeito, ainda receio, e peno ;
Mas comtudo o temor, que d'antes tinha
Fexa razão por mim ser mais pequeno.

Torna, caro pastor, que te detinha
A ventura, que, os gostos dilatando,
Para os males fugiu, porque era minha.

D'aqui, d'onde te escrevo, es'ou chamando
O teu nome suave a meus ouvidos,
Com elle os pensamentos recreando.

Ah vem: entre estes louros escondidos,
Suave, e doce assento nos offerecem
O prado ameno, os mirtos florescidos.

Ninguem, que nos estorve, aqui parece;
Que as feras, que se vêem por este monte,
Cada qual só de vêr-me se esmorece.

Não temas q' te fuja, nem me affronte
De te seguir, por mais que fugitivo,
Tua dureza, ás mudas serras conte.

Se inda hontem te fugi, de então não vivo;
Experiencia foi, mas tão custosa,
Qual se fugir procura algum captivo.

A trança dos cabellos venturosa,
Que em tua mão ficou, porque a fizesses
Para prender-me a mim mais poderosa,

Não t'a dei, porque agora me tivesses
Pelos cabellos não; que de vontade
Estaria eu, pastor, onde estivesses.

Mas porque, como amor me persuade,
Sendo-te occasião ficasse presa
Pelo penhor maior de liberdade.

Já do que então perdi choro, e me pesa,
Por momentos de mim me indigno, e queixo,
Na ventura, de Amor, da natureza.

Vem gosar d'estes louros, e este freixo,
A vista d'este monte, e d'este rio,
D'estas fiores contentes, que aqui deixo.

Vem a ter d'este bosque o senhorio,
E a gosar, quando o sol se empina, e arde,
A sombra amena, o vento manso, e frio:
A ventura te guia, o céu te guarde.

Como acontece a um desvelado cuidar que sonha o que desperto esteve repartindo no pensamento, que torna mil vezes atraz com a phantasia ao que da imaginação lhe con-

tentava; assim ficou Lerenó em acabando de ler a carta da sua pastora, que de alheio de si, sem poder crer tamanho bem, o começou a pôr em divida: e tornando a ler muitas vezes aquelle papel, que elle ainda dos seus olhos fiava com alguma desconfiança, cheio de contentamento lhe dizia: Venturosa carta, que me asseguras ganhar o resto que contra mim tinha mettido a ventura; com que alegrias festejarei a tua chegada, que foi principio aos bens de minha vida? carta de liberdade para meu desterro, de crédito para a fé de meus cuidados, de guia para minha confiança, de favor para meus atrevimentos, de navegação para tomar porto em meus naufragios, de parabens para minha gloria, de confirmação para minhas esperanças: onde te terei escondida de minha propria inveja, que em cada uma lettra, das que trazes, tens cifrado meu gosto? metter-te-hei na alma, traspassarei n'ella as tuas razões, porque em algum tempo não se percam no lugar, onde as escreveu minha Pastora. Mas, ah! que até d'este lugar temo o teu segredo; que mal pôde caber em uma alma, tão costumada a pesares, um bem tão extranho, e desacostumado, sem que os signaes da grande alegria não se mostrem nos sentidos exteriores: quero fugir contigo pelos desertos, porque a communição dos pastores do valle não perturbem por alguma via meu contentamento.

E dizendo estas palavras entre si com outras, que são naturaes em quem se vê contente, tornou a cuidar o que suspeitariam Serrano, e as pastoras, e lhes desapparecesse n'aquelle enleio.

E assim com vagarosos passos voltou ao valle, e achou muitas pastoras, e pastores sentados em roda ouvindo cantar a um pegureiro de terra extranha, que ia assentar soldada ao Mondego, e trazia consigo atrellado um rafeiro fusco de muito preço; e no cantar convidava a o ouvirem com cortezia: e ao tempo, que Lerenó chegou, dizia o que se segue:

Deixa-me em paz, amor, que não te entendo
 Nem quero de ti mais, que o desengano;
 Fujo de teu poder, não me defendo;
 Para que andas traz mim cego, inhumano?
 Espera por quem vae traz tí correndo,
 Não sabendo que corre atrás seu damno:
 Mas se o seguir quem foge não te canoa,
 E' por fazer cançar quem não te alcança.

Quantos, temendo em vão teu senhorio,
Andam por teus acenos desvelados,
A que, furlando o corpo n'um desvio,
Pagas com um só descuido mil cuidados ?
A mim, que de teu fogo zombo e rio,
Vens buscar por caminhos não cuidados;
Deixa-me, falso amor, ingrato e fero,
Que, só porque me buscas, te não quero.

E' fraqueza seguir quem vae fugindo,
Cobardia fugir de quem te segue ;
Quem, por grande, e senhor te vae seguindo,
Seros cobarde, e fraco não m'o negue :
Quem só ao parecer de um rosto lindo
Se rende, e deixa a vida logo entregue,
Esse te sirva, e tenha em grande preço,
Não já eu, tyranno amor, que te conheço.

Eu mesmo me ensinaste n'outro emprego,
A conhecêr o bem, que o céu me deu :
Que é doce captiveiro o teu não nego ;
Porém é mais suave o ser só meu.
Sabe, amor, que fui já moço de eago,
Porque em quanto fui moço o era teu :
Não te vão bem tomar brigas commigo :
E agradece-me agora o que não digo.

No fim da cantiga lhe deram os do valle muitos louvores, e celebraram o seu bom modo de desprezar o Amor, convidando-o a que ficasse n'aquella ribeira até as festas dos pastores, que se faziam d'alli a poucos dias, para as quaes andavam já muitos alvoroçados, dizendo-lhe que havia de haver muitos premios, e competencias, e que de algumas lhe asseguravam a victoria : e tendo-o já quasi persuadido, um cabreiro, a que chamavam Tindaro, tirou do surrão um papel, dizendo que por parte das pastoras do Lena queria fixar umas perguntas, que n'elle vinham escriptas, para que, quem no dia da festa melhor respondesse a ellas, levasse os premios que no cartel vinham escriptos, nomeando por juizes a Lereno, e Filenio : e as perguntas na ordem, em que vinham escriptas, diziam d'esta maneira :

Eu, que sempre experimentei
Em tudo, o que commetti,
A ventura contra mim,
Pergunto se a buscarei ?

*

Se é mór gloria ser querida
Na mesma parte, ou querer ?
Se mór mal aborrecer,
Do que é ser aborrecida ?

Se é mór bem não conhecel-o,
Que o que se faz alcangal-o?
Se é mór mal nunca gosal-o,
Do que é gosal-o e perdel-o?

*

Se é mór favor o escandido,
Que o que se faz claramente?
Qual aggravo mais se sente,
Se o injusto, se o mereido?

*

Amej com grande affeição:
Pergunto se áquelles annos,
Que servi com desenganos,
Me deve amor galardão?

*

Pergunto se é mais sobejo
Quem de importano atormenta,
Se o que nunca se contenta,
Lada que vença o desejo?

*

Nas esquivanças de amor,
E nos males que elle ordena,
Qual d'estes dará mais pena,
O desprezo, ou desamor?

*

Qual é mais para invejar,
Ser isenta e ser servida,
Ou ser amante escondida,
Sem ter mais gloria que amar?

Chegaram-se todos os do valle a vér as perguntas, e com grande festa, e porfia começavam a dar d'ante mão seus pareceres, gastando em razões todo o dia; e no fim d'elle se recolheu Lereno contente de vér mais perto o de suas esperanças, e da occasião com que os pastores andavam inquietos; que o amante para seus furtos não espreita mais que vér as testemunhas occupadas.

Jornada decima terceira e ultima

A pastora Enalia, que com Beliza, e Serrano se apartou da companhia de Lereno, ao tempo que elle lhes deixou a carta do desatinado amante, depois que com ella riram

muito, dizendo Beliza mil galanterias sobre seus extremos; á hora de sestar o gado se despediu d'ella, levando consigo a Serrano para junto do rio, ao qual começou a dizer assim: — Não sei, Serrano amigo, o que este coração adivinha em meu damno; que quando vejo nos outros maiores alegrias, tanto mais se entristece: e se elle, como dizem, nos males sempre é certo, sabe que Lereno nos engana, e que a carta não era a que o montanhez lhe trazia; porque nem é escripta, nem está aberta de tão poucos dias. Ou me has de dar remedio para que saibamos a verdade de seus amores, ou fazer conta que perdi as esperanças do que tinha para minha vida: por isso olha o que n'esta perdes, pois para te servir a desejo contente, e em quanto maior obrigação te estarei, se por teu meio a restaurar de novo. — Bofé, tornou elle, que não sei como te tire de suspeitas, nem como saiba de Lereno mais que elle de si. Eu te digo, que se elle ama a alguma pastora, a deve ter escondida no pensamento, e não na fia dos olhos; porque, segundo eu trago de espreita os seus, em nenhuma os podia pôr, que o já não seubesse. O certo é que o amor, que tens, faz com que sonhes o que não pôde ser: deixa esses enganos, e tem bom coração; que, se o pastor é teu, ás mãos te virá. — Que sei eu, tornou a pastora, se está elle já agora nas alheias? Por tua vida, amigo, que soffras a minha importunação, que a causa me dá toda a desculpa. Se me queres o que te mereço, has de espreitar se Lereno responde áquella carta, e a quem dá a resposta; ou se vae para alguma parte, d'onde ella veio: em amanhecendo serei contigo, e te levarei um penhor que ha muito que desejas, que não é de pequena valia. — Se a eu tiver para te servir, tornou elle, perde o cuidado do que cabe á minha parte. — Olha, respondeu ella, que has de ser em meu favor n'isto, que me importa mais que a vida. — Estou prestes, disse elle, para perder a que tenho, ou dar boa conta de tua pretensão.

Com estas palavras se despediu o pegureiro; e Enalia se recolheu. No outro dia, antes que a desejada Aurora de todo descobrisse o rosto, se levantou Lereno cheio de alegria de vêr acabada a noite, como aquelle que por momentos estivera penando a tardança d'ella. Serrano, que o sentiu levantado, lhe perguntou a causa da madrugada: ao que elle respondeu com um desvio, dizendo que repousasse, que elle o viria ainda a despertar do somno: e com isto se despe-

diu, e foi para o longo do rio a tomar o caminho do bosque, e á entrada d'elle encontrôu ao montanhez que lhe levava ao valle a carta que ouvistes; e avisando-o que andava por aquella parte o senhor da montanha, o foi embrenhar junto a uma lagôa escondida entre alguns espessos freixos, e cannaveaes que faziam uma espessura muito cerrada. Alli ficou o pastor escondido com novos sobresaltos por vêr que, estando já á vista do maior bem de seu desejo, lhe punha a ventura impedimentos, que elle até então não receava: mas ella, que costuma guiar os bens por este caminho, fazendo-os de tanto preço á vontade, quanto á vida mais custosos, e arriscados, depois que o teve grande espaço n'aquelle enleio, ouviu que, rompendo por entre as cannas vinham para aquella parte, para onde logo enfiou os olhos, e viu que era a sua pastora, que acompanhada das caçadoras, que a seguiam, o vinha a buscar: levantando-se como fóra de sentido se foi offerecer aos seus pés, e com os olhos cheios de lagrimas, e de contentamento lhe disse: — Vós, senhora, que me destes animo para esta ousadia, e na pena, que padeci, merecimento para tornar ante vossos olhos, acceitae o offercimento que a elles faço de minha vida; que não quero d'esta outro maior bem, que perdel-a por vosso gosto: aqui a tendes para que ou useis do maior rigor contra este vencido, ou de outra igual humanidade com quem na lealdade, e no cuidado não desmereceu nunca o galardão de sua fé. — Já agora, meu Pastor, respondeu ella, não tem lugar a tua desconfiança, nem minha crueldade; pois eram vãs as culpas que desacreditavam a tua firmeza: com ella venceste a todos os merecimentos alheios, e asseguraste minha affeição, a qual livre de mudanças te prometto, conhecendo-me por obrigada, e confessando que te amo com tão grande extremo, que ficam menores os que por mim fizeste: e levantando-o pelas mãos, o Pastor lhe beijou as suas sem lhe poder dar outra resposta, porque a demasiada alegria lhe suspendeu o uso dos sentidos. Levantando-lo d'alli o levou consigo até aquelle lugar, onde elle deixara em outro tempo escriptas as lembranças de sua gloria.

Deixemos ao nosso Pastor gosando da que tinha presente, merecida com tantos cuidados, alcançada depois de tantos perigos, desejada com tantas saudades: e tornemos a Eualia, a quem amor, e o ciúme traziam inquieta sobre os cuidados que presumia de Lereno: e com esta suspeita se

levantou com egual diligencia da que o Pastor teve, e não adeantou elle maior espaço que o que ella dispendeu em concertar o toucado: mas quando veiu, já encontrou a Serrano, junto com dois pastores fóra da cabana, que lhe estavam perguntando pelo senhor d'ella, dizendo que eram do Mondego, e que vinham sómente a o buscar, e a esperar n'aquella ribeira até o dia da festa dos pastores: estes eram Floricio, e Montano, que sabendo de um marinheiro que do naufragio escapara com Lereno, o modo com que sahira nas praias do rio Liz, o vinham a visitar, como aquelles que lhe tinham tanto amor, e obrigação. Enalia, que os esteve ouvindo, e viu o cuidado com que elles procuravam o seu pastor, e a pouca tardança que para o achar lhe consentia o desejo, querendo ir com o pegureiro até onde elle estivesse, sentiu outros mais rigorosos ciumes; e apartando a Serrano lhe perguntou novas de si: e sabendo que antes da manhã Lereno era partido sem saber aonde, não esperou outro conselho; mas, despedindo-se d'elle, tomou o valle abaixo, e achou as suas pisadas, que pelo fresco do orvalho appareciam, e foi parar junto do rio. Serrano temendo-lhe algum desatino, e sabendo já o nome aos dois pastores estrangeiros, nos quaes muitas vezes ouvira falar a Lereno, os deixou na cabana, pedindo-lhes que descançassem como em casa propria em quanto o ia buscar; que não seria muito longe d'alli. E assim foi seguindo a Enalia, e a encontrou na penedia, que cae sobre o rio, onde perdeu o rasto que até alli seguira. Serrano a chamou, e em quanto lhe contava quem eram os pastores que com elle deixara; o rafeiro, que consigo trazia, tomando o faro do seu pastor accometiu a cova: elles voltando o rosto para aquella parte, viram estampadas as plantas de Lereno; e seguindo ao rafeiro foram áquelle prado, onde corria a fonte, em que Lereno achou a primeira vez o cajado da sua pastora: alli pararam cheios de espanto, e receio de verem coisa tão desacostumada; e bem facilmente encontraram a Lereno, se a ventura, que até então o perseguia, não lhe valera. E foi que o Fauno, que guardava o sepulchro de Syleno, que até então procurava rigorosa vingança do innocente Pastor por aquelle segredo seu que ante tempo descobrira, satisfeito já dos males passados, e por não manifestar os occultos thesouros d'aquella montanha onde vivia, ordenou que ao tempo que Lereno em companhia das tres caçadoras subia

para o monte, offerecesse deante aos olhos de Serrano, e da pastora Enalia outra novidade mais espantosa; e foi que subitamente se acharam ao pé de um monte, no alto do qual havia uma machina que ao longe parecia de crystal, e ao perto d'outra materia de maior valia, tão rica, e luzente, que os olhos, que n'ella se empregavam, podiam difficilmente ver a perfeição da obra, que não era de menor estima: porque era um edificio de maravilhosa grandeza, que no alto tinha um cavallo, que parecia de outra pedra mais rica, que diamante, com umas azas semeadas de esmeraldas, rubis, saphiras, e jacinthos; tinha um pé levantado, de cuja planta sahia uma fonte de agua mui pura, que, cahindo em uma vieira do mesmo metal, se dividia em varios canos por onde tornava a cair no seio de um tanque, sobre o qual o mesmo cavallo se levantava; encostado a elle estava um trono, com uma cadeira alta, com o tecto de ouro, lavrado de estrellas de diamantes, que despediam de si tão luzentes raios, como costuma o sol por entre as brancas nuvens: o assento era como de uma finissima esmeralda, e n'este estava um mancebo vestido de purpura com uma corôa de louro na cabeça, cercada de muitos raios, na mão uma lyra d'ouro; a seus pés em outros assentos ordenados se assentavam nove Nymphas de maravilhoso parecer, que ainda que com uma variedade n'elle, que a cada uma dava outra graça, e formosura, com um modo tão equal se pareciam, que as julgavam todas por irmãs; tinham corôas de louro na cabeça, sobre ricos toucados; vestiam véos de seda de diferentes côres. Logo abaixo d'ellas havia grande multidão de homens, e mulheres de diferentes pareceres, e toucados, coroados de louro. Nas arvores vizinhas ao tanque andavam trepados muitos meninos com azas como pintam a Cupido, recolhendo ramos, e outros no prado varias boninas: ouvia-se por todo aquelle circuito uma suave harmonia, que deleitava de maneira os ouvintes, que se esqueciam de si n'aquelle logar. Os simplices pastores attonitos n'aquelle espectaculo tão vistoso, estando sem poderem entender que seria, lhes appareceu Lereno com o seu rustico traje que costumava, e n'aquelle ajuntamento se foi offerecer com muita humildade aos pés das Nymphas, dizendo-lhe algumas palavras, que Enalia, e Serrano não entenderam. O mancebo, que estava no tribunal, fez signal a uma das Nymphas, que tomando das mãos dos mi-

nistros varios ramos lhe teceu uma capella de louro, e murta, e algumas flores silvestres, não tão perfeita como as dos que alli estavam coroados, nem da mesma maneira; e logo posto ante ella de joelhos a recebeu, e com ella uma lyra muito bem lavrada, que de uma parte tinha pintada uma aguia com azas abertas, e no bico uma chave pendurada com uma lettra em roda, que n'outra lingua dizia:

Abre, e cerra.

Da outra parte tinha pintada uma capella mettida por um cajado, e juntamente uma palma que ficava em cruz dentro n'ella, com outra lettra, que dizia:

Mais humilde, e mais segura.

Depois com estas insignias lhe mandaram que chegasse a beber na fonte; e em quanto elle o fazia, os meninos, que nas arvores estavam, cantaram muito suavemente este soneto:

A corôa de louro, murta e flores
Com que Apollo os teus versos engrandece,
A tua d'ce musa ae lhe e tece,
Hontando ao Lena e Liz, e os seus pastores.

E para exemplo e fô dos amadores,
Essa palma Cupido te offerece,
Que opprimido do pêso sobe e cresce,
Como contra a ventura os teus amores.

Nas crystallinas aguas d'esta fonte,
N'este prado de flores sempre ameno,
Nas plantas, e penedos d'estes valles,

Se faça eterno o nome de Lereno;
Seus versos cante amor, seus góstos conte,
Tornando em gloria a pena de seus males.

Tudo isto se representava aos olhos dos dois pastores com tanta extranheza, que, tendo por sonho o que viam, se affirmavam um para o outro, perguntando Enalia a Serrano, e o pegureiro a ella, se a mesma visão a tinha embaraçada. N'este enleio subitamente lhes desapareceu o que olhavam, e se acharam á vista do rio, com o seu rafeiro, Serrano junto a si, tão mudos ambos de espanto, que nenhum d'elles ousava falar ao outro no para que allí vie-

ram. Porém do que ambos depois contáram no valle, e de como Lereno sahio a elle, e achou os amigos que o esperavam, e de como se celebraram as festas dos pastores, não trata por agora a nossa historia, deixando o fim das que n'este livro o não tiveram, ou para quem com maior satisfação quizer n'estes humildes principios fazer fundamento, ou para quando, com outro mais seguro no favor dos leitores, se me facilite o trabalho de seguir este humilde estylo.

FIM DO PASTOR PEREGRINO

SOBRE O ODIO E A INVEJA

ECLOGA

POR

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

SOBRE O ODIO E A INVEJA

ECLOGA

RIZEU E FRANCO

RIZEU

Quem dissera ha poucos dias,
Franco, quando te buscava,
Se na aldeia não te achava,
Que no deserto estarias?

Quanto cuidava ao revez
Men engano e meu desejo,
Fé me vêr onde te vejo,
E vêr-me como me vês?

Que fazes cá desterrado
Entre montes e entre leras,
Tão trocado de quem eras,
Como eu me vejo trocado?

FRANCO

Não sei como te responda,
Fue nem tu sei aonde vim:
Ando fugindo de mim,
E não acho onde me esconda.

E sabe Deus, grande amigo,
Se só ando a meu sabor:
Quanto me fôra melhor,
Se inda não fôra commigo!

Porque estu tão differente
Fôra de gente e seu pejo,
Que quando aqui só me vejo,
Guido de mim que sou gente.

E seguindo esta porfia
Cada momento e cada hora,
Eu me faço mal agora,
Que a gente a mim me fazia.

Mas não sei ora o que seja
Vêr-te assim por esta terra?

A Aníbal também o toma
 Nos tenros annos, que logo
 Desfaz os montes com fogo
 Só para o pôr nos de Roma.

Contam d'outro que fez guerra
 A um irmão que elle offendeu;
 E tão grande odio o venceu,
 Que pôz a patria por terra.

Nem aquí pára a dureza
 D'esta peste, e d'este mal,
 Que não quiz ser natural,
 Por passar a natureza.

Ouvi contar de um Thebano,
 Inimigo de outro irmão,
 Que alcançara d'elle em vão
 Victoria com grande damno.

Porqu' a este mal nada atalha,
 O vencedor, e vencido,
 Ambos a braço partido
 Morreram n'uma batalha.

Ouve um novo caso ex'ranho,
 Qual nunca se imaginou;
 Que inia a morte não bastou
 A apagar odio tamanho.

Queimam os corpos na guerra,
 Ambos juntos n'um logar;
 Partem-se as chammaes no ar,
 Partem-se as cinzas na terra.

Tanta força inda fazia
 Este mal soberbo e forte,
 Que, acabando tudo a morte,
 Esta paixão não podia.

Ah! odio, infernal ardor,
 Ira que nunca se enfreia,
 Mal pôde ser que te creia
 Quem não provou teu rigor.

Que tração teu mal incita,
 Que tu só não solicitas?
 Como podes ter limites,
 Se a morte te não limita!

Pagou-te o mando tributo;
 E tu tanto além passaste,
 Que entre as térras habitaste,
 Por nos mostrar que eras bruto.

Feixes, aves, animaes
Do mar, do vento, e da terra,
Inda entre elles fazes guerra,
Como eguaes, e desguaes.

Porém n'esses ha maior
Causa, por que odio os offenda,
Que tem odio por contenda,
Por fraqueza, ou por temor.

E entre nós tanto a maldade
Nos leva ao lago profundo,
Que, além d'estes, ha no mundo
Ódio por falar verdade.

Em fim que nos brutos vemos
Nossa justa perdição,
Que em sem razões tem razão,
Nós com odio nunca a temos.

Olha de uma, e d'outra parte
Qual pode mais offender-te,
Franco amigo, se invejar-te
O mundo, se aborrecer-te.

Mas se os céos me concederem
Que estas sortes se trocaram,
Óratá que me inve áram,
E não que me aborreceram.

FRANCO

Quão bem a dizer ensina
O mal passal-o, e soffrel-o:
E era dita, se o dizel-o
Servira de medicina.

Porém vê se ó perigoso
Este que me dá cuidado,
Que, até de ser invejado,
Em ti acho um invejoso.

Ah! Rizen, que tu não vês
Mais que um mal, a que és sujeito;
Sabes d'elle o que tem feito,
E não quantos outros fez.

Todos esses que tu dizes,
E outros que contar não vai,
Se odio tal n'e tes a mal,
Invejas foram raizes.

Esses reinos assolados,
De Persas, Gregos, Romanos,
Foram invejas de irmãos,
Inimigos de invejados.

Olha de Roma a valia,
Que seu imperio, e poder
Já podia mal suster,
Pelo muito que podia.

A que estado, e termo veiu
Tão diferente, e tão vil
Por uma inveja civil
Entre Cezar, e Pompeio.

Pompeio não soffre igual,
Cezar não quer ser menor:
Morre o réo, e o vencedor;
E ambos d'este mesmo mal.

E á mais perigosa guerra
Esta inveja se atreveu
Quando foi buscar o céo,
Porque não coube na terra.

Dizia o sengo (porém
Debaixo seu fingimento,
Salvando o conhecimento,
Que os homens já de Deus tem,)

Que era Jupiter deidade,
Que os céos mandava, e regia,
E só por senhor se havia
N'aquella primeira idade.

E os temerosos gigantes,
Que a terra então sustentava,
E a quem ella não bastava
De suberbos, e arrogantes,

Invejando aquelle Deus,
Juntam montes sobre montes;
Passam sobre os horisontes,
Põem-se a combater os céos.

E fizeram tanto damno
Com seu des-jo obstinado,
Que a Jupiter foi forçado
Valer-se então de Vulcano.

Com raios os derribou,
Fo jados no fogo ardente;
E de tão d' siorme gente
Nenhum com vida ficou.

Mas do sangue procedeu,
(Diz elle) outra gente tal,
Que inda d'este mesmo mal
Se levanta contra o céo.

E deixando um fingimento
Cheio de tanta razão,
Porque em um sujeito vão
Não façamos fundamento:

Olha o Anjo principal,
Tão subido, e tão formoso,
De soberbo, e invejoso,
Como veio a tanto mal.

Que, fazendo-se inimigo
De todo o poder eterno,
Na sepultura do inferno
Pena agora o seu castigo.

Que mór mal queres que seja,
Ou que chegue a mór extrem'o?
Que não fôra o demo demo
Sem soberba, e sem inveja.

Ah! inveja aborrecida,
Mais praguejada que a sorte,
Mais odiada que a morte,
Mais importuna que a vida.

Se teus effeitos são laes,
De que serve contender?
Que mais se pode dizer,
E a que podes chegar mais?

Só nos imperios da terra
Teu poder se não extendeu,
Pois ao imperio do céo,
E entre anjos fizeste guerra.

N'elle arvoraste bandeiras,
D'elles teu campo formaste;
E em uma, que procuraste,
Perdeste tantas madeiras.

Ah! Rizeu que enganado
Com este mal te acharias,
Se, como agora dizias,
Por osse o visses trocado.

Não assomehes, e iguaes
Um damno tão desigual;
Que o teu mal tem só ser mal,
Inveja tem muitos males.

Com qualquer ou ro fiz liga.
 Por desviado que esteja:
 Verás odio sem inveja;
 Inveja a todos obriga.

Mas não te culpo, inda mal,
 Na escolha, e na razão;
 Que quando os males taos são,
 Um, e outro é desigual.

Ah! fortuna fementida,
 Que a tantos pões n'es'a affronta,
 Dando os bens sempre por conta,
 E os males tão sem medida.

Igual nos fica o tormento,
 Que desigual nos causaste,
 Pois n'olte a todos passaste
 As forças ao sofrimento.

Sem togaça é nossa lucta,
 Pois para tão curta vida
 O bem puzeste em fugida,
 Deixando o mal em disputa.

Mas assim ainda te vejas,
 Rizeu, n'estes perigos,
 Livre de falsos amigos,
 E de encobertas invejas.

E assim comas descansado
 O leite do teu rebanho,
 Sem andar por pasto extranho,
 Como agora desterrado.

Que me contes o successo;
 É a ventura que te traz,
 Veroi, no que te a ti faz,
 Que a mim só não fez avesso.

RIZEU

B fe, Franco, tal historia
 Melhor fôra estar em calma;
 Que a pena, que eu trago na alma,
 Toma a vida da memo ia.

Que do mal, que, não passou,
 O mór mal é recahida:
 E assim renovo a ferida,
 Que de todo não cerrou.

Mas em forte hora nasceu
 Quem ha de emprezar estudo
 Em contentar ao sisudo,
 Sem desprazer ao saudeu.

Que, por mais que um se levante
Para ter nome de bom,
Ha de fazer n'um só som
Com que um baile, e outro cante.

Acertei passar uma hora
Um cerrado de senteio,
E vi dentro gado alheio;
Entreí pelo lançar fóra.

Vem o dono do cerrado,
E chega o pastor então:
Um diz que lhe trilho o pão,
Outro que lhe espanto o gado.

Dar-lhe razão não me val;
Fica-me d'isto porém,
Que a ambos quiz fazer bem,
E ambos me quizeram mal.

Ontro, que um dia acertou,
Ou por nescio, ou por mofino,
De fazer um desatino,
Porque n'elle não cuidou;

Um dia, que nos topámos,
Disse-lhe o que é meu dever.
Em tal hora o fui dizer,
Que nunca mais nos falámos

Offereceu-se outro dia,
Ensinado d'esta vez,
Em um erro que outro fez,
Gabar-lh'o como queria.

Depois que entendem que errava,
Pelo parecer geral,
Ficou-me querendo mal,
Porque o não desenganava.

Mal por uma só vontade,
Com que fugi de seu damno;
Mal, se lhe falei de engano;
Mal, se lhe falei verdade.

Vestiu Gil o seu capote,
Com alhetas pespontado,
Foi de todos mui gabado,
Deu em trazel-o de cote.

Disse-lhe eu: Gil, não faz mingua
Trazer tanta louçainha;
Que ha muita gente damninha,
Que nunca tem mão na lingua.

E porque eu n'isto me vingo
De quem cuida que te engana,
Guarda-o tu pela semana,
Terás que pôr ao Domingo.

Disse-lhe isto sem respeito;
E tão mal lhe pareceu,
Que, desde me aconteceu,
Nunca mais me olhou direito.

E sabes tu quão segura
Fica a vontade damnada,
Que para cousa quebrada
Não vi quebra de mais dura.

Entre este damno esperei
Da sorte algumas mudanças;
Gastei tantas esperanças,
Té que me desenganei.

Por fugir d'estes perigos,
Que sempre andava arriscado,
Quiz perder antes meu gado,
Que ir perdendo os mais amigos.

Vi firme este desconcerto,
Deixei quanto de meu tinha,
Soube o que mais me convinha,
Venho viver ao deserto.

FRANCO

Sobeja-te ora razão
De fugir ás sem-razões
De damnados corações;
Que inda mal eu sei quaes são.

E é melhor sem mais contenda
Viver pobre n'este matto,
Que entre os homens com seu trato
Ter cabras, honra e fazenda.

Digo-te isto de um são peito,
Que d'outros tem feito espelho;
É approvo o mesmo conselho,
De que vês que me aproveito.

Que ainda com mais suor,
Mais fadiga e mais trabalhos,
Minha borôa, e meus alhos
Aqui me sabem melhor.

Tenho por vizinha a fonte,
 Colho o pão que semeei :
 Quando outra cousa não hei,
 Como das hervas do monte.

Não acho cá quem me espreite,
 Se souço, se bocejo,
 Se faço nata, se queijo,
 Se como, se vende o letter.

Não me engana a vaidade,
 Que tanta cobiça esconde;
 E acho que tenho que abonde
 Para a vñ necessidade.

E lá n'esse povoado,
 Aonde tantos mal se avesam,
 Se és humilde te despresam;
 E invejam-te, se és honrado.

Pobre era eu como hora são,
 Que não tinha de meu nada
 Mais, que ganhar por soldada
 As alparcas e o gabão.

E não tinha esta má gente
 Que invejar na vida minha
 Mais, que com o pouco, que tinha,
 Viver quieto e contente.

Alimpava o meu vestido
 Com sargaços que colhia:
 Viam-me na freguezia
 Mais pobre, mas mais luzido.

Com sua má natureza,
 Nada d'isto respeitavam,
 E mil vezes blasphemavam,
 Da minha rica pobreza.

Cantava entre os ovilheiros,
 Ou melhor, ou com mais graça,
 Ora nas festas da praça,
 Ora por esses outeiros.

Os que cantar presumiam,
 Com inveja me encontravam,
 Os outros que não cantavam,
 De má vontade me ouviam.

Assim entre os mais pastores,
 Muitos d'estes que eu não conto,
 Ainda assim sem perder ponto,
 Me davam surdos louvores.

Poré n' ao linço segan lo.
Sem lh'a perguntar ninguém.
Dizia n' que cantar bem,
Era o mor mal que ha no mundo.

E dizia eu n' este ensejo,
Riu-me d' estes assim,
Que por d'izer mal de mim,
Dizem mal do seu desejo.

Ora outros que me atormentam
Que filam, grosam, praguejam,
Se por contenta me invejam,
Porque estes não se contenta n'?

Que tem mais gado, e mais grosso,
Tem a cabana mais cheia,
Tem mais parentes na aldeia,
E podem mais d' que eu posso.

Que se vê mu: claramente,
N' esta sua teima avara,
Se cada um se contentara,
Que vivera mais e intente.

E se sua natureza
Contra essa razão resiste,
É me invejam por ser triste,
Quem lh' tira esta tristeza?

Eu devêra ter-lhe inveja,
Que é costume dos pequanos,
Que quem vê que gosa menos,
Do que mais tem, mais deseja.

E ai de quem, por se vingar
De inimigos tão mortaes,
Não lhe sabe invejar mais,
Que não ter que lhe invejar.

Por isto acho que é mais são
Este conselho que sigo,
Porque é fugir do perigo,
Mais longe da occasião.

Mas é já tarde, e quiçaes
Trará fome da jornada,
Recolhamos a manada,
Que são horas, aos curraes.

RIZEU

Bofé nada me lembrou,
Franco, enquanto assim te ouvia,
Mais que quixar-me do dia,
Que tão cedo se acabou.

Mas vamos, que o sol também
Vae transpondo esses outeiros:
Benza Deus aos teus cordeiros,
Como apoz de ti já vêem.

FIM DA ECLOGA

INDICE DO VOLUME II

Jornada primeira.....	3
Jornada segunda.....	10
Jornada terceira.....	19
Jornada quarta.....	28
Jornada quinta.....	38
Jornada sexta.....	47
Jornada septima.....	54
Jornada oitava.....	61
Jornada nona.....	69
Jornada decima.....	76
Jornada undecima.....	87
Jornada duodecima.....	97
Jornada decima-terceira e ultima.....	106

Sobre o odio e a inveja (ecloga).....	113
---------------------------------------	-----